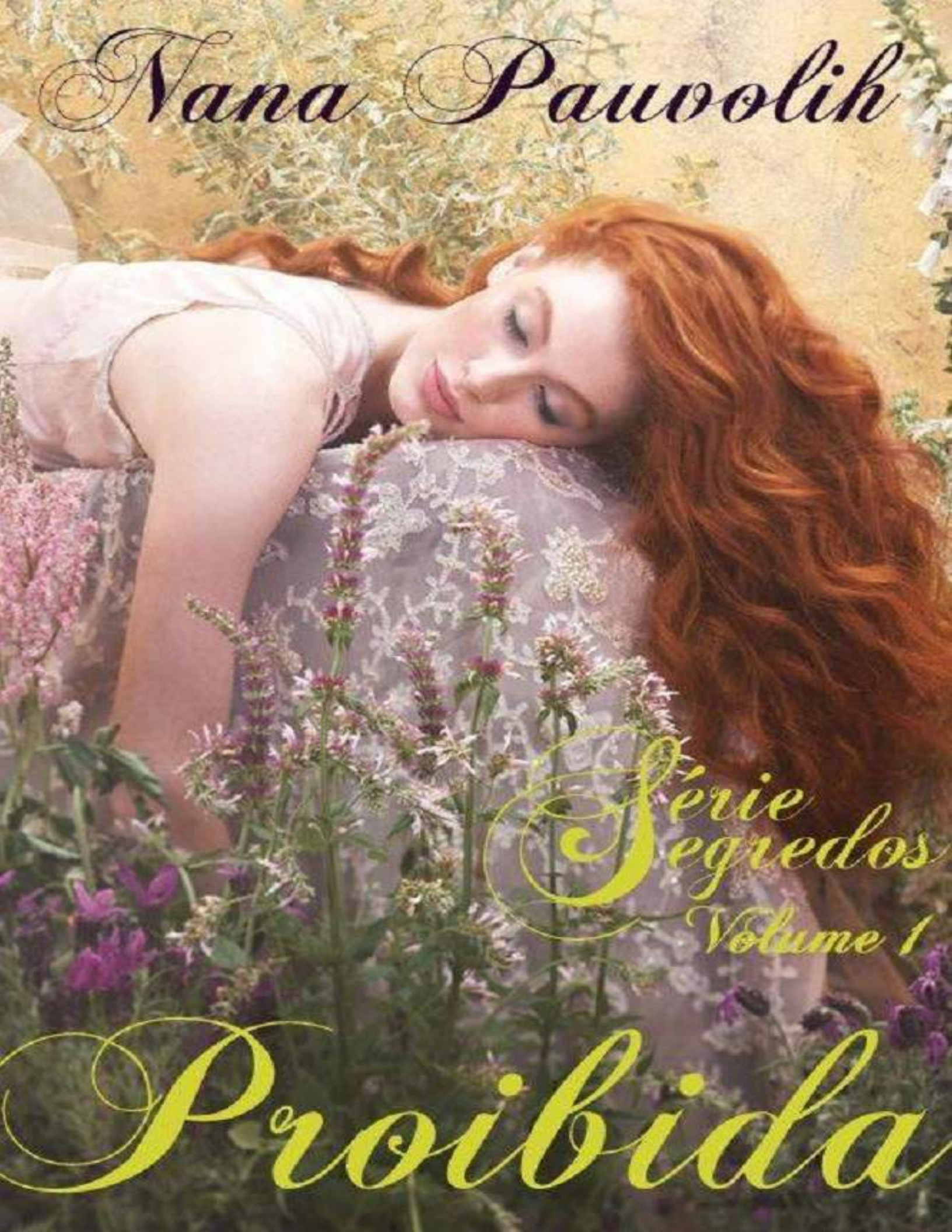


A woman with long, wavy red hair is lying down, her head resting on a large, light-colored flower. She is wearing a light-colored, sleeveless top. The background is a soft-focus field of various flowers, including purple and pink ones. The overall tone is romantic and serene.

Nana Pauvolik

*Série
Segredos
Volume 1*

Proibida



SÉRIE SEGREDOS

LIVRO 1

PROIBIDA

Nana Pauvolih

Prólogo

Junho de 1997

Muitos sons podiam ser ouvidos durante o amanhecer na Fazenda Falcão Vermelho. O relincho dos cavalos, o mugir do gado, o cantarolar do galo, os primeiros trabalhadores acordando e se preparando para mais um dia na lida. Mas não o que o velho cozinheiro Cicinho ouviu ao se dirigir para o grande refeitório em um galpão ao lado de uma das margens do córrego que cortava as terras verdejantes.

O sol nem tinha nascido, mas toda manhã ele fazia aquele trajeto, saindo da casa em que morava junto das outras reservadas aos empregados, até o refeitório onde era o cozinheiro oficial e preparava o café da manhã. Mesmo tendo famílias ali, o café da manhã e o almoço eram oferecidos por Mário Falcão para que todos tivessem uma alimentação decente durante o trabalho duro. Além de todos os direitos trabalhistas reservados e aquela alimentação, o salário era digno e havia também escola primária para os filhos dos funcionários.

Durante muitos anos Cicinho trabalhou cuidando dos cavalos, mas uma queda o deixou manco e com dor nos quadris. Foi remanejado para a cozinha, já que sempre gostou de preparar as refeições quando ficavam longe por alguns dias nos campos remarcando o gado. Para ele foi bom, pois teria morrido se não tivesse nada para fazer.

Aquele dia frio de junho seria como outro qualquer e ele caminhava pensando se seu ajudante, Rosendo, teria já preparado a massa do pão e colocado para assar. Rosendo era maluquinho, nasceu com problemas mentais e ria de tudo. Não dava para lidar com gado, se atrapalhava todo. Tinha vinte e um anos e era órfão. Todos acharam que seria mandado embora, pois não tinha utilidade ali. Mas

Theo Falcão, o filho mais velho da família, de vinte e cinco anos, arrumou uma ocupação para ele como ajudante de cozinheiro no refeitório.

Para surpresa de todos e até de Cicinho, Rosendo mostrou-se um padeiro de mão cheia. E ótimo cozinheiro. Ele o ajudava muito. O duro era aguentar suas risadas a manhã inteira, sem mais nem menos.

Cicinho sacudiu a cabeça, paciente. E foi quando ouviu o choro estridente, que o fez parar. Passou os olhos em volta dos campos e árvores, do caminho de terra batida até o refeitório não muito longe. À direita, mais para frente, podia se ver o enorme casarão branco da residência dos Falcão, suas telhas vermelhas recortando o céu da madrugada que começava a ganhar luz.

E foi então que ele viu a trouxinha branca se arrastando em sua lateral, perto da entrada do refeitório. Sua visão já não era boa aos 72 anos, mas pareceu uma criança. Franziu o cenho e, mancando, se aproximou dela, tentando lembrar qual dos empregados tinha um filho tão pequeno. A criança berrou de novo, um som que demonstrava medo, desespero, sofrimento:

- Mamã! Mamã!

Foi o mais rápido possível até ela e viu que era uma menina, descalça, com uma camisola branca suja de barro, cabelos ruivos desgrehados até os ombros. Tomou cuidado para não assustá-la:

- Oi, menininha ...

- Ah ... – Gritou, se virando de um pulo, olhando-o apavorada. Seu rostinho com sardas estava manchado de lágrimas e barro, como se tivesse estado ao chão e se esfregado nele. Voltou a chorar: - Quero mamã ...

- Claro, vamos procurar sua mamãe. – Agachou-se um pouco, seus ossos rangendo, a droga do quadril doendo. Preocupado, percebeu que a criança devia ter entre dois ou três anos e parecia muito assustada. Evitou tocá-la para que não saísse correndo, pois era óbvio que estava com muito medo. – Cadê a sua mamãe? Sabe o nome dela?

- Mamã ... – Esfregou os olhinhos, chorando muito, estremecendo. Ele se encheu de pena e estendeu a mão.

- Vem com o vovô, vou te ajudar a encontrar sua mamãe.

Ela o fitou com os olhos castanhos claros vermelhos e inchados, molhados. Devia ser uma menina boazinha, pois deu uns passos em sua direção. Mas mesmo assim continuava assustada, soluçando, o catarro escorrendo do nariz.

Na mesma hora Cicinho tirou seu lenço do bolso e, cuidadoso, limpou seu rostinho. Ela ficou quieta, tão pequeninha e suja que dava pena. Ele sempre amou crianças, pena que nunca casou nem teve filhos e netos. Guardou o lenço de volta e segurou a mãozinha dela, garantindo com carinho:

- Vamos procurar sua mamãe. Sabe o nome dela?

Parecia confusa. Murmurou:

- Mamã ... Vivi ...

- Sua mãe é Vivi?

- Quero a Vivi ... – Voltou a chorar.

- Vem aqui. – Compadecido e vendo a garotinha descalça no chão com pedrinhas, ele pouco ligou para suas dores. Abaixou-se com dificuldade, pegou-a no colo e, manquejando, voltou pelo caminho, em direção ao casarão da fazenda. Ela se segurou em seu ombro, fungando, tão pequenininha e perdida que dava pena. – Conta pra mim o nome do seu papai ...

Olhou-o quieta, como se não entendesse. Seus ossos reclamavam, embora fosse levinha. Sacudiu a cabeça, pensando qual irresponsável deixava uma menina solta assim. Mário Falcão ia ficar uma fera e brigar com os pais, com certeza. Era um homem justo com seus empregados, mas muito duro e exigente. Cicinho não queria estar na pele dos pais irresponsáveis.

Pensou mais um pouco, sem saber quem tinha uma filha tão pequena. Ninguém que se lembrasse. Muito estranho tudo aquilo. Sacudiu a cabeça e seguiu em frente. Subiu com dificuldade os degraus do varandão que rodeava toda a casa, engolindo a dor e segurando a menina com firmeza. Bateu forte com a aldrava na porta e esperou, sabendo que o pessoal na casa acordava cedo.

E não demorou. A governanta e faz tudo da casa, Cátia Oliveira, que todo mundo chamava de Tia, abriu a porta enxugando as mãos no avental. Era uma mulher mediana, com cabelos curtos escuros entremeados de fios brancos e olhar penetrante. Tomou um susto ao vê-lo com a garotinha ruiva no colo.

- Que é isso, Cicinho?

- Boa pergunta. – O homem resmungou, seu quadril e costas doendo e latejando. – O Sr. Falcão está acordado?

- Sim, já até tomou café. Estava levando Dona Alice para os fundos, para as rosas dela. Tadinha, parece assustada. – Aproximou-se e estendeu os braços. – Vem aqui com a tia, meu anjo.

A menina era muito boazinha mesmo. Com carinha de dar pena, ainda com soluços ocasionais, jogou-se no colo da senhora, que a amparou com carinho, afastando os fios vermelhos e acobreados dos seus olhos. Cicinho suspirou aliviado em suas dores.

- Entre, vamos lá falar com Mário. Mas o que houve?

Ele a seguiu para dentro. Sempre ficava abismado com o tamanho daquela sala. Não era luxuosa nem cheia de frufu, ainda mais quando a casa era cheia de homens e a dona, Alice Falcão, vivia mais no mundo da lua do que na realidade. Tia também era seca, pouco feminina para se preocupar com frescuras. Mas era de bom gosto, com móveis de madeira de lei, antigos e caros.

Cada detalhe demonstrava a riqueza e a grandiosidade da família, sem exageros.

Seguiu Tia para os fundos, explicando:

- Vamos encontrar o senhor Falcão e explico de uma vez só.

- Tá.

Atravessaram a sala de jantar igualmente gigantesca e a cozinha, cheia de panelas de cobre e com um cheiro bom de café. Saíram para os fundos, onde havia um jardim cheio de rosas e bancos de madeira, além de plantas de diversos tipos. Era o local predileto de Alice Falcão, a matriarca da família, ela própria tinha plantado tudo.

Cicinho não era de se meter na vida dos patrões nem gostava de fofoca. Talvez só um pouquinho. Mas até ele sabia que, apesar de rica e poderosa, aquela família era problemática. Ninguém sabia ao certo o que tinha acontecido com a bela Alice, mas há uns sete anos ela quase morreu e agora vivia assim, aérea, sem falar nada. Parecia uma alma ambulante, um fantasma, com aquela pele tão branca que era quase translúcida e o cabelo loiro entremeado de branco. Ia para onde a levassem. Era aluada, como todo mundo dizia. Coitada! Uma senhora tão bonita e doce!

Ele sacudiu a cabeça. No jardim, Tia parou com a menininha no colo e parou ao lado dela ao ver o casal. Alice estava sentada em um banco, olhando para fora, para o nada. De pé ao seu lado, o fazendeiro Mário Falcão, de 61 anos, dono de tudo aquilo, a olhava sério como sempre. Virou-se ao vê-los.

Não era tão alto quanto os filhos, todos com mais de um metro e oitenta. Devia ter por volta de um metro e setenta e cinco, mas era forte, com ombros largos e tão esticado e duro que parecia maior. Seus cabelos eram quase todos brancos e os olhos bem azuis, vívidos, mas ferozes. Qualquer um tremia diante daquele olhar, do rosto vincado, do ar de arrogância que vinha dele.

Cicinho o conhecia há anos, desde que Mário era um garoto. E sempre o respeitou e temeu um pouco. Apesar de ser justo e honesto, era capaz de tudo. Isso já tinha ficado claro em mais de uma ocasião, com quem se atreveu a se meter em seu caminho. Talvez até com a esposa, segundo diziam as más línguas.

- Quem é a menina? – Sua voz parecia uma trovoadas, alta e possante. Olhou para a ruivinha e ela se encolheu com medo, escondendo o rosto no pescoço de Tia, que a abraçou e sacudiu com carinho, olhando para o velho cozinheiro. Ele tirou o chapéu velho e surrado, batendo-o na coxa, explicando:

- Eu estava indo pro refeitório e encontrei a garotinha no caminho, sozinha e chorando, descalça e suja. Chamava pela mãe. Não consegui dizer muita coisa. Aí trouxe para cá. Não sei de nenhum empregado da fazenda que tenha filha ou neta assim pequena.

- Ela não é daqui. – Garantiu Tia, que conhecia todo mundo. Franziu o cenho, fitando o patrão.

– Como chegou aqui?

- É o que quero saber. – Continuava muito sério, seus olhos analisando a garota, voltando-se para Cicinho. Avisou: - Chame Lúcio e Guilherme. Vou mandá-los averiguar tudo.

Eram dois capatazes da fazenda. O velho assentiu e ia se virar, pronto para ir, quando a menininha voltou a chorar e murmurar:

- Mamã ... mamã ...

E então aconteceu o que ninguém esperava. Alice Falcão se virou de repente e pela primeira vez em anos os presentes viram uma luz de vida em seus olhos castanhos. Fixou-os direto na menina. E quando ela choramingou de novo chamando pela mãe, a mulher loira de 49 anos se ergueu, sem esperar ajuda de ninguém.

Todos ficaram chocados. Em geral ela não tinha reação. Comia o que lhe davam, ia para onde levavam, não mostrava interesse por nada. Era muda, parecia sempre perdida longe. Mas agora estava alerta, fixa na criança, reagindo de imediato a ela.

Mário Falcão se aproximou da esposa, talvez temendo que caísse com o movimento súbito. Era muito magra e pequena, parecia um passarinho frágil nas vestes brancas, mas ela não precisou de ajuda. Foi firme até Tia e estendeu os braços para a menina.

A ruivinha olhou-a com lágrimas nos olhos, indecisa. E Alice murmurou rouca:

- Vem ... mamãe ...

E, como se acreditasse ou apenas quisesse seu carinho, a garota se jogou nos braços dela. Tia ainda as amparou, com medo que caíssem, mas Alice a abraçou com força e sorriu, talvez pela primeira vez em sete anos.

Mário a encarava, imobilizado. Cuidadosa, caminhou até o banco e sentou-se com a menina no colo, ninando-a, acariciando seu cabelo. Continuava a sorrir, enquanto era alvo de três olhares embasbacados. E voltou a murmurar:

- Xiiii ... Mamãe tá aqui ...

Tia olhou para Cicinho, sem entender nada. Mário não tirava os olhos dela, como se um milagre tivesse ocorrido. Eles ficaram sem ação, até que o todo poderoso da Fazenda Falcão Vermelho virou-se para o empregado e ordenou duramente:

- Traga os capatazes, Cicinho.

- Pode deixar, senhor Falcão. – Ele voltou a colocar o chapéu na cabeça e se afastou, abismado.

Não era de fazer fofoca mesmo, mas já até imaginava a cara do povo quando contasse todas as novidades. Primeiro a aparição da menina misteriosa, não se sabia de onde. Depois a reação de Alice, que saiu do seu mundo particular. E pior, se achando a mãe da menina! Caramba!

Mais tarde Cicinho teve que contar tudo de novo na sala do casarão da fazenda. Os capatazes tinham feito varredura e investigação na fazenda e ninguém sequer imaginava quem era a garota. Era como se tivesse caído do céu. E o delegado foi chamado e tinha feito várias perguntas.

Alice não queria deixar a menina sair do seu colo e bem que Tia tentou pegá-la para dar um banho. Mas a senhora não a soltava, enquanto a acalmava e acarinhava, deixando realmente a garota mais tranquila. Tia a alimentou no colo da senhora, enquanto Mário Falcão terminava de resolver as questões com o delegado e seus filhos se juntavam todos ali, curiosos.

O primeiro a chegar foi Theo Falcão, o mais velho de vinte e cinco anos. Fez várias perguntas, inclusive para a menina, ao sentar ao lado dela e da mãe no sofá. Apesar de ter uma aparência dura e autoritária como o pai, falou com ela suavemente e, por incrível que pudesse parecer, a garota respondeu.

- Quero a mamã ...

- Vivi é sua mãe? – Sua voz era grossa e forte. Era um homem alto, anguloso, com os olhos azuis duros do pai. Talvez fosse o que mais se parecia com ele, só que mais alto e bonito.

- Não ... – Sacudiu a cabecinha. – Vivi é a bebê ...

Theo franziu o cenho e acenou com a cabeça.

- Entendi. Você é Vivi.

- Não. Vivi é a bebê. – Disse de novo, olhando-o curiosa. Estendeu os grandes olhos castanhos claros para os outros rapazes que tinham se aproximado um pouco mais.

Pedro, de vinte e um anos, com seus cabelos loiros escuros e olhos de um cinza azulado, rosto quadrado, parecia um tanto desconfiado e se mantinha calado. Há sete anos ele e os irmãos tentavam animar a mãe, arrancar alguma reação dela e nada. O pai estava sempre ocupado e era seco. A mãe vivia em seu próprio mundo. Eles cresceram praticamente por conta própria, sendo mais educados por Tia. E agora, aquela menina em segundos conseguia um milagre.

Heitor, de vinte anos, o mais alto deles com um metro e noventa, moreno de cabelos e olhos castanhos escuros, pensava o mesmo. Tinham se acostumado a não depender nem da mãe nem do pai, se virarem por conta própria. O carinho que recebiam era de Tia, a mãe postiça deles. Por isso se ligava tanto aos irmãos. Eram unidos, principalmente ele e Pedro, com diferença de apenas um ano de idade. Eram acima de tudo amigos, inseparáveis. E para ele era um milagre ver a mãe reagindo assim.

Micael, de 16 anos, o rebelde dos filhos, sentava-se no degrau da grande escadaria que levava ao andar superior, mantendo-se longe de tudo, só olhando. Não havia nada de fazendeiro nele, nem nas roupas, nem no jeito. Seus cabelos castanhos eram compridos e bagunçados, o rosto ganhando as

primeiras penugens de barba. Usava brinco na orelha, tatuagens, calças rasgadas e vivia com uma jaqueta de couro. Era o terror da escola e o filho que mais causava reações de ódio no pai. Na verdade, o único. De vez em quando eles se estranhavam e enfrentavam. Era necessário Theo ou Tia intervirem para a coisa não ficar mais séria. Ninguém entendia ao certo porque eles pareciam se odiar tanto e porque o menino era rebelde daquele jeito.

O caçula de nove anos, Joaquim, loirinho e de olhos verdes, era um menino amado por todos. Desde o pai ranzinza, passando pelo irmão mais velho, os dois do meio e Micah, como ele o chamava. Micael o protegia e era paciente com ele, por isso Joaquim vivia atrás do irmão. Mas quando tentou imitá-lo e falou em colocar brinco e fazer tatuagem, só faltou levar uma sova do pai, o que o fez rapidinho se calar.

Agora estava perto do sofá, olhando impressionado para a menina no colo da mãe. E ela olhava muito para ele, como se, por ser o mais novinho, pudesse entendê-la. Movia seus olhos entre Theo, que lhe fazia perguntas, e Joaquim, que a fitava. E por fim explicou:

- Eu sou “Gabiela”.

- Gabriela? – Theo deu um leve sorriso para ela, segurando sua mãozinha. Acenou com a cabeça. – Você tem quantos anos?

- Isso ... – Abriu dois dedos e depois três. – Vou fazer isso.

- Entendi. E você sabe o nome de mais alguém? Do papai, mamãe, irmão?

- Mamã. E Vivi.

Theo bem que tentou, mas foi tudo que conseguiu arrancar dela. Então acariciou seus cachos acobreados e se ergueu, indo para perto do pai e do delegado.

A sala estava em silêncio. Parecia que ninguém mais tinha solução para o caso da menina misteriosa. Theo indagou ao pai:

- O que o senhor vai fazer?

- Mandar que procurem a família dela na cidade.

- E enquanto isso? – Pedro também se acercou, bem sério.

- Ela fica aqui. Acho que vai ser difícil tirá-la de sua mãe. – Apesar de não haver nada de suave nele e de ser sempre muito calado com a esposa, não deixava lhe faltar nada. Os filhos sabiam que tinha sido e bem provavelmente ainda era fissurado nela. Apesar de terem também assistido brigas e cenas de rancor entre eles no passado.

- Vou investigar tudo. – Disse o delegado. – Mas está parecendo um caso de abandono. E aí teremos que chamar as autoridades e encaminhá-la a um orfanato.

Mário encarou-o daquele seu jeito autoritário. Lei e política sofriam muita influência dele naquela parte de Minas Gerais. E sabia disso.

- Tudo pode ser resolvido aqui mesmo.

Heitor parou ao lado de Pedro e eles trocaram um olhar. Conheciam o pai e sabiam que ele já tinha tudo resolvido para falar assim. Micah os olhava da escada, atento e calado. Joaquim sentou-se ao lado da mãe, ele e a menina se fitando. Sem que esperasse, ela estendeu a mão e segurou a dele, dando um sorriso tímido que o encantou de imediato. Ouvia a conversa ao longe.

- O que o senhor pensa em fazer? – Indagou Theo, embora desconfiasse.

Mário olhou na direção da esposa, que sorria bobamente com a menina no colo.

- Alice sempre quis uma filha. Vamos adotá-la.

Era maluquice. Todos os filhos sabiam disso. A mãe mal sabia cuidar de si mesma. Mas apesar de tudo, das brigas e da mágoa que ele parecia guardar da esposa, ela sempre foi o centro do seu mundo. E ele faria de tudo para tirá-la um pouco da apatia que vivia há anos. Até colocar uma estranha entre eles.

Os olhares se voltaram para a ruiva pequena, no colo da mulher magra e loira. E nenhum deles disse nada.

Foi assim que surgiu Gabriela Cruz Falcão, a filha adotiva. O mais novo membro da rica e poderosa família Falcão.

CAPÍTULO 1

5 de janeiro de 2014

GABRIELA

Se tudo fosse fácil

Eu me jogaria em seus braços

Me afogaria nos seus beijos

Eu me entregaria de bandeja pra você

Se tudo fosse fácil

Mandaria a saudade embora

*Estaria te odiando agora
Como se fosse fácil apagar você de mim*

*Saudade eu tenho toda hora
Que você me vem na memória
Eu penso 24 horas em você
Estou sem tempo pra te esquecer*

*Saudade eu tenho toda hora
Que você me vem na memória
Eu penso 24 horas em você
Estou sem tempo pra te esquecer*

*Mas se tiver que me deixar
Vai deixando devagar
Deixa eu me acostumar
Com a sua ausência.*

Eu tinha vindo de Belo Horizonte, onde morava há dois anos desde que fazia faculdade de Zootecnia na Universidade Federal de lá. Cheguei um pouco antes do Natal, passei aquele feriado e o Ano Novo na fazenda e todos esperavam que eu ficasse até o fim do mês de janeiro durante as férias, quando deveria ir embora novamente. Mas ninguém sabia que eu tinha outros planos.

Meus irmãos estavam fora trabalhando. Theo se ocupava mais dos escritórios e do frigorífico no centro de Florada, fazendo o trabalho de administração e controle de tudo. Desde que nosso pai ficou inválido, há quinze anos, ele assumiu como chefe, inclusive da família. Aos 42 anos, era o homem responsável pela riqueza e poder cada vez maior dos Falcão, fosse em relação à produção ou à sociedade local.

Pedro era seu braço direito. Os dois, apesar de viverem na fazenda, eram mais cosmopolitas e elegantes, sofisticados, usavam ternos, viajavam no jatinho da família para todos os lugares do Brasil para feiras agropecuárias, fechar negócios, vender e comprar sêmen de touros premiados. Aos 38 anos, tinha feito faculdade de Administração e de vez em quando sentia falta dos luxos e diversões dos centros urbanos.

Heitor era homem da terra. Tinha feito faculdade de Agronomia, pois isso foi exigido de todos pelo pai, mas nunca escondeu que seu amor era pela fazenda e a lida do gado. Era ele o principal

homem na fazenda, quem organizava tudo, desde a marcação do gado até os melhoramentos genéticos do mesmo. Apesar dos milhares de hectares de terra e de cabeça de gado, ele sabia de tudo que acontecia ali. Nada lhe escapava.

Ao lado dele estava Joaquim, o caçula de 26 anos que, como Heitor, tinha um amor enlouquecido pela terra e a fazenda. Tomava a frente dos homens e, embora todos soubessem seu papel como patrão, ele colocava a mão na massa e trabalhava duro. Odiava qualquer trabalho burocrático e contou os dias para terminar logo a faculdade e voltar para casa. Assim como Heitor tinha feito. Assim como eu fazia.

Nunca quis deixar a fazenda. Nem sabia o que eu queria estudar. Como fiquei tão indecisa, foi Theo quem sugeriu Zootecnia, pois meus conhecimentos assim poderiam ser usados ali. Quando vi que não teria como escapar de ir para Belo Horizonte, foi o que fiz. Por dois anos tentei de tudo para voltar: choro, chantagem, desespero. Mas Theo e meus irmãos foram irredutíveis. Nunca sofri tanto na minha vida.

Odiava aquele curso. Odiava minhas colegas fúteis que só falavam de festas, sexo e garotos. Odiava ficar longe da terra, da fazenda, da família, de Tia, do meu canto. E principalmente, ficar longe DELE.

Enquanto saía para a varanda da frente do casarão, naquele fim de tarde, recebendo a brisa suave que levantava mechas do meu cabelo longo, encostei em uma pilastra e varri os campos verdejantes e bem cuidados à minha frente com o olhar saudosos. Era aquele ar que eu queria respirar, aquela paz que eu almejava ao fim de um dia. Não um lugar frio e barulhento.

Suspirei, esperando, sabendo que não demoraria muito para ele voltar para casa. Joaquim. O que todos consideravam meu irmão, como Theo, Pedro e Heitor. Mas que eu considerava muito mais que isso.

Senti um frio na boca do estômago ao pensar nele, todo meu corpo reagindo violentamente, minhas emoções entrando em erupção, meu coração batendo bem forte. Fechei os olhos por um momento, arrebatada, cansada de tanto me esconder e lutar. Eu o amava. Amava tanto que doía. Acho que o amei desde que o vi pela primeira vez. Nunca foi como um irmão para mim, como os outros. Sempre foi mais. Era algo sem explicação. Simples assim.

Abri os olhos e desci alguns degraus, sentando no último, abraçando minhas pernas dentro do jeans, olhando para frente, esperando-o voltar para casa. Sabia que vinha me evitando, escapando de mim como fazia há muito tempo, o que só aumentava a minha dor. Ser mandada para longe há quase dois anos, desde que eu tinha dezoito anos, só aumentou aquela distância. Como ele queria. Só que eu não suportava mais aquele sofrimento e aquele desejo sem fim, que só se acumulava dentro de mim.

Pensei nas inúmeras vezes em que nos abraçamos no passado. No seu cheiro gostoso de

homem, seus músculos sob minha cabeça e meus dedos, no seu corpo musculoso contra o meu. Nas carícias de madrugada, que começaram tão inocentes, nos beijos gostosos e escondidos, cada vez mais apaixonados, nas loucuras que nos atrevemos a fazer. Senti o corpo pegar fogo e arquejei, louca de tesão, de amor, de desejo contido, prestes a explodir. E depois de tudo a culpa. A maldita culpa que sempre nos cercava, que impedia Joaquim de seguir em frente, que o continha e o afastava de mim.

Mordi o lábio inferior, angustiada, sem poder suportar mais tanto amor guardado, tanto ciúme, tanto medo que ele conhecesse outra moça enquanto eu estivesse fora e se apaixonasse. Eu não aguentaria. Tinha certeza de que morreria de verdade.

Desde que fui adotada, ainda muito pequena, com três anos, eu me tornei parte da família. Todos pareciam ter esquecido que eu não era uma Falcão de sangue. Cuidavam de mim como a caçulinha, aquela que os machões deviam cuidar e proteger. Fui incorporada na família de corpo e alma. Mas sempre soube que não era como eles. Havia aquela certeza dentro de mim, não apenas pelos sonhos e lembranças adormecidas que surgiam ocasionalmente. Eu era amada e querida, eu me sentia como da família, entretanto nunca me enganei. E talvez aquela certeza é que tenha me deixado amar Joaquim de maneira diferente.

Ele sempre cuidou de mim. Segurava a minha mão e me protegia. Com uma diferença de seis anos entre nós, era o que mais se aproximava da minha idade. Na escola, tomava conta de mim. Na fazenda, me ensinava a montar e andar de bicicleta. Estava sempre atento ao que eu precisava e queria. Foi com ele que aprendi a tocar gaita, viola e violão. Foi com ele que aprendi a beijar e amar mais do que tudo. Era para Joaquim, só para meu Quin, que meu corpo ardia e gemia. E não suportava mais viver naquela tortura e naquela saudade.

A última vez que me tocou tinha sido há mais de um ano, uma vez que vim passar as férias na fazenda. Como das vezes anteriores, eu o procurei de madrugada, depois de um sonho ruim, chorando. Joaquim já tinha me proibido de ir para o quarto dele, falado sério, ficado até sem falar comigo quando insisti. Fiz de tudo para respeitar isso, com medo de perdê-lo. Mas naquela madrugada, quando entrei sorrateiramente em seu quarto chorando, viu meu desespero e vacilou. Foi o bastante para me enfiar em sua cama e lá ficar.

Chorei tanto que me abraçou forte e me consolou em silêncio, com minha cabeça em seu peito, seus braços fortes à minha volta, suas mãos acariciando meus cabelos até que parei de tremer e o medo passou. Nunca entendi aquilo, aqueles pesadelos com mulheres desconhecidas, as ordens para que eu matasse, a morte, sempre a morte me rondando como um fantasma. Mas era real demais, aterrador.

E quando o pânico se foi, outras sensações vieram. O seu cheiro limpo e gostoso. Os músculos

do seu peito sob meu rosto. A pele lisa e bronzeada. O corpo que eu tanto amava coberto apenas por aquela cueca boxer branca. Era demais para resistir. Ainda mais quando eu sabia o que havia dentro dela, o que aquelas mãos e aquela boca eram capazes de fazer comigo, como já rolamos nus e suados nos lençóis.

Ninguém podia me culpar por amar tanto. Ele era minha vida, minha paixão, meu amigo, meu tudo. Nada nem ninguém jamais foi tão importante para mim como Quin, nem meus outros irmãos. Porque, além de tudo, era o homem que eu amava, que eu sabia que queria para sempre, que eu desejava além de qualquer outra coisa na minha existência. E quando vi, virava o rosto para o lado e lambia a tatuagem que rodeava seu bíceps, em forma de asa. O músculo enrijeceu, ele se tornou imóvel, tentando ainda resistir. Mas não eu. Eu o ataquei.

Arfei, excitada, corada ao lembrar. O modo como corri os dedos pelos gomos de músculos duros de sua barriga e o vale em V bem marcado até o cós da sunga. Subia o nariz e os lábios por seu braço até os pêlos castanhos claros de sua axila e até ali ele era másculo e gostoso, homem de verdade em cada palmo. Homem de verdade naquele volume grosso e duro que encontrei ao infiltrar meus dedos em sua sunga e sentir a pele aveludada que cobria a cabeça grande do seu pau.

Tinha demorado até nos tocarmos assim, sob a roupa. Foram anos de abraços, carícias que esquentavam e se tornavam mais íntimas, beijos. O primeiro beijo tinha sido há quatro anos e na época Joaquim jurou que aquilo nunca mais ia acontecer. Mas não resistiu e muitos outros vieram. Peças de roupas foram tiradas, dedos tocaram onde nenhum homem antes estivera. E embora eu ainda fosse virgem, tínhamos feito muita coisa, gozado com masturbação e sexo oral, sempre com aquela nuvem de proibido e pecado pairando sobre nós, um segredo que ninguém mais podia saber.

E naquela madrugada, há mais de um ano, foi da mesma maneira. Eu descii sua sunga e segurei seu pau, deslizei minha boca em seu peito musculoso, chupei seu mamilo pequeno. E mesmo querendo resistir, lutando contra, agarrando meu cabelo como se fosse me afastar, ele gemeu e acabou sendo vencido por uma fome que era nossa velha conhecida, que nos consumia mesmo quando estávamos comportados jantando com nossa família e nossos olhares se cruzavam sobre a mesa. Era uma verdadeira guerra entre o que era o certo entre dois irmãos e o que era desejado por dois amantes.

Tirou minha camisola e me jogou na cama nua, meus cabelos longos espalhados, meus pulsos presos por suas mãos brutas. E veio por cima, a sunga descida até o meio de suas coxas, aquela coluna grossa e longa cheia de veias combinando com seu corpo musculoso e alto. Era lindo, a pele bronzeada pelos anos ao ar livre tornando seus olhos verdes amarelados ainda mais claros, como os de um gato, o cabelo loiro bem batidinho dando-lhe um ar bem másculo, viril.

E assim beijou minha boca, saudade e desejo nos consumindo, sua língua deliciosa domando a

minha, enquanto eu queria ser montada como uma égua no cio, quase chorando de tanta luxúria, tanta paixão guardada. Seu corpo pesou no meu, quase supliquei que entrasse em mim, mas minha boca estava ocupada demais beijando-o.

O pau foi pressionado entre nossos ventres e senti sua respiração pesada e irregular enquanto eu me remexia e rebojava, querendo-o mais embaixo onde eu latejava e palpitava encharcada. Muitas vezes pedi que me fizesse dele, que me tornasse sua mulher e, apesar de ver que parecia a ponto de capitular, de não resistir, no final Joaquim sempre se continha. Ou gozava e me fazia gozar de outra maneira ou simplesmente fugia, quando via que não poderia se conter muito mais.

Naquela vez ele me chupou toda. Cada recanto do meu corpo sentiu sua língua, seus lábios, seus dentes e suas mãos. Virei uma massa de sensações vertiginosas e enlouquecidas, fora de mim, levada ao orgasmo duas vezes com meu clitóris em sua boca sendo sugado, até que me colocou atravessada sobre ele em um 69 e me chupou duramente enquanto eu o masturbava e metia seu pau na boca, mamando, tomando tudo que tinha para me dar. Uma das vezes anteriores tinha metido o dedo em meu ânus, mas sempre evitava penetração. Mas ali, enquanto um fazia sexo oral no outro, com a casa silenciosa e a família dormindo, espalhou meus líquidos no buraquinho e meteu o dedo todo ali. Gozei loucamente em sua boca e tomei seu sêmen sofregamente, até cairmos exaustos na cama.

Tentei ir para seus braços, mas Joaquim sentou-se na cama, esfregando os cabelos baixinhos, como sempre perturbado quando terminávamos de nos entregar às nossas loucuras. Não queria que fugisse ou que negasse tudo o que tínhamos, pois para mim não era errado, era amor, era devoção e paixão. Por isso ajoelhei na cama e o abracei por trás, meu cabelo comprido nos envolvendo, minha voz baixa e desesperada ao suplicar:

- Não lute contra isso, Quim ...

- Como não lutar? – Agarrou meus pulsos angustiado, afastando-me dele, erguendo-se ainda nu, mas cobrindo-se com as duas mãos no sexo. Seu rosto estava franzido, o nervosismo e a culpa em cada palmo dele. Sua voz era meio rouca, grossa, linda, mas naquele momento era baixa e agoniada. – Você é minha irmã, Gabriela ...

- Não sou!

- É!

Seus olhos verdes claros com raios dourados pareciam ter vida própria quando desceram por meu corpo nu, a pele branca, os seios pequenos com mamilos corais, os pêlos acobreados em minha vulva. Gemeu rouco e foi logo catar sua sunga, vestindo-a às pressas, enquanto jogava a camisola para mim. Mas a larguei na cama, irritada, cansada daquilo. Tinha sido um ano longe dele na faculdade, sem sentir seu gosto nem seu cheiro, privada da minha felicidade. Estava cansada de lutar, de fingir. E me ergui, nua, indo para cima dele de pé no meio do quarto na penumbra.

- Não sou sua irmã de sangue! Quero ser sua mulher! Chega, Quin!

- Sim, chega. – Agarrou meu braço com força e vi como brigava com o desejo, a fúria deixando-o nervoso ao pegar de volta a camisola e a colocar em volta de mim, como se não pudesse me ver nua. – Essa loucura já durou demais. Acabou!

- Não acabou! Você sempre diz isso e me manda embora, mas depois não aguenta e me beija, me acaricia, me ...

- Acabou! E agora é sério! – Seu rosto estava feroz, duro, os maxilares quadrados rígidos. Segurou meus dois braços com força, mantendo-me a uma distância segura, seus olhos decididos nos meus. – Não vou mais ao seu quarto nem quero que venha ao meu. Vou manter a porta trancada.

Eu empalideci, pois algo em sua expressão era diferente, como se daquela vez fosse mesmo verdade. Sacudi a cabeça.

- Mas meus pesadelos, eu ...

- Procure a Tia, como fazia quando era pequena. Chega, Gabriela, isso já foi longe demais. Volte para sua faculdade e me veja só como seu irmão. Se insistir, eu paro de falar com você.

- Não pode fazer isso! – Disse desesperada, tentando ir para perto, agarrá-lo, mas sendo bem segura por ele.

- Posso e vou fazer. – Disse decidido.

Eu o olhei, angustiada, sem saber o que mais poderia fazer. E supliquei baixinho:

- Enfrente tudo comigo ... Eu te amo, Quin ...

Ficou nervoso, enrijeceu mais. Então me puxou violentamente em direção à porta.

- O que vai fazer? Quin ...

Nossos quartos ficavam na ala direita da casa, enquanto dos outros irmãos ocupavam a esquerda. Mesmo assim algum deles poderia nos ver ali. E nenhum de nós dois queria provocar uma desgraça, assim não pude espernear ou gritar quando abriu a porta e me colocou no corredor nua, apenas com a camisola caindo sobre os ombros.

- Nunca mais volte aqui. – Disse duramente, baixo, olhando-me no fundo dos olhos. – Acabou.

E sem acreditar, o vi fechar a porta e o trinco rodar. Soube ali que nada o faria abrir para mim e voltei chorando para meu quarto ao lado.

Ainda pensei que com o tempo Joaquim voltasse atrás. Quando voltei para casa por uma semana nas férias do meio de ano, ainda tentei ir ao quarto dele. Mas estava sempre fechado. E a dor que me consumiu só piorou, pois também me evitou de outras maneiras. Falava comigo o necessário, na frente dos outros. Nunca ficava sozinho em minha companhia, sempre alerta, decidido a me manter longe. E isso ocorria há mais de um ano.

Eu sentia uma saudade absurda dele. Do seu sorriso, seu carinho, suas carícias, seu corpo e

seu cheiro. Foram mais de 365 dias faminta, solitária, sofrendo. E quando cheguei ali para as férias de final de ano, foi a mesma coisa, porta trancada e distância. A única coisa que ainda me dava esperança eram seus olhares. Às vezes eu o pegava me fitando com tanto desejo, tantos sentimentos guardados que pareciam prestes a explodir, que eu tinha vontade de correr e me jogar em seus braços, implorando por migalhas. Mas então disfarçava e saía de perto, naquela luta contra o que sentíamos e desejávamos.

Minha vida era horrível. Longe de Joaquim, longe da fazenda e dos meus irmãos. Nunca fui ambiciosa. Queria só viver ali, ajudar no que fosse necessário, nunca sair daquela terra que ganhou meu coração. E só de pensar em ficar mais dois ou três anos em Belo Horizonte, distante dos meus amores, minha vontade era a de morrer. Por isso fiz o que sabia que causaria um terror e muita revolta dentro de casa. Talvez fosse meu único ato de rebeldia, pois sempre fui obediente. Eu tranquei a faculdade. Queria desistir de vez, mas achei melhor começar devagar, até eles se acostumarem com minha decisão.

Agora ali, naquela varanda, eu só esperava Joaquim voltar para casa para vê-lo, pois a saudade estava cada vez mais difícil de aguentar. E porque Tia tinha me contado uma coisa naquele dia que me deixou desesperada, apavorada, em pânico. Precisava saber a verdade. Ouvir da boca dele.

Ergui-me dos degraus, cansada de esperar. Já escurecia e nada de Joaquim voltar para casa. Dei-me conta que nenhum dos meus irmãos estava ali. Theo já era de se esperar, era sempre o último a chegar e vinha dos escritórios que ficavam no centro de Florada. Era o verdadeiro maníaco por trabalho. Pedro às vezes o imitava, mas em geral vinha mais cedo. Vi sua moto Harley-Davidson na garagem ao lado e soube que devia ter entrado antes que eu descesse. Calculei que Heitor e Joaquim estivessem nas baias tirando as selas de seus cavalos. Mesmo tendo os cavalariaços para o serviço, ambos gostavam de fazer aquilo antes de voltar para casa.

Angustiada e cansada de esperar, desci os últimos degraus e segui pelo caminho em direção ao Haras e às baias onde ficavam todos os cavalos da fazenda. Eu tinha lá minha égua particular, Dorothy. Era outra paixão minha e da qual tinha muita saudade quando estava longe.

Meu cabelo balançava atrás de mim, preso em um rabo de cavalo, batendo na camisa rosa e surrada que eu usava. Minhas roupas eram confortáveis, para o campo, com botas de couro macio após muitos anos. Não gostava de ficar emperiquitada como as meninas da cidade ou da faculdade. Para mim, quanto mais simples e natural as coisas, melhor.

Cumprimentei dois cavalariaços que saíam de algumas baias e segui em frente. Fui direto onde sabia ficar Fuligem, o cavalo de Joaquim. Era um animal feio e meio manchado de marrom, cinza e preto, de um cruzamento de raças. Os irmãos nasceram com pêlos brilhantes, marrons ou pretos,

cheios de elegância. Ele ninguém quis e iam vender por uma ninharia, mas Joaquim ficou com pena e o pegou para si, treinou-o e, surpreendendo todo mundo, tornou-se um animal grande, musculoso e veloz. Continuava feio, mas era maravilhoso, inteligente, fazia tudo que Joaquim queria. Até o animal não resistia ao seu encanto.

Ouvi barulho e falatório vindo de uma sala onde selas, cabrestos e ferraduras eram guardadas, perto da baia de Fuligem. Cheguei devagar e ouvi a voz possante e ligeiramente cínica de Pedro:

- Daqui a pouco o Tourinho vai virar funkeiro também.

Risadas masculinas seguiram-se ao comentário. Eu sabia que Pedro e Heitor implicavam com o irmão caçula chamando-o de Tourinho. Eram mais velhos e pegavam no pé dele, gostavam de deixá-lo nervoso. E pelo que descobri anos antes, tinham-no levado quando rapazinho em um bordel, para ser desvirginado. E ao terminar tudo, a garota de lá o elogiou na frente de todos dizendo que foi um verdadeiro touro na cama. Os dois caíram na gargalhada e desde então, ele era Tourinho. Ainda mais quando ficava bravo. Coisa que Heitor e Pedro achavam graça e por isso o provocavam.

- Que funkeiro! – Reclamou Joaquim, sua voz irritada. – Sabe que só gosto de música sertaneja.

- Mas sua namorada, desde que veio do Rio de Janeiro, só quer saber de Funk. – Emendou Heitor. Como os irmãos, tinha uma voz que mais parecia uma trovoada, mas que era sempre amenizada por seu bom humor.

- Eu não tenho namorada! – Ouvir isso de Joaquim me acalmou um pouco. Pois Tia havia me dito que ele andava saindo com Tininha, uma garota que nunca escondeu de ninguém que era louca por ele nos tempos da escola e que o perseguia por aí. Mas há uns anos atrás sua família se mudou para o Rio de Janeiro e ela teve que ir junto.

Segundo Tia explicou, voltaram há alguns meses e o pai dela estava trabalhando no frigorífico Falcão no centro de Florada, pois Theo dera um emprego a ele. E Joaquim andava se encontrando com a garota. O que me desesperou. Eu morria de medo que ele se firmasse com alguém, que se apaixonasse. O que me fazia ficar mais firme e decidida a enfrentar a família sobre não voltar para a faculdade.

- Não é isso que ela anda dizendo por aí. – Outra voz de homem falou, de um dos trabalhadores da fazenda, que devia estar com eles cuidando das selas.

Eu tinha parado encostada na entrada da sala, sem que pudesse ver nem ser vista.

- Ele tá só pegando. – Disse Pedro, a modo de explicação. – Afinal, Tininha não é garota para parar sério.

- E não é mesmo. – Concordou o outro rapaz. – Sempre foi espertinha, aquela ali. Eu e a torcida do Cruzeiro e do Atlético já pegamos!

Eles riram e fiquei irritada com tanto machismo, embora até eu soubesse que ela era fogo, toda oferecida e com má fama.

- Deixem a menina. – Minha irritação só aumentou ao ouvir Joaquim defendê-la. – Ela é maior de idade, faz o que quiser com a vida dela.

- Ainda bem para nós! – Riu o rapaz, seguido pelas risadas de Pedro e Heitor.

Iam falar mais coisas, mas acabei com a festa deles, entrando na grande sala. O rapaz escovava uma sela num canto, abaixado. Pedro, elegante em uma calça social cinza, com camisa branca e blazer preto, se recostava em uma coluna, atraente e bem vestido como sempre. Parecia um homem cosmopolita, urbano, sempre na moda. Mas mesmo assim havia algo rústico e duro em seu semblante, que faziam as mulheres fazerem fila para tentar domesticá-lo. Era alto, musculoso, o que mais se parecia com Joaquim, sendo ambos loiros e bronzeados com cabelos curtos. Mas seus traços eram mais angulosos e seus olhos de um cinza azulado aparentemente frios. Só aparentemente, pois perdia a cabeça muito fácil quando era provocado.

Heitor estava sentado sobre um amontoado de feno a um canto, relaxado, um sorriso de canto de boca. Tinha cabelos castanhos um pouco longos e barba, profundos olhos escuros e era o mais alto dos irmãos, bem musculoso, em uma beleza agressiva e viril. No entanto, seus olhos eram quentes, sensuais, faziam uma mulher se derreter sem muito esforço. Gostava de aproveitar a vida e adorava animais, a terra, a família. Dificilmente alguém o via metido em confusão ou briga, só quando muito provocado.

E por fim meus olhos foram para Joaquim que suado e sujo da lida com o gado naquele dia, usava botas, jeans surrado agarrado em suas pernas musculosas e bunda perfeita, caindo um pouco abaixo do quadril. Estava sem camisa e sem chapéu. Tinha acabado de molhar a cabeça no tanque e se virava, água escorrendo do seu cabelo para os ombros largos, as tatuagens nos bíceps pronunciados e os vales causados por músculos em sua barriga. Seus olhos verdes amarelados encontraram os meus e eu reagi de imediato, com um baque na boca do estômago, o coração disparando, a boca ficando seca. Estremeci, abalada, excitada, apaixonada.

- Gabi, o que está fazendo aqui? – Pedro ergueu uma das sobrancelhas, sério.

Apesar de vivermos em uma fazenda cheia de homens, eles me superprotegiam e não gostavam que eu circulasse sozinha por ali, o que sempre me fazia revirar os olhos. Não na frente deles, claro. Eram todos muito ciumentos.

Encontrei os olhos cinza azulados do meu segundo irmão mais velho e expliquei:

- Vim ver porque estavam demorando tanto. Ninguém chegava e eu estava cansada de ficar sozinha.

Busquei inconscientemente por Joaquim, bebendo de sua imagem sem camisa, o quanto era

lindo e sensual com todos aqueles músculos. Fiquei com a garganta seca, lambi os lábios, tentei disfarçar, me conter, mas o desejo me devorava. Tinha me dado as costas e, mesmo com parte da pele molhada, vestiu a camisa suada.

- Então, vamos. Eu já estava indo para casa. – Pedro desencostou-se da pilastra e veio até mim com um sorriso. Tinha um rosto duro e quadrado, mas quando sorria tudo se amenizava um pouco. Só um pouco. Deu-me o braço. – Parece ansiosa. O que é?

- Nada. – Sorri para ele, bem mais alto que eu. – Só queria a família reunida para o jantar de hoje.

- Estaremos todos lá. – Foi a vez de Heitor falar, se levantando, vindo até nós. Sorriu e acariciou o meu cabelo ao passar. Era sempre muito carinhoso. Eu adorava conversar com ele, ficar em sua companhia. – Mas tem algo especial nesse jantar?

Ainda lancei um olhar a Joaquim, mas ele tentava me ignorar, ajudando o outro rapaz a pendurar a sela. Sem ter outro jeito, saí com meus dois irmãos. Acenei com a cabeça enquanto caminhava entre eles para fora.

- Eu quero dar uma notícia.

- Que notícia? – Pedro franziu o cenho, ainda de braço dado comigo.

Mordi os lábios, nervosa.

- Prefiro falar na frente de todo mundo.

- Merda. – Ele reclamou. – Coisa boa não vem aí.

Heitor me lançou um olhar preocupado.

- Problemas na faculdade? – Indagou.

- Mais ou menos.

- Me conta quem tá te irritando que vou lá quebrar a cara dele. – Disse Pedro, o que me fez rir.

- Ninguém está me perturbando! E deixem de ser curiosos! No jantar eu falo.

Senti que os dois trocaram um olhar preocupado sobre minha cabeça, mas não falei mais nada. Pedro e Heitor eram muito unidos, muito amigos. Às vezes se entendiam só assim, com um olhar. Não sei o que pensaram. Só sei que não iam gostar da notícia que eu tinha para dar.

JOAQUIM

Desde que Gabriela tinha voltado para casa, para passar o Natal, o Ano Novo e as férias, eu a evitava e quase não parava em casa. Tinha sido a maneira que encontrei para fugir da tentação. Não

adiantava muito, pois eu continuava louco por ela, enfeitiçado, desejando sua companhia como um desesperado. A vontade de beijá-la e tocá-la era quase uma dor física, mas contra a qual eu lutava com afinco há mais de um ano, desde a última vez em que não resisti.

O fato dela estudar longe ajudava a manter aquele controle. E naqueles dias em que estava em casa, eu redobrava os cuidados, esperando ansiosamente o dia em que voltaria para sua faculdade e eu poderia respirar mais aliviado, sem aquela luta tremenda para ser apenas o que deveria ter sido desde o início: seu irmão.

Sentados em volta da imensa mesa de jantar, nós comíamos juntos naquela sexta-feira. Tão logo o jantar terminasse, eu ia escapar para a cidade e só voltaria de madrugada, quando todos já tivessem se recolhido e eu me jogasse em minha cama, após trancar a porta do quarto, claro. Assim não tinha riscos de perder a cabeça e fazer alguma besteira.

Theo ocupava a cabeceira da mesa, como chefe da família que agora era. Apesar de nosso pai ainda estar vivo, ele estava preso em uma cadeira de rodas e tinha problemas para falar e se comunicar, embora entendesse tudo. Geralmente não jantava conosco, pois se retirava cedo para seus aposentos. Mas nos finais de semana, quando estávamos em casa, ajeitávamos nosso horário para tomar café e almoçar com ele.

À direita de Theo sentava-se Pedro e eu ao lado dele. Do outro lado ficava Heitor e Gabriela. Assim, era impossível não levantar o olhar e vê-la. Geralmente encontrava seus olhos castanhos claros em mim, com aquela fome lá no fundo, que aprendi a reconhecer tão bem. Era igual à minha. E muitas vezes me indaguei como os outros não notavam. Parecia tão claro, tão óbvio. E ao mesmo tempo, era só nosso. Nosso segredo.

Tentei me concentrar em outra coisa que não fosse ela, embora não pudesse deixar de notar seus lábios polpudos e doces, sua pele macia com sardas claras e esparsas, os cabelos acobreados que caíam em ondas por seus ombros. Era linda, perfeita, pequena e delicada, feminina e cheirosa, a minha perdição, o meu tormento, o meu pecado.

Eu comia tenso, cada músculo do meu corpo retesado, a respiração descontrolada. Perto dela cada célula minha reagia, o desejo me varria violento, meu pau ficava duro dentro da calça. Pensamentos perversos passavam por minha mente. Sem querer eu fitava seu pescoço esguio e lembrava das vezes em que o beijei e mordi. Ou via seus seios subindo com a respiração e seus mamilos vinham claros em minha mente, em seu formato e cor, em sua delícia contra minha língua. Minhas mãos comichavam para correr sobre a pele macia, minha boca ansiava por ter a dela contra a minha. Meu corpo pedia, exigia seu toque, seu contato. E eu me transformava numa latência viva de sensações e desejos abafados e gritantes, enlouquecedores. Não sabia mais quanto tempo aguentaria aquilo.

Já quase terminávamos de jantar, quando Heitor disse de modo calmo:

- Você não tinha algo a nos contar hoje, Gabi?

Ela parou de cortar a carne e ergueu os olhos rapidamente, direto para os meus. Vi sua ansiedade e nervosismo. Desviei o olhar em silêncio, mascarando minha curiosidade.

Na mesma hora olhou para Theo e percebi que devia ser sério, pois tremia um pouco e largou os talheres sobre o prato, escondendo as mãos no colo.

Também olhei para nosso irmão mais velho. Todos nós o respeitávamos. Theo conseguiu aquilo sem precisar nunca bater ou gritar conosco, nem mesmo comigo ou com Gabriela que éramos os caçulas. E olha que praticamente nos assumiu e criou, pois em 1999 nossa mãe morreu e logo depois aconteceu a tragédia, que ninguém comentava na família. O assunto que ficou guardado entre as paredes daquela casa e deixou nosso pai inválido e fez nosso irmão Micah sair de casa aos 18 anos e se perder no mundo.

Desde então, Theo, aos vinte e sete anos, assumiu todas as responsabilidades, incluindo minha, com 11 anos e de Gabriela, com apenas cinco anos. Claro que Tia ajudou a nos criar, assim como Pedro e Heitor. Mas quem se tornou o chefe de tudo foi o nosso irmão mais velho, que eu tinha quase como um pai.

Ele era um homem sério, rígido e exigente. Mas sempre atento às nossas necessidades. Não era como nosso pai, que muitas vezes nos deixou de lado para cuidar da Fazenda. Não, ele fazia isso, mas se preocupava com nossa educação, nossos sentimentos, nossa vida. E acabou assim se tornando nosso parâmetro familiar. Todos nós o tínhamos como exemplo e tentávamos ser justos e honestos por causa dele.

Por tudo isso, era natural que sempre procurássemos sua aprovação em qualquer assunto, como Gabriela estava tentando fazer agora.

- O que queria falar conosco, Gabi? – Theo se recostou na cadeira, tomando um gole do seu vinho e depositando a taça na mesa.

Apesar de dono de terras e fazendeiro, era elegante e bem educado. Alto e moreno, tinha cabelos escuros levemente ondulados e olhos de um azul escuro, que de longe pareciam negros. Seu rosto era anguloso, com nariz reto e prepotente, faces magras, queixo firme. Havia uma sombra de barba e bigodes aparada, além de sobrancelhas negras, o que tornava seu semblante bem sério, certamente uma cara de mau. Que quando necessário, era fato. Mas que todos nós sabíamos apenas disfarçar um coração justo e cheio de amor por nós.

Gabriela sempre foi uma boa irmã e o respeitou. Mas agora parecia nervosa e eu a conhecia o suficiente para saber que não ficaria assim sem um motivo verdadeiro, pois estava claro que diria algo que nem Theo, nem nenhum de nós ia gostar. Aguardei, preocupado. E então ela falou ansiosa:

- Eu não vou voltar para a faculdade por enquanto.

Gelei e fixei meus olhos nela.

- Como assim? – Theo a encarava, sério, compenetrado.

Estremeceu. Olhou dele para mim, mordeu os lábios ao ver minha cara feia. Eu me desesperava só de imaginar ter que lutar contra o que sentia por ela todo santo dia, tendo-a ali sob o mesmo teto que eu. Rapidamente fitou Pedro e depois Heitor, não recebendo nenhum olhar mais cândido onde pudesse encontrar um aliado.

Respirou fundo e tornou a encarar Theo, seus olhos se enchendo de lágrimas. Quase murmurou:

- Eu odeio minha faculdade. Choro lá quase todos os dias. Odeio o barulho da cidade, não consigo dormir, sinto falta daqui. Por favor, Theo, não me mande voltar!

- Já conversamos sobre isso. – Disse ele, encarando-a.

- Eu sei, mas ...

- Gabi. – Heitor segurou sua mão sobre a mesa, fazendo com que o olhasse. – Eu achei horrível ter que fazer faculdade longe daqui. Joaquim também. Mas nosso pai exigiu que todos tivéssemos diplomas universitários e agradeço a ele. Somos mais cultos, temos conhecimentos que nos ajudam aqui no dia a dia. E não é para sempre. Já está na metade, falta pouco agora.

- Sei disso. – Ela concordou e entrelaçou os dedos nos dele.

Eu senti ciúmes e sabia que era absurdo, mas não pude me controlar. Muitas vezes pensei se seria possível algum dos meus irmãos sentir por ela a mesma paixão maluca que eu, ou ela por eles. Nunca vi nada, mas isso não impedia que ficasse possesso quando a acariciavam ou tocavam. E tudo que eu podia fazer era cerrar o maxilar e aguentar.

- Se sabe disso, por que não quer voltar? – Indagou Pedro.

- Porque eu odeio Zootecnia. Não entendo nada. Não gosto! – Olhou suplicante para cada um de nós, seus olhos marejados servindo para deixa-los mais mansos, mas só me dando mais desespero. Encarou Theo, que não deixava de observá-la. – Por favor, Theo, só peço um tempo. Tranquei a faculdade até o meio do ano, só para eu decidir qual curso é melhor para mim. Fiquei reprovada em cinco matérias no semestre passado, porque não entendo nada do que dizem, não consigo me adaptar! Juro, são só seis meses, somente para me decidir.

- Eu acho justo. Está pedindo só um tempo. – Apoiou Heitor e ela agarrou mais a mão dele, agradecida. Sorriu carinhoso para ela.

- Eu não acho justo. Esses seis meses vão virar um ano e não vai querer retornar! – Falei irritado. – Nunca gostei de Agronomia e tive que fazer até o final, só para voltar para casa com o diploma.

Gabriela me olhou, com raiva, sabendo bem meus motivos para ir contra. Mas não disse nada.

Ergueu o queixo, como se me desafiasse. E encarou Theo.

- Juro que não é isso. Em julho vocês podem me expulsar daqui. Volto para a faculdade, prometo. Mas se eu for agora, Theo, vou acabar reprovada de novo e expulsa da faculdade!

- Tem certeza que não gosta de zootecnia? – Pedro perguntou, inclinando-se para frente, observando-a. – Poderia trabalhar aqui em vários ramos.

- Eu tenho, irmão. Odeio isso!

E então se calou, esperando o veredito. Fiquei com raiva por ver que Heitor continuava de mãos dadas com ela, apoiando-a. Pedro não parecia estar contra também. Só eu e vi em Theo a oportunidade de decidir tudo. Falei para ele:

- Acho que ela vai perder tempo.

E surpreendentemente, até ele capitulou, me desesperando de vez:

- Gabriela vai perder tempo se ficar reprovada de novo, cursando algo que odeia. – Olhou-a. – Você tem seis meses, nada mais além disso. Decida-se por outra coisa e volte a estudar.

- Obrigada! – Lágrimas de puro alívio desceram dos olhos dela, enquanto sorria feliz.

- Palhaçada isso! – Exclamei furioso, jogando o guardanapo sobre a mesa com força enquanto me levantava, puto, sem saber o que faria da minha vida com Gabriela dormindo toda noite no quarto ao lado do meu.

Todos me olharam surpresos enquanto eu saía da sala de jantar pisando duro, ainda mais furioso quando ouvi a risada cínica de Pedro ao dizer:

- Olha só, o Tourinho perdeu a cabeça de vez! Olé!

Saí revoltado, vendo só um pano vermelho diante dos olhos.

CAPÍTULO 2

EUE ELAS

A casa que conseguimos arrumar era um verdadeiro barraco. Ficava fora da cidade de Florada, já no Município de Pedrosa, vizinha à cidade de Ituiutaba. Não podíamos correr o risco de ficar em Florada, onde os Falcão tinham controle de tudo. Lá não éramos bem vindas. Mas aquele barraco na Favela Sovaco de Cobra era no caminho entre o centro de Florada e Pedrosa. Perto o bastante para nosso objetivo e longe o bastante para passarmos despercebidas.

A favela era pequena e surgiu com o aumento do número de desempregos na região. E em pouco tempo se alastrou, virando um aglomerado de vielas e barracos, onde a droga começava a ser o produto que mais circulava e era valorizado.

Eu soube que Theodoro Falcão estava empenhado em acabar com a favela e pressionava os prefeitos locais e as Câmaras de Vereadores para solucionar o problema. Oferecia trabalho e moradia em suas fazendas e na cidade, dedicava parte de seu financiamento em construções de casas populares. Muitos que conseguiam sair de lá para algo melhor falavam dele com quase adoração e diziam que se fosse candidato a prefeito ou vereador, teria seus votos.

Aquilo me irritava. A mim e a elas. Pois sabíamos que era interesse dele e daquela família arrogante e poderosa. Afinal, a favela significava mais ladrões por ali que roubavam cabeças de gado, prejudicava os funcionários viciando-os em cocaína e craque, assaltando os poderosos nas estradas, muitas vezes que vinham de longe para fazer negócios com os Falcão. E isso era prejudicial. Assim, Theodoro queria o fim da favela não por ser humanitário, mas por interesses próprios.

Conseguimos aquele barraco por um aluguel barato. Era uma meia água feita só de tijolos, uma sala que devia servir de quarto e cozinha e tinha um pequeno banheiro junto. Fui para lá sozinha, mas de vez em quando minha mãe e avó apareciam. Era ali nosso quartel general, a base para o começo de uma vingança que tinha ficado adormecida por muito tempo.

Meu objetivo era primeiro o de me estabelecer, virar uma moradora local. Quando eu me apresentasse, teria uma vida ali e pessoas que me conheciam. E além de tudo, dali eu poderia fazer incursões em Florada e ficar de olho nos irmãos, acompanhando os costumes e manias deles, olhando tudo de longe, me preparando.

Diziam que a vingança era um prato que se comia frio e estavam certos. Muitas pessoas, principalmente os homens, quando com ódio agiam no instinto, de uma vez. E se davam mal. Mas as mulheres eram mais comedidas e inteligentes naquele ponto. Ainda mais como eu, que fui criada a cada dia ouvindo as maldades que os Falcões fizeram. O que nos tiraram. As tragédias que provocaram em nossas vidas. Mas finalmente tinha chegado a hora de pagarem. Pelo menos o velho ainda estava vivo para ver a cobrança sendo feita, a justiça se estabelecendo.

Sorri, pois apesar do lugar feio no meio de casas de igual aparência, era o símbolo do fim de uma espera. Íamos partir para o ataque, famintas, alimentadas pelo ódio por anos, querendo sangue. Ainda não havia um plano totalmente definido, mas esboços, ideias, estratégias. Ao menos tínhamos uma de nós lá, no meio deles. Uma arma que foi enviada há muito tempo e que agora devia ser bem usada. Ela nos ajudaria, nos daria o que era nosso de direito e mais, por tudo que fomos privadas por tantos anos.

Larguei minha pouca bagagem lá e olhei para as outras duas mulheres no centro da sala miserável. Não precisamos dizer nada. Sabíamos que o momento havia chegado.

JOAQUIM

Sábado era dia de farra. Depois da semana toda ralando, naquele dia eu e os rapazes da fazenda íamos para o centro de Florada. Não havia muitas opções de diversão lá. Uma praça com parquinho para as crianças onde ocasionalmente ocorriam festas e quermesses, um cinema, uma pizzaria e sorveteria e claro, o maior bar e restaurante da cidade, que se chamava FALCONETES.

Era até uma história curiosa. Anos atrás o nome era Bar do Zé. Um pé sujo que só entrava homem para beber e encher a cara. Até que ele casou com Abigail Castro. A mulher começou a fazer almoços e jantares e o bar se tornou também restaurante. Quando dois anos depois Zé morreu, a mulher assumiu tudo e mudanças foram feitas.

Abigail era a mais velha das irmãs Castro, com 41 anos agora. Tinha estudado com Theo na escola local e sempre foi louca por ele. Namoraram um tempo e depois ele foi fazer faculdade fora. E o namoro acabou. Mas Abigail nunca deixou de sonhar com ele e dizia para quem quisesse ouvir que ainda seria esposa dele.

Não foi bem assim. Quando Theo voltou, eles continuaram de rolo, mas meu irmão era avesso a casamento e só ficou nisso mesmo. Acabaram permanecendo amigos e amantes, até que ela cansou de esperar e casou com Zé. Diziam as más línguas que Theo ainda saía com ela quando estava casada, mas isso eu não sabia se era verdade. Mas quando ficou viúva dois anos depois, eles voltaram a se ver de vez em quando.

Abigail pressionou de novo e meu irmão escapuliu. Aí ela casou com o dono da única funerária da cidade, Netinho. Daquela vez durou menos ainda. Em um ano ficou viúva novamente, agora dona do Bar do Zé e da funerária do Netinho. Mas lidar com gente morta não era para a fogosa e cheia de vida Abigail. Assim, vendeu a funerária e com o dinheiro investiu no restaurante. Tornou-o maior, com boa comida e bebida, o centro do divertimento em Florada.

Na época, ela e as duas irmãs trabalhavam no restaurante e Abigail tinha voltado a ter rolo com Theo. Dalila, a irmã do meio, arrastava um caminhão por Pedro. E Francesca, a mais bonita e sensual das três, conseguiu namorar Pedro e Heitor. Novamente as más línguas entravam em ação, dizendo que namorou os dois na mesma época. E os dois sabiam. Em se tratando deles, nada me surpreendia.

O resultado era que elas não escondiam o fato de desejarem se tornar um membro da minha família e isso fez com que as pessoas na cidade as chamassem de Falconetes. O apelido pegou. E na época da reforma do Bar, soube que Theo ajudou financeiramente, até que contava com pista de dança, máquinas de jukebox, um pequeno palco onde ocasionalmente grupos e cantores da região se apresentavam, mesas de sinuca e disputas de dardos. O bar era enorme, mesas não faltavam espalhadas pelo enorme salão, a comida era de primeira. Assim surgia o maior bar e restaurante de Florada, o ponto de encontro de famílias e peões, onde todo mundo era bem vindo e bem servido. Só faltava o nome.

Bar do Zé não funcionava mais e Abigail fez segredo do nome, deixando-o coberto até o dia da inauguração, quando então puxou o pano e o nome Bar das Falconetes surgiu diante de todos em neon vermelho. Theo achou engraçado, meus irmãos adoraram. E eu também, apesar de não ter nada a ver com aquela história. E há anos era assim, o Falconetes era a sensação se Florada.

Há seis anos a cidade ficou em luto. E o Bar também. Francesca, a caçula das Falconetes, com 28 anos, descobriu que estava com um câncer agressivo de fígado e morreu em menos de um mês. Na época, todo mundo dizia que ia ser a única Falconete a conseguir laçar um Falcão, pois seu caso com Pedro e Heitor foi ficando sério e parecia que ia laçar um dos dois. Pelo jeito que Heitor ficou arrasado depois da morte dela, eu achei que fosse ele.

Assim, sobraram só as duas, Abigail e Dalila. Elas sofreram demais, mas seguiram em frente. E o bar também.

Eu não sabia se Theo continuava sendo amante da mais velha, mas amigos eles eram. De novo segundo as más línguas, com a sorte que ela dava aos maridos, meu irmão seria muito corajoso se casasse com ela. E todo mundo sabia que Theo era solteirão convicto. Lembro que o casamento dos nossos pais não servia de exemplo para animar ninguém e ele, como mais velho, deve ter tido muitas provas disso.

Dalila, apesar de ter olho em Pedro e Heitor, acho que não conseguiu nada com eles. Era muito esquisita, apesar de não ser feia. Vivia com aquelas roupas pretas, o cabelo preto, branca como vela, odiando sair de dia. Corria o boato que era vampira. Não era muito de papo, embora fosse uma boa pessoa. Mas seu jeito assustava mesmo, ainda mais porque dizia ver gente morta e às vezes falava umas coisas que se concretizavam, como se tivesse premonições.

Algumas pessoas da cidade se benziavam e saíam de perto quando ela vinha com aqueles papos. Abigail brigava com ela, dizia que espantava a freguesia. Mas outras queriam até se consultar para saber o futuro, o que ela nunca aceitou. Uma vez nos contou, a mim e meus amigos, que não tinha controle sobre seus dons. A mensagem vinha do além de repente. E eu e os rapazes, todos fortes e corajosos, só faltamos tremer de medo com aquele papo sinistro dela.

E assim era. Sábado era dia de ir para o Falconetes e, como eu queria beber, não fui de carro. Junto com mais quatro amigos da fazenda, fomos na caminhonete de Wallace, que não tomava nada alcóolico. Eu fui decidido a encher a cara, me divertir e tentar esquecer que Gabriela passaria mais seis meses sob o mesmo teto que eu. Não me conformava nem sabia como aguentaria aquilo. Mas fazer o que, se fui voto vencido?

Meti o melhor chapéu que eu tinha na cabeça, jeans, botas e uma camisa branca limpa e saí com os rapazes, querendo tirá-la da cabeça, embora fosse um sacrifício conseguir. Mas ia tentar, principalmente com a cerveja.

Chegamos animados, já pedindo uma loura gelada para uma das garçonetes e indo ocupar uma mesa. Wallace e Tertúlio já correram para começar a jogar sinuca, mas eu, Rubinho e Dado preferimos nos acomodar primeiro. Estava já cheio e no jukebox tocava uma música caipira antiga. Pessoas passavam para lá e para cá, alguns com suas melhores roupas, outros passando ali só para comer ou beber alguma coisa e ir embora. Três casais dançavam na pista e o bar estava lotado. Atrás dele, Abigail ria e conversava com as pessoas, ajudada pela irmã Dalila e um barman. Garçonetes de jeans, avental preto escrito FALCONETES em vermelho, circulavam entre a cozinha, o bar e os clientes.

Recostei no estofado do sofá marrom de canto, enquanto os outros se acomodavam nas cadeiras e nossa cerveja gelada. Todos nós cumprimentamos a garçonete, Zenaide, que era nossa velha conhecida dali. Aliás, quase todo mundo se conhecia, com exceção de algumas pessoas que estavam de passagem pela cidade ou vinham da cidade vizinha, mas esses eram minoria.

- Cara, to doido pra pegar alguma potranca hoje! – Exclamou Dado esfregando as mãos e olhando em volta. Muitas das meninas ali também iam com o intuito de arrumar paquera ou uma transa. Outras esperavam algo mais sério, como namoro e casamento. Mas em geral dava para conseguir se dar bem, se aguentasse a disputa. Sempre tinha mais homem que mulher e elas podiam escolher.

Algumas já sorriam e olhavam para nossa mesa. Fiquei na minha, embora soubesse que para mim sempre tinha opção disponível. Não apenas porque falavam da minha aparência, mas porque eu era um Falcão e isso ali significava muito.

Entre um grupo mais barulhento de garotas, que davam risadas e chamava a atenção, percebi os cabelos lisos, compridos e pintados de loiro claro de Tininha. Como sempre, ela gostava de falar fazendo gestos, se sacudindo, atraindo olhares. Aos vinte e seis anos, ela estava de volta à cidade e pelo jeito disposta a me enlaçar. Tínhamos passado um tempo nos pegando em um sexo suado e sujo, mas era só isso mesmo. Pelo menos para mim. Pois comecei a sacar que ela tinha outros planos.

Sabia que tão logo me visse partiria para o ataque, mas eu não queria nada com ela naquela

noite. Não quando estava tão perturbado com a presença de Gabriela perto de mim novamente. Meu desejo era só de beber e esquecer de tudo, ter um momento meu de paz.

- Cara, olha a roupa da tua namorada. – Disse Rubinho com olhos compridos na direção de Tininha.

- Ela não é minha namorada. – Avisei pela trigésima vez.

Ninguém podia negar que tinha um corpão. Claro, com a ajuda de plástica. No Rio de Janeiro trabalhou um tempo como dançarina de auditório de um programa lá, mas parece que o mesmo acabou. E não conseguiu mais nada na área. Mesmo assim, adorava dançar.

Tinha a pele bem bronzeada, olhos castanhos, corpo com músculos modelados e curvas, embora fosse esguia, bunda empinada. Os seios eram grandes, de silicone. Eu nunca tinha transado com uma mulher com silicone e foi meio estranho, talvez porque o dela nem mexia, parecia duas bolas. Mas depois acostumei, embora preferisse o natural.

Sem querer pensei nos seios pequenos e naturalmente redondinhos de Gabriela, enfeitados pelos mamilos delicados e num tom coral. O desejo veio violento e sacudi a cabeça com força, tomando um grande gole de cerveja e tentando me livrar dos pensamentos indesejados. Tentei me concentrar em Tininha, com seu short jeans curto, camisa rosa amarrada na frente, deixando parte da barriga sarada de fora, com um piercing pendurado. Para completar, botas pretas até o meio das canelas, com salto alto.

Alguém tinha colocado uma música Chitãozinho e Xororó um tanto triste, Fio de cabelo.

*Quando a gente ama
Qualquer coisa serve para relembrar
Um vestido velho da mulher amada
Tem muito valor
Aquele restinho do perfume dela que ficou no frasco
Sobre a penteadeira
Mostrando que o quarto
Já foi o cenário de um grande amor*

*E hoje o que encontrei me deixou mais triste
Um pedacinho dela que existe
Um fio de cabelo no meu paletó
Lembrei de tudo entre nós
Do amor vivido
Aquele fio de cabelo comprido
Já esteve grudado em nosso suor*

*Quando a gente ama
E não vive junto da mulher amada
Uma coisa à toa
É um bom motivo pra gente chorar
Apagam-se as luzes ao chegar a hora
De ir para a cama*

*A gente começa a esperar por quem ama
Na impressão que ela venha se deitar*

*E hoje o que encontrei me deixou mais triste
Um pedacinho dela que existe
Um fio de cabelo no meu paletó
Lembrei de tudo entre nós
Do amor vivido
Aquele fio de cabelo comprido
Já esteve grudado em nosso suor*

E de onde estava dava para ver a revolta de Tininha, reclamando alto que a música era muito molenga e ela queria dançar.

- Daqui a pouco ela começa o show. – Riu Dado, na expectativa.

Eu acabei sorrindo, porque no sábado passado tinha sido assim. Ela escolheu um funk e se acabou na pista, sem se importar com os olhares chocados. Ao menos eu me divertia com ela.

Terminei minha cerveja e olhei em volta para chamar a garçonete, quando algo parecendo um conhecido tom acobreado chamou minha atenção. Não acreditei quando vi Gabriela na entrada do bar, parecendo um anjo perdido ali. Meu coração bateu descompassado e senti a garganta seca. Seus longos cabelos acobreados caíam por seus seios e ombros, enquanto usava jeans e uma camisa branca com peitilho rendado que aumentava a sensação de pureza e algo virginal.

Senti desejo, amor e culpa me engolfarem com igual intensidade. Fiquei paralisado, olhos fixos nela, aproveitando a oportunidade de admirá-la livremente, sem ser obrigado a disfarçar o tempo todo. Era tão linda! Tão perfeita, que por um momento eu nem sabia mais onde estava ou o que deveria fazer, apenas me dei ao luxo de sentir, de deixar tudo fluir dentro de mim sem controle.

Ela estava ao lado de Bel, sua melhor amiga, sorrindo suavemente, como se seus olhos buscassem algo ou alguém. Tentei me conter, desviar o olhar, mas como, se eu queria ir para perto dela? Se eu sabia que procurava por mim? Foi entrando, a amiga dizendo algo e Gabriela só sondando, até me encontrar e seus olhos se chocarem com os meus.

Foi instantâneo. Uma corrente elétrica pareceu percorrer meu corpo. O sangue tornou-se mais quente e denso, a paixão me consumiu como se viesse em uma onda. Respirei pesadamente, não me movi naquele sofá, alerta, abalado, dominado por tudo que me fazia sentir.

Vi como reagiu também, entreabrindo os lábios, corando, ansiando. Seus olhos brilharam, pareceu ficar nervosa. E estacou, como se não pudesse fazer mais nada além de me olhar.

- Aí, tua irmã chegou. – Disse Dado ao meu lado e baixou o tom de voz: - Com todo respeito, ela é uma coisa! Que boneca linda!

Eu despertei. Tentei me conter e dei vazão à raiva, lançando um olhar puto a ele enquanto me levantava e dizia furiosamente:

- Cala a boca!

- Não tá mais aqui quem falou! – Disse rapidamente, erguendo as mãos.

Deixei-os para trás e marchei até Gabriela, não vendo ninguém no meu caminho. Ela e Bel estavam paradas, me olhando. Não fui educado nem as cumprimentei. Parei na frente delas e olhei no fundo dos olhos de Gabriela, que mal chegava aos meus ombros, sendo ríspido:

- O que está fazendo aqui?

Estremeceu, mas não recuou. Meu tom enervou-a, pois ergueu o queixo, desafiadora:

- O mesmo que você!

- Theo sabe que veio para cá?

Não respondeu de imediato e eu saquei que a resposta era negativa. Apesar do Falconetes ser um bar frequentado por família, depois das 21 horas de sábado só ficava quem estava a fim de farra e paquera, ou com um grupo grande de amigos. Não duas garotas sozinhas de vinte anos.

- Vim passar a tarde na casa da Bel e os pais dela nos deixaram vir aqui. – Tentou explicar.

- Isso não é lugar para você.

- Por que não? Não sou nenhuma garotinha, Quin.

Era a única a me chamar por aquele apelido, o que sempre mexia comigo. E me fazia lembrar das noites que passamos na cama, enquanto murmurava assim no meu ouvido. Cerrei os dentes, freando as lembranças, tentando conter meus instintos mais básicos de macho. Bel buscou acalmar os ânimos:

- Não vamos demorar, Joaquim.

Eu a olhei, enquanto procurava me recuperar, parar de pensar e sentir besteiras. Cumprimentei a moça morena tardiamente com um aceno de cabeça, enquanto pensava uma maneira de fazê-las sair dali. Mas tão logo fitei Gabriela novamente, me dei conta de que não ia conseguir. A não ser que a arrastasse para fora e saísse também. E eu sabia duas coisas: que seria um exagero e que ela poderia ser teimosa como uma mula.

- Podemos ficar na mesa de vocês. – Disse Gabriela.

- Não. Só tem homem. – Falei entredentes.

- Então, vamos arrumar uma mesa pra nós. – Foi bem decidida e deu dois passos, passando perto de mim. – Tchau ... irmão.

Eu as deixei ir, cerrando os punhos, minha noite de diversão indo ralo abaixo. Virei e, furioso, enlouquecido de ciúmes, vi como os homens se esticavam para ver Gabriela passar. Dei dois passos na direção dela e estaquei, me contendo, segurando as rédeas dos meus sentimentos exaltados. Não podia perder a cabeça.

Observei-a seguir com a amiga até uma mesa que, só para me torturar, ficava pouco depois da

minha. Elas se acomodaram sorrindo, conversando, como se não notassem que eram alvo dos olhares gulosos dos marmanjos. Que ódio! Vontade de sair socando todo mundo. Mas apenas fui pisando duro até onde estavam meus amigos e sentei na ponta do sofá, olhos secando a figura de Gabriela.

- Cara, tem horas que você parece um touro mesmo! – Exclamou Rubinho, olhando para mim meio assustado. Quando o encarei, doido para descarregar minha raiva em alguém, levantou-se de um pulo, gaguejando: - Vou buscar ma ... mais cer ... veja.

Minhas narinas estavam dilatadas, o coração batendo como um louco, as palmas das mãos suando. Dado nem se atreveu a me provocar. E fiquei lá, sem tirar os olhos de Gabriela.

Ela sorria, cotovelos apoiados na mesa, a única ruiva natural naquele lugar, como se atraísse todos os olhares. Afastou uma longa mecha do cabelo do ombro e a letra da música percorreu meus ouvidos:

“(...) *Lembrei de tudo entre nós*
Do amor vivido
Aquele fio de cabelo comprido
Já estive grudado em nosso suor”

Mal podia respirar, me conter. Fui bombardeado por imagens dos seus cabelos espalhados sobre o lençol da cama, longos e rubros, ou grudando em minha pele suada enquanto mordida meu peito ou chupava meu pau. Na mesma hora fiquei dolorosamente duro, exaltado, sentindo cada músculo se retesar. Era daquilo que eu queria fugir. Era contra aquilo que eu lutava com afinco, resistindo sem encostar um dedo nela por mais de um ano.

E o que seria da minha vida agora? Como escapar de toda aquela loucura quando tudo o que desejava era deixar aqueles sentimentos vorazes me consumirem e fazer com ela um sexo animal, violento, bruto? E ao mesmo tempo beijá-la com amor, senti-la junto a mim com sua pele e seu cheiro me devorando?

Tentei desviar os olhos e não consegui, cada célula do meu corpo gritando por ela. Eu sabia que era impossível. Éramos uma família, fomos criados como irmãos. Meu pai, mesmo inválido, nunca aceitaria. Meus irmãos me odiariam. Eu seria desprezado por todos, acusado das piores coisas, humilhado por não tê-la respeitado. E tudo com razão, porque estava sendo um canalha aproveitador.

- Vamos jogar uma partida de sinuca. – Chamou Tertúlio, se aproximando com Wallace enquanto a garçonete se aproximava com mais cerveja e nos servia. Wallace pediu um refrigerante. Sentaram-se em volta da mesa, fazendo confusão, escondendo um pouco Gabriela do meu olhar.

Tentei aproveitar e me distrair, mas estava difícil. A noite que pensei passar com meus amigos rindo e bebendo estava estragada. Eu me sentia nervoso, tenso, excitado. E foi naquele exato

momento que Tininha bateu os olhos castanhos em mim e na mesma hora veio rebolando até a mesa, como se saísse à caça. Agora é que eu estava ferrado mesmo.

- Joaquim. – Disse com voz sensual e olhar semicerrado, apoiando as duas mãos no tampo da mesa e se empinando toda para trás, o gesto fazendo seu decote se pronunciar e os seios que mais pareciam duas bolas quase pularem para fora. Os rapazes na mesa ficaram mudos, olhando para ela quase babando. Rubinho, que voltava, parou atrás dela segurando sua cerveja e olhando como um tarado para sua bunda dentro do shortinho.

Por mais incrível que pudesse parecer, eu não senti desejo. A sua pose exagerada parecia até engraçada, ainda mais com aquele nariz dela comprido, que quebrava a harmonia do rosto. Pensei como transamos tanto no último mês e como podia acabar tão rápido. Tudo parecia artificial, seu cabelo pintado de loiro, a pele muito bronzeada, aqueles melões duros demais.

- Oi, Tininha. – Falei baixo, quase desanimado.

Ela franziu o cenho, sem entender. Lambeu os lábios, muito maquiada, esperando que eu mostrasse meu tesão. Como não fiz nada, ergueu-se esticada, preocupada, lançando um olhar aos outros em volta da mesa e outro a Rubinho, que continuava atrás dela.

- Tá fazendo o que aí?

- Apreciando a vista. – Ele sorriu, mas ficou logo sério ao me fitar, como se temesse que eu ficasse bravo, já que andava saindo com ela. Quando viu que nem me incomodei, sorriu de novo e completou olhando-a: - Tininha, hoje vai colocar uma daquelas músicas legais?

- Claro que vou! Isso aqui tá muito desanimado. Tá faltando minha musa Valesca Popozuda pra animar isso aqui.— Sacudiu os cabelos, encarando-me, lambendo de novo os lábios. Ronronou, sensual: - Vou fazer um showzinho particular para o peão mais bonito e gostoso desse lugar!

Os rapazes riram. Eu enterrei mais o chapéu na cabeça, sabendo que aquele definitivamente não era o meu dia. Então ela apontou para os próprios olhos e depois para os meus, avisando:

- Veja isso!

E foi toda requebrada como uma modelo atravessando a pista de dança. Muita gente se torceu para olhar, enquanto se acercava da máquina de escolher músicas. Tertúlio afirmou, admirado:

- Joaquim, tu é um cara de sorte, amigo! Já tem pra hoje! Ah, essa potranca lá em casa!

Os outros riram, excitados. Eu apenas movi meus olhos até a mesa de Gabriela e ela me olhava séria, suas bochechas coradas. Não falei nada, principalmente quando a música lenta caipira que tocava foi substituída bruscamente por uma batida alucinada de funk, que pareceu explodir no salão.

Muitas pessoas se assustaram, pois não estavam acostumadas com aquele tipo de música ali. Ainda mais quando Tininha se virou teatralmente do jukebox, enterrando o queixo no pescoço e olhando na minha direção como se fosse me atacar. Merda!

Parecia que o lugar todo tinha congelado. Ao menos eu me sentia congelado na cadeira, acho que nem respirava. E então uma voz meio grossa de mulher gritou em meio à batida, enquanto Tininha andava sensual até o meio da pista, mexendo a boca fazendo mímica:

- DJ aumenta o som ... Sem hora pra acabar ...

E Tininha começou a sacudir os ombros e os quadris ao som da música, quicando e se requebrando, enquanto todo mundo olhava pra ela. E ela olhava pra mim, seus lábios mexendo e saindo a voz da cantora:

- To perdendo a linha ...

E então começou a se rebolar toda, abrindo as pernas e descendo, indo com o quadril pra frente e para trás, sacudindo os cabelos enquanto se agachava de modo sexy, cantando junto com a música:

*Eu vou pro baile, eu vou pro baile, de sainha
Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar
Daquele jeito
De, de sainha
Daquele jeito
(Eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu, eu)*

*Eu vou pro baile procurar o meu negão,
Vou subir no palco ao som do tamborzão
Sou cachorrone mesmo
E late que eu vou passar
Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar
Dj aumenta o som

Eu já to de sainha
Daquele jeito
De, de sainha*

Os rapazes na minha mesa estavam de queixo caído, olhos quase saltando do rosto, as cervejas e todo resto esquecido, como que enfeitiçados pelo rebolado escancaradamente sexual. Até as garçonetes e as donas do bar, Abigail e Dalila, tinham parado de trabalhar para olhar. Ali perto uma mulher deu uma cotovelada no marido, que quase babava. Tudo eu percebia sem olhar diretamente, pois enquanto Tininha dava seu show, eu era seu alvo. E se a intenção dela era me seduzir ou agradar, estava me deixando era com uma puta de uma vergonha.

Então esticou os braços para frente e ainda agachada e com as pernas abertas veio quicando na direção da minha mesa, enquanto eu sentia uma vontade danada de xingar um palavrão. E cantou para mim:

*No ... local do pega pega eu esculacho tua mina
No completo, ou no mirante, outro no muro da esquina*

*Na primeira tu já cansa
Eu não vou falar de novo
Ai que homem gostoso, vem que vem quero de novo
(ai vai)
Ai que homem gostoso, vem que vem quero de novo*

Enquanto falava “ *Ai que homem gostoso, vem que vem quero de novo*”, apontava o dedo indicador para mim, para que não restasse mais nenhuma dúvida, se é que havia alguma, que o homem era eu. Engoli em seco e enterrei mais ainda o chapéu na cabeça, sentindo meu rosto pegar fogo. E enquanto Tininha se acabava toda no funk, exagerando no erotismo, eu olhei sob a copa do chapéu em direção à Gabriela.

*Gaiola das Popozudas agora fala pra você
Se elas brincam com a xaninha eu faço o homem enlouquecer
Se elas brincam com a xaninha eu faço o homem enlouquecer*

*De, de sainha
De, de sainha*

*Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar
(Daquele jeito) ..
De, de sainha
Dadaquele jeito.
Eu vou pro baile procurar o meu negão,
Vou subir no palco ao som do tamborzão
Sou cachorrone mesmo
E late que eu vou passar
Agora eu sou solteira e ninguém vai me segurar
Dj aumenta o som

Eu já to de sainha
De, de sainha*

Gabriela estava pálida, olhos arregalados para Tininha e depois para mim. Então suas bochechas se tingiram de vermelho e o funk continuou a explodir no salão enquanto ela me olhava acusadoramente, cheia de raiva, realmente furiosa. Continuei imóvel, pensando se alguém notaria se eu me esgueirasse para fora do salão. Claro, todos os olhares eram pra Tininha e para mim naquele momento.

*No local do pega pega eu esculacho tua mina
No completo, ou no mirante, outro no muro da esquina
Na primeira tu já cansa
Eu não vou falar de novo
Ai que homem gostoso, vem que vem quero de novo
(ai vai)..
Ai que homem gostoso, vem que vem quero de novo*

*Gaiola das Popozudas agora fala pra você
Se elas brincam com a xaninha eu faço o homem enlouquecer
Se elas brincam com a xaninha eu faço o homem enlouquecer*

*De, de sainha
De, de sainha
Agora eu to solteira e ninguém vai me segurar!*

E finalmente, por misericórdia de Deus, enquanto Tininha dava suas últimas reboladas escrachadas, a música acabou. Ela deu um rodopio, jogando o cabelo para trás, passando um olhar sensual em volta, a respiração irregular, toda acesa como se tivesse acabado de gozar. E fez uma pequena mesura, satisfeita ao ver a atenção que tinha de todo mundo.

O silêncio era aterrador. Então Tertúlio levantou de um pulo de sua cadeira, batendo palmas animadamente, assoviando. Logo Wallace e Dado faziam o mesmo, animados. E então o salão explodiu em aplausos, assovios, risadas e gritarias. Puta merda, será que agora dava pra eu escapar?

Tininha riu toda feliz, agradeceu de novo e enquanto uma boa alma ia colocar uma música sertaneja, ela se debruçou de novo na minha mesa, piscou e disse arrastadamente:

- Gostou, meu negão?

Sem querer eu ri. Acho que de nervosismo. Ela então se derreteu toda, achando que tinha agradado, metendo um dedo sob a aba do meu chapéu e o erguendo um pouco em minha cabeça, para fitar meus olhos enquanto convidava fazendo biquinho, com voz de menininha:

- Quer sair daqui? Posso fazer uma dancinha particular para você.

- Sortudo filho da ... – Começou Rubinho e se calou, revoltado por que o convite não era para ele.

Tininha ficou toda satisfeita e lançou um olhar provocante a ele como se dissesse “um dia a sua hora chega”. Depois se concentrou novamente em mim e murmurou:

- Posso cantar para você um outro hino da minha musa Valesca: “ Quero te dar!”. Mas esse só em particular, meu peão!

- Ai ... – Gemeu Wallace.

Eu passei a mão no queixo e a esfreguei no maxilar, tentando ganhar tempo. Encontrei os olhos castanhos dela, cheios de desejo, indagando a mim mesmo em que furada eu tinha me metido. Não havia uma célula em meu corpo excitada, pelo contrário. E foi com a maior delicadeza possível, diante das circunstâncias, que falei:

- Depois a gente se fala, Tininha. Vim tomar umas geladas com os rapazes e ... bem ... gostei muito da dança.

- Tá me dispensando? – Arregalou os olhos.

Ela tinha entendido, mas eu não queria drama nem confusão. Seria tão difícil assim passar uma

noite de sábado em paz?

Suspirei e sorri, forçado. Mas falei firme, repetindo:

- Mais tarde a gente se fala. Vou ficar mais um pouco aqui bebendo.

Ela entendeu o recado. A princípio sua expressão fechou e eu me preparei para uma explosão de mau gênio. Mas pareceu pensar melhor e sorriu, jocosa, sacudindo os cabelos. Piscou para mim:

- Entendi, peão. Mas o final da noite é nosso. A hora que quiser, é só ir ali me laçar e me carregar para fora. Estarei prontinha para nossa ... cavalgada.

Não falei nada, o sorriso sumindo aos poucos. Por fim, Tininha mandou-me um beijo com a mão fechada, olhou com sensualidade para meus amigos que não desgrudavam os olhos dela e saiu rebolando para perto de suas amigas.

- Cara, você é doido! – Reclamou Dado. – Se fosse eu dava umazinha com ela na caminhonete e depois voltava. Ela esfregou na tua cara!

- E eu ... – Resmungou Tertúlio, ainda de olho nela. Depois me encarou, curioso: - Ela faz aquilo tudo pelada?

- Cuide da sua vida. – Falei baixo e acabei com a minha cerveja. Só um babaca contava sua transa com uma garota para os outros, por mais que quase todos os outros já soubessem como a garota em questão era na cama.

- O teu problema é que é feio demais, Tertúlio. – Debochou Rubinho. – Nem a Tininha te dá mole.

Eles ficaram de implicância um com o outro. Calado, olhei na direção de Gabriela. Só para ficar gelado e depois mais puto ainda.

Não olhava para mim, como se eu nem existisse. Sorria e conversava com um rapaz alto, moreno e bem apessoado que tinha se aproximado da mesa dela e agora se sentava ao seu lado. Reconheci imediatamente Felipe Vasconcelos, um dos capatazes da fazenda há uns três anos. Era um cara legal e que causou rebuliço com as solteiras lá, ao se mudar para trabalhar na Falcão Vermelho. Tinha vinte e cinco anos e ninguém sabia de confusão com ele. Poderia ser um tipo confiável pra deixar paquerar sua irmã. O problema era que ela não era só uma irmã para mim.

Senti o ciúme me corroer violentamente, a ponto de apertar meu peito. Não tirei os olhos deles, como conversavam e sorriam, como Felipe parecia charmoso e olhava para Gabriela. E como ela retribuía, sem nem ao menos me mandar um olhar.

Mesmo sabendo que o que tínhamos era proibido, que nunca poderia se repetir e que Gabriela um dia se interessaria por outro rapaz, bem provavelmente teria um relacionamento sério, eu temia desesperadamente aquele dia. Ficava desesperado só de imaginar algum outro tendo o que eu queria para mim, tocando-a, beijando-a, fazendo tudo que eu não poderia fazer. Era um sentimento atroz,

controverso, apavorante. Eu não estava preparado para aquilo, embora tentasse seguir com minha vida e afastá-la cada vez mais de mim.

Sem poder parar de olhar para eles, angustiado, pouco percebi o que aconteceu à minha volta. Zenaide voltou com mais cerveja e bebi, mas a sensação que eu tinha era de que nem respirava, que estava ali como um guarda, só tomando conta de Gabriela, esperando qualquer oportunidade para ter a desculpa de interferir.

Sabia que estava sendo irritante com ela. Eu a evitava, não deixava que chegasse perto de mim e quando me dirigia a ela era sempre com rispidez, uma maneira que encontrei de mantê-la mais distante e me proteger. Mas sentia uma falta danada das nossas conversas, do companheirismo que sempre tivemos, da comunhão e da ternura que nos envolvia quando apenas ficávamos na varanda vendo o pôr do sol e jogando conversa fora, ou das vezes em que a ensinei a tocar violão e depois tocávamos juntos. Sempre fomos como unha e carne, onde estava um se podia encontrar o outro. E agora, mal trocávamos duas palavras.

Mas quem podia me condenar? Eu tentava fazer o certo e a maneira mais segura de lutar contra aquela paixão e aquele amor sem limites que eu sentia por ela era afastando-a de mim, fazendo com que desistisse de me convencer do contrário. Mesmo assim, o medo sempre estava lá. Medo de não resistir e fazer uma loucura, que seria com certeza uma tragédia em nossa família. Medo que ela aceitasse de vez que deveríamos ser só irmãos e arrumasse um namorado sério, se apaixonasse por outro. Eu dizia a mim mesmo que era isso que deveria acontecer, mas ficava completamente desesperado. Como estava naquele momento.

Sequei o copo, enquanto o enchiam. Os rapazes falaram, se levantaram para jogar sinuca, empurraram meu ombro me chamando. Resmunguei e não saí dali. Não vi nada que aconteceu à minha volta. Esqueci que Tininha existia. Só fiquei lá, bebendo e de olho em tudo que acontecia na outra mesa, como se estivesse preparado, esperando só uma desculpa para intervir.

Gabriela nenhuma vez olhou na minha direção. Parecia muito à vontade sorrindo e conversando com Bel e Felipe, tomando seu refrigerante, gostando de receber a atenção do rapaz. Observei-o com atenção, irritado por saber que era um rival à altura, inteligente e educado, mas ao mesmo tempo atraente, do jeito que a mulherada parecia gostar. Dei de ombros, como se pouco ligasse. Mas eu ligava. Eu estava cem por cento naquela mesa, cheio de ansiedade e angústia, cheio de raiva e ciúmes.

Parei de beber, pois estava ficando tonto. Os rapazes voltaram, falando em ir embora. O sábado não tinha sido muito proveitoso para eles, ninguém se deu bem com as garotas que tentou pegar. Alerta, vi Felipe pedir a conta ao garçom e algo me ocorreu. Já era de madrugada e como Gabriela ia para casa? Pegar uma carona com Felipe?

Na mesma hora me levantei, depois de dar minha parte do dinheiro para pagar as bebidas, enquanto dizia aos rapazes que se preparavam para sair que os encontraria lá fora. Irritado, dei-me conta que vim de carona, deixei meu carro na fazenda. Mas aquilo não me impediu. Daria meu jeito, mas não deixaria de jeito nenhum Gabriela ir para casa sozinha com ele. Decidido, fui até a mesa em que estavam.

Ela me fitou, séria, sem disfarçar o olhar de raiva. Sabia que era pelo show que Tininha tinha dado para mim. O ciúme era nosso velho companheiro, por mais que tentássemos lutar contra ele.

- E aí, Joaquim? – Felipe me cumprimentou com um sorriso. Não éramos exatamente amigos, mas sempre nos demos bem. Até ali. Encarei-o sério e acenei com a cabeça, voltando a olhar para Gabriela.

- Vamos para casa, eu te levo. – Falei secamente.

- Pelo visto, você está cheio de companhia para hoje. – Disse de maneira ácida e soube que não se referia aos rapazes, mas à Tininha, que continuava lá entre suas amigas. Cerrei o maxilar. Pensei como eu poderia sair daquela, convencê-la a ir comigo, se o carro já estava cheio. – Vou ficar um pouco mais e depois pego uma carona com Felipe.

- Pode ficar tranquilo. Quando eu sair, deixo Bel em casa e depois levo Gabriela em segurança para a fazenda. – Assegurou Felipe, seus olhos negros honestos e seguros.

“Engana outro!”, tive vontade de berrar, sabendo bem a segurança que ele tinha em mente para Gabriela. Não respondi a ele. Olhei-a e falei duramente:

- Sabe que Theo não vai gostar nada de saber que veio para cá, quando devia estar na casa de Bel. E que foi para casa de madrugada sozinha com um dos funcionários, Gabriela. – Usei a única arma que poderia convencê-la, pois sabia como nosso irmão mais velho era intransigente em algumas coisas e a superprotegia.

- É só você não dizer. – Retrucou irritada.

- Eu vou dizer. – Sorri sem vontade, cada vez mais decidido. – Agora vem comigo.

Felipe e Bel ficaram em silêncio. Eu e Gabriela medimos força pelo olhar e pensei que me mandaria cair fora, tamanha a raiva que parecia exalar dela. Mas algo a fez capitular. Talvez prevendo os possíveis problemas que teria com Theo.

- Desculpem. Vou com meu irmão. – Frisou bem a palavra irmão, inclinando-se para dar um beijo na bochecha de Bel e depois sorrindo para Felipe. – Você a leva em casa?

- Claro, fique tranquila. – Ele sorriu de volta. Mantive-me sob tenso controle, vendo o modo que a fitava e que ela retribuía. Era uma paquera clara, que me deixou possesso, com punhos cerrados, maxilar doendo de tanto apertá-lo.

Despediram-se e acenei a cabeça para eles antes de acompanhar Gabriela pelo salão. Os

rapazes já tinham saído, mas antes que alcançássemos a porta, Tininha se enfiou em nosso caminho, sorridente.

- Gabi, quanto tempo, querida! – Animada, beijou-a nas duas faces, olhando-a de cima abaixo. Piscou: - Você como sempre linda, parecendo uma bonequinha! Ah, não acredito que já vão embora! Joaquim, como assim? E eu, meu negão?

Onde ela tinha tirado aquela história de negão? Talvez da música que tinha dançado mais cedo. Era só o que me faltava. Fui o mais sucinto possível:

- Vou levar minha irmã para casa.
- Poxa! – Estalou a língua, chateada, mas depois sorriu. – Mas é sua irmã! Vou deixar passar só por isso! Agora, se quiser volta, vou fazer mais uma horinha aqui te esperando.

Seu tom e seu olhar não deixavam dúvidas para que. Eu podia sentir a raiva de Gabriela, sem nem olhá-la. E segurei seu braço, dizendo a Tininha:

- Depois a gente se fala. Tchau.
- Tchau, querido. To por aqui. Tchau, amada.
- Tchau, Tininha. – Ela disse entredentes, saindo comigo. Na porta, puxou o braço com irritação e foi na frente até lá fora, ignorando-me.

Que noite!

GABRIELA

Minha vontade era a de socar Joaquim. Homens! Ridículos! Todos eles. Mas principalmente aquele ao meu lado.

Estava furiosa. Morta de ciúmes e de raiva, doida para gritar umas boas verdades na cara dele. Aquele show de Tininha tinha sido o fim da picada. Totalmente sexual e pornográfico, deixando bem claro o que os dois costumavam fazer. Minha vontade era de nunca, mas nunca mesmo, sentir mais o que eu sentia. Mas como controlar sentimentos tão fortes e antigos?

Quando Felipe se aproximou, indaguei a mim mesma porque não sentia aquela loucura toda por ele e por outros rapazes? Eu tinha que seguir minha vida, como Joaquim fazia com a dele. Parar de fazer meu mundo girar em torno de alguém que deveria ser só meu irmão. O problema era que não era somente meu irmão. Era muito mais. Por isso todo meu desespero.

Ainda estava dominada demais pelas emoções para pensar com clareza, mas sentia um ódio mortal dele naquele momento, imaginando-o fazendo um monte de coisas com Tininha enquanto eu me

remoía de saudades dele. Safado! Era isso que queria? Pois teria. Se podia levar sua vida adiante, como se eu pouco fizesse parte dela, eu faria o mesmo.

Segui com ele até o estacionamento e vi os rapazes da fazenda encostados em uma velha caminhonete. Olhei em volta, buscando o 4x4 de Joaquim ali, mas não estava em parte alguma. Franzi o cenho. Dado indagou surpreso:

- Gabriela vai com a gente?

- Vai. – Joaquim disse decidido. Os outros se entreolharam. Na mesma hora virei para olhá-lo acusadoramente:

- Só tem esse carro para todo mundo? Aonde eu vou? Em cima do teto?

- Daremos um jeito. – Resmungou.

- Jeito? – Eu nem tentava disfarçar a irritação toda e a raiva que purgava de dentro de mim. – Não me deixou pagar uma carona com Felipe para ir apertada nesse carro cheio de homens?

Os outros estavam quietos, nos olhando sem graça.

- Está comigo. Sou seu irmão. Deve ir para casa ...

- Isso é piada! – Eu o interrompi, rindo sem vontade. Já ia sair, voltar para o Bar, mas ele agarrou meu braço com força.

Bastava aquilo, um toque, para que meu corpo todo reagisse. Tinha tanto tempo que não encostava em mim! Mesmo em meio à raiva, lembrei das tantas vezes que me abraçou e foi carinhoso no passado e fiquei angustiada, cheia de saudade de um tempo que não podia voltar. O desejo entre nós tinha destruído quase toda a amizade anterior, ainda mais daquele jeito, quando lutava tanto contra mim.

- Me solta! – Tentei puxar o braço, mas agarrou firme e abriu a porta de trás com um safanão, dizendo puto:

- Você vai comigo e acabou, nem que tenha que te amarrar!

- Para com isso, Quim!

- Para você!

Os outros olhavam impressionados, o que deviam achar ser uma briga de irmãos. Rubinho gaguejou:

- Cara, mas como ela vai?

Não havia jeito e olhei para Joaquim, enfrentando-o, parando de tentar me soltar. E vendo que nem ele sabia como me enfiaria naquele carro, tive uma ideia. Não fiz pensando em seduzi-lo, pois estava furiosa demais com ele para isso. Mas para provocá-lo, deixá-lo em uma situação desconfortável. Sorri e disse mansamente:

- Só há um jeito. Vou no colo do meu irmão.

Vi seus olhos amarelados como de um gato ficarem alertas, fixos. Não reagiu, imóvel. Tertúlio concordou, dando a volta no carro e indo se sentar logo no carona na frente:

- Eu que não sento no colo de ninguém! É o jeito, vamos logo!

Wallace assumiu o volante. Dado e Rubinho se apertaram atrás, dando espaço suficiente só para Joaquim sentar. Eu provoquei mais:

- Vamos, irmão? Ou mudou de ideia? Felipe pode me levar.

Pensei que fosse me sacudir e dar umas palmadas, tão raivoso parecia. Mas não disse nada nem soltou meu braço. E se acomodou, me puxando para seu colo.

Estremeci ao sentar sobre suas coxas duras e me segurar no encosto da frente, enquanto ele batia a porta e Wallace ligava o carro. Não olhei para os lados e fiquei paralisada. Joaquim também não me tocou, seus braços em volta do meu corpo esticados, suas mãos firmes no encosto também. Estávamos duros e tensos, ainda mais quando o carro pegou a estrada.

O silêncio ali era sepulcral. Até que Tertúlio ligou o rádio e uma moda de viola antiga encheu o ambiente, em uma espécie de lamento. Wallace prestava atenção em dirigir enquanto circulava pelas ruas calçadas do centro de Florada naquela madrugada em que quase todo mundo dormia. Ao nosso lado, Rubinho encostava a cabeça no banco e puxava o chapéu para o rosto, cheio de sono. Na ponta, Dado olhava pela janela.

Era impressionante como naquele carro cheio eu só podia pensar em Joaquim, como se estivéssemos sozinhos. Percebi que prendia a respiração e fechava os olhos, consciente demais do seu corpo, das sensações únicas e ardentes que provocava em mim, a raiva cedendo a um desejo sem igual, avassalador, que me consumia sem controle.

Quando o carro passou em um quebra molas e sacudiu, fui jogada um pouco para cima e caí sentada mais atrás, exatamente sobre o volume do seu sexo. Fiquei vermelha e paralisada ao sentir o quanto estava grande e duro sob a minha bunda e estremeci violentamente, mordendo os lábios para não arquejar. Joaquim estava muito quieto, sem se mover. Sabia que devia ir mais para frente, para suas coxas e joelhos, mas não o fiz. Continuei lá, sentada em cima do pau dele, enquanto o carro pegava a estrada de terra batida cercada por dois lados de campos, o farol alto iluminando o caminho, e sacolejava.

Era como me esfregar nele. O tesão veio violento e a respiração ficou pesada, enquanto eu não aguentava e agarrava mais forte o encosto, olhando fixo para frente sem ver, movendo suavemente minha bunda, quase que sem notar, como se acompanhasse o movimento do carro. Os outros nem notavam, cansados, sem nos olhar. Joaquim continuava imobilizado, duro, enquanto eu ia um pouco mais para trás, encostava o final das minhas costas em sua barriga, me acomodava toda em cima dele.

Ah, que delícia! Quanto tempo não o sentia assim, tão excitado contra mim, tão pronto! Cada músculo de seu corpo parecia rígido, sua masculinidade gritando, sua força me consumindo. Fui dominada pelo desejo voraz, pela saudade latente e, desavergonhadamente, sem ter como pensar, sem poder resistir, eu passei a me roçar devagarinho contra seu pau.

Minha vagina ficou quente e molhada, palpitando, encharcando a calcinha. Minha pele ardia. O coração batia descompassadamente e a respiração era pesada, embora eu lutasse para segurá-la. Os seios doíam, inchados dentro do sutiã. Fechei os olhos. E deixei a paixão vir, sem controle, com voracidade estonteante.

O carro sacolejava em cada buraco. E eu continha os gemidos, pois assim minha bunda o pressionava mais, massageava seu pau, a ponto de Joaquim não aguentar e tirar a mão que estava perto da porta do encosto e segurar minha barriga com firmeza. Pensei que me forçaria para frente e para longe, mas se espalmou ali e me encostou mais nele, de modo que senti sua respiração pesada na lateral do pescoço, arrepiando-me, deixando claro que estávamos a ponto de cometer uma loucura ali, cercados pelos outros. Mordi os lábios para não gemer e estremeci de novo ao sentir seus dedos espalmados, firmes sobre o tecido da camisa.

Imagens de nossos corpos nus, das carícias sôfregas, dos beijos apaixonados, me devoraram e lutei comigo mesma por um resquício de consciência. Tentei pensar em Tininha para ficar com raiva, mas tudo o que via e sentia era Joaquim. Eu ardia em chamas de tesão, eu queria me virar e buscar sua boca, eu precisava desesperadamente de mais. Era a primeira vez em mais de um ano que ficávamos tão próximos, tão excitados juntos, como fazíamos antes.

Não sei quanto tempo levou para chegarmos à fazenda, mas pareceu uma eternidade. E foi uma tortura esfregar lentamente minha bunda nele, sentir como estava duro e pronto, como me segurava e cheirava meu cabelo. Eu fechava os olhos e cerrava os dentes, lutava e não lutava, fingia para os outros, mas ao mesmo tempo perdia o controle e continuava naquela loucura toda, alucinada, tremendo, arrebatada.

Então a caminhonete parou em frente ao casarão em silêncio, com a luz de fora acesa. Eu abri os olhos e contive o ar, sabendo que teria que sair, perder aquele contato que eu almejava mais do que tudo. E me dei conta de que ficaríamos sozinhos.

CAPÍTULO 3

GABRIELA

*Eu conto com você
Nos momentos de desejo
Eu quero só você,
Doce gosto dos meus beijos
Eu conto com você
No calor da nossa cama
Você finge que não vê
Que eu morro por você
Adormece e não me ama
E eu fico aqui do lado
Amanheço acordado
Com você na mesma cama*

*Foge de mim
Faz tudo errado
Me nega carinho
Me deixa sozinho
Me deixa arrasado
Foge de mim
Você me apronta
Estou no sufoco
Estou quase louco
De cabeça tonta*

*Eu quero com você
O que todo homem quer,
Os delírios e os afagos
No prazer de uma mulher
Eu quero com você
O que um amante ganha
Quero seu amor bandido
Seu desejo proibido
Nesse corpo que me assanha
Quero amor sem preconceito
Liberado e do jeito
Que todo homem sonha*

(Foge de mim, Chitãozinho & Xororó)

A caminhonete parou em frente ao casarão da Fazenda, iluminado apenas na frente, portas e janelas fechadas, tudo silencioso. Eu tremia, muito excitada, ardente, quase fora de mim.

- Chegamos. – Avisou Walace sem necessidade.

Eu queria agradecer, dizer alguma coisa, mas estava sem condições. E Joaquim parecia do mesmo jeito, pois sem uma palavra escancarou a porta ao seu lado, segurou minha cintura e me ajudou a sair bruscamente. Na mesma hora já virava para fora e pulava, de costas para os amigos, batendo a porta atrás de si, só então resmungando:

- Valeu.

A caminhonete se afastou e nem sei direito como me mantinha, pois estava com as pernas bambas. Dei alguns passos em direção à varanda no silêncio da madrugada, meu coração disparado, meu corpo todo ardendo, embriagado de tesão. Não subi os degraus e olhei para Joaquim, que parou ao meu lado. Eu o sentia duro, teso, rígido. Mas em meio a pouca iluminação, não podia ver seu rosto, pois o chapéu o sombreava. Somente o contorno anguloso do seu maxilar e o furinho pronunciado do queixo.

- Quin ... – Murmurei, mas ele logo me interrompeu baixo e duramente:

- Entre, Gabriela.

Virei totalmente para ele, desejo e raiva se mesclando ao ver que ia continuar a me ignorar, como a fingir que não tinha acontecido nada no carro. Respirei fundo e não me movi.

- Entre. – Ordenou de novo, como se também estivesse com raiva.

- Você gostou. – Falei entredentes, dando um passo pra frente, tão furiosa que fui empurrar seu chapéu para longe, para ver seu rosto. Só que ele foi mais rápido e agarrou meu pulso. Fui com a outra mão e agarrou-a também. Eu me sacudi. Mas falei baixo, tremendo: – Fingido! Você é um fingido! Foge de mim, mas fica com ciúme de Felipe! E depois me agarra naquele carro!

- Não fiquei com ciúmes. Nem te agarrei! Você que sentou em cima de mim e ...

- E você me apertou, seu safado! – Tentei me soltar, com ódio, mas me mantive firme. Então me coleí a ele, partindo para cima, dizendo perto de seu queixo: - Confesse logo de uma vez! É isso que quer, não é? Hein?

E me esfreguei em seu corpo, mordi seu pescoço bronzeado e quente. Na mesma hora me soltou e deu um pulo para trás, como se tivesse tomado um choque. Fitei seus olhos amarelados, cheios de luta entre o medo e o desejo, pois ficou sob a iluminação da varanda e com o queixo erguido.

Respirávamos irregularmente. Por um momento não dissemos nada, apenas nos olhamos. Senti dor no peito, de tanto que eu o amava. Queria abraçá-lo, beijá-lo, ser toda dele. Tinha raiva porque não queria nem conversar, nem enfrentar tudo comigo e, desesperada, pensei em algum meio de fazê-lo mudar de ideia.

Sem poder conter a luxúria, meus olhos desceram por seus ombros largos e peito musculoso, até a frente do seu jeans estufado. A coluna grossa e longa do seu pau estava ali, bem marcada,

tirando meu ar. Quando viu pra onde eu olhava, Joaquim meio que se virou de lado, disfarçando, apontando para a varanda:

- Vamos entrar logo antes que alguém acorde.

Devia achar que eu ia obedecer, só porque usava aquele tom irritado e autoritário, mas continuei no mesmo lugar. Quando me lançou um olhar, eu perdi a cabeça de vez. Levei os dedos aos botões da frente da minha camisa e comecei a abri-los. Seus olhos se arregalaram, estáticos.

A madrugada silenciosa era cortada apenas pelo barulho de grilos e cigarras. Nem os cavalos relinchavam ou o gado mugia. E por isso eu parecia ouvir meu coração batendo loucamente no peito, meus dedos trêmulos, mas meu olhar decidido no dele.

- O que está fazendo? – Perguntou baixo, engolindo em seco.

Não respondi. Quando chegou ao último botão, abri a camisa branca toda e cheguei as abas para os lados, expondo meus seios cobertos pelo sutiã branco rendado, minha barriga nua.

- Gabriela ... Sua maluca, o que ... – Olhou em volta rapidamente, nervoso. – Pode ter alguém de olho. Feche essa camisa!

- Dane-se! – Exclamei, fora de mim, já levando as mãos ao botão da calça, desafiadora. – A partir de hoje, faço tudo o que quiser. Fico nua, se assim desejar. Está vendo esse corpo? Você não quer? Outro vai querer.

- Pare! – Veio puto até mim, tentando agarrar meus pulsos. Só que fui mais rápida, correndo para a lateral da casa, ainda ouvindo seu palavrão abafado: - Porra!

Veio atrás de mim, um pouco assustado com minha reação, mas me esgueirei pelos fundos, onde havia as diversas plantas de nossa mãe, que eram cuidadas todos os dias e formavam um caramanchão e um quase labirinto de bancos e roseiras. Ele agarrou meu braço entre elas, perto de um banco, ambos protegidos de qualquer olhar ali no meio e na quase escuridão. Exatamente como eu queria. E aí ataquei.

Virei como uma leoa, agarrando-o com toda minha força, derrubando-o sentado no banco atrás de si enquanto Joaquim xingava. Fui para cima vorazmente, agarrando seu rosto, beijando sua boca, montando em seu colo. Tentou levantar, mas me esfreguei, enfiando a língua em sua boca. E mais uma vez ele ficou alucinado e perdeu a razão.

Quando enfiou a língua em minha boca e me agarrou, eu gemi baixinho, derrubando seu chapéu, meus joelhos sobre o banco, movendo meu quadril como por instinto, esfregando minha vulva em seu pau. Senti suas mãos grandes e calosas rasparem minha pele nua nas costas, levando-me mais para ele, apertando-me até tirar meu ar, como se não fosse me soltar nunca mais, o que era o que eu mais desejava.

Eu o amava tanto! Faria qualquer coisa por ele! Qualquer loucura, desde que o convencesse a

ficar comigo. Sabia que o mundo inteiro ficaria contra nós, mas se estivesse ao meu lado, poderíamos enfrentar tudo. O problema era sua teimosia, suas dúvidas, sua culpa. Pois sabia que seria uma tragédia convencer nossa família, o caos se instalaria ali. Mas eu estava disposta a tudo por ele.

Enfie os dedos entre seus cabelos densos e bem curtos, suguei sua língua, arfei e estremeci em seus braços, a saudade dos seus beijos e do seu toque me arrebatando, me deixando louca de tanto desejo e tanto amor, tirando meu ar. Ainda mais quando uma de suas mãos apertou minha bunda, pressionando-me contra ele e a outra subiu por minhas costelas do lado direito, erguendo bruscamente o sutiã, fechando-se em volta do seio até que ele sumiu dentro de sua palma e dedos.

Enlouqueci de vez e o cavalguei, ronronando em sua boca, desvairada. Com um resquício de consciência lembrei de como cada dia daquele ano foi difícil longe de Joaquim, das vezes em que rolei febril entre os lençóis desejando aquilo, querendo estar de volta perto dele, sentindo-o, vendo seus olhos amarelados arderem por mim, tendo-o tão próximo que poderia se fundir à minha pele. E choraminguei desesperada enquanto me beijava com tanta volúpia e paixão e me pegava como se fosse mesmo dele, só dele.

Bruscamente desceu a boca por meu queixo e joguei a cabeça para trás, meus cabelos balançando, dando-lhe acesso à minha garganta, indo ao delírio quando me ergueu e mordeu com força um mamilo. Engasguei e soltei um gemido angustiado no silêncio da noite, em meio ao esconderijo e ao segredo dos caramanchões. Inclinou-me até que meu cabelo roçava seu joelho e sugava meu brotinho, fazendo o tesão me percorrer como um rio violento, arrasador.

Mamou em mim como costumava fazer, daquele seu jeito furioso, de quem não tem controle sobre os próprios instintos e tira tudo que quer, meu corpo se sacudindo sem freio, a sucção me pressionando e levando ao limite, enquanto eu esfregava insanamente minha vagina contra a coluna do seu pau e agarrava sua cabeça, entregue, a ponto de gozar assim.

Tinha perdido mesmo a cabeça, dominado pelo tesão, pois me deitou sobre o banco de pedra, ajoelhado, sem tirar meu mamilo da boca, suas mãos descendo e abrindo a minha calça, puxando-a rudemente para baixo com calcinha e tudo, até o meus joelhos. Deixei os braços caírem inertes ao lado do corpo, minhas mãos roçando o chão, enquanto fitava o céu totalmente estrelado sobre as nossas cabeças e sentia, como que dopada de tanto prazer, o que fazia comigo.

Joaquim agarrou minhas pernas juntas e as ergueu, empurrando-as em minha direção, de modo que os joelhos encostaram em meu peito e minha bunda e vagina ficaram totalmente expostas para ele. Na mesma hora abracei minhas coxas, tirando o quadril do banco, nua e erguida para seu olhar.

- Ah, porra ... porra ... – Rosnou e desceu a cabeça, enquanto eu mordida os lábios para não gritar de puro tesão ao sentir sua língua indo bem no meio da minha rachinha, entrando em mim,

tomando duramente o mel quente que descia sem controle. Entrei em combustão e choraminguei, tremendo, enquanto agarrava e abria minha bunda e me lambia gostosamente por dentro.

Era narcotizante, viciante, enlouquecedor. Em segundos perdi a razão e me tornei uma extensão do prazer, agarrando minhas penas, palpitando, despejando rios na língua dura e decidida que tomava tudo de mim. E ela subiu lenta até meu clitóris, a ponta umedecendo-o, deixando-o mais rígido e dolorosamente empinado, a quentura se espalhando da vagina para meu ventre e daí para todo corpo. E então veio seu dedo longo e grosso, a ponta indo entre os lábios inchados e sensíveis, entrando em mim. Eu me sacudi arrebatada, arregalando os olhos para o céu, implorando silenciosamente por mais.

No entanto, parou ao sentir a barreira da virgindade e ficou me penetrando devagar só até ali, deixando-me louca ao enfiar o clitóris na boca e chupá-lo com força.

- Ah ... – Deixei escapar, sabendo que não aguentaria aquela pressão toda, que o tesão se avolumava dentro de mim como uma bola de fogo, violentamente. E como para completar a tortura, o dedo todo melado escorregou para baixo e forçou a entrada do meu ânus apertado. Poucas vezes o havia enfiado ali, sempre me deixando ainda mais louca e escaldante. E quando passou a fazê-lo, metendo-o em mim devagar mais com firmeza, eu passei a choramingar e me sacudir, sussurrando: – Quin ...

Afastei as pernas erguidas para os lados, ainda abraçando-as, buscando-o com o olhar desesperado de tanta paixão e tanto amor, vendo seu contorno, sua cabeça entre minhas coxas ao me chupar e penetrar, seus ombros largos recortados contra a penumbra da noite. O dedo foi todo em meu cuzinho e voltou, só para entrar de novo, mais bruto, enquanto deixava o clitóris muito inchado e metia de novo a língua em minha vulva escaldante, sua outra mão mantendo minhas pernas contra meu peito.

Arquejei, sabendo que ia gozar daquele jeito, que estava por um fio. Meu corpo incendiava e ondulava sem controle, eu rodopiava em um céu de tesão desconexo enquanto seu dedo me sodomizava e sua boca me arrebatava. Mas precisava de mais. Eu o queria todo dentro de mim, pesando em meu corpo, fitando meus olhos enquanto me comia duramente. Passei muito tempo sonhando com aquilo, desejando, meu corpo exigindo o dele, mais completo, mais meu. E implorei baixinho:

- Por favor, Quin ... Faça amor comigo ...

Minha voz rouca no meio daquelas plantas, daquele esconderijo silencioso, penetrou em sua mente, em seu tesão. Ergueu a cabeça, parte de seu rosto na escuridão, mas seus olhos brilhando tanto que pareciam de um gato, fixando os meus, ondas de paixão vindo de seu corpo. Seu dedo parou lá, todo dentro de mim, enquanto o sentia lutar, razão e tesão travando uma batalha.

- Eu quero você ... Preciso de você

Estremeceu, o ar saindo pesado de seus lábios. E sacudiu a cabeça, a palavra curta saindo em um arquejo:

- Não.

- Sim ... Por favor, me faça sua ...

- Não. – Estava imóvel, como se temesse que qualquer movimento o fizesse perder o resto de controle que ainda tinha. E era isso que eu queria, disso que eu precisava. Por esse motivo movi o quadril e a bunda contra seu dedo, deslizando meu cuzinho nele, deixando-o sentir como eu queria, sem tirar meus olhos implorantes e apaixonados dos dele.

- Vem, mete em mim ... Faça o que quiser comigo.

Joaquim lutava bravamente, duro como uma rocha, a respiração desconexa, o corpo exalando tesão puramente masculino. Era tão intenso que eu podia sentir seu desejo, sua vontade de jogar tudo para o alto e me foder como um animal, mas parte de sua consciência o continha, o mantinha no limite.

Minha vagina latejava, escorrendo. Gemi e movi de novo minha bunda sobre seu dedo, dizendo rouca:

- Quero ser sua mulher ...

- Não vou tirar sua virgindade. – A voz era muito baixa, quase inaudível. Mas eu soube que ganhava a batalha, pois meteu o dedo mais duramente, seu polegar indo em minha vulva, seu gemido angustiado ganhando a noite ao me sentir tão melada e fervendo.

- Então come o meu cuzinho ... – Pedi fora de mim, pois nunca tinha penetrado seu pau em mim, a não ser em minha boca. E eu queria mais, precisava desesperadamente de mais.

- Caralho ... – Arfou, sua luta se perdendo, ainda mais quando eu rebojava daquele jeito, fazendo-o sentir como meu ânus também estava molhado, lubrificado. Sacudiu a cabeça. – Não posso ...

- Pode. Come meu cuzinho, Quin ... – Voltei a suplicar dolorosamente excitada, ansiosa, fora de mim.

E então ganhei. O tesão gritou mais alto. Puxou os dedos de dentro de mim rápido, o suficiente para levá-los até sua calça jeans e abri-la de um safanão, colocando o pau teso e grosso para fora, ajoelhado no banco atrás de mim. Sua mão voltou, apenas para espalhar meus líquidos abundantes na entrada do ânus, a outra mão pressionando meus joelhos contra os seios nus, seus olhos incendiados na penumbra. Respirava irregularmente, como um touro prestes a investir e atacar. Perdi a razão de vez e choraminguei baixinho, precisando desesperadamente de mais. E Joaquim me deu.

Veio com tudo. Não foi delicado, não me preparou mais, como se seu controle e sua razão

estivessem por um fio, uma capa vermelha diante de seus olhos. Um gritinho rouco e doloroso escapou da minha garganta quando a cabeça grande e robusta do seu pau forçou o orifício além do seu limite e entrou. Na mesma hora deitou-se mais sobre, forçando minhas pernas em meu ombro direito, entre nossos corpos, sua mão grande tapando minha boca. Senti lágrimas vindo aos meus olhos com a ardência, a queimação absurda do membro parecendo me rasgar ao entrar.

Joaquim parou com metade do pau dentro de mim, arquejando, fitando meus olhos, tentando conter sua fúria, seus instintos viris que o dominavam. E murmurou:

- Vou parar ...

Mas eu não queria que parasse. Em meio à dor ardida, à pressão terrível que parecia me invadir, eu tremia de tesão ali naquele banco, presa por seu corpo, com sua mão em minha boca e seus olhos nos meus. Era a primeira vez que o sentia assim, dentro do meu corpo, rompendo mais uma barreira, tomando mais de mim. E queria mais, precisava de mais.

Agarrei-o pela cintura e gemi contra sua palma quando movi meu quadril no pouco espaço que tinha, mostrando com meu corpo que precisava dele mais do que tudo, acabando com qualquer resquício de razão. As lágrimas escorreram pelos cantos dos meus olhos para meu cabelo, enquanto ele investia sobre mim rosnando, entrando todo, apertado e teso até o fundo.

Pude gritar contra sua mão, que abafava o som. Não pisquei, não desviei de seus olhos verdes amarelados com pupilas dilatadas. Agarrei suas costas, cravei as unhas sobre a camisa que cobria sua pele, deixei mansamente que me comesse como um macho esfomeado, passando a estocar dentro de mim, ganhar espaço, me fazer dele.

- Que delícia foder esse cuzinho apertado ... – Deixou escapar, fora de si, movendo os quadris para frente e para trás devagar, entrando, devorando, me fazendo aceitá-lo mais e mais.

Fui golpeada pelo tesão violento, por um prazer sem limites e sem controle, extasiante. A dor, a ardência de ter meu ânus tão invadido e esticado pelo pau grande e grosso, apenas contribuía para as sensações arrebatadoras que me trespassavam em sua fúria, enquanto me penetrava mais e mais, até que dava estocadas longas e fundas dentro de mim.

Seus olhos domaram os meus, hipnotizando-me, fazendo-me presa, cativa de seu domínio. A mão continuava lá, firme em minha boca, abafando os meus gemidos, até que ele próprio gemia também, deitando-se mais sobre mim, investindo agora com força, duro e bruto, arreganhando-me mais para acomodá-lo apertado e rascante. Era pesado, grande, másculo. Então tirou a mão e substituiu pela boca, beijando-me com paixão, sua língua duelando contra minha, seus dedos indo apertar meu seio, esfregar o mamilo, bombardeando-me com sensações avassaladoras. E então desceram mais, entre nossos corpos, enquanto me fodia duro e me beijava fervorosamente.

Lambi sua língua, chupei seus lábios, movi-me contra as estocadas narcotizantes e amoriscadas

do seu pau que me deixava doida, enlouquecida de tanta paixão. E quando seu polegar rodeou meu clitóris e o pressionou, gritei em sua boca, choraminguei extremosamente, senti o corpo queimar e se esticar, beirando o precipício do prazer. Então meteu com uma violência sem pudor e controle, ele próprio mal se equilibrando, os sentimentos exaltados cobrando seu preço.

Sacudi-me e palpitei ferozmente, fazendo o orgasmo explodir com força total, me escaldando em sua intensidade, me levando em ondas e ondas gigantescas, enquanto seu pau inchava, enrijecia mais e despejava o gozo quente e denso dentro de mim, alagando-me, aumentando vertiginosamente o meu prazer. Eu chorei, o arranhei e gritei, mas fui contida e abafada, fui fodida como nunca na minha vida, fui dele de corpo e alma. Joaquim tomou tudo de mim e um pouco mais, foi meu homem, meu amor e meu algoz, bebeu do meu prazer e me deu o dele em gemidos roucos, beijos sôfregos, pegadas brutas.

E mesmo cheio de esperma, continuou a estocar em meu cuzinho dolorido e fervendo, que latejava, masturbando meu clitóris, arrancando de mim as últimas gotas de um gozo fulminante, estarrecedor. Pensei que fosse morrer, sem forças, sem direção de mim mesma, desgovernada, rendida. E só então ele parou, respirando pesadamente, descolando a boca e fitando-me com seus olhos pesados de luxúria.

Ficamos assim, só nos olhando, completamente colados e unidos, ligados por sentimentos golpeantes e autoritários, maiores do que qualquer comando racional, tão íntimos como duas pessoas podiam ficar. E no meio de tanta emoção, tanta lascívia e contato extraordinário, eu sussurrei brandamente, com o mais fundo do meu ser:

- Eu te amo, Quin.

Vi como ficou abalado. Por um momento, tive certeza que me diria o mesmo, mas fechou os olhos, respirou fundo. E por mais que eu tentasse segurá-lo, se ergueu, se afastou, saiu dolorosamente de dentro do meu ânus ardido, alagado por seu esperma grosso. Sentou-se no banco, fechando a calça, correndo os dedos entre os cabelos loiros e espetados.

Eu já tinha visto aquela cena inúmeras vezes e fui golpeada pelo desespero, ao abaixar as pernas devagar, dando um gemido. Estava dolorida e cremosa por baixo, mais consciente do meu corpo do que já estive um dia. Sentei no banco gelado, afastando o cabelo, olhando-o entre raivosa e suplicante. Porque eu sabia o que viria. Arrependimento.

- Não ouse se lamentar agora. - Falei baixinho, sem tirar meus olhos dele.

Joaquim virou a cabeça e me olhou. Metade do seu rosto era escuridão, mas a outra metade estava mais ou menos clara, denotando sua raiva consigo mesmo, sua indecisão. Mordeu o lábio carnudo, respirou fundo. E emendei logo:

- Já fizemos, Quin. Arrependimento nenhum vai apagar isso.

- Mas não devíamos ter feito. – Sua voz era dura, seu maxilar cerrado, sua expressão perturbadora. – Sou a porra de um animal. Pedro e Heitor tem razão quando me chamam de Touro. Não penso como gente.

- Pare ...

- Parar o quê? – Sua voz era baixa, rascante, seu olhar me perfurando. – De me sentir um merda? Um estuprador de irmã?

- Não sou sua irmã!

- É! Pra todo mundo você é!

- Mas não de sangue! Não para mim nem para você! Quando vai entender que o que temos é mais do que isso? É paixão, é ...

- Chega, Gabriela. – Passou de novo os dedos pelo cabelo, nervoso, se erguendo. Ia fugir, eu sabia. Ia continuar lutando contra mim, contra o que sentia, contra o que tínhamos.

Eu me levantei também, furiosa, tremendo, puxando minha calça e calcinha para cima. Mas deixei o jeans aberto, não fechei a camisa nem coloquei o sutiã no lugar. Senti seus olhos em meus seios, a briga que travava consigo mesmo, o desejo que ainda estava lá, latejando entre nós.

- Vai ser sempre assim, Quin? Eu implorando e te seduzindo e você fugindo depois de gozar?

- Fale baixo! Arrume essa roupa. – Exigiu nervoso.

- Por quê? – Abri mais a camisa, mostrando meus seios, expondo-me com um misto de raiva e mágoa. – Vai se tornar um animal de novo e me comer se eu te provocar bastante?

- Gabriela ... – Começou, ameaçador.

- Não é assim, Tourinho? Eu estendo o manto vermelho e você vem com tudo! Depois foge como um cordeirinho.

- Cala a boca ...

- Ou o quê? Vai comer meu cu de novo?

Parecia chocado que eu falasse assim, tão claramente. Senti que vacilou, fugindo do meu olhar, abaixando-se para pegar seu chapéu no chão e enfiar na cabeça, tentando recuperar o controle.

- Isso não vai tornar a acontecer. Nunca mais. – Disse entredentes.

Fiquei furiosa de verdade. Era a mesma coisa há mais de quatro anos, desde a primeira carícia e o primeiro beijo. Sua culpa, seu afastamento, sua fuga. E eu sempre mendigando mais, pedindo, suplicando, esperando por migalhas como uma maldita faminta. E sempre sendo repelida, afastada, negada. Enquanto eu despejava lágrimas e esperava por ele, Joaquim se divertia com as Tininhas da vida.

Nunca senti tanta revolta e fui consumida pelo ódio. Senti seu olhar quando abaixei o sutiã e comecei a abotoar a camisa com dedos trêmulos. Então ergui a cabeça e o fitei, dizendo baixo, firme

e decidida:

- Sim, não vai acontecer nunca mais. Sabe por quê? Porque cansei de ser eu a correr atrás de você. Depois me trata como se a culpa fosse minha por ser um maldito animal irracional. Chega! A partir de hoje, não quero que toque mais em mim. Porque não vou nunca mais ... Nunca mais, está ouvindo? Me jogar em cima de você. Vou procurar um homem que me ame e dê valor.

Isso o alertou. Deu um passo em minha direção, puto.

- Não fale merda!

- Merda você vai ver!

- Que homem? O que ...

- Não te devo satisfações. – E ergui o queixo, fechando a calça.

- Gabriela ... – Ameaçou, sem poder disfarçar o ciúme. – Se eu souber que você está transando por aí ...

- O que vai fazer? Virar um tourinho? Correr para contar para o Theo? – Ri, sem vontade, olhando-o com desprezo, o que o surpreendeu e deixou imóvel. – Tenho vinte anos. Posso transar com quantos eu quiser e não vai poder fazer nada, irmãozinho. Fique com a Tininha! Aproveite com ela. Porque comigo não terá mais nada.

Virei. Ouvi que me chamava baixo, que vinha atrás de mim. Se me tocasse, se me agarrasse, eu não ia resistir. Ia me humilhar de novo, implorar, cair aos seus pés querendo de novo suas migalhas. E assim, com o peito doendo e os olhos cheios de lágrimas, corri para casa e fugi dele.

JOAQUIM

*A carne é fraca, não sou de lata
O corpo pede, eu vou obedecer
É meu instinto, tudo o que sinto
Eu vou em busca do que dá prazer*

*Me deixei levar
Ah, foi de momento, não foi sem querer
Percebi no ar
Aquele cheiro que vem pra me enlouquecer*

*Sem me controlar
Tê pego, te abraço, te beijo na boca
Você se segurando, me diz não ser louca
Quer ter tudo no seu tempo
Tudo num certo momento ai, ai, ai*

*Sem me controlar
Tê pego, te abraço, te beijo na boca
Você se segurando, me diz não ser louca
Quer ter tudo no seu tempo
Tudo num certo momento ai, ai, ai*

Passei uma noite de cão, sem pregar os olhos. Rolei na cama, culpado, angustiado, cheio de tesão. Não podia acreditar no que tinha feito. Depois de tanta luta, tanto esforço por anos para me conter, facilmente tinha penetrado seu corpo mais do que havia me permitido, dando vazão a um desejo antigo e embriagador, que podava minhas forças, que me dominava como uma praga.

Não havia desculpas para mim. Fui um puto de um desgraçado, um aproveitador, um filho de uma égua. Ou melhor, de uma vaca. Como pude perder a cabeça daquele jeito em segundos, quando passei o último ano inteiro segurando meus instintos e minha gana por Gabriela? O que eu ia fazer agora.

Várias coisas passavam por minha cabeça, vários sentimentos me golpeavam sem dó. Culpado, pensei na garotinha ruiva e suja no colo da minha mãe, quando apareceu ali pela primeira vez. Só três aninhos, seus olhos castanhos ternos para mim, inocentes. As vezes em que a protegi, que andei de mãos dadas com ela pelos campos, que empurrei seu balanço. Eu a vi crescer, senti que devia estar perto dela, quis isso mais do que tudo. Em que momento meu amor fraternal mudou? Como podia uma coisa daquelas?

Lembrei que Gabriela sempre estava atrás de mim. Apesar de ser querida e paparicada por todos, de ser a princesinha da casa, eu era seu ponto de apoio e equilíbrio. Foi assim quando minha mãe morreu e ela só tinha cinco anos. Mesmo sem quase falar, mergulhada em seu mundo, minha mãe só saía dele por Gabriela. Sorria, penteava seu cabelo, sentava-a em seu colo na cadeira de balanço no final de tarde e as duas ficavam quietas, vendo o sol se pôr, como mãe e filha de verdade. Havia algo que minha mãe encontrou nela e não na gente, algo que reconheceu como seu. Mesmo sem seu sangue, foi mais sua filha do que nós.

Quando morreu, Gabriela ficou perdida, sem entender, buscando-a pela casa. Dava dó vê-la sentada na cadeira de mamãe, sozinha e desolada. Até nosso pai, sempre duro e inacessível, ficava incomodado, mandando o tempo todo Tia cuidar dela, ver se precisava de alguma coisa. Theo, Pedro e Heitor tentavam distrai-la, compravam presentes, levavam-na para passear, mas nada tirava aquela tristeza. Nada, até eu, com onze anos, sentar ao seu lado e segurar sua mão.

Então Gabriela voltava aqueles olhos doces para mim e sorria. E confiava. Ia comigo para qualquer lugar, jogava bola, aprendia a empinar pipa, corria pelo quintal, deixando que eu aliviasse sua tristeza. Havia algo profundo e único entre nós, desde o início, nos ligando. Todo mundo via e sabia. Tia dizia que éramos irmãos de alma, assim como ela foi filha de alma da minha mãe.

E isso era pior que tudo. Saber que traí aquele sentimento, que a corrompi, que ultrapassei todos os limites. A alma de minha mãe devia me condenar e odiar, como meu pai e meus irmãos

fariam se descobrissem. Pois todos viam nossa relação como de irmão e irmã, unidos e ligados, até mesmo nas brigas. Acostumaram-se com nossa ligação, achavam aquilo natural. Na cabeça deles, Gabriela era do nosso sangue e ponto. O fato de não ser tinha se perdido no tempo. Seria um choque saberem até que ponto havíamos chegado.

Não conseguia me conformar por ter feito sexo anal com ela, como um animal no cio, sem freio nem brio, sem respeito. E ao mesmo tempo meu corpo ardia, meu pau doía, eu sentia o desejo pecaminoso me varrer por dentro e por fora como um vício incontrollável, ansiando por mais. Sentia com perfeição o canal apertado, quente e úmido me puxando para dentro, a textura macia e justa em volta do meu membro, seu cheiro me deixando doido, sua língua na minha. Podia sentir sua pele na ponta dos dedos e ver a lascívia derretida em seu olhar entregue, todo pra mim. Era uma loucura, uma droga, uma tortura.

Não sabia mais como lutar, o que fazer. Eu me rasgava por dentro, entendia que devia lutar, que não tinha coragem de destruir minha família e trazer mais tragédia, se não bastasse as que já tivemos. Não suportaria ver o olhar de censura e de desprezo de Theo, que sempre confiou em mim, que me criou para ser um homem decente e justo. Estava além das minhas forças comprar uma briga daquelas.

Ao mesmo tempo, como resistir mais a uma paixão que me comia vivo? Que estava nas minhas entranhas, descontrolando-me de vez? Meu corpo clamava por ela, ainda mais agora, depois de ter estado além da sua boca, muito mais íntimo do que antes. Eu desejava tirar sua virgindade, fodê-la duramente, mas também deslizar lento e com carinho, ter Gabriela como mulher, completamente minha, só minha. Era uma luta desgraçada entre dever e querer, puxando-me em direções opostas.

De olhos fechados, meti a mão dentro da cueca boxer preta e agarrei meu pau duro, deslizando os dedos com força sobre ele, minha mente invadida pela cena dele dentro do cuzinho delicioso de Gabriela, sentindo, comendo, fazendo-a minha. Pirei, enlouquecido, gemendo, suando. Passei a me masturbar agoniado, tão excitado que doía, que precisava de um alívio imediato. Tornei-me mais bruto, a mão indo para cima e para baixo com violência, meu pau esticado e grosso, as veias exaltadas.

Meus músculos se contraíram. Senti seu cheiro doce nas narinas, o roçar do cabelo macio e fulvo em minha pele ardente, seus lábios contra o meu, seu hálito perfumado. Seu gosto da boca e da bocetinha, diferentes dos de qualquer outra mulher, embriagando-me, viciando-me. Apertei mais o membro, me masturbei mais rápido, desejei-a ali comigo para entrar nela, chupá-la, beijá-la. Mas me contentei com as sensações, o desejo premente, a necessidade física e da alma.

Esporrei, e o sêmen desceu quente por meus dedos, saiu sem limite, enquanto estremecia no quarto escuro e meus gemidos entrecortados ecoavam no silêncio, cortavam a realidade. Continuei

segurando meu pau mesmo depois que acabou, cheio de esperma, olhos fechados, mente preenchida por Gabriela.

E me dei conta do medo que palpitava dentro de mim ao pensar que ela poderia fazer tudo que ameaçou. Parecia tão furiosa, tão decidida! Dizendo que não me procuraria mais, não insistiria e se daria a outro homem. O ciúme era uma praga, me roía, me fazia vacilar, me dominava ferozmente. Abri os olhos, sem saber como agir, o que fazer da minha vida dali para frente. E não dormi mais naquela noite.

Acordei cedo como sempre. Enfiei um jeans surrado, botas, camisa azul e chapéu, mesmo sabendo que era domingo e não trabalharia. Aquelas roupas já eram como uma segunda pele para mim, sem elas era como sair nu. Não era como Theo ou Pedro, que usavam camisas polo, paletós, roupas de grife. Que eram elegantes mesmo na fazenda. O meu era o básico, o cru, o rústico. Assim com Heitor.

Saí do quarto me preparando psicologicamente para ver Gabriela, tentando ser o mais natural possível quando sabia que por dentro enlouqueceria e me digladiaria, lembrando vividamente que a beijei e fodi na noite passada, que fui o primeiro homem a estar em sua boca e em seu cuzinho, que a tive gemendo embaixo de mim. E que tinha que abrir mão de tudo aquilo, saber que aquela escolha deixava outro homem se aproximar e tomar o que eu sentia como meu. Ela era minha. Mas não podia ser.

Desci os degraus, nervoso, respirando fundo. A sala estava vazia. Segui para a grande cozinha. Geralmente tomávamos café da manhã lá e todos acordávamos cedo, para acompanhar nosso pai. Apesar de suas dificuldades de movimentos e fala, de estar preso em uma cadeira de rodas, ele conseguia erguer e mover os braços, mesmo que de modo trêmulo e muitas vezes sem firmeza. Tia ou um de nós o ajudávamos, mas fazia questão de comer sozinho. Levava pão ou bolo à boca em pequenos pedaços, não enchíamos muito sua xícara nem deixávamos muito quente. E ele tomava seu café devagar.

Estavam todos lá em volta da mesa grande de madeira com dez lugares. A cadeira de rodas do meu pai tinha sido encaixada em uma cabeceira e Theo ocupava a outra. A enfermeira daquele dia estava à esquerda de meu pai e Gabriela à direita, cortando batata doce para ele. Nossos olhares se encontraram de imediato e meu coração disparou. O clima esquentou, o ar estalou, energia viva pulsou entre nós. Mas logo ela apertou os lábios e desviou o olhar, ignorando-me, voltando a se concentrar no que fazia.

Pedro conversava com Heitor, Theo tomava seu café lendo jornal. Tia vinha para a mesa com um bule de leite quente e se sentava também, sorrindo e me cumprimentando:

- Oi, meu filho. Acabei de passar um café quentinho.

- Obrigada, Tia. Bom dia. – Terminei de entrar na cozinha e sentei ao lado de Heitor.

Todos me deram bom dia, menos meu pai, que acenou com a cabeça e Gabriela, que não respondeu. Tirei o chapéu e o deixei em uma cadeira vazia. À minha frente, Tia puxou assunto:

- Dormiu bem, querido?

Fiquei enrijecido, lembrando a noite quase em claro, a agonia, o tesão, as lembranças. Lembrando de Gabriela comigo no banco, sob as plantas da minha mãe, escondidos dos olhos do mundo enquanto nos entregávamos a prazeres perversos e pecaminosos. Senti culpa, raiva, vergonha e muito desejo. Apenas acenei com a cabeça.

- Han ... – Rosnou nosso pai, olhando emburrado para Gabriela, até que ela se deu conta que estava demorando com a batata doce enquanto ele esperava. Na certa tão perdida em pensamentos quanto eu.

Na mesma hora pôs o prato diante dele.

- Desculpe, papai. – Disse corada. Ele entortou a boca, irritado. Mesmo com dificuldade para falar, continuava genioso, querendo tudo à sua maneira. Agarrou o garfo e espetou um pedaço, levando-o um tanto trêmulo até a boca, mastigando-o.

Aos 78 anos, estava com os cabelos totalmente brancos e raleando, o rosto entrecruzado de rugas, os lábios quase sempre rígidos e apertados. Os olhos azuis ainda eram vivos, duros, observadores. Muitas vezes eu me sentia mal por vê-lo ali preso, um homem tão poderoso e dono de si como ele. Era difícil pra gente aceitar aquela tragédia, o que nos fazia pensar em Micah.

Há quinze anos não o víamos. Seu nome quase não era pronunciado mais na família. Ele foi abafado, relegado ao passado, embora eu nunca o tivesse esquecido. Mesmo sabendo de tudo, não conseguia ter raiva dele. Sempre foi meu ídolo, meu irmão mais amigo e próximo, por isso era difícil lidar com a realidade do que tinha feito e com a saudade. Mas muitas vezes me via pensando nele, preocupado.

Uma vez perguntei a Theo se sabia notícias dele. Temia que tivesse se tornado um bandido ou morrido, do jeito que sempre foi rebelde e maluco. Conhecendo Theo, de como gostava de ter controle sobre tudo, imaginei que já devia ter mandado alguém averiguar o paradeiro de Micah.

Meu irmão mais velho não gostava de tocar naquele assunto. Mas devia ter percebido minha agonia, lembrado o quanto fomos amigos, pois me respondeu sincero:

- Ele sumiu no mundo. Não deixou mais rastro.

E aquilo foi pior. Me deu mais ainda a certeza de que ele havia morrido, que seu corpo devia ter sido largado em algum canto após uma briga e discussão e nunca mais encontrado. Não perguntei mais, chocado, arrasado. Pensei se as coisas poderiam ter sido diferentes, sabendo que nem toda culpa tinha sido só dele da tragédia. Começou anos antes até explodir naquilo.

Nosso pai sempre foi duro, exigente, distante. Nunca elogiava ou acarinhava os filhos. Era machão, do tipo que achava que nos criaria bem tornando-nos tão autoritário quanto ele. Mas também nunca nos bateu nem xingou em vão. Isso ele reservava só para Micah. Não encostava nele, mas de resto, humilhava-o e parecia odiá-lo. Não sei se sempre foi assim, mas me lembro que desde pequeno via aquilo. Talvez pelo fato do meu irmão responder ou enfrentá-lo, o que o enfurecia mais. Ou se era algo mais intrínseco, de gênios, de almas que não se batiam.

Minha mãe no início defendia Micah. Mas depois, teve uma época que ficou muito doente e quase morreu. Quando recuperou-se, caiu naquele mutismo, naquela depressão. E pouco fez para defender meu irmão. Aquele papel quem fazia às vezes era Theo, embora ele e Micah também se estranhassem de vez em quando. Mas ao menos eu sabia que Theo era duro para colocá-lo nos eixos, conter sua rebeldia, não por ódio, como nosso pai.

Tudo foi como uma bola de neve, crescendo e ganhando dimensões incalculáveis, até o ano de 1999, quando a tragédia que vinha sendo preparada enfim explodiu. Meu pai quase morreu e Micah se perdeu no mundo. Talvez estivesse morto. Parte de nossa família e do nosso sangue destruído.

Sacudi a cabeça, tentando afastar os pensamentos dolorosos. Sabia que a paz naquela casa foi conquistada às duras penas. Paz essa que eu poderia pôr em risco se assumisse meu amor por Gabriela, não de irmão, mas de homem. Que tragédias novas eu poderia causar?

- E aí, Tourinho, que desânimo é esse hoje? – Provocou Pedro, sentado ao lado de Tia.

Ergui os olhos um tanto irritado, porque ele era ainda pior que Heitor, parecia ter prazer em se meter comigo. Mas ao mesmo tempo, sabia que brincava com carinho. Era cínico, debochado, tinha mania de perder a cabeça fácil, mas podia matar um por minha causa ou por um de seus irmãos. Principalmente por Heitor, que era além de tudo seu melhor amigo.

Relaxe um pouco e dei de ombros, resmungando:

- Só estou cansado.

- Você trabalha demais nessa fazenda. – Disse Tia. – Não sei para que ter tantos empregados, se acaba se matando assim! Aliás, todos vocês! Theo chegou ontem depois das nove da noite, exausto!

Passou os olhos em volta e fixou-os no meu irmão mais velho. Fitei-o também, percebendo que estava meio abatido mesmo. Theo era o pior de todos nós, talvez por ser o responsável por tudo. Estava sempre ocupado no escritório, tomando decisões importante, viajando, puxando para si as decisões dos negócios e da família. Quase nunca tinha um tempo para si mesmo, para sua vida pessoal.

Sorriu para Tia e ergueu uma das sobrancelhas negras, dizendo simplesmente:

- Essa semana as coisas vão ficar mais calmas, Tia, não se preocupe. Chegarei a tempo da hora

do jantar todas as noites.

- Isso, filho. Precisa se cuidar! – Falou preocupada. Cuidava da gente como a galinha cuidando dos pintinhos, parecendo até que ainda éramos garotos.

Heitor sorriu e comentou:

- Não sei o que seria da gente sem você, Tia.

- Um bando de magrelos esfomeados e lunáticos por trabalho, sem hora para nada e só com mulher na cabeça! – Reclamou, fazendo-o rir. Pedro o acompanhou, achando graça. Theo sacudiu a cabeça, voltando ao seu jornal.

Vânia, uma das enfermeiras que cuidava do meu pai e estava na família há um bom tempo, sendo uma senhora muito simpática, sorria também, divertida, tomando seu café. Gabriela continuava quieta, concentrada em se alimentar. Eu apenas a monitorava com o rabo do olho.

- Queria ver um de vocês chegando aqui e me apresentando uma boa moça, se casando, enchendo a casa de crianças. – Continuou Tia, desolada. – Mas cadê que pensam em casamento? Um bando de marmanjo e nada de uma moça decente! Vou morrer sem ver um casório aqui!

- Se depender de mim, não vai morrer nunca, minha linda. – Pedro se inclinou e beijou-a sedutoramente na bochecha, mas piscou um dos olhos azulados e emendou: - Nem me ver casado!

- Ah, Pedro, queria te ver pagando essa língua! – Retrucou. – Você e Theo são os piores! Aposto que Heitor e Joaquim casam antes. Aliás, a Gabi deve passar a perna em todo mundo e casar primeiro!

Fiquei gelado, aquilo parecendo terror para mim. Terminei meu café, sem ter como nem imaginar uma coisa daquelas, embora soubesse que era uma grande possibilidade. O desconforto só aumentou quando Gabriela finalmente falou, em um tom doce, mas que pingou em mim como ácido:

- Talvez você veja isso antes do que pensa, Tia.

Não ousei olhar para ela, com medo de me entregar. Mas aguardei, nervoso, quase sem respirar.

- Ah, é? – Tia sorriu, interessada. – Quer dizer que já tem um candidato?

- Que papo é esse? – Indagou Pedro, lançando à caçula um olhar duro.

- Ora, mano, tenho vinte anos. Namoro também, caso não saiba.

O silêncio caiu na sala. Theo, Pedro e Heitor olhavam pra ela. Até meu pai, mastigando, mas de cara feia, escutando a conversa. Sem poder resistir, olhei também, puto, nervoso, com o cenho franzido.

Recebi o baque da sua beleza, pensando que um sortudo filho da puta desfrutaria de tudo aquilo. Era linda demais com aquela pele branquinha, que chegava a ser rosada em algumas partes, como nas bochechas e nos lábios vaginais, como eu bem sabia, toda delicada. E com aqueles cabelos

compridos e acobreados, estonteantes, que faziam seus olhos castanhos parecerem mais claros e luminosos. Pequenas sardas se espalhavam por suas faces. Nunca vi tanta beleza e doçura numa só pessoa.

Desejo, admiração, amor, raiva, tesão, tudo girava vertiginosamente dentro de mim. Gabriela não me olhou, mas sim para Theo, que indagou devagar:

- Você tem um namorado?

- Quem é? – Heitor franziu as sobrancelhas.

- Digamos que conheci melhor uma pessoa. – Deu de ombros, inocente, com certeza tendo prazer em me provocar, em me deixar doido. – Vocês conhecem. É o Felipe, que trabalha aqui. Não somos namorados, mas ele me convidou para ir ao cinema hoje. E eu aceitei.

O silêncio continuou. Meu pai rosnou:

- Han ... Han ...

Ela o olhou, sorriu e segurou sua mão sobre a mesa, como se garantisse que estava tudo bem. Theo manteve-se quieto. Heitor falou:

- Se ele for abusado ou qualquer coisa assim, fale comigo. – Seu tom deixava claro que chutaria a bunda dele para fora da fazenda até a porteira.

- Eu quebro a cara dele. – Pedro disse friamente.

- Parem de besteira, seus ciumentos! – Tia riu. – Felipe é um ótimo rapaz, e lindo, inteligente, trabalhador. Duvido que vá ser abusado com a Gabi. Ótima escolha, querida.

Eu estava puto. Cerrei o maxilar para não falar nada, a ponto de explodir. Não podia sequer imaginar Gabriela saindo sozinha com Felipe, indo para o escurinho do cinema, onde com certeza ele tentaria pôr as mãos nela. A conversa continuou em volta da mesa, mas eu não conseguia pensar em mais nada, cego e surdo para tudo, torturado.

Continuei na mesa quando Gabriela levantou com a enfermeira, fazendo questão de empurrar a cadeira do nosso pai para que ele tomasse um sol lá fora. Saíram conversando e eu a acompanhei com os olhos, irritado porque nem uma vez olhou para mim e parecia toda sorridente. Senti como se nada do que aconteceu tivesse tido importância para ela e que tinha falado sério quando disse que não correria mais atrás de mim.

Não consegui comer direito, embora acordasse sempre faminto. Tia foi cuidar de seus afazeres, sempre preparava um almoço caprichado aos domingos. Theo e Pedro foram para o escritório discutir a venda de um de nossos touros premiados no próximo leilão e Heitor foi dar uma cavalgada. Saí de casa, sem saber o que fazer, ainda abalado e meio perdido. Observei Gabriela de longe passeando com nosso pai pelo pátio, perto das plantas de mamãe, perto de onde tínhamos feito amor na noite passada. Angustiado, me afastei a passos largos.

Não consegui ficar longe muito tempo, andando sem destino. Por fim voltei, do mesmo jeito. E a vi sentada na grama sob a copa de uma árvore, onde encostava as costas e se concentrava em um tablete. Decidido, fui até ela, percebendo como a claridade incidia em seu cabelo, parecia deixá-lo em chamas. Ergueu os olhos quando parei perto, empinando o queixo e me dando um olhar frio.

- O que você quer? – Perguntou desafiadora.

- Que história é essa de sair com Felipe? Quer me provocar? – Indaguei entredentes, sem poder me conter.

- Te provocar? – Repetiu, rindo sem vontade. – Acha que o mundo gira ao seu redor? Estou seguindo minha vida, como você me aconselhou tantas vezes.

- Ontem você falava outra história. – Fiz questão de lembrá-la, sem saber porque fazia aquilo. Eu a queria longe, mas também perto. Eu tinha que tirá-la da minha vida, do meu sangue, do meu sistema, no entanto não suportava imaginá-la vivendo longe de mim.

Era muita confusão, muitos sentimentos controversos para uma pessoa só.

- Sim, ontem foi outra história, que não vai se repetir mais.

Apesar de sua segurança, percebi o tremor de seu queixo, a mágoa em seu olhar.

Por um momento, não falei nada. Fiquei lá, de pé, pernas ligeiramente abertas, punhos cerrados, chapéu enterrado na cabeça, consumindo-a com meus olhos, todos os desejos que despertava em mim me roendo por dentro, queimando meu peito, fazendo o sangue correr mais rápido nas veias.

E Gabriela me olhou, sem pestanejar, mas também abalada. Uma energia viva e pulsante nos rodeava, nos puxava, nos atacava sem descanso. Tive raiva da injustiça de tudo aquilo, de amar a única mulher proibida para mim, de ter tanta coisa para dar e desfrutar e não poder.

Então ela lambeu os lábios e eu soube o exato momento em que recordou do meu pau penetrando-a, minha boca beijando-a, eu fodendo-a naquele banco como um animal ensandecido. Sua respiração se alterou, os olhos se arregalaram um pouco, seu peito subiu e desceu pesadamente.

Senti o tesão varrer meu corpo, intumescer dolorosamente meu pau. Tive uma vontade agonizante de pegá-la para mim, levá-la para o primeiro buraco escondido e arrancar suas roupas, beijá-la, chupá-la, estar dentro dela. Era uma fome violenta, que me deixou perdido um momento, fora de mim.

Gabriela foi a primeira a se recuperar e sacudiu a cabeça, sem tirar os olhos de mim, dizendo baixo:

- Acabou. E quero que você me deixe em paz, Joaquim.

De suas palavras duras, o que mais me abalou foi me chamar de Joaquim. Para ela, eu era sempre o Quin. Era a única que usava aquele apelido. E mudar assim era como assinar embaixo que

não era mais minha, que o fim era uma realidade. Fim da loucura e do pecado.

Tentei me recompor. Ergui o queixo, acenei com a cabeça, continuei muito sério. Era como devia ser. Mesmo assim, não me conformava, não aceitava o fato de saber que sairia com outro homem, não podia conter meus ciúmes e minhas paixões. Dei um passo para trás, disse baixo:

- Eu vou deixar ... Irmã.

Se eu queria que se sentisse um merda como eu, consegui. Empalideceu, mas não retrucou.

Dei-lhe as costas e, enquanto me afastava, tentava me convencer de que aquele era o único caminho. Éramos da mesma família, tudo estava enraizado demais em seus lugares para tentarmos arrancar. Fiz o que me tornei especialista em fazer desde que estive com Gabriela pela primeira vez com desejo: fugi.

Fui parar no galpão onde guardávamos feno e ração. Estava vazio e calor. Tirei a camisa e me recostei lá, sozinho, querendo me recompor, brigando comigo mesmo. Olhei para o nada, pensativo, precisando muito de alguém que me ouvisse, me aconselhasse. Mas quem geralmente fazia aquele papel, Theo, não podia saber de nada.

Imaginei se tudo seria diferente se eu tivesse acabado com tudo aquilo mais de quatro anos atrás, quando tudo começou. Fechei os olhos e recordei. O pesadelo, seus gritos invadindo meu quarto ao lado, eu correndo para o dela. Sentando na cama, acordando-a, enquanto se erguia para meus braços chorando e suando, confusa. Disse que uma mulher velha aparecia com uma faca em seu sonho e a mandava matar. Mas não sabia a quem.

Tentei confortá-la, garanti que era só um sonho ruim, acariciei seu cabelo. Não era a primeira vez que aquilo acontecia, era até um tanto frequente. Às vezes eu saía e ia chamar Tia, que trazia um leite quente para ela e conversava até deixá-la tranquila. Mas daquela vez fiquei, ainda mais quando pediu que deitasse com ela até dormir.

Se fosse sincero comigo mesmo, admitiria que tinha começado antes. Um olhar, um ciúme, uma constatação de que se tornava uma moça linda. A culpa estava lá, por vê-la de maneira diferente mesmo sem querer, com ódio de mim por isso. Mas mesmo assim fiquei, deitei na cama e Gabriela me abraçou, apoiou a cabeça em meu peito e a mão em meu peito nu. E confessou pela primeira vez:

- Eu te amo, Quin.

Poderiam ser palavras de um irmão ao outro, mas senti que era diferente. Para ela e para mim. Fiquei quieto, mesmo quando ergueu a cabeça e fitou meus olhos e depois minha boca. Era jovem e inocente, tinha só dezesseis anos, mas corpo de mulher. E mexeu com minhas entranhas, com sentimentos profundos e intensos que nunca julguei possível ter.

Seus dedos deslizaram em meu peito, sua respiração se alterou, eu me vi diante da imagem do desejo. Fiquei paralisado, intoxicado, mudo. E quando beijou meu queixo suavemente sobre a

covinha, seus lábios indo para cima, roçando timidamente os meus, eu perdi a cabeça de vez. Agarrei seu cabelo e tomei sua boca em um beijo apaixonado, alucinado, o melhor da minha vida. Ali deixamos de ser irmãos. Ali outros sentimentos ganharam dimensões inimagináveis.

Foi quente e delicioso. Gabriela gemeu em minha boca, se entregou, se deu e tomou. O desejo nos varreu voraz e não sei como me contive. Acho que foi o susto, o medo, a consciência do que estávamos fazendo, de quem éramos. Pulei da cama apavorado, excitado, dolorido.

- Quin ... – Murmurou, estendendo a mão para mim, se inclinando, me querendo de volta.

- Isso nunca mais vai acontecer.

Foi a primeira vez que menti para ela e para mim. E mesmo saindo desesperado do quarto, eu soube que tudo havia mudado, que fui flechado ali, que nunca mais seria o mesmo nem a veria com os mesmos olhos.

Tentei me manter longe e fugir. Mas continuava naquela luta inglória. Até quando? Quem ia me vencer, a razão ou a paixão?

CAPÍTULO 4

JOAQUIM

Eu rondei de um lado para o outro, agoniado, sem saber o que fazer e nem conseguir me concentrar em nada. No almoço fiquei calado e fiz de tudo para nem olhar na direção de Gabriela, mas estava tão alerta que se ela piscasse de modo diferente eu saberia. Fiquei mais puto ainda porque Pedro me provocou até me irritar.

Depois fui para a varanda e sentei no sofá lá, olhando a tarde, montando guarda. Apoiei a bota na mesinha de centro, a cabeça no encosto e esperei, sabendo que não poderia fazer mais nada enquanto não comprovasse que Gabriela ia seguir mesmo com aquilo.

Era por volta das três da tarde quando a caminhonete bem lavada de Felipe parou em frente ao casarão e buzinou. Ele saiu e fiquei alerta, sentando-me esticado, olhos fixos nele. Estava bem penteado, jeans parecendo novo, blusa creme e uma leve camisa jeans por cima. Fitou-me um pouco sem graça, sorriu e me cumprimentou:

- Oi, Joaquim. Vim buscar Gabriela para ver um filme na cidade.

Minha vontade era escorraçá-lo dali. Sabia que estava sendo um ogro, que precisava ser mais cuidadoso ou as pessoas começariam a desconfiar, mas era muito difícil. Eu quando ficava com raiva me tornava cego para tudo.

Mesmo assim, lutei para me conter. Não disse nada, só o encarei com cara de poucos amigos e Felipe franziu o cenho, preocupado, sem saber o que fazer diante de mim. E foi naquele momento que a porta da frente foi aberta e Gabriela saiu toda animada com Tia.

Estava linda, radiante com um vestido preto até um pouco acima dos joelhos, de saia rodada, botas pretas e uma jaquetinha branca e curta. Os cabelos caíam soltos, com exceção de uma trança lateral fininha que se unia atrás, com certeza obra de Tia. Usava batom rosado e brincos de pedrinhas verdes coloridas, se sobressaindo no cabelo acobreado.

Se percebeu que eu estava ali, fingiu que não. Acenou sorridente para Felipe e se virou para a senhora de curtos cabelos grisalhos, dizendo baixo:

- Vai dar tudo certo, Tia. Reze por mim. Beijos. – Abraçou a senhora que tinha como mãe e foi rápida até Felipe, toda feliz, cumprimentando-o enquanto ele sorria e abria a porta da caminhonete para ela, elogiando-a. O rapaz acenou para nós e foi ocupar o seu lugar.

Eu estava muito puto. Tinha lutado como um condenado para não segurá-la à força e colocar o rapaz para correr. Mais furioso ainda pelo desprezo de Gabriela, que fingiu que eu não estava nem ali. Levantei e encontrei os olhos castanhos de Tia sobre mim. Na mesma hora indaguei:

- O que Gabriela quis dizer ao pedir para rezar por ela? O que vai dar certo?

Tia me analisou calada. Por fim inclinou um pouco a cabeça e não respondeu, mas perguntou:

- Joaquim, o que você tem? Por que só anda emburrado e implicando com sua irmã?

- Eu?

- É, você. E não é de agora.

Já ia retrucar, mas o olhar dela fez com que eu me controlasse. Senti certa desconfiança ali e me contive mais, preocupado. Ainda mais quando completou:

- Você sempre foi tão carinhoso com ela! Desde que era pequenininha cuidava da Gabi, a mimava mais do que seus irmãos. Era o protetor dela. E agora parece viver com raiva da menina. Sabe o que isso parece? Ciúmes.

- Ciúmes nada ... – Resmunguei.

- Ciúmes sim. – Franziu as sobrancelhas, incomodada. – Quer me dizer o que está acontecendo?

- Só estou preocupado. – Dei de ombros. – Protegendo a Gabriela.

- Mas de quê? Ela sempre foi tão responsável! Nunca trouxe um namorado aqui. É quieta e caseira. E Felipe é um bom rapaz. Por que essa raiva toda?

- Não é raiva, Tia, já falei. Só me preocupo.

- Vai implicar com todo mundo? Eu entendo que é a caçula e ainda a única menina da família, mas pelo amor de Deus, nem seus irmãos estão fazendo essa tempestade toda! – Reclamou, mas o que mais me desconcertava era seu olhar direto, penetrante. – Vai me contar?

- Contar o quê? – Incomodado e irritado, dei uns passos em direção às escadas, querendo fugir dos seus olhos. – Tá certo, não me meto mais. Ela que se vire sozinha!

- Joaquim ...

- Tá, Tia, já entendi. Já entendi. – E me afastei logo. Senti seu olhar nas costas e apressei o passo, com medo que ela visse o que eu queria esconder de todo mundo.

Aquele sempre foi meu maior medo, dar na vista. Meus irmãos viviam tempo demais preocupados com a fazenda e não se ligavam muito em tudo aquilo. Para eles, como sempre cuidei de Gabriela e fui agarrado com ela, era natural ser mais exigente e ciumento. Theo às vezes me dava uma trava e eu recuava. Pedro implicava. Mas as duas pessoas que mais me incomodavam em relação àquilo eram Heitor e Tia.

Heitor era muito observador e o que trabalhava mais tempo comigo na fazenda, talvez por isso

o que me conhecesse melhor. Já tinha notado em algumas ocasiões que parecia um pouco atento demais quando eu estava com Gabi, fosse antes, quando começamos a nos enamorar ou por último, quando eu vivia tentando ignorá-la e me irritando. Por isso sempre me continha o máximo possível quando estava perto dele.

E Tia ... Bem, Tia era esperta. Tinha cuidado de todos nós. Era a mãe que não tivemos. Muitas vezes eu sentia sua desconfiança, mas não havia nada que pudesse dizer contra mim, pois diante de todos éramos apenas irmãos. O que aconteceu entre nós sempre foi de madrugada, escondido. Talvez achasse que os sentimentos que tínhamos ia além do fraterno, mas nunca externou isso. E talvez nem o fizesse, era só eu parar de viver tão irritado e desesperado. Mas como, se cada vez mais eu perdia a cabeça? Como naquele momento.

Andava sem destino e sem paz. Não conseguia tirar da mente a imagem de Gabriela entrando linda no carro de Felipe e a alegria dele. Os dois indo sozinhos para um cinema escuro, onde com certeza ele seguraria a mão dela e tentaria beijá-la. E se Gabriela deixasse, ia fazer mais. Muito mais.

Fiquei fora de mim de tantos ciúmes. Parecia um animal enfurecido, solto pela fazenda. Meu sangue fervia, o medo me corroía, não conseguia pensar em outra coisa. Estava tão perturbado que só depois de um tempo percebi que meu celular tocava. Tirei-o do bolso e resmunguei ao ver o nome de Tininha. Era só o que me faltava! Já ia guardar o aparelho de novo, mas acabei atendendo, tendo algumas ideias:

- Oi, Tininha.

- Oi, meu peão mais gostoso. – Ronronou como uma gata. – To a fim de te ver.

Eu sabia que era errado, por vários motivos. Mas estava além de qualquer controle, quando indaguei:

- Quer ir ao cinema comigo?

- Cinema? Ah, tinha pensado naquele motelzinho na beira da estrada onde me carregou da última vez, o que acha?

- Não, Tininha, olha ...

- Ou podemos dar um pulo na beira do rio, levar um cobertor, meu ipad com umas músicas manieras ... Hum, passamos a tarde só nós dois! Seria uma delícia! Vamos?

- Não. Quero ir ao cinema.

Ela ficou pensativa alguns segundos. Então riu:

- Ah, seu safadinho, entendi ... Quer no escurinho do cinema, né? Então tá. Você manda! Como moro perto, te encontro lá na porta. Vou me arrumar!

- Já estou saindo daqui.

- Apressadinho! Tá, pode deixar!

Desliguei, sabendo que estava todo errado. Devia ficar na minha, deixar Gabriela seguir a vida dela. Não era para isso que eu não a assumia? Mas era mais forte do que eu. Mal podia respirar. Tinha ao menos que estar lá e garantir que Felipe a respeitaria.

Busquei um monte de desculpas. Mas por fim, eu corria para casa para pegar as chaves do meu carro.

Cheguei ao centro de Florada e, como todo domingo, estava movimentado. A enorme praça florida estava cheia, famílias sentadas em bancos e conversando enquanto crianças corriam e subiam nos diversos brinquedos ali espalhados. Theo havia conseguido com políticos locais a reforma da praça com esses novos brinquedos e aparelhos para exercícios, assim como uma pequena lan house municipal. Meu irmão era a favor de um maior espaço de lazer, mas contra trazer a cidade grande para Florada, o que segundo ele traria junto os problemas. Ali as pessoas queriam paz e tranquilidade.

Ele já lutava há anos junto às autoridades pelo desmembramento da favela Sovaco de Cobra, pois o número de tráfico de drogas e de roubo tinha aumentado na região. Patrocinava junto ao governo casas populares, oferecia empregos, incentivava o abandono dos barracos. Era uma luta constante, pois havia diversos interesses envolvidos. Mas ele não desistia.

Eu sabia que meu irmão era um homem justo e se empenhava pelo bem da cidade e dos cidadãos. Na própria fazenda ele foi além do que nosso pai já havia feito. Os moradores tinham casas boas, escola primária. Mas também um centro esportivo com piscina, campo de futebol, quadra de vôlei e basquete, além de um salário digno. Dificilmente ele tinha problema com trabalhadores e, quem já estava na fazenda não queria sair.

Mas Theo, assim como Pedro, podia pegar pesado. Não sei até que ponto eles iriam para defender Florada da entrada cada vez maior de bandidos que assustavam a população e queriam espalhar drogas, mas todos sabiam que alguns tinham simplesmente desaparecido quando a justiça não conseguiu mantê-los afastado. Corria à boca miúda que Theo tinha mandado matar esses. Uma vez perguntei e ele só me olhou sério e disse que era para eu não me preocupar.

Talvez eu fosse ruim ou arrogante, como alguns invejosos acusavam os Falcão de serem, mas para mim era melhor matar um bandido insistente do que deixá-lo por ali corrompendo jovens com drogas pesadas como craque e destruindo famílias. Era uma praga que se espalhava pelo Brasil todo, até pelo interior. Mas ali encontrava dificuldade para se instalar. Era uma luta constante e Theo só conseguia graças ao nosso poder e nossa influência. Que ele usava sem piedade.

Pedro estava por dentro de tudo, pois era braço direito dele. E já deixara claro que faria

qualquer coisa pelo bem maior da cidade e de seus habitantes. Cabeça quente do jeito que era, eu não duvidaria nada se matasse um traficante ou assassino ele mesmo. Era o mais agressivo da família, por isso gostava até de ir de vez em quando, em centros urbanos maiores para participar de lutas de boxe e vale tudo. Ia lá, dava e tomava uns socos, descarregava toda energia acumulada e voltava para casa relaxado, bem humorado em sua moto. Uma vez, quando chegou e tirou o capacete, Tia quase morreu do coração ao ver seu olho inchado, lábio cortado, cara arrebatada. E ele sorrindo todo satisfeito.

Naquilo ele se diferenciava muito de Heitor. Este era muito mais calmo. Nunca parecia estressado. Impressionante como se davam bem e eram amigos sendo tão opostos um do outro, mas acho que se completavam. Se fossem gêmeos não se dariam tão bem. Em meio à nossa família complicada, com problemas sérios entre nossos pais, eles haviam apoiado um ao outro. E desenvolvido uma amizade que ia além do fato de serem irmãos. Um faria qualquer coisa pelo outro.

Segui em frente com meu 4x4 prata, passando pela grande igreja onde tinha tido missa de manhã e que movimentava a cidade fazendo festas e quermesses em dias santos, passando pela sorveteria já cheia de jovens e crianças, até estacionar em frente ao cinema. Vi o carro de Felipe ali, mas nenhum sinal deles. Já deviam ter entrado.

Larguei o chapéu dentro do carro e pulei fora, um pouco estressado. Atravessei a rua, notando que várias pessoas compravam pipocas e refrigerantes antes de entrar. Havia apenas uma sala e horários diferentes para filmes. Eu nem sabia o que daria ali naquele momento e nem queria saber. Minha preocupação era Gabriela.

Tininha me esperava na porta. Olhei-a de cima abaixo. Enquanto as outras pessoas usavam jeans, bermudas, camisetas, vestidos simples, ela estava com os cabelos compridos bem escovados, um curtíssimo e colado vestido preto com peitilho dourado brilhante e sapatos de salto alto e fino dourados. Mexia em seu celular rosa, sorrindo, enquanto dele saía uma batida alta de funk.

Parei na calçada, quase dando meia volta. Eu só podia ter ficado maluco quando transei algumas vezes com ela e pior, marcar agora o cinema, sabendo que coisa boa não sairia dali. Não tinha mais nenhum tesão por Tininha. Era louca, espalhafatosa e artificial. Mas tinha carinho por ela, pois no final das contas era uma boa moça, sempre foi legal comigo. Mas com Gabriela perto, era difícil sentir desejo por outra, principalmente alguém tão diferente dela quanto Tininha.

Antes que eu me decidisse, ela me viu e se animou toda, acenando, jogando sensualmente os cabelos para longe do ombro. A cara dela era engraçada, fina com aquele nariz comprido. Sem saída, me aproximei, pensando que mesmo não sendo muito bonita de rosto, era o que ela tinha de mais característico, o que eu gostava. Os seios de silicone e aquele bronzeado alaranjado eram artificiais demais.

- Peão! – Olhou-me de cima embaixo e piscou. – Delicioso como sempre!

- Tininha ... – Acenei com a cabeça, parando a sua frente. Mas para ela não era o bastante. Acariciou meu peito e veio beijar meus lábios, mas no último segundo virei o rosto e seus lábios roçaram minha mandíbula.

- Que foi, Joaquim? – Estranhou.

- Nada. Quer pipoca? – Já segurei seu braço e fui levando-a em direção à entrada, cumprimentando alguns conhecidos no caminho.

- Deus me livre! Pipoca engorda! Tenho que me manter em forma, afinal sou dançarina e estou atrás de emprego.

Tirei a carteira do bolso e paguei dois ingressos na portaria, lançando um olhar curioso a ela. Indaguei:

- Onde vai trabalhar como dançarina aqui?

- Estou tentando convencer Abigail e Dalila a me contratarem para dançar no Falconetes. Eu já dou show lá todo sábado! – Deus de ombros. – todo mundo adora! Seria apenas em troca de um salário, o que mereço. Ninguém aqui dança como eu. Não estou certa?

- Claro. E o que elas disseram?

- Estão pensando. Andam pensando em contratar um grupo ou uma cantora para alegrar as sextas e sábados no Falconetes e talvez precisem de dançarina. Embora por mim lá só tocasse funk.

- Falar em funk, que tal desligar o celular? Já vamos entrar.

- Pode ser. – Meio inconformada, desligou a batida. Dei graças a Deus quando o silêncio chegou.

Passamos pela sala principal onde havia sofás, uma doceria e os banheiros. Seguimos em frente até a entrada do cinema e, como eu não dava as mãos a ela, segurou a minha. Deixei. No fundo eu não queria que Gabriela pensasse que eu estava ali atrás dela, embora isso fosse mais do que óbvio. Para todos os efeitos, não estava nem aí, só me divertindo com Tininha. Ao menos eu tentava fingir.

Muitas das cadeiras estofadas estavam ocupadas e o local ainda não estava escuro. No telão não passava nada, apenas tocava uma suave música de sertanejo universitário, enquanto as pessoas se ajeitavam e conversavam baixinho.

- Vamos sentar ali. – Tininha apontou para as cadeiras de trás, mais isoladas. Não respondi e segui pelo corredor do meio, meus olhos varrendo as pessoas em busca de uma só. Já estávamos na metade, quando vi Gabriela e Felipe do lado esquerdo. Havia apenas um local ao lado de Gabriela. Mas duas fileiras atrás tinham dois lugares na ponta e foi para lá que levei Tininha. Dali eu poderia ficar de olho neles.

Sentei, de olhos fixos neles. Podia ver o perfil de Gabriela sorrindo e comendo pipoca, prestando atenção no que Felipe dizia. Parecia muito feliz e os dois pertinho demais. Ele a olhava apaixonado, derretido. Resmunguei comigo mesmo, sentindo o ciúme quase como algo físico.

- Cara, não entendo porque tocam só essas músicas por aqui. E pagode? E rock? E funk? Cadê o hip hop? – Reclamou Tininha ao meu lado. – Esse lugar só tem matuto sem cultura! Todos tinham que passar pelo menos uma temporada no Rio para saber o que é bom, para ter bom gosto musical!

Ela pouco se importava com as pessoas em volta, que a olhavam de cara feia. Fazia seu discurso como se fosse muito sofisticada, uma expert em gêneros musicais. Eu a ignorei, muito quieto em minha cadeira, olhos fixos em Gabriela.

Não satisfeita, Tininha parou de reclamar e pegou seu celular rosa. Como eu me distraía com o casal, só percebi o que ela fazia quando o som potente de um funk explodiu no local e ela gritou:

- Isso sim é música, gente! Não esse funeral que estava tocando!

Foi tudo rápido demais. Em meio ao cinema cheio e ainda com as luzes acesas, Tininha se levantou e começou a se remexer, cantando alto junto com a música:

*Ela não anda, ela desfila
Ela é top, capa de revista
É a mais mais, ela arrasa no look
Tira foto no espelho pra postar no facebook*

*Ela não anda, ela desfila
Ela é top, capa de revista
É a mais mais, ela arrasa no look
Tira foto no espelho pra postar no facebook*

Rebolava toda feliz, enquanto cada olhar no cinema se voltava para ela, a plateia que tanto gostava. E se eu queria ficar ali sem que Gabriela notasse, só observando-a, devia ter me tocado que isso era impossível em se tratando de Tininha. Gemi na hora em que Gabriela e Felipe olhavam surpresos para trás e eu encontrava os olhos castanhos claros da minha irmã de criação. Ela os arregalou um pouco e então fez cara feia, olhando acusadoramente de mim para Tininha.

Senti falta do meu chapéu para enfiar bem na cara. Meu rosto pegou fogo e fui invadido por um misto de vergonha, pelo vexame que Tininha me fazia passar e por ser pego em flagrante por Gabriela, e raiva pelos mesmos motivos.

Gostando da atenção, Tininha apoiou as mãos no encosto da cadeira na frente, empinando-se e rebolando, seu olhar sensual percorrendo o público que tinha se virado e se esticava para vê-la, enquanto se sacudia e cantava, apontando para si mesma:

Onde ela chega

*Rouba a cena
Deixa os moleques babando.
Na boca do bingo
Arruma a buchicho
E as invejosas xingando.*

*Baladeira de ofício
Não gosta de compromisso
Encanta com seu jeitinho
Ela não é de ninguém
Mais é chegada num lacinho.*

*Quando chega no baile
Ela é atração
Fica descontrolada
Solta o tamborzão.
De vestido coladinho
Ela desce até o chão.*

Rá ela é terrível!

*Ela não anda, ela desfila
Ela ela é top, capa de revista
É a mais mais, ela arrasa no look
Tira foto no espelho pra postar no facebook*

*Ela ela ela não anda, ela desfila
Ela ela é top, capa de revista
É a mais mais, ela arrasa no look
Tira foto no espelho pra postar no facebook*

- Senta aí, Tininha. – Falei entredentes.

Ela sorriu para mim, levando o dedo à boca e chupando-o, enquanto descia rebolando até o chão e subia empinando a bunda na minha direção. Passei os dedos no cabelo e olhei de novo para Gabriela, que me fitava bem séria, corada de raiva.

Vários jovens sacaram seus celulares e começaram a gravar, rindo, excitados, nervosos com uma cena tão peculiar. O cinema virou um alvoroço. Algumas garotas riam, outras estavam horrorizadas. Seu Jorginho, que há anos tomava conta do cinema e circulava por ali como lanterninha, veio correndo ver o motivo de tanta confusão.

Envergonhado e puto, eu me levantei, agarrei Tininha com uma das mãos e praticamente a obriguei a sentar, enquanto com a outra tomava seu celular e desligava a música de repente.

- Ahhhhhhh ... – Um monte de gente reclamou. Alguns bateram palmas, gritando: - Mais um! Mais um!

Eu sentei de volta ao lado dela e Tininha reclamou:

- Hei, peão, qual é a tua? Todo mundo estava gostando!

- O que está acontecendo aqui? – Seu Jorginho nos olhou confuso.

- Tudo resolvido. – Garanti.

- Mas eu queria dançar mais! – Tininha estava inconformada e gritou para o público: - Vocês

querem?

- Sim!
- Queremos!
- Mais um!
- Uhu!
- Tininha! Tininha!

Virou um pandemônio e ela sorriu, satisfeita, como uma musa. Estendeu a mão para mim:

- Vamos, peão, o povo me quer! Devolva meu celular!
- Devolve! Devolve! – Veio o coro dos jovens, ecoando pelo salão.

- Porra ... – Resmunguei puto, corado, odiando ser o centro das atenções. Gabriela tinha virado para frente, ignorando-me. Felipe me lançou um olhar e depois para ela, sem saber o que fazer. Seu Jorginho reclamou:

- Cinema não é lugar dessas coisas!
- Mas estava tocando música! – Debateu Tininha. – Por que não posso ouvir a minha?
- Isso é música? – O senhor indagou abismado.
- Da melhor qualidade! Joaquim, devolve meu celular!

Eu a olhei bem sério e falei baixo:

- Se não sossegar, vou embora.

Abriu a boca para retrucar. Mas viu que eu já estava no meu limite e se enterrou na cadeira, cruzando os braços no peito com raiva e fazendo bico.

- Ah! – O povo reclamou desolado, vendo que o show tinha acabado.
- O filme não começa enquanto não pararem com essa bagunça! – Ameaçou seu Jorginho.

Por fim, todos foram sentando em seus lugares, sorrindo e comentando, ainda alvoraçados. Fiquei estático, muito quieto, olhos fixos nos cabelos longos e acobreados de Gabriela, furioso por pagar mais um mico daqueles na frente dela.

Finalmente tudo se acalmou e as luzes se apagaram. O clima ainda era meio agitado, tudo culpa de Tininha. Mas aos poucos foi se estabilizando, ainda mais quando começou a passar um trailer de filme no telão.

Pensei que Tininha ficaria emburrada o resto do tempo. Pelo menos assim eu teria paz para ficar de olho em Gabriela. Mas o filme nem tinha começado, quando senti sua mão se espalmar em minha coxa esquerda. Virei o rosto e encontrei seus olhos brilhantes. Piscou um deles e sorriu, sussurrando:

- Eu te perdoo, meu peão machão. Entendi tudo. Ficou com ciúme, né? Vou dançar só pra você quando sairmos daqui.

Era só o que me faltava! Antes que eu dissesse alguma coisa, agarrou meu pau sobre o jeans e lambeu os lábios no que deveria ser algo sensual.

Na mesma hora segurei seu pulso com firmeza, afastei sua mão e rosnei:

- Vamos ver o filme.
- Conta outra ...
- Vim aqui pra isso.
- Sei ... – Deu uma risada.
- Xiiiiii ... – Reclamou uma menina de óculos à nossa frente, virando para trás com cara feia.
- Invejosa ... – Murmurou Tininha.

Cruzou as pernas e seu micro vestido quase parou na cintura. Mesmo no local escuro, a claridade do telão permitia que fôssemos vistos. E um grupo de garotos que se estendiam ao lado dela se debruçavam agitados para ver suas pernas e como tentava levar a mão para o meu colo e eu impedia.

Xinguei baixo, puto. E falei mais sério ainda:

- Tininha, eu quero ver o filme. Se não se comportar, vou sentar em outro lugar.

Arregalou os olhos, como se não acreditasse que alguém pudesse ir ao cinema com ela e querer realmente ver um filme. Mas ficou quieta, novamente emburrada. Eu a soltei e suspirei, totalmente arrependido de tê-la trazido comigo.

Finalmente o bendito filme começou. Era um de terror com suspense e logo o cinema estava no maior silêncio, todo mundo tenso com as cenas macabras e sinistras, esquecidos do show de Tininha. Não relaxei por completo, ainda atento à Gabriela duas fileiras à frente. Dividia minha atenção entre o filme e ela, cada vez mais controlado ao ver que Felipe se comportava direitinho.

- Já vi esse filme. – Resmungou Tininha, ainda mal humorada. – Lá no Rio, quando fui lá resolver umas coisas com meu pai. As coisas vêm para cá atrasadas! Isso é um absurdo!

- Xiiiiii ... – Outras pessoas reclamaram e lancei a ela um olhar sério. Calou-se, bicuda.

O filme era um clichê. Um grupo de jovens se perdia e encontrava uma mansão abandonada. Começavam a ser assassinados, mas ficavam desconfiados que um deles era o assassino. Apesar de tudo, tinha uma boa fotografia, cenas que realmente deixavam a pessoa em suspenso, pensando quem seria o assassino. E outras que causavam susto.

- Ah, quem não sabe que tem uma pessoas dentro do armário? – Disse Tininha, enquanto mais gente mandava que ela fizesse silêncio. Sorriui toda satisfeita quando o assassino, usando capa preta e máscara no rosto, pulou de dentro do armário e esfaqueou uma mocinha desavisada.

Desavisada só a personagem mesmo, pois no cinema todo mundo soube da cena graças à Tininha. Alguns se viraram para trás reclamando, um rapaz gritou:

- Cala a boca aí!
- Vem calar! – Gritou de volta, abusada.
- Dá pra ficar quieta, Tininha? – Indaguei irritado.

Irritada também, soltou o ar forte entre os lábios, fazendo um barulho como de cavalo, revirando os olhos. Se enterrou mais na poltrona, reclamando baixinho:

- Já vi esse filme.
- Mas os outros não.

Não retrucou, sacudindo-se impaciente. Tornei a olhar para frente, exatamente quando ocorria uma cena que assustava todo mundo. Senti a raiva me engolfar quando vi Gabriela dar um gritinho e esconder o rosto no ombro de Felipe, que sorriu e passou o braço em volta de seu assento, todo satisfeito. Filho da puta!

Sentei esticado na cadeira, pronto para intervir. Vi Gabriela sorrir para ele e voltar ao seu lugar. Mas o braço continuou sobre o encosto, a mão ali, só preparada para escorregar pro ombro dela. Ele que se atrevesse! Fiquei alerta, esquecido do filme, olhos fixos naquela mão, no que ele fazia. Mas se continha, talvez sabendo que eu estava atrás de olho.

Minutos e cenas se passaram. As pessoas se assustavam, a música ficava cada vez mais sinistra. Meus olhos não saíam de Gabriela. Ao meu lado, Tininha pediu baixinho:

- Me devolve meu celular.
- Não. – Nem olhei pra ela.
- Joaquim, prometo que não ponho música. Vou deixar no silencioso e acessar meu facebook.

Já vi esse filme chato. Por favor!

Olhei-a desconfiado. Fez cara de boazinha, suplicante.

- Por favor. Prometo.

- Olha lá ... – Mesmo sabendo que não devia, devolvi o celular. Fiquei de olho. Me mandou um beijinho, pôs no silencioso e entrou no face. Se distraiu, mandando mensagens. Suspirei. Pelo menos assim ela deixava todo mundo em paz.

Concentrei-me de novo em Gabriela, puto quando se assustou e novamente enterrou o rosto no ombro de Felipe. A mão dele passou suave em seu cabelo. Ela sorriu e murmurou algo olhando-o, bem de pertinho. Quase enfartei ali, erguendo-me.

- Hei, senta aí!
- Sai da frente!

As pessoas começaram a gritar. Gabriela olhou para trás e, como se soubesse do que eu era capaz, ajeitou-se irritada em sua cadeira. Felipe deu comigo e rapidamente retirou o braço, ajeitando-se também. Com o coração disparado e lutando contra o ciúme, voltei a sentar.

- Hei, o que te deu? – Indagou Tininha. Indagou esperançosa: - Quer ir embora?

- Não. – Resmunguei, atento ao casal à minha frente.

Suspirou e voltou a mexer no celular. Então tirou fones de ouvido da bolsa e os ajeitou nas orelhas e no celular. Eu a observei desconfiado. Sorriu satisfeita e começou a se remexer sozinha no banco, na certa ouvindo um dos funks que tanto gostava. Esperei, mas ficou só nisso mesmo.

Concentrei-me em Gabriela e Felipe, que continuavam quietos em suas cadeiras, bem comportados, olhando o filme. Relaxei, recostando-me. E acabei conseguindo me distrair com uma cena do filme.

Uma garota andava sozinha e descalça em um corredor da mansão, chamando pela irmã que tinha sumido do quarto em que dormiam. A música era aterrorizante e o medo subia, ia crescendo, todo mundo esperando que o assassino a atacasse quando menos se esperava. O cinema estava completamente silencioso. A moça andava pé ante pé até uma porta negra descascada ao final de um corredor sinistro, estremecendo, chamando baixinho. Segurava a maçaneta. Respirava fundo. E quando abria a porta devagar:

Não olha pro lado, quem tá passando é o bonde

Se ficar de caozada, a porrada come

Não olha pro lado, quem tá passando é o bonde

Se ficar de caozada, a porrada come

Tininha berrou alto o trecho da música, distraída mexendo em seu facebook. Um monte de gente gritou assustada, se estremeceu, virou. Quase ninguém notou que a mocinha foi puxada para dentro de uma sala e sumia no meio da escuridão. Começaram a reclamar, em um falatório dentro do cinema:

- Sacanagem!

- Cale a boca aí!

- Bem na hora que ela ia abrir a porta!

- Me dá a merda desse celular. – Falei entredentes, já no meu limite enquanto as pessoas me olhavam com raiva como se eu fosse o culpado.

- Foi mal, foi mal ... Me distraí. Não vai acontecer. Oh, to até tirando os fones. – E os guardou na bolsa. Sorriu. – Vou mexer só no face.

Eu sabia que tinha que guardar aquele aparelho, mas pareceu tão arrependida que fiquei com pena. Respirei fundo e olhei para frente. Gabriela sacudiu a cabeça negativamente, me condenando, dando-me as costas. Aos poucos, todo mundo se concentrou no filme.

Dividi minha atenção entre o filme, Gabriela e Tininha, com medo que esta arrumasse mais uma confusão. Mas ela ficou quietinha, mandando mensagem com seus dedos correndo furiosamente sobre o teclado.

Fui esquecendo dela quando em outra cena de susto Gabriela agarrou Felipe. Xinguei baixinho, alerta. Mas daquela vez não o soltou, ficando com a cabeça em seu ombro. Fui tomado por um ciúme tão violento que perdi a cabeça. No início, achei que ela só me provocava, que ia voltar ao seu lugar. Não voltou. Ficaram os dois lá, coladinhos no escurinho do cinema, deixando-me possesso.

Levantei. Quando fui para o corredor, Tininha indagou alto:

- Ei, peão, vai aonde? Volta aqui!

O povo voltou a reclamar. Nem liguei, minha mente só fixada em Gabriela. Sentei na cadeira vazia ao lado dela, já rosnando:

- Que palhaçada é essa? – Olhei-os acusadoramente, furioso, como se um manto vermelho descesse diante dos meus olhos ao bater com as mãos deles entrelaçadas.

- Cale a boca! – Gritou um, já cansado da balbúrdia no cinema.

- Não consigo ver o filme!

- Seu Jorginho!

E Tininha mais atrás:

- Cara, não acredito que me deixou sozinha! Peão!

Gabriela tirou a cabeça do ombro de Felipe e me olhou com raiva, dizendo baixo:

- Sai daqui.

- Larga a mão dele. – Exigi.

- Sai daqui, Joaquim!

- Joaquim, que isso, cara? – Felipe, como se visse o sangue em meus olhos, soltou a mão dela.

Tentou conversar, mas até ele estava irritado: - Não estou desrespeitando sua irmã!

- Tire as patas dela! – Rosnei.

- Joaquim! – Exclamou, furiosa.

- Pelo amor de Deus, quero ver o filme! – Gritou uma garota.

- Seu Jorginho, tire esse pessoal daqui!

- Quero meu ingresso de volta!

Virou uma confusão, todo mundo falando ao mesmo tempo.

- Ah, que se ferre todo mundo! – Berrou Tininha, fora de si. – Se é assim, vou ouvir minha Mc Beyonce!

E no meio de tudo, explodiu o funk do seu celular:

*Não olha pro lado, quem tá passando é o bonde
Se ficar de caozada, a porrada come
Não olha pro lado, quem tá passando é o bonde
Se ficar de caozada, a porrada come*

*As mina aqui da área, no baile se revela
Não importa o que eu faça, vira moda entre elas
Fala mal do meu cabelo e da minha maquiagem
Ô coisa escrota, pode falar a vontade*

*Essa mina recalcada não arruma um namorado
Não mexe com o meu, não sou de mandar recado
Fala mal de mim na roda dos amigos
Que coisa garota, eu nunca fiz nada contigo*

*Se entrar no meu caminho, vai ficar perdida
Oh rata molhada, se mete na tua vida
Não adianta, não tem vergonha na cara
Fala mal de mim mas é minha fã encubada*

*Ô recalcada, escuta o papo da Beyonce
Não olha pro lado, quem tá passando é o bonde
Se ficar de caozada, a porrada come
Não olha pro lado, quem tá passando é o bonde
Se ficar de caozada, a porrada come (2x)*

O caos foi geral. Virou uma gritaria, pessoas jogando pipocas em cima da gente, reclamando, xingando, o funk tocando, a música de terror do filme explodindo, Tininha cantando junto com Mc Beyonce.

- Viu o que você fez! – Gritou Gabriela, furiosa, se levantando, largando sua bolsa sobre o banco. Tremia de raiva ao me encarar, enquanto eu me levantava também e ela empurrava meu peito com o dedo. – Some daqui! Some da minha vida!

Agarrei seu pulso, possesso também. Felipe se ergueu, tentou segurá-la pelo ombro. Furioso eu o empurrei e parti para cima.

- Pare com isso! – Gabriela se meteu no meio, me segurando, nervosa. – Você está louco! Pare!

- Seu maluco! – Esbravejou Felipe atrás dela.

- Briga! Briga! – As pessoas começaram a gritar, todo mundo de pé, assovios ecoando no salão, pipocas voando, uma confusão geral. O filme continuava e, enquanto um dos mocinhos era assassinado na tela com um machado e se esvaía em sangue, lá dentro a batida do funk continuava, Tininha gritava junto com o povo, tinha virado um pandemônio.

- Desisto! – Gabriela me largou furiosa, tremendo, agarrando sua bolsa e me afastando do caminho. Ia passar por mim, mas apertei seu braço e ela gritou: - Me solta!

- Solta ela! – Exigiu Felipe.

- Não se meta! – Olhei-o ameaçador, já saindo pelo corredor e arrastando-a atrás de mim, que berrava:

- Odeio você, Joaquim! Nunca vou te perdoar por isso!

- Peão! Volta aqui! – Chamava Tininha lá atrás.

Pessoas se meteram no corredor, em uma guerra de pipoca, algumas rebolando ao som do funk. Seu Jorginho acendeu as luzes e veio desesperado tentando conter a confusão, mas ninguém o ouvia em meio à balbúrdia.

Gabriela ainda tentava puxar o braço enquanto saíamos do cinema e eu a arrastava até o meu carro, várias pessoas nos olhando sem entender nada. Como era envergonhada e odiava escândalos, parou de lutar e se deixou levar. Empurrei-a dentro do 4x4 e dei a volta. Quando entrei, travei as portas e saí dirigindo furioso, ela tapou o rosto entre as mãos, se lamentando:

- Que vergonha, meu Deus! Que vergonha!

- Ninguém mandou ficar de agarramento no cinema! – Esbravejei.

- Agarramento?! – Afastou as mãos do rosto, fora de si, vermelha. – Você não tem nada a ver com isso! Vou contar pro Theo o que você fez!

- Conte. – Rosnei, dirigindo rápido, saindo do centro de Florada e pegando a estrada de terra.

- Seu ... Seu ridículo! – E começou a me socar fora de si.

- Pare com isso! Gabriela!

- Odeio você! Vai me pagar por isso!

E desistindo da luta, recostou-se no banco, cansada. Cerrei o maxilar e dirigi em frente, dando-me conta que eu tinha perdido a luta. Não aquela, mas a que eu travava comigo mesmo.

GABRIELA

Eu nunca senti tanta raiva e vergonha na minha vida. Olhava pela janela do carro sem ver, tremendo, sem poder acreditar que Joaquim tinha feito aquilo, criado um verdadeiro caos no cinema e me arrastado de lá na frente de todo mundo. O que as pessoas deveriam estar pensando? E Felipe?

Tinha vontade de virar e bater mais nele, gritar, acusar, espedaçar. Porque não me queria, mas também não me deixava seguir em frente. Assim eu nunca conseguiria aceitar o fim nem me desligar dele. Tentava ao máximo me controlar, já imaginando que o melhor seria ter ido embora para Belo Horizonte, pois daquele jeito não dava para ficar.

Estava imersa em meus pensamentos, quando vi que saía da estrada principal e pegava uma secundária cheia de buracos, se embrenhando nela, virando em outra, sumindo da vista de quem passasse pela primeira. Na mesma hora virei e o olhei, revoltada:

- O que está fazendo?

Não respondeu, concentrado em dirigir, suas sobrancelhas franzidas, seus lábios cerrados, o queixo com furinho ainda mais anguloso daquele jeito.

- Volte esse carro! Quero ir para casa!

Pareceu nem me ouvir. O carro sacolejava no meio do mato e gritei:

- Pare esse carro! Pare, Joaquim!

Finalmente parou, de frente para um árvore. Estávamos no meio do nada, cercados de mato e árvores, mais escondidos do que se podia ficar.

Eu respirava irregularmente, assustada, meu coração disparando quando olhou para mim. Mal pisquei. Nunca o tinha visto daquele jeito, seus olhos verdes ardendo tanto que pareciam soltar chispas, sua expressão carregada, tudo nele excessivamente forte e vigoroso, viril, penetrante.

- O que estamos fazendo aqui? – Consegui erguer o queixo, a raiva ainda me dominando, junto com a mágoa e tudo mais. Tinha cansado de ser rejeitada. – Quero ir embora!

Não acreditei quando segurou a barra da blusa de malha e a arrancou pela cabeça, largando-a no chão. Chocada, insegura, abalada, vi os músculos bem delineados e duros do seu peito e de seus braços, a barriga bem definida. E aquele olhar afiado, decidido, abundantemente sexual. Estremeci.

Abriu o cinto da calça com um safanão. E logo a desabotoava e descia o zíper, o tempo todo sem tirar os olhos dos meus. Gaguejei:

- O que ... O que está fazendo?

- Você sabe. – A voz saiu rascante, causando-me arrepios.

- Não quero. – Sacudi a cabeça, embora o desejo já me varresse voraz e eu sentisse cada polegada minha reagir a ele. Tentei ser mais forte e racional: - Estou cansada disso! Quando acabar, vai querer fugir de novo, vai ...

- Não. – Rosnou.

Eu me encostei na porta, meu coração martelando como louco contra minhas costelas quando ergueu um pouco o quadril do banco e desceu a calça com cueca e tudo. Arregalei os olhos, vendo seu pau livre bater contra a barriga, imenso e coberto por veias grossas, a cabeça avermelhada cheia de sangue concentrado. Era a primeira vez que o via de dia, tão claro e sem sombras, tão explícito. Fiquei sem ar, arquejei, enquanto Joaquim se livrava das botas e das roupas.

Eu sabia que tinha que parar aquilo, mas como, com aquele homem nu, lindo, gostoso, que eu amava mais do que tudo me olhando vorazmente dentro do espaço ínfimo daquele carro? Estava abalada, paralisada, mordendo os lábios. Seus olhos de gato, amarelados, desceram até minha boca. E então segurou meu pulso com firmeza.

- Não ... – Consegui deixar escapar, tremendo demais, toda arrepiada.

- Sim ...

- Não ... – Repeti.

- Sim. – Reafirmou decidido e veio para cima de mim, alto e musculoso, descendo meu banco todo.

- Joaquim ... – Ainda tentei, com medo do inferno que eu passaria depois, quando me desprezasse novamente.

Segurou firme meus dois pulsos com uma só de suas mãos grandes e brutas, erguendo-os sobre a minha cabeça. A outra mão agarrava meu joelho esquerdo por baixo e o abria para o lado, deitando-se nu entre minhas pernas, sobre meu corpo todo vestido. Pairou sobre mim, pesado e másculo, seu cheiro me embriagando, seu olhar quente me consumindo, seus lábios próximos dos meus.

Não consegui mais pensar nem respirar. Me perdi de vez naquele olhar felino, naquele rosto lindo e amado, que rondava meus sonhos e desejos mais profundos, sem poder acreditar em tudo aquilo. Minha vagina doía e babava quente, cremosa, palpitante. Meus seios estavam duros e intumescidos. Eu tinha virado uma massa de sensações descontroladas, prementes. E o tempo todo Joaquim me olhava, mesmo quando sua mão livre erguia minha saia até a cintura.

- O que ... – Consegui completar metade da frase em um sussurro. Mas ele entendeu. Disse baixo e rouco, decidido:

- Vou te fazer minha mulher, Gabriela.

Estremeci, o desejo lancinante se perpetrando dentro de mim violentamente. Entreabri os lábios e o ar escapou entre eles, entrecortado, sem acreditar quando seus dedos passaram da minha coxa para a virilha e dali se infiltraram sob a calcinha, erguendo-a e levando-a toda para um lado, expondo minha vagina, correndo entre meus lábios melados e sensíveis. Murmurou bruto:

- O que eu já devia ter feito há muito tempo. Você é minha e eu sou seu. Não adianta mais lutar.

Não me vejo sem você na minha vida
Não consigo dominar essa paixão
Esse amor que tão bonito fez de nós
Dois amantes presos num só coração

No seu corpo tem segredos tão guardados
São mistérios que só eu sei descobrir
No meu corpo só você sabe onde estão
Os desejos que eu gosto de sentir
Somos assim

Como a flor e a raiz
Quando a gente está se amando
Não há nada proibido
A não ser deixar de ser muito feliz

Sem preconceito esse amor inventa novas formas de prazer, muito prazer
Não existe pecado entre nós, anjo meu

Nossos corpos se procuram, se descobrem se misturam
Nesse instante eu sou você, você sou eu

(Maria Cecília e Rodolfo, Nós somos assim)

Fui engolfada por emoções violentas, lágrimas vindo aos meus olhos, pois era a primeira vez que ele admitia aquilo, que não brigava contra o que sentia. Olhava-me com tudo dele, sem reservas, sem controle, paixão, tesão e amor expostos ali.

- Quin ...

- Isso, me chame de Quin, Gabi ... – Abriu mais minhas pernas, respirando pesadamente, apenas um pouco controle o segurando enquanto passava a pesada cabeça do pau robusto em minha vulva fervendo, molhada. – Não posso esperar mais ...

- Não espere ... – Supliquei, tirando a cabeça do banco para morder seu lábio inferior, me abrindo toda.

Não tirou minha roupa nem minha calcinha. Não teve tempo nem controle para mais nada a não ser manter-me presa pelos pulsos e enfiar a outra mão sob minha nuca entre os meus cabelos, amparando minha cabeça firmemente, enquanto inclinava o rosto e tomava minha boca na sua em um beijo quente e exigente, apaixonado, saboreando-me com uma fome que se equiparava à minha. Sua língua invadiu

meus recantos, domou a minha, na medida em que seu pau esgarçava meus lábios vaginais e abria caminho para dentro de mim.

Estremeci violentamente, me arreganhei para recebê-lo, entregue, dando-me toda, deixando que tomasse o que quisesse de mim. E Joaquim queria tudo. Lutou consigo mesmo para não me machucar, foi lento e firme, mas mesmo assim doeu demais quando forçou meu hímen. Parou, beijando-me com volúpia, mas não queria que ficasse contido. Remexi-me sob ele, rebolei contra o pau colado em minhas paredes internas flamejantes, pedi por mais.

Joaquim puxou o quadril um pouco para trás e meteu mais um pouco. Ardeu horrores, pareceu me rasgar, mas gemi contra sua boca, não fugi. E então deu uma estocada firme, que realmente me abriu toda, me tornou mulher, dor e prazer se mesclando em minha vulva escaldante, beijando-me deliciosamente, gemendo rouco e rascante quando seu pau foi todo dentro de mim, pela primeira vez, como devia ser.

Eu me debati sem controle, minhas pernas tremendo, meu corpo todo participando, girando, gruindo, pedindo mais. Tentei soltar minhas mãos e abraçá-lo, mas não permitiu, mantendo-me cativa de suas mãos, uma em meus pulsos e outra em minha nuca, de seu corpo, de sua boca e de seu pau que entrava e saía de dentro de mim, mergulhando na minha grutinha cheia de lubrificante cremoso e sangue quente, como uma barra de ferro em brasa.

Gritei em sua boca, fui penetrada ali também por sua língua tão esfomeada e exigente quanto seu pau, nunca me sentindo tão feminina e pequena enquanto era devorada por Joaquim sem nenhum freio ou medida, livremente, duramente. A dor não era nada perante o tesão, o prazer extremo, o amor sem limites. Tornou-me mulher depois de quatro anos em que só pensei e desejei aquilo, seu membro enorme mergulhando entre meus lábios vaginais, entrando e saindo de minha vulva com força, cada vez mais rápido.

Descolou os lábios e fitou meus olhos, os dele pesados, penetrantes, afiados. Cheios de sentimentos que os tornavam mais verdes e vivos, mais intensos. E assim me comeu com fúria, seu quadril se movendo para frente e para trás sem controle, penetrando-me tão fundo que empurrava meu útero, buscava novos espaços, me deixava mais e mais alucinada, em um prazer embriagador.

- Quin ... – Supliquei quando senti a mordida do gozo cada vez mais perto, meus olhos perdidos nos dele, as emoções dentro de mim gritando e se esparramando, transbordando.

- Eu te amo. – Disse rouco, pela primeira vez, sem que eu esperasse.

Fui invadida pelo meu amor por ele, em igual intensidade. Lágrimas inundaram meus olhos e, daquela vez, soltou meus pulsos. Eu o abracei sôfrega, estonteada, maravilhada, meus dedos em suas costas musculosas e suadas, meus lábios despejando meus sentimentos como que em oração:

- Amo você, Quin ... Amo você ...

E nos beijamos de novo, colados e arfantes, seu pau me fazendo toda dele, comendo-me vorazmente enquanto eu acompanhava suas estocadas e gritava em sua boca quando o gozo veio como um raio fulminante, explodindo dentro de mim. Na mesma hora senti seu jato quente e grosso, engoli seus gemidos e fomos um só, no prazer e no amor.

Não acabava e não acabaria nunca. Pois nos damos de uma maneira que não havia mais volta, aceitamos nosso amor sem pecado nem julgamentos, doamos nossa alma um para o outro. Ali nós nos casamos no mais íntimo do nosso ser, unidos, para sempre.

CAPÍTULO 5

EU E ELAS

Nunca tinha visto tanta confusão em um cinema como naquela sessão em que segui Gabriela. Usando a peruca negra que eu colocava quando aparecia na cidade e óculos com lentes levemente esverdeadas, sentei logo atrás dela, esperando uma oportunidade. Enquanto sorria e conversava com o seu acompanhante, eu a observava calada, disfarçadamente.

Era estranho estar perto dela depois de tanto tempo. Para falar a verdade, não lembrava de nada do nosso passado, o que eu sabia era o que elas haviam me contado e o que pesquisei. Fitando seus lindos cabelos acobreados, percebendo sua doçura, pensei que teria gostado de conhecê-la melhor. Mas ainda tínhamos oportunidade para isso. Era só ela passar para o nosso lado, quanto antes, melhor.

A hora de começar havia chegado. Íamos pôr nosso plano em ação e eu já estava ansiosa, esperando que tudo desse certo. Eu me movia pelo ódio. Ódio alimentado pelo passado, que ouvi ser contado a minha vida inteira, e pelo presente. Porque aqueles desgraçados continuavam fazendo tudo que queriam e saindo impunes.

A prova disso era o sumiço do meu namorado, Flávio. Desde que comecei a me aproximar da favela Sovaco de Cobra, eu o conheci. Nós gostamos um do outro de imediato, embora eu tenha me aproximado dele em busca de ajuda, pois descobri que, junto com o irmão e outros rapazes, roubava o gado dos Falcão. E quem era inimigo deles, era meu amigo.

No entanto, em uma das emboscadas que fizeram de madrugada e que acabou falhando, sem conseguir roubar as cabeças de gado, Flávio foi pego e preso. Ficamos desesperados e, como era seu irmão, Lauro foi lá tentar tirá-lo, já que não tinham provas de nada. Mesmo assim o mantiveram preso para averiguação e no dia seguinte o tinham liberado. Testemunhas viram Flávio saindo da delegacia. Mas depois disso, nenhum sinal dele. Sumiu como fumaça. Para mim e para Lauro estava mais do que claro o que aconteceu: os Falcão o pegaram, na certa o torturaram para saber quem eram os outros ladrões e deram fim nele. Com certeza o tinham matado e enterrado em algum canto.

Chorei por dias, o que só alimentou meu ódio já existente. Principalmente por ele, aquele desgraçado do Theodoro Falcão, o todo poderoso da família. Ele devia ser o mandante, saber de tudo. Não era a primeira vez que bandidos da área sumiam misteriosamente, sem nunca serem encontrados. E o nome dele era sempre mencionado nessas ocasiões. Dele e dos outros.

Eu os evitava. E mesmo na cidade, era sempre cuidadosa. Usava perucas diferentes, chapéu, às vezes óculos. E não aparecia sempre por lá. Só quando era extremamente necessário, como naquele dia no cinema. Tinha me mantido perto dela no Falconetes, no sábado, tentando me aproximar de sua bolsa. Mas foi impossível com ela cercada pelo rapaz e pela moça e com o caçula dos Falcão sem desviar a atenção da mesa dela. Não consegui nem me arrisquei, mas ouvi que combinava cinema no dia seguinte com o rapaz. Vi ali minha oportunidade.

Quase vacilei quando vi de novo Joaquim Falcão no cinema. Mas no final ele e a perigete que o acompanhava acabaram criando tanta confusão que me ajudaram. Quando Gabriela largou a bolsa no banco e partiu para cima dele, todo mundo de pé e gritando, o cinema escuro, enfiei o bilhete na bolsa dela. Estava feito. Agora era só esperar outras oportunidades. Já tínhamos o número do celular dela e seu e-mail. Tudo seria usado em seu devido tempo.

Voltei para minha nova casa na favela Sovaco de Cobra, usando meu carro velho. Mas antes de chegar lá, disquei para um número em meu celular e falei quando ela atendeu:

- Começou.

- Ótimo. – A voz, minha conhecida de toda vida, disse friamente. – Precisamos ficar de olho nela.

- Sim. Vamos aguardar. Depois ligo com mais calma. Estou dirigindo.

- Certo. A aposta foi feita. Cuide-se.

- Pode deixar.

Nos despedimos e desliguei.

Não via a hora de ter de volta o que era nosso. De tirar um pouco o que aqueles Falcão tinham roubado. Algumas coisas e pessoas tinham se perdido para sempre. Flávio também não voltaria mais. No entanto, a vingança aconteceria. E eles pagariam muito caro.

JOAQUIM

O ar condicionado do carro estava ligado. Ainda era tarde e no silêncio da mata em que estávamos, as folhas das árvores balançavam com o vento, mas a brisa não era suficiente para acalmar o calor lá dentro. Assim eu tinha ligado o ar, abaixado o encosto do banco detrás como se fosse uma cama e tinha ido para lá com Gabriela. Agora ela me olhava com amor enquanto eu a despia devagar, em silêncio.

Estava sentado e ela deitada, quietinha, seus olhos passeando com admiração por meu corpo nu, deixando que eu a despisse da jaqueta, abrisse e tirasse seu vestido, puxasse fora o sutiã e

finalmente a calcinha ensopada. Fiquei louco de tesão vendo sua pele rosada com pequenas sardas douradas, as curvas bem feitas, os seios altos e arredondados com aqueles mamilos corais que eram os mais lindos que eu já tinha visto.

A ereção voltou com força total. Dentro de mim os sentimentos corriam livremente, de um lado para outro, com uma intensidade absurda. O amor e o desejo venciam os outros, me faziam percorrer os dedos em sua carne, me deitar ao lado dela apoiado no cotovelo, encontrar seus olhos castanhos claros que espelhavam o mesmo. Eu me rendia de vez, sem ter mais condições de lutar contra, totalmente perdido e entregue.

Era um homem de sentir tudo com intensidade: amor, ódio, ciúme, paixão. Nisso meus irmãos tinham razão, eu parecia um dos touros bravos da fazenda, livre e impetuoso, intempestivo, irracional, um bicho em sua essência. E Gabriela sempre foi meu ponto fraco, aquela que despertava meus sentimentos mais vorazes e complexos, que me dominava sem que eu pudesse me conter.

- Está arrependido? – Perguntou baixinho, fitando-me.

- Sim. – Disse baixo e vi que isso a magoou. Então espalmei minha mão grande em sua face delicada e expliquei: - Estou arrependido pelo modo como tirei sua virgindade. Fui apressado e bruto. Nem cheguei a tirar sua roupa. Machuquei você?

- Não, Quin. – Pôs sua mão sobre a minha, terna, olhar apaixonado, lábios trêmulos. Havia emoção em cada sílaba que proferiu: - Esperamos tanto! E havia tanto desejo reprimido, que vínhamos guardando esse tempo todo!

- Você merecia uma cama ... flores ... beijos ... Mas sou um ogro.

Desci os dedos por seu pescoço longo, ainda sem poder acreditar que era realidade, que eu me permitia estar ali com ela livremente, tocando-a, amando-a. Por quatro anos foi tudo o que quis. Cada vez que nos beijamos e acariciamos escondidos, eu sonhei com aquele momento, em que seria definitivamente minha.

- Ogro é uma boa descrição. É musculoso, grandão, bravo, bruto. Mas é um ogro lindo. Com esse furinho no queixo. – Seu dedo indicador passou por ele e então subiu até entre minhas sobrancelhas. – E esses olhos de gato, amarelados, esverdeados.

Fiquei quieto. Então me inclinei sobre ela, agarrando sua cintura e colando seu corpo nu ao meu, enquanto beijava sua boca, buscava sua língua, me embriagava com seu gosto. Não me contive naquele beijo, fui com tudo, mordisquei seus lábios, inclinei o rosto para tomar cada recanto e reentrância.

Por tanto tempo lutei e pedi que algo me fizesse esquecer-la, que me livrasse daquele amor sem limites e proibido. Travei uma guerra comigo, mesmo sabendo que Gabriela vivia o tempo todo dentro de mim e em minha companhia, cravada em meu interior. Foi uma luta infrutífera, pois a cada

beijo e sonho, a cada olhar, ela se entranhava mais em mim. Não tinha cura, era um amor maior que tudo, que me dominava agora de vez e ganhava a batalha.

*Seus efeitos ainda dominam em mim
As lembranças só me distanciam do fim
Da batalha cravada em tentar te esquecer
Tè vejo nos meus sonhos me devolvendo o céu
Então sinto na boca o gosto do mel
Que eu sentia sempre que beijava você
Só sei que esse romance ainda vive em mim
O efeito do seu beijo me deixou assim, assim*

*Preciso de um remédio que cure essa saudade
Que diminua a dor que no meu peito invade
Que me cure ou me ajude a esquecer
Preciso de um antídoto que salve esse amor
Que tire os sintomas que me causam dor
Eu não sei mais o que vou fazer
Se pra curar o meu remédio é você*

*Seus efeitos ainda dominam em mim
As lembranças só me distanciam do fim
Da batalha cravada em tentar te esquecer
Tè vejo nos meus sonhos me devolvendo o céu
Então sinto na boca o gosto do mel
Que eu sentia sempre que beijava você
Só sei que esse romance ainda vive em mim
O efeito do seu beijo me deixou assim*

(Cristiano Araújo, EFEITOS)

Estremeci pelo tesão e pelo amor tão absoluto. Bem dentro de mim, senti o medo, meu velho conhecido, me espezinhar. Uma parte minha ainda achava pecado, ainda brigava e tentava resistir, bem consciente da luta que teríamos pela frente. Mas outra, maior, se entregava, se dava, sabia que nunca mais poderia se esconder dos sentimentos poderosos que tomavam conta de tudo.

Afastei um pouco a cabeça e fitei seus olhos langorosos, meu coração disparando, o desejo me distraíndo. Seus seios estavam espalmados contra meu peito, seu ventre macio agasalhando meu pau completamente duro e inchado, sua pele me convidando para mais. Tentei me conter. Ela devia estar dolorida e tínhamos um mundo de conversa e decisões pela frente. Mas era muito difícil, quando éramos tão apaixonados e estávamos nus.

Lembrei da sensação maravilhosa de entrar nela e senti meu pau babar na ponta, minha respiração acelerar. Era tão pequena e delicada, tão doce e pura, enquanto eu era alto e cheio de músculos, bruto e feroz. Precisava conter meus instintos e paixões, tentar ser ao menos um pouco mais racional.

Respirei fundo. E enquanto imagens recentes do meu membro entrando em Gabriela encheram minha mente, do meu corpo pairando sobre o dela, tomando-o, dei-me conta de como fui irracional, voraz. Nem ao menos usei camisinha.

- Porra ... – Gemi, me afastando um pouco.

- O que foi?

Ergui-me e segurei suas coxas, abrindo-as, passando os olhos em seus pelos acobreados, sua vagina rosadinha e delicada, os lábios ainda brilhando úmidos. Vi o fio de esperma escorrendo e um pouco de sangue. Fechei os olhos por um momento, dando-me conta do que fiz.

- Quin?

- Nem pensei em usar camisinha. – Virei o rosto para fitá-la, perturbado.

Gabriela piscou, mordeu o lábio, sabendo o que aquilo poderia significar. Mas não ficou muito chocada. Franzi o cenho:

- Já pensou se fica grávida? O caos que isso ia ser?

- Ao menos assim teríamos coragem de contar para eles.

Suas palavras me fizeram pensar se, inconscientemente, não pensei como ela. Será que esqueci de propósito, para ter a coragem e o motivo forte para enfim contar tudo aos meus irmãos? Eu não sabia. Não pensei, não fui racional em nenhum momento. Mas era uma possibilidade.

Gabriela se sentou também e nos olhamos. Havia uma aura sexual e quente lá dentro, um desejo ainda não todo satisfeito. Quis jogar tudo pro alto e amá-la novamente, esquecer o mundo, deixar para analisar tudo depois, quando não estivesse tão tarado por ela. E como se pensasse a mesma coisa, veio mais para perto, acariciou meu rosto com a mão direita e murmurou:

- Não tenho medo. Enfrento tudo por você, Quin.

- Gabi ...

- Sim ...

- Nossa família já passou por muitos problemas. Meu pai está naquela cadeira de rodas há quinze anos. Todo dia eu penso o que pode ter acontecido com Micah e sei que os outros também. Tragédias já aconteceram. E não tenho coragem de provocar mais uma.

- Eu sei disso. E entendo. Também os amo, são minha família. – Seus olhos estavam nos meus, seu cabelo longo espalhado sobre a pele branca, os seios pequenos e empinadinhos me deixando doido, lutando para me conter. – Mas vamos ter que contar.

- Vamos. Só não sei como.

- Eu sei. Vamos com calma. Preparar o terreno. Deixar eles irem notando aos poucos. Talvez falar com a Tia primeiro.

Ela estava certa. Não adiantava mais fugir e temer uma tragédia. Já era um fato que éramos

amantes e não irmãos. Eu não suportaria viver na agonia de imaginar que outro homem a teria. Não poderia mais lutar nem me enganar. Gabriela era minha. E eu era dela.

Segurei-a pela cintura com as duas mãos e praticamente a circudei com elas. Trouxe-a mais para perto de mim e beijei suavemente sua face, deslizando os lábios até sua orelha. Mordi vagarosamente o lóbulo macio perto do brinco, passei a língua e murmurei rouco em seu ouvido:

- Nada vai nos separar, Gabi. Vou fazer tudo certo. Você vai ser minha.

- Já sou, Quin. – Suas mãos correram meus ombros, os músculos do peito, gemendo.

Subi uma das mãos e espalmei-a sobre seu seio, cobrindo-o todo, esfregando o biquinho na palma. Continuei lambendo sua orelha enquanto o tesão rugia dentro de mim e meu corpo todo ardia, endurecia, exigia o dela. Desci a outra mão e na mesma hora Gabriela abriu as pernas. Rosnei, alucinado, escorregando os dedos em seus pêlos macios e úmidos, penetrando-os entre os lábios delicados, encontrando-a toda melada.

- Ah, porra ... Está muito dolorida?

- Não. Vem ... Me faça sua novamente ... – Pediu, suas unhas raspando minha pele, indo para as costas e a nuca, arfando, se dando.

Eu tinha que pegar o preservativo. Mas só de pensar em não sentir sua carne quente contra a minha, eu me desesperava. Afastei um pouco a cabeça e a olhei, meu indicador indo devagar dentro dela, sentindo como era pequena e quente como fornalha, enquanto deslizava a mão contra eu mamilo durinho.

- Você precisa começar a tomar anticoncepcional.

- Sim ...

- Não quero usar camisinha. – Passei a deslizar o dedo dentro e fora da sua bocetinha, já sem controle, arfando como um animal, meu coração disparando.

- Não use ... – Disse baixinho.

Era loucura minha e dela. Sabíamos os riscos e era como se os quiséssemos, procurássemos por eles. Sacudi a cabeça.

- Vou gozar fora. – Consegui dizer, a mão em seu peito forçando-a para trás, fazendo-a cair no banco deitada com a bunda na ponta, seus cabelos se espalhando como uma massa acobreada, seus lábios entreabertos. Fiquei louco de tanto tesão.

Girei o dedo em seu interior, descendo o olhar pelos seios, acariciando-os suavemente. Passei pela barriga lisa, a cintura bem pronunciada e as coxas abertas, enquanto meu dedo entrava e saía dela. Meu desejo ruiu por dentro, varrendo-me todo, cobrindo meu raciocínio, deixando-me sem eixo. Mordi o lábio e fitei novamente seus olhos, dizendo duramente:

- Melhor, não vou gozar fora, mas dentro de você.

Gabriela estremeceu, mas não negou. E expliquei:

- Vou comer sua bocetinha e te fazer gozar. E quando for minha vez, vou enfiar meu pau em sua boca ou em seu cuzinho. Sempre.

- Sim, Quin ... – Murmurou submissa e isso acabou com qualquer resquício de lucidez. Rangi os dentes e a ataquei, indo para cima dela, deitando entre suas pernas abertas, pesando grande e forte sobre seu corpo delicado. Puxei o dedo fora só para segurar meu pau pela base e meter a cabeça robusta entre seus lábios. – Ah ...

Seu gemido, seus tremores, o modo como me olhava, toda minha, tudo isso foi meu fim. Penetrei-a duramente, abrindo-a, decidido, mas sem ser violento. Abraçou-me e se abriu mais, suas mãos em minha nuca enquanto eu me acomodava apoiado nos braços, meus dedos em seu cabelo, minha boca beijando a dela com paixão.

Movi os quadris para frente e para trás, entrando todo, comendo-a com vontade, gemendo ao chupar sua língua e sentir como sua bocetinha agarrava meu pau e latejava, apertando-me, toda quentinha e gostosa, meladinha. Ainda tentei me conter, respirei fundo, afastei os lábios o suficiente para fitar seus olhos e murmurar:

- Está doendo?

- Um pouco ... – Confessou e, quando eu ia me retirar, cerrando a mandíbula, me abraçou forte:

- Não, não pare. É gostoso assim ...

- Gosta de dor? Hein, sua safadinha? – Meti mais duro e fundo, arrancando gemidos de sua garganta, dominando-a com meu corpo e meu olhar feroz.

- Gosto de tudo que faz comigo ...

Era para deixar qualquer um louco. Gabriela era minha sem limites, para que eu fizesse exatamente tudo que eu quisesse. Agarrei firme seu cabelo, sabendo que faria. Passaria meus dias e minhas noites fodendo-a, amando-a, devorando-a, expondo todas as minhas taras e desejos. E ela gozaria vezes sem fim com meu pau, meus dedos, minha língua e minha boca. Gozaria até cair exausta, dominada, minha. Sempre minha.

Estoquei com força em sua rachinha que pingava e chorava, coladinha no meu pau, agarrando-o. Gemeu quando beijei-a duramente, tomando-a domesticada embaixo do meu corpo exigente e feroz, que a cobria no meio do mato sem delicadeza, como o animal que no fundo eu era. Enfiei tanto, tão duramente, inchado e grosso, longo, que Gabriela começou a choramingar em minha boca e parei no fundo dela, arquejando, tentando me conter.

Olhei-a de novo, cheio de tesão, mas também preocupado.

- Está doendo? Diga a verdade.

- Sim, mas não pare ... Por favor, não pare ...

Suplicou agoniada, suspensa entre a dor e o prazer. Pelo meu tamanho e o dela, ainda mais sendo virgem até há pouco tempo, eu imaginei que devia estar bem ardida. Sem coragem de feri-la mais, puxei o pau para fora e me agarrou, tentando me conter:

- Não, Quin, volte ... Preciso de você ...

- Vai me ter. Vire de lado.

Olhou-me, com medo que a deixasse. Mas obedeceu, virando de lado naquela cama apertada e improvisada. Cheio de tesão olhei sua bunda redondinha e macia, suas costas bem feitas, aquele cabelo luxurioso espalhado sobre o banco. Caí de joelhos no chão do carro, agarrando os dois globos, abrindo-os. Gemi baixo ao ver a bocetinha inchada e vermelhinha, o cuzinho rosado, pequeno. Segurei-a assim aberta e a lambi ali, deixando-a toda trêmula.

- Ai, Quin ... Que gostoso ...

Sim, era uma delícia! O sangue bombeava dentro de mim violentamente, minhas têmporas latejavam, meu pau babava dolorido. Puxei com o dedo parte de sua lubrificação da rachinha e levei ao orifício, afastando a boca, olhando meu dedo espalhar o gel natural em volta, enquanto dizia com voz gutural:

- Vou comer seu cuzinho enquanto sua bocetinha se recupera.

- Sim, faça o que quiser comigo ... Tudo que quiser.

Putá merda, era para enlouquecer qualquer um. Meti o dedo ali e cuspi para facilitar a penetração, entrando todo, enquanto ela palpitava em volta do meu dedo. E assim fiz, intercalando lambidas e metidas, até que a senti toda lubrificadinha para mim. Então me ergui, deitando atrás dela, segurando meu pau com uma das mãos. A outra ergui sua coxa, enquanto dizia perto do seu ouvido:

- Fique quietinha enquanto meto na sua bunda.

Estremeceu violentamente, arquejou em expectativa, dominada, submissa. Perdi a razão. Cerrei os dentes para não fodê-la com a luxúria martelando violentamente. Empurrei a cabeça redonda e gorda no orifício tão minúsculo, parecendo que nunca poderia me ter ali. Mas eu sabia que ia entrar tudo e ser gostoso. Doloroso no início, mas logo depois a deixaria fora de si.

Gabriela choramingou, espalmou as mãos na lateral do carro, mas não fugiu. Forcei e a penetrei devagar, a cabeça entrando, passando do anel apertado, sentindo sua quentura estonteante. Beije seu pescoço levemente suado, mordisquei-o, rugindo baixinho ao meter mais e mais, tomando cada polegada, sendo estrangulado pelo canal ardente e úmido, até que minhas bolas bateram em sua bocetinha inchada, meu pau todo agasalhado no fundo dela.

- Gostosa ... – Rosnei, cravando os dentes em seu pescoço, agarrando firme sua perna erguida, saindo com o pau até a metade e enfiando todo de novo. Ela gritou rouca, mas não fugiu. Pelo contrário, forçou a bundinha contra mim e pediu baixinho:

- Isso, Quin ... Mete tudo ... Ai ...

- Quer tudo? – Tirei e segurei a base. Parei só com a cabeça dentro dela e ordenei: - Rebole devagar. Peça mais.

Gabriela parecia fora de si, nada da mocinha comportada e doce de sempre. Tremia, gemia, estremecia como uma gatinha no cio. Soube que gostava daquilo, adoraria ser fodida de forma suja e dura, ser minha putinha. Isso me deixou doido, ainda mais quando rebolou, massageando meu pau, choramingando com a minha grossura. Fiquei fora de mim e enterrei tudo de uma vez, fazendo-a gritar alucinada.

- Toma tudo. Agora peça. – Puxei de novo para foram, saindo todo. Desci a mão calosa por sua coxa macia até a virilha, mantendo-a aberta, massageando suavemente seu clitóris. Tremeu de novo, gemeu, miou.

- Por favor, Quin ...

- Por favor o quê?

- Come meu cuzinho.

- Como? Assim? – Forcei a cabeça e entrou bem devagar, deslizando dentro cada polegada, até parar no fundo. Então saí até a metade e voltei com tudo, fodendo-a em estocadas duras e violentas, sem parar de massagear seu clitóris. – Ou assim?

- Assim ... Isso ... – Choramingava, mordida pela dor, suspensa entre ela e um prazer que a deixava fora de si.

- Gosta de ser tratada como uma putinha, não é? – O tesão me deixava bruto, descontrolado. Fui tão feroz que acabei fazendo-a se deitar de bruços no banco, minha mão embaixo dela masturbando-a, a outra abrindo sua bunda enquanto estocava seu cuzinho sem dó. Deitei sobre seu corpo e espalhei mordidinhas em suas costas, alucinando-a, fazendo-a gemer sem parar. – Quem diria que a doce Gabi, com seu olhar doce, seus vestidos de mocinha, gosta de ser fodida assim ...

Minhas palavras grosseiras não a ofendiam, a deixavam mais doida. Cravei os dentes em seu ombro e mandei ver dentro do seu orifício todo arreganhado, gruindo como um animal, sendo bruto, masturbando-a. Tinha perdido qualquer controle, furioso, um touro bufando, soltando fogo pelas ventas, atacando.

E ela gostava. Tentava abrir mais as pernas, se esfregava em meus dedos, arranhava o banco, se debatia em cada estocada, chorava e gemia. Ficamos completamente dominados pelo tesão, os vidros do carro embaçando, a temperatura lá dentro subindo vertiginosamente. Uma fina camada de suor cobria nossas peles. E Gabriela suplicou:

- Mais ... Mais ...

Tirei o pau todo e o enterrei fundo. Devorei-a. Mas parecia alucinada, se sacudindo, buscando

um alívio. O tesão se concentrava todo em meu pau, prestes a explodir. Estava fora de mim e então ela pediu:

- Mete o dedo em mim ... Por favor ...

Eu me continha para não machucá-la mais do que fazia. Mas assim ficava difícil. Escorreguei o dedo do meio entre seus lábios melados, penetrando-o ali, espalmando a mão toda em sua bocetinha. Gritou, ondulou e então levei a mão livre até sua garganta, segurando-a firme ali sob o queixo, virando sua cabeça para um lado e para trás. Saqueei sua boca em um beijo apaixonado e foi aí que ela gozou forte, descomedida, sacudindo-se inteira, arquejando.

Foi meu fim. Esporrei forte em seu cuzinho, minhas estocadas fazendo meu dedo se enterrar mais, minha boca devorando a dela com uma fome incontável. Ondulamos, gozamos, fomos juntos naquela viagem alucinante e desmedida, até que sobrou espasmos involuntários, uma sensação deliciosa e suprema de entrega.

Gabriela desabou, acabada. Eu respirava pesadamente, sabendo que não tinha como não tê-la machucado e que ela sentiria mais quando eu saísse do seu interior. Esperei um pouco, acalmando-a, espalhando beijinhos em sua face, seu pescoço, seu ombro. Tinha judiado demais dela e fui engolfado pela culpa. Era mesmo um puto de um animal!

Conforme minha ereção foi diminuindo, saí devagar, lamentando seus gemidinhos. Fui tardiamente cuidadoso, mas mesmo assim a ouvi choramingar. Lentamente a virei de barriga para cima, tirando o dedo, vendo seu rosto marcado pelas lágrimas.

- Desculpe ... – Falei baixo, arrependido, culpado. Vi sangue no meu dedo e tive vontade de me socar, furioso. – Vou ser mais cuidadoso da próxima vez, juro.

Deitei-me a seu lado, puxando-a para meus braços, beijando seu cabelo. Ela ergueu o rosto, buscou meu olhar:

- Será que sou anormal? – Murmurou.

- Claro que não! – Toquei seu rosto, preocupado. – Por quê?

- Gostei assim, Quin. Bruto. Forte. Do jeito que você é.

- Gabi ...

- Juro! Nunca pensei que pudesse ser dessa maneira ... Gozei tanto!

- Mas machuquei você. Fui a porra de um cavalo! – Reclamei, com raiva de mim mesmo.

- Foi um touro. – Sorriu e me abraçou, cansada, toda corada, suas pálpebras pesadas. Parecia levemente bêbada. – Não precisa se controlar comigo.

Eu a fitei, quieto, prestando atenção. E vi que falava a verdade. Parecia feliz e satisfeita. Só então relaxei um pouco mais, parte da minha culpa se esvaindo. Mesmo assim, disse a mim mesmo que tentaria me conter mais da próxima vez. Eu a amava, como poderia machucá-la?

Abracei-a, encaixando sua cabeça entre meu queixo e meu peito, acariciando seu cabelo macio e perfumado. Olhei através do vidro da janela, percebendo que a tarde começava a escurecer e logo seria noite. Teríamos que voltar à fazenda e à nossa realidade. Eu nem sabia mais o que fazer a partir dali.

Podia chegar e abrir o jogo com meus irmãos, correndo o risco de criar uma tragédia. Não sei o quanto aquilo afetaria a família e ao meu pai, já tão debilitado. Ou poderia ir acostumando-os aos poucos, começar tentando garantir o apoio de Tia. Ela poderia nos ajudar, nos orientar, nos dar uma luz sobre a melhor maneira de contar tudo.

Pensei em Theo. Apesar de justo, era muitas vezes uma incógnita. Havia uma veia violenta nele, princípios que julgava certos, dos quais não se desviava. Se achasse que fui errado, que traí sua confiança, que agi contra a família, seria um inimigo cruel. Se me entendesse, seria meu maior aliado. O problema é que sempre o respeitei demais, nunca quis decepcioná-lo. E tinha medo de fazer isso agora.

- Gabi ...

- Sim? – Ergueu o rosto e me olhou. Fitei-a atento, preocupado.

- Dê-me um tempo. Vou falar com Tia e com Theo. Só me deixe acostumá-los aos poucos, preparar o terreno.

- Eu entendo. Acho melhor assim também.

- Vamos ter que continuar fingindo. Mas será por pouco tempo. Prometo. – Garanti baixo.

- Acredito em você. – Subiu a mão por meu peito, até meu rosto, olhando-me cheia de amor. –

Ao menos sei que me ama, que não vai mais fugir de mim. Não é, Quin?

- Nunca mais. – Prometi, segurando sua mão e beijando sua palma. Deslizei o olhar por sua face, seus traços doces, sua boca rosada. Gemi baixinho, embriagado de tanto amor, tantos sentimentos vorazes. Indaguei em um arfar: - Como posso amar tanto assim? Mais do que tudo na vida? Desde que a vi pela primeira vez, soube que seria especial para mim.

- Eu sinto o mesmo. – Murmurou emocionada.

- No início, eu a amei como minha irmã. Achei que era isso aquele sentimento sem fundo, incompreensível, que me devorou por inteiro. Mas então toquei sua pele, olhei seus lábios, abracei-a naquela madrugada, e tudo mudou, ganhou novas dimensões. E nunca mais consegui escapar disso. Mesmo achando errado, já estava enraizado dentro de mim.

- Ah, Quin ... – Veio para mais perto, colando seus lábios nos meus.

Segurei sua cabeça e a beijei, um misto de doçura e paixão, de saudade pelo tempo que ficamos longe e que fingi, decidido a nunca mais me privar dela e do que eu sentia. Foi um beijo longo, amoroso, cheio de promessas e esperanças.

Nossos corpos se acalmaram e ficamos lá, nus e abraçados, enquanto a noite caía. Sabíamos que era a hora de ir, de voltar à realidade, de iniciarmos nossa luta. Depois de quatro anos, estávamos juntos. E não tinha mais como fugir de tanto amor. Seria eu e ela contra o mundo. Em algum momento, tudo viria à tona. Mas estaríamos juntos. E era isso que importava.

GABRIELA

Felizmente voltamos sem problemas. Nossos irmãos não estavam em parte alguma e nem viram que entramos juntos. Com um olhar cúmplice, nos despedimos na sala e o fitei cheia de amor, meu estômago se contorcendo ao vê-lo tão lindo, lembrando tudo que fizemos, como me tornou sua mulher. Resisti ao desejo de ficar mais perto dele e subi as escadas, cada parte do meu corpo dolorida, consciente de que foi tocado.

Minha vagina e meu ânus então, estavam realmente doloridos. Entrei em meu quarto e fui direto encher a banheira com água morna, sorrindo, mais feliz do que já estivera um dia. Despi-me e entrei na banheira gemendo, colocando meu cabelo para fora da borda e fechando os olhos, ansiosa para recordar tudo.

A vergonha que passei no cinema, a confusão toda que Joaquim e Tininha causaram, tudo isso foi esquecido diante do que veio depois. Do toque e do beijo apaixonado de Joaquim, dele tirando a roupa na minha frente dentro do carro, tão decidido a me ter que fiquei sem ação. Como me prendeu e me fez dele, entrou em meu corpo, tão esfomeado que nem teve tempo de tirar minha roupa.

Estremeci, com o coração disparado. Era aquilo que eu mais amava nele, sua impetuosidade, sua essência dura e livre, de bicho, de tomar o que queria, de ser até bruto. Era natural da terra, dos instintos, dos impulsos mais íntimos e vorazes. Eu nunca ia querer domesticá-lo. Ao contrário, queria sim ser domada por ele, cada polegada minha se submeter aos seus estímulos e suas exigências de macho puro. Já estava perdida, entregue, cedida ao amor e à paixão que despertava em mim.

Fechei os olhos, deixando a água me banhar, mas sendo inútil diante do meu corpo que se incendiava com as lembranças. Tudo o que fizemos nas madrugadas naqueles quatro anos pareceram pequeno diante dessa nova realidade, de ser dele por inteiro, sem medidas, sem controle. Tínhamos ultrapassado um limite, não tinha mais volta.

Sob a água morna, acariciei meu ventre, lembrei de Joaquim gozando dentro de mim. Podia estar sendo louca e errada, mas rezei para ter ficado grávida. Mesmo tendo só vinte anos, eu o queria

por toda a vida. E um bebê nos uniria para sempre, obrigaria nossos irmãos a aceitarem o que tínhamos. Não senti culpa por isso. Ao contrário, pedi para que fosse realidade.

Muitas meninas na minha idade queriam namorar, se divertir, estudar, trabalhar. Eu era muito mais simples. Eu queria viver sempre naquela fazenda que era meu lar, o lugar que eu mais amava no mundo. Queria ler um livro sentada debaixo de uma árvore e criar meus filhos correndo pelo campo. Queria cavalgar ao lado de Joaquim e casar com ele, dormir em seus braços toda noite, amar e ser amada sem limites. Seria pecado desejar o que para muitos seria pouco, mas que para mim era tudo?

Não, não era pecado. Amar como eu amava nunca seria errado. E isso as outras pessoas teriam que entender. Eu me fortalecia e esperava que logo pudéssemos contar tudo. Pois tanto quanto Joaquim tinha medo da reação deles, tinha medo de decepcioná-los e criar uma tragédia. Mas com o tempo, conseguiríamos juntos, firmes em nosso propósito.

Lavei meu corpo dolorido, mas bem amado. Estremeci, sorri, desejei, arquejei. Mas por fim saí do banho, me enxuguei e me enfiei em um roupão. Voltei ao quarto e sentei na beira da cama, só então me preocupando com Felipe. Coitado, o deixei sozinho lá, na certa apreensivo por minha causa. Nem ao menos lembrei dele.

Peguei minha bolsa ao lado e a abri, buscando meu celular para ver se ele tinha me ligado. Era uma bolsa pequena, lá dentro só minha carteira, um pente, um batom e o celular. Fiquei surpresa quando vi um papel branco, dobrado. Franzi o cenho, sem lembrar de tê-lo colocado ali.

Deixei a bolsa na cama e peguei o papel, desdobrando-o. Era uma folha de papel ofício, mas no meio dela apenas uma frase impressa, sem assinatura, sem nada. Eu a li e senti o coração disparar conforme minha mente registrava as palavras:

VOCÊ NÃO É DESSA FAMÍLIA. ELES TÊM SANGUE DE ASSASSINOS, VOCÊ NÃO.
SEU SANGUE É DA VÍTIMA. DA VÍTIMA QUE ELES MATARAM. CUIDADO. SE
DESCOBRIREM QUEM VOCÊ É, VÃO MATÁ-LA TAMBÉM. OBSERVE. DESCUBRA. NÃO
CONTE NADA. OU CORRERÁ RISCO DE VIDA. ESTOU DO SEU LADO, NÃO CONTRA
VOCÊ. QUEM AVISA, AMIGO É.

Li de novo, chocada. E de novo. Só então olhei para frente, as palavras deslizando em minha mente. Várias questões me dominaram e a primeira foi: Como aquele papel foi parar na minha bolsa? Ao sentar na cadeira do cinema ao lado de Felipe, antes do filme começar, ele não estava ali. Sei disso pois peguei o celular na bolsa para desligá-lo e não vi nada. Tinha sido colocado ali entre aquele instante e o que saí do cinema. Mas como?

Tentei recordar tudo, mas me sentia nervosa demais com o bilhete para pensar claramente.

Mesmo assim ficou claro que, ou foi Felipe quem pôs ali ou alguém perto, aproveitando o momento em que me distraí com a confusão que Joaquim armou. Mas quem? Por quê? Com que objetivo?

Levantei-me segurando a folha, com muito medo. Meu primeiro pensamento foi o de correr para o quarto de Joaquim e contar a ele. Mas então parei, tremendo lendo de novo. O que me deixou imobilizada foi a frase de que meu sangue era da vítima que eles mataram e que, se descobrissem, me matariam também.

Era um absurdo. Meus irmãos nunca fariam nada de mal contra mim. Mas uma velha questão retornou: Quem eu era? Quem me largou ali na fazenda aos três anos? E se eu fosse de uma família que meus irmãos odiassem, um inimigo? Isso poderia mudar a forma como me viam e me amavam? E Joaquim?

Caí sentada na cama de novo, apavorada, tremendo muito. Li mais uma vez e fechei os olhos, com um medo atroz dentro de mim. Recordei os pesadelos. A mulher loira, seu rosto muito próximo do meu, embora eu não pudesse ver claramente seus traços. Mas sentia seu ódio, quase podia ouvir sua voz ecoando em minha mente como um mantra, sempre a mesma coisa: MATE! MATE! MATE!

Estremeci, nervosa. No sonho eu chorava com medo, por que ela segurava forte meu braço e me mostrava um facão. Dizia mais coisas, mas eu não entendia. Eu me sentia pequena e indefesa perto dela, enquanto dava suas ordens, me mandava matar, me sacudia. O pânico era terrível e muitas noites acordei com a sensação de que enfiaria aquele facão enorme em mim. Por anos aqueles pesadelos me acompanharam e pela primeira vez pensei que podiam ser mais do que isso, talvez uma lembrança.

Mas quem era a mulher? Por que me mandava matar? Matar quem? Um dos meus irmãos?

- Não ... – Larguei o papel no chão, erguendo-me como se ele me queimasse, lágrimas escorrendo por meu rosto, me fazendo abraçar a cintura e soluçar.

Não podia ser verdade. Meus irmãos não eram assassinos, mas ... e se minha família fosse? A família de sangue? Aquela mulher de olhar malévolo? E se agora me quisessem de volta ou me usar? Se infernizassem a minha vida? Se contassem coisas que poderiam afastar Theo, Pedro, Heitor e Joaquim de mim?

Andei pelo quarto, desesperada, sacudindo a cabeça. Logo agora que eu e Joaquim estávamos dispostos a enfrentar o mundo para ficarmos juntos acontecia isso? Até que ponto era uma ameaça? Poderia nos separar?

Várias questões me bombardeavam furiosamente. Abri os janelões, busquei o ar puro da noite, tentei me acalmar. Podia ser uma brincadeira de mau gosto ou uma mentira. Talvez alguma armação de um inimigo de negócios, só para causar confusão na família. Sim, só podia ser isso.

Olhei para o céu estrelado, os campos que se estendiam à minha frente, tentando me convencer.

Tinha muito medo, mas queria ser forte. Ficaria atenta. Não deixaria um bilhete anônimo tirar minha paz ou ameaçar minha felicidade.

Pensei se não deveria contar para Joaquim ou para um dos meus irmãos. Theo teria meios de investigar. Mas como eu poderia fazer isso se temia ser mesmo de alguma família que eles odiassem e se esse ódio se estendesse a mim? Mesmo achando isso impossível, não tinha coragem de arriscar.

Fiquei lá, imóvel, confusa, angustiada. E julguei melhor eu mesma investigar, tentar saber de onde vim, como apareci ali. E se na época ocorreu algo entre os Falcão e outra pessoa ou família. Algo que pudesse suscitar ódio. Ou que fizesse um estranho me mandar aquele bilhete e chamar meus irmãos de assassinos.

Nunca me senti tão sozinha. Fui protegida e mimada a vida inteira, não sabia ao certo como me virar sozinha. Mas teria que aprender.

Sempre soube que fui adotada e de como cheguei ali. Ninguém sabia ao certo de que maneira isso aconteceu. Quando era mais nova, costumava me indagar, curiosa, sobre meu passado, sobre a mãe e o pai que me abandonaram. Mas então segui em frente, dei valor à família que eu tinha e que me recebeu como um ente querido entre eles. Mesmo meu pai, frio e calado, nunca me destratou. Eu era Gabriela Cruz Falcão e ponto final.

Agora, alguém abria uma vírgula e um ponto de interrogação ali. Quem era Gabriela? Quem eu era? Uma inimiga da minha família? Até que ponto aquilo poderia causar problemas?

Senti os olhos ficarem cheios de lágrimas e me abracei, com muito medo. O pior de tudo era a sensação terrível de que aquilo era só o começo. Que coisas piores viriam. E talvez eu tivesse que enfrenta-las sozinha.

Entreguei-me ao medo e à dor e chorei.

CAPÍTULO 6

JOAQUIM

A Fazenda Falcão Vermelho era atualmente uma das mais destacadas, produtivas e respeitadas do Brasil e isso se devia aos investimentos no gado de qualidade, nos melhoramentos genéticos, na variação da produção e na diversificação. Tudo isso precisava ser muito bem controlado e havia responsáveis para cada coisa.

Nos escritórios da cidade, Theo administrava o negócio como um todo, fazendo contatos com clientes, tomando decisões, investindo, tomando conta de tudo. Pedro ficava responsável pelos frigoríficos que abasteciam supermercados do país inteiro, pelas exportações e também auxiliava decisões sobre os laboratórios e inseminações artificiais do gado.

Na Fazenda, Heitor decidia tudo, era o diretor administrativo, resolvia todos os problemas, fazia o trabalho de controle, era o homem de frente. E eu ficava encarregado dos gados de corte que eram maioria e se dividiam em 40 pastos chamados de mini retiros, onde cerca de quase 3 mil animais se agrupavam em cada um. E também da minoria de Gado leiteiro, cerca de 5 mil cabeças, pois ao contrário do nosso pai, que sempre deu prioridade apenas à venda de carnes, Theo diversificou.

Atualmente éramos produtores de gado leiteiro em menor escala, além de termos laboratórios e espaços separados para a biotecnologia, com melhoramento genético e inseminação artificial. Neles eram coletados óvulos de vacas puras de boa linhagem e fertilizados com touros de alta genética. Depois os óvulos fertilizados eram enxertados nas vacas “mães de aluguel” ou vacas de gestação, de onde nasciam animais produtivos e de alto valor de mercado.

Tinha sido um investimento e tanto de Theo neste ramo, só possível quando nosso pai se afastou dos negócios, pois ele nunca quis arriscar. O resultado era que em quinze anos nos tornamos renomados nesse quesito e tínhamos mais de 500 clientes fixos que compravam nosso gado de elite. Vendíamos sêmen, touros de dois anos, tínhamos vacas que valiam mais de um milhão de Reais. O nosso gado Nelore, de raça zebuína, que era a base da pecuária brasileira, servia para dois tipos: o puro (sem sangue nenhum de outras raças), que valia cem vezes mais que o gado comum e era vendido igualmente com um lucro absurdo; e o cruzamento do Nelore com o gado holandês, dando origem à raça Girolanda e à Gir leiteiro. O que se buscava era o aumento na eficiência na produção de carne e, em menor escala, na de leite.

Tudo isso transformou a Falcão Vermelho num negócio extremamente lucrativo, de renome, com qualidade. A produtividade era muito alta, assim como os prêmios. Naquela semana mesmo Theo ia a Belo Horizonte receber mais um, como melhor criador de Girolanda e Gir Leiteiro do país. No ano passado ele havia ganhado o de melhor criador da ExpoZebu e melhor criador na XVIII exposição de herdeiros de raça. Nosso touro também tinha sido premiado como o melhor sêmen da raça pura Nelore, assim como nos anos anteriores ganhamos prêmios e medalhas do estado de Minas

Gerais e de ranking nacional.

Para tudo isso acontecer, fazíamos um trabalho duro. E tínhamos homens de confiança sob nossa supervisão. Desde administradores até capatazes, zootecnistas, veterinários e peões. Era uma hierarquia, com pessoal encarregado de tudo. Os salários justos, as boas condições de moradia, escola, esporte, ambulatório e posto dentário, além de exigência da eficiência, faziam da Fazenda Falcão Vermelho um sucesso, muito maior e mais lucrativa do que quando nosso pai estava à frente de tudo. Éramos praticamente os reis do gado no estado.

Apesar de sermos patrões, eu e Heitor tínhamos um contato maior com os trabalhadores e lidávamos com eles no dia-a-dia, estando em contato com o campo e os animais, os problemas e decisões imediatos. Almoçávamos com eles geralmente no refeitório e, apesar de sermos respeitados, também tínhamos amigos ali e mais intimidades com eles. Já Theo e Pedro, por serem mais sofisticados, usarem ternos e roupas elegantes, viajarem, eram mais distantes e até mesmo temidos por alguns. Pedro um pouco menos, pois apesar do seu jeito estourado, muitas vezes jogava carteadado com os rapazes ou saía conosco para tomar cerveja. Mas Theo era mais na dele. E sua fama de ser duro o precedia, então havia um respeito tácito de todo mundo e ninguém queria fazer besteira e ter que se ver com ele. Embora o máximo que fizesse fosse despedir o indivíduo.

Naquela segunda-feira, ocupei-me de meu trabalho, verificando se o gado tinha sido mandado para ordenha, se estavam no pasto e tudo mais que eu fazia todo dia. Estava no meio da manhã discutindo sobre as cercas ao norte da fazenda que tinham caído ou sido derrubadas, organizando sua reconstrução, quando Heitor me ligou no celular para me chamar no laboratório. Ele tinha uma sala lá, que usava para resolver a papelada que tinha que ser mandada para o escritório da cidade. Mas geralmente não o ocupava muito.

Franzi o cenho, montei no meu cavalo Fuligem e parti para lá, estranhando. Geralmente não interrompia meu trabalho e deixava para discutir o que quer que fosse ao telefone ou na hora do almoço. Daquela vez pediu que eu fosse até lá. Não era longe e logo Fuligem galopava e parava em frente ao prédio branco de dois andares, ao lado do refeitório. Pulei dele, cumprimentei alguns funcionários ao entrar e fui direto para os fundos, onde ficavam três salas. Uma dos arquivos, outra o escritório que Heitor e eu ocasionalmente usávamos e outra onde recebíamos clientes interessados em comprar o sêmen ou o óvulo fecundado. Entre elas havia a mesa de Lucy Dantas, a secretária de 50 anos muito eficiente que tinha nascido na fazenda e trabalhava conosco há muitos anos.

- Oi, Lucy. – Tirei o chapéu branco e a cumprimentei. – Heitor está aí?

- Sim, Joaquim. – Sorriu simpática para mim, fitando-me sobre os óculos. – Ele aguarda você.

Acenei e entrei no escritório sem bater. Atrás de uma mesa grande, da sala com ar condicionado ligado e funcional, Heitor ergueu os olhos escuros para mim. Estava levemente

descabelado e comentei debochando:

- Está precisando ir ao barbeiro. Parece o homem das cavernas.

Era o único de nós a usar o cabelo mais comprido e barba. Lembrei que Micah também usava o cabelo longo e que, fisicamente, ele e Heitor se pareciam um pouco, mais morenos e de cabelos e olhos escuros. Mais uma vez pensar em meu irmão desaparecido me trouxe mal estar e preocupação, mas tentei afastar aquilo.

Joguei-me na cadeira em frente à mesa, sorrindo de leve ao ver que Heitor estava de cara amarrada e eu sabia que era devido ao trabalho burocrático que em alguns momentos precisava fazer. Devia estar enviando algum documento a Theo na cidade e de frente para o computador, quando na certa queria estar lá fora.

- O que houve? – Indaguei.

Heitor largou o que fazia no computador, olhando-me de cenho franzido. Como sempre, foi bem direto:

- Felipe acabou de sair daqui. O que você aprontou ontem no cinema?

Fiquei quieto, sério, olhando-o. Senti certo temor que ele estivesse desconfiando de algo sobre mim e Gabriela, mas era difícil dizer por sua expressão. Fiquei irritado:

- Qual é a desse cara? Em vez de vir resolver comigo veio fazer fofuquinha?

- Não é fofuquinha. – Recostou-se na cadeira, atento. – Pelo que eu soube, vocês quase se atracaram no cinema. Ele é um dos capatazes da fazenda. Você é um dos patrões. Veio saber como fica a situação dele.

- Fica da mesma maneira. Acha que vou pegar no pé dele por ter batido boca comigo? – Reclamei.

- Batido boca? Pelo que me contou, foi mais do que isso. Gabriela se meteu na frente para que vocês dois não se embolassem por lá. Disse que virou um pandemônio. E por que tudo isso, Joaquim?

Bati com o chapéu na coxa, irritado. Heitor não tirava os olhos de mim e exigiu saber:

- O que foi fazer lá atrás da nossa irmã?

Tive vontade de gritar que Gabriela não era nossa irmã. Ao mesmo tempo, senti meu rosto esquentar ao lembrar tudo que fizemos no carro, como a tornei minha. E tê-lo ali, olhando para mim, me trouxe dois sentimentos: a vontade de abrir logo o jogo com ele e o medo que descobrisse da pior forma e complicasse tudo. Assim, fui indireto, encarando-o:

- Fui ao cinema com Tininha.

- A maluca que ajudou você a causar a confusão toda. – Passou a mão pela barba escura, atento. – Aliás, por que fez tudo isso?

- Felipe estava sendo abusado. – Rosnei.

- Como? Tentou agarrar a Gabi?

- Não foi bem isso. – Desviei o olhar, incomodado. – Ficou coladinho, o braço em volta do ombro dela, de mãos dadas.

- Só isso?

- Só isso? – Olhei-o, indignado.

Heitor suspirou. Apoiou os braços sobre a mesa e se inclinou para frente, olhando-me. De todos nós, era o mais analítico e sereno. Mas seu jeito sempre observador me incomodava, parecia sempre ver mais do que eu queria mostrar.

- Pelo que sei, Gabi é maior de idade. E é responsável. Que mal há em segurar a mão do namorado no cinema?

- Felipe não é namorado dela. – Falei entredentes.

- Nem você.

Isso me assustou. Nos encaramos e senti o coração disparar. Mas antes que conseguisse reagir, ele indagou:

- O que há com você? Primeiro, passa a praticamente desprezar a menina. Vi como tentou se aproximar esses anos e você sempre mal humorado, como se ela fosse uma pirralha que enche seu saco. Depois, fica desse jeito, cheio de ciúmes. Qual é a sua, Joaquim?

Mais do que suas palavras e seu tom duro, o que mais me desconcertou foi seu olhar. Havia uma desconfiança ali, algo que procurava comprovar.

Fiquei imobilizado na cadeira. Ainda não tinha coragem de contar tudo. Nem tanto por Heitor, mas pela família de forma geral. Imaginei Pedro perdendo a cabeça e partindo para cima de mim. O olhar de censura de Theo. E o que aquilo acarretaria para nosso pai, preso naquela cadeira, mas consciente de tudo. E fiquei calado.

Mantive meus olhos nos de Heitor e nenhum de nós dois recuou. Parecíamos medir forças, mas era mais do que isso. Era uma disputa para saber o que acontecia e minha em lutar se deixava à mostra ou não. Por fim, não tive coragem de deixar sair. Ainda era difícil aceitar tudo, imagine como seria para eles.

- Eu me preocupo com Gabriela. – Falei baixo.

- Isso está muito estranho. – Retrucou no mesmo tom.

- Estranho por quê? – Continuava o mais impassível possível. – Por não deixar um qualquer encostar nela?

- Felipe é um bom rapaz, e nosso empregado. Não quero confusão na fazenda. – Seu olhar ainda era sério e avaliador. – Estou tentando entender você, Joaquim.

- Não se preocupe. – Eu me ergui, exasperado, enfiando o chapéu na cabeça. – Se ele se comportar direito, faço o mesmo.

Sentia que havia mais para ser dito. Heitor estava desconfiado, isso estava na cara. Não sei se chegava a imaginar que eu tinha algo com Gabi ou só achava que meus sentimentos estavam confusos. Mas como sempre, ele ia ficar de olho até ter certeza. Só então me acusaria de algo.

O cerco parecia se fechar. E pensei que teria que começar a deixar que notassem mesmo, mas sem ser tão direto. Precisava falar o quanto antes com Tia, pedir a ajuda e o conselho dela. E depois de Tia, quem mais poderia nos entender era Heitor. O problema era que, falando para ele, Pedro saberia. Os dois eram amigos, não esconderiam algo assim um do outro. E Pedro era muito cabeça quente, fazia merda e pensava depois.

- É só isso? – Indaguei, preocupado.

- É. – Não completou mais nada. Mas para quê, se tudo ficou óbvio? Eu estava na mira dele. Acenei com a cabeça e caminhei para a porta, puto com Felipe. Devia ter vindo falar comigo, não com meu irmão.

Saí e voltei a cuidar do meu trabalho, mas passei a manhã preocupado. Na hora do almoço, lavei a cabeça no tanque fora do refeitório para refrescar, deixei a camisa suada aberta, enxuguei-me de qualquer jeito e fui pegar minha comida. Estava cheio àquela hora, a maioria de homens. Mas havia mulheres também. Todos falavam, riam, conversavam. Cumprimentei várias pessoas e meus amigos mais chegados me chamaram pra mesa deles. Acenei.

O antigo cozinheiro da fazenda, Cicinho, tinha morrido há uns sete anos. Ninguém confiou de deixar Rosendo assumir a cozinha sozinho, embora fosse um cozinheiro de mão cheia. Mas era doidinho e mesmo aos 36 anos, parecia uma criança, rindo à toa e sem malícia. Se não tivesse alguém perto dele, se distraía e esquecia da vida.

Theo achou melhor contratar mais uma pessoa e ninguém dava certo ali. Não tinham a paciência de Cicinho com as maluquices do rapaz. E assim acabavam não ficando. Até que a esposa de um dos vaqueiros ficou viúva. Não tinha filhos e pediu algum emprego na fazenda. Foi trabalhar com Rosendo. E incrivelmente se deu bem com ele. Tratava-o como a um filho, levava-o para passear na cidade, cuidava dele direitinho. Agora tinha metido na cabeça que ele merecia se casar e estava à caça de uma boa esposa. Até então, não tinha dado muito certo.

- Oi, dona Geralda. – Cumprimentei-a, indo pegar meu prato na bancada da cozinha. Lá não tinha aquilo de se servir. Eles colocavam comida no prato pra todo mundo, para não ter desperdício.

- Oi, meu filho. – Sorriu para mim. Era baixinha, levemente cheinha e negra, com cabelos trançados presos em volta da cabeça, sempre com vestidos estampados e sorriso aberto. A pele quase não tinha rugas, apesar dos seus 60 anos. – Hoje tem carne assada, como você gosta.

- Então pode caprichar. – Sorri de volta e foi o que ela fez, toda satisfeita.

Rosendo se aproximou rápido com uma jarra de refresco balançando, animado para encher meu copo. Como sempre sorria, os olhos castanhos alegres e vivos, as bochechas coradas. Eu o cumprimentei, agradeci e, munido do meu prato e copo em uma bandeja, fui até a mesa onde estavam alguns peões da fazenda e meus amigos. De passagem vi Felipe em outra mesa, me encarando. Olhei para ele de cara feia.

Por um momento, sustentou meu olhar. Mas então o desviou e segui em frente, ainda irritado porque foi falar com Heitor antes de resolver comigo. Mariquinha. Fofoqueiro.

- Cara, to sabendo que tem festa sábado no casarão. – Disse Tertúlio quando sentei, curioso. – Parece que vem gente chique, até das “Oropa”!

- Da Europa é exagero. Vem uns clientes de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Goiânia e São Paulo. É a comemoração pelo prêmio que ganhamos como melhor produtor esse ano. – Expliquei. – Theo disse que vai liberar churrasco e bebida aqui no refeitório para quem quiser comemorar.

- Oba! – Eles festejaram, animados.

- Tu “vai” ficar lá ou aqui? – Rubinho atacava a comida do seu prato como se ela fosse fugir, falando de boca cheia.

- Lá e aqui. – Dei de ombros.

- E na semana que vem tem outra festa, seu aniversário. E aí, resolveu o que vai fazer? – Perguntou Dado.

- Ainda não. – Meu aniversário de 26 anos caía numa quinta-feira e eu tinha resolvido comemorar no Falconetes, mas por enquanto não era nada certo.

Ficamos de bate papo e depois sentamos lá fora, enquanto alguns deles fumavam e tomavam um café preto. Quando o horário do almoço acabou, todo mundo voltou para a lida na fazenda. Acabei demorando mais tempo do que o previsto e quando cheguei em casa, suado e sujo, com chapéu enterrado na cabeça, roupa empoeirada e camisa aberta, a primeira pessoa que vi foi Gabriela.

Ela estava entrando na sala, vinda da cozinha, enquanto eu vinha de fora. Paramos e nos olhamos. Na mesma hora meu corpo inteiro reagiu. Um fogo se acendeu em meu interior e me lambeu como labareda, incendiando cada célula, cada recanto. Meu coração bateu como um cavalo em pleno galope e senti um tropel de sentimentos a me atacar, sem dó.

Estava linda, o cabelo arruivado caindo sobre os ombros e os seios, como uma massa viva, a blusa branca dando-lhe um toque de pureza, doçura, que só eram confirmados pelos olhos castanhos claros amorosos. Parecia uma visão do paraíso e me senti grande, sujo, suado. Mas completamente apaixonado.

O desejo veio tão quente e intenso que foi impossível não sentir como algo físico, uma terceira presença entre nós. Estava imóvel perto da escada e minha vontade foi agarrá-la e beijá-la ali mesmo, depois arrastá-la até o quarto e deixá-la nua, sem demora, deitando sobre seu corpo, fazendo-a minha. Mas respirei fundo, dando-me conta de onde estávamos.

- Quin ... – Murmurou baixinho, olhando-me cheia de amor e desejo, excitada e feliz ao me ver. Seus olhos passaram pelos meus, descendo por meu queixo, pescoço, peito nu visto pela camisa aberta, até meu membro ereto dentro da calça. Ficou corada, entreabriu os lábios, voltou aos meus olhos rapidamente.

Dei um passo em sua direção. E mais um, sério, duro, controlando ao máximo meus instintos de macho excitado e meus sentimentos em polvorosa. Consegui me conter, parar à sua frente, minha respiração pesada, a dela agitada.

- Sentiu minha falta? – Falei baixinho, deslizando meu olhar até seus lábios polpudos e rosados, doido para dar uma mordida ali.

- Muita ... – Arfou em um murmúrio.

Era só estender a mão e a tocaria. Meus dedos coçaram para deslizar em seu cabelo. Mas me controlei, endurecido no lugar. Era até um pecado tocar sua pele tão linda e macia, estando eu tão sujo, fedendo a cavalo. Mas isso não parecia incomodá-la. Olhava desejosa para os músculos do meu peito e barriga, engolia em seco, não disfarçava em nada a sua fome.

O perigo nos rondava. Eu sabia que tínhamos que ser mais controlados, disfarçar, mas a fome era como uma força viva, voraz, puxando-me para ela, ansiando apenas um contato, um beijo, um alívio. Antes era mais fácil de controlar. Mas agora, depois de termos nos entregado de vez, provado a delícia de sermos um só, ficava mais difícil. Quando passou a língua pelo lábio, igualmente afetada, eu não resisti. Dei mais um passo à frente e ergui a mão, enquanto a via arquejar em expectativa.

Exatamente naquele momento ouvimos o barulho de carro estacionando na frente da casa, na certa Theo chegando, porque geralmente Pedro vinha de moto. Ficamos imobilizados e senti um misto de raiva e nervosismo, por me ver privado dela por mais tanto tempo. Por ter que fingir.

Não tinha condições físicas nem psicológicas de enfrentar Theo. Ele desconfiaria de algo. Assim, diminuí a distância entre mim e Gabriela, levando meus dedos a sua face, sobressaltando-a ao acariciá-la e dizer baixinho:

- Vou ao seu quarto mais tarde.

Não teve tempo de responder. Ficou quietinha me olhando enquanto passava ao seu lado e subia as escadas de dois em dois degraus, ansioso, excitado, nervoso. Soube que não aguentaria muito tempo aquela tortura. Precisava de Gabriela para mim, por inteiro, sem segredos. Já não era só

um desejo incontrollável. Era uma necessidade.

GABRIELA

Nem sempre jantávamos juntos. Nosso pai se retirava mais cedo e um ou outro se atrasava ou às vezes saía. Mas naquela noite jantei com Theo, Pedro, Heitor e Joaquim. Evitei ficar de frente para ele, pois seria impossível não olhá-lo com gula o tempo todo. Mas sentar ao seu lado foi pior. Eu sentia seu cheiro de homem limpo após o banho, via sua mão grande, sentia vontade de encostar minha coxa na dele. Amava também seu suor. Era incrível como tudo nele me agradava.

Mais cedo quando chegou, com aquela camisa aberta, o peito musculoso, a barriga marcada em gomos perfeitos, o suor, o aspecto de peão, tive vontade de lambê-lo todinho. E de beijar sua boca. Aquela covinha bem marcada em seu queixo me deixava doida, assim como seus lábios sensuais e seus olhos de gato esfomeados para mim, agressivamente masculinos. Eu só pensava nele. O tempo todo. Era uma ânsia voraz, ainda mais agora, que tinha me entregado, que me considerava sua mulher.

Em meio a esse sentimento feroz de amor e desejo incondicionais, eu me sentia angustiada e nervosa também. Aquele bilhete pesava guardado em meu quarto, enquanto dúvidas e medos me assolavam o tempo todo. Não conseguia parar de pensar que tinha alguém na minha cola, alguém que poderia destruir minha vida e minha felicidade, alguém que sabia de coisas que eu não entendia se também queria saber.

Comi calada, remexendo a comida. Até que Theo indagou:

- Algum problema, Gabi?

Ergui os olhos. Ele me fitava atentamente, uma ruga de preocupação entre a testa. Seus olhos de um azul escuro eram extremamente atentos. Aliados ao seu nariz romano e à sua intensidade, parecia um falcão de verdade, uma ave de rapina sempre alerta.

Pensei que, se alguém sabia de tudo sobre mim, esse alguém era Theo. Aos 42 anos, era o mais velho e já era adulto quando cheguei ali. Era também o atual chefe da família. Assim, não aguentei mais guardar tanta coisa só para mim e perguntei de repente:

- Você sabe quem são meus pais, Theo?

Ele ficou imóvel, fitando-me, seu rosto anguloso sem qualquer alteração, sério e compenetrado, parecendo ver até minha alma. Pedro ergueu os olhos, também atento. Heitor recostou-se, observando-me. Joaquim virou o rosto para me olhar, preocupado.

- Não. – Theo disse baixo. Voltou a cortar sua carne, mas não desviou o olhar. – Por que essa

pergunta agora, de repente?

- Curiosidade. – Menti. Passei o olhar em volta, pelos homens que eu amava mais do que tudo. Eram minha família. Sempre cuidaram de mim. Encontrei os olhos indagadores de Joaquim, que ainda era mais. Era meu mundo, meu amor, meu tudo. E tive uma grande vontade de desabafar, falar do bilhete, pedir ajuda.

Não falei nada. Eu sabia que teria que contar. Mas o que eu mais temia era descobrir algo que os afastaria de mim. Meu sangue era da vítima dos Falcões, segundo o bilhete. Que vítima? De quê? Como podiam acusá-los de assassinos? E se eu fosse vista como uma inimiga.

- É o que sempre explicamos a você, Gabi. – Theo disse, sereno. – Até hoje ninguém sabe como você chegou à fazenda. Investigamos, mas não tinha pistas. Alguém a deixou aqui e sumiu.

- Mas ... – Respirei fundo, angustiada, sentindo que todos eles me olharam. – Não tem mais nada?

- Não. – Disse ele.

- Você nunca quis saber. – Heitor tomou a palavra. – Por que agora?

- Não tenho passado. – Murmurei, baixando a cabeça.

- Tem sim. – Joaquim disse ao meu lado e sua voz estava carregada de emoção. Tive medo de olhá-lo e fraquejar, demonstrando a todos o quanto o amava. – O seu passado com a gente. Somos sua família.

- É natural essa curiosidade. – Emendou Pedro. – Podemos fazer uma nova investigação se você quiser, Gabi.

Fitei-o, sem saber. Tinha medo o que poderiam encontrar. Mas estava temerosa também com aquele bilhete, pelo fato de estar no escuro. Não sei por quanto tempo poderia guardar aquele segredo. Talvez tivesse que ser mais corajosa e abrir o jogo, deixar as coisas acontecerem.

Resolvi aguardar um pouco mais. Só para ter certeza. Então contaria a eles. Respondi baixo:

- Eu quero, sim.

Pedro olhou para Theo. Este acenou com a cabeça.

- Amanhã mesmo contratarei uma firma de investigadores. Mas entenda, Gabi. Como no passado, podemos não ter sucesso agora. Muito tempo se passou.

- Sei disso. – Concordei.

- Mas não fique triste. – Heitor sorriu para mim. – Sei que não somos perfeitos, mas somos sua família. Isso é fato.

- A melhor família que alguém poderia ter. – Sorri emocionada, pois era verdade.

Passei os olhos por cada um deles e o medo continuou lá, dentro de mim. Não queria perdê-los nem vê-los de maneira diferente. Pior, não queria que me vissem de maneira diferente. E se eu fosse

de uma família que fez mal a eles? Havia muitos segredos ali. Coisas que eu não entendia.

Sempre quis saber por que Alice Falcão, minha mãe adotiva, vivia em seu mundo particular e era considerada louca. Perguntei diversas vezes a eles e à Tia, mas todos diziam o mesmo, tinha ficado doente. Tive pouco contato com ela. Aos meus cinco anos morreu enquanto dormia.

Logo depois, houve a confusão dentro de casa. Vi a correria, a briga, lembro do caos e de Tia me tirando de perto. Depois disso meu pai ficou muito tempo no hospital e Micah sumiu. Nunca mais o vimos. E quando meu pai voltou, estava naquela cadeira de rodas. Da qual nunca mais saiu.

Sei que Micah teve a ver com tudo aquilo e na época era pequena demais para entender. Em casa meus irmãos não tocavam nesse assunto e quase não falavam no nome de Micah. Era praticamente proibido, embora ninguém o dissesse. Eu perguntei outras vezes a Tia, mas ela também desconversava. E só dizia que eles brigaram e o que aconteceu com meu pai foi sem querer. Que ninguém sabia ao certo.

Agora, eu não entendia como pude me contentar com tão poucas informações. Aquele bilhete me despertou, mexeu com meus medos, que já não eram poucos. Além de tudo, havia o meu amor por Joaquim. A nossa relação não podia ter começado em pior hora. Era como se um caldeirão tivesse começado a ferver e jogássemos mais lenha na fogueira. A sensação que eu tinha era ruim, apertava meu peito, me alertava a ser cuidadosa.

Tentei puxar outros assuntos, mas podia ver a preocupação de Joaquim, que não tirava os olhos de mim. Theo estava sério e pensativo. Pedro e Heitor pareciam mergulhados em seus pensamentos. Eu os tinha feito voltar ao passado, coisa que acho que nenhum deles gostava de fazer. O que mais haveria no meio de tudo? Meus irmãos saberiam? Ou era algo que foi enterrado com minha mãe e estava guardado com meu pai, que mal falava?

Terminei de jantar forçando a comida a descer, pois a preocupação e as dúvidas me martirizavam. Mal acabamos, Joaquim saiu da mesa e da sala. Eu quase pedi que ficasse, pois o queria perto de mim. Mas mantive-me quieta enquanto me levantava. Pedi licença aos meus irmãos, pensando em sair um pouco, buscar o ar fresco lá de fora.

Sentia que me observavam. E Theo segurou minha mão quando passei por ele, olhando-me com preocupação e carinho.

- Há algo que eu possa fazer para ver de novo o seu sorriso, Gabi?

Tinha se levantado e estava de pé, alto e elegante perto da sua cadeira. Ergui os olhos para os dele e me senti protegida, amada. Era o mais perto de um pai que tive, sempre atento às minhas necessidades, disposto a tudo para me proteger. Parte da minha angústia se foi, pois tive certeza de que poderia contar com ele. Naquele momento, quase falei do bilhete. Mas ainda tinha medo. E acabei deixando passar.

- É besteira minha, vai passar. – Garanti, sorrindo para ele. Estendi meu sorriso a Heitor e Pedro ainda sentados, igualmente atentos. – Foi uma curiosidade boba.

- Vamos fazer de tudo para descobrir algo sobre você. Talvez hoje, com tanta tecnologia nova, seja mais fácil. – Opinou Heitor.

- Está bem. Não se preocupem, estou legal. – Fiquei na ponta dos pés e beijei o rosto de Theo com carinho. Sorri para eles. – Vou à varanda um pouco.

Saí e os deixei em silêncio. Mal tinha chegado à varanda, a porta se abriu atrás de mim. Virei um pouco. Era Joaquim, sem aquele chapéu que estava sempre em sua cabeça, usando um jeans velho e uma camisa, seus olhos me consumindo. Percebi o motivo de ter saído logo da sala de jantar.

Trazia na mão seu violão. Tinha ido buscá-lo. Desde bem jovem ele gostava de tocar e cantar. Como eu vivia grudada nele, me ensinou a tocar também. Tínhamos passado vários dias sentados sob a copa das árvores treinando e tocando juntos, até que eu ficasse fera.

Depois que começamos a nos envolver romanticamente e que ele passou a me evitar, nunca mais tocamos juntos. Quando eu o ouvia, era no meio dos outros, em um luau ou em volta da fogueira. Nunca mais tinha sido só nós dois. E agora ele foi buscar o violão para tocar, só comigo. Isso me emocionou.

- Venha. – Com a mão livre, segurou a minha ao se aproximar, levando-me com ele até os degraus da varanda. Descemos juntos e só de estar ao seu lado, sentir seu toque, eu parecia renascer, ganhar forças.

Não nos preocupamos em sermos vistos. Tínhamos feito aquilo antes, andar de mãos dadas, ficarmos horas ouvindo música ou conversando. Há anos não acontecia. E eu ficava feliz por ter voltado.

Sabia onde me levaria. À árvore muito antiga que tinha ali ao lado direito da casa, seguindo em frente alguns metros, logo após os jardins de nossa mãe. Ela ficava perdida sozinha ali, cheia de raízes para fora do chão. No passado, tinha sido nosso lugar eleito para sentar e tocar. Assim, me acomodei em uma raiz e olhei-o enquanto se sentava em outra e dobrava os joelhos, acomodando o violão no colo, fitando-me com aqueles seus olhos lindos que pareciam amarelados ali na luz mais difusa.

- Quer começar? – Perguntou baixinho.

- Não. Quero ouvir você, Quin.

Ele concordou com um aceno de cabeça. Recostou-se no tronco, sem tirar os olhos de mim. Sérios, atentos, fogosos, preocupados, apaixonados. Seus dedos correram lentamente as cordas, tirando as primeiras melodias, o som suave ecoando na noite quase silenciosa.

Ninguém saiu de casa. Éramos só nós dois ali e deixei meu amor sair, transbordar, ficar à

mostra. Da mesma forma vi o dele. Vi em seu olhar, em seu rosto, na energia que desprendia do seu corpo em minha direção. E senti no mais íntimo do meu ser, quando murmurou sem deixar de tocar:

- Essa é para você. – E com voz baixa, rouca, grossa, cantou Tem que ser você, de Victor e Leo:

*Um dia seus pés vão me levar
Onde as minhas mãos não podem chegar
Me leva onde você for
Estarei muito só sem o seu amor*

*Agora é a hora de dizer
Que hoje eu te amo
Não vou negar
Que outra pessoa não servirá*

*Tem que ser você
Sem por que, sem pra que
Tem que ser você
Sem ser necessário entender*

*Me leva onde você for
Estarei muito só sem o seu amor*

O mundo tinha deixado de existir. No meio do chão gramado, embaixo daquela árvore que já estava ali antes que eu nascesse, testemunha silenciosa do amor que eu sentia por ele só crescer no decorrer do tempo e tomar conta de mim, eu olhei Joaquim cantar para mim e tudo que importou foi isso. Sua voz, seu timbre, seus sentimentos e suas emoções. Ele se declarava a mim, me dizia que estaria comigo aonde quer que eu fosse, olhando em meus olhos, se dando mais do que já tinha feito até agora.

Primeiro foi seu corpo, que entregou a mim quando abriu mão de lutar, quando me fez dele. Agora me dizia através de uma letra e uma melodia, num dos momentos mais confusos da minha vida, que estava comigo. Que me amava. Era tão simples e ao mesmo tempo tão único, tão nosso! Uma declaração completa. O que eu precisava para sentir aquela angústia sair de mim como uma catarse, substituída apenas pelo amor que vinha dele para mim e ia de mim para ele, em uma troca mais do que justa.

A emoção circulou dentro de mim, se expandiu, e completou. Senti meus olhos marejados de lágrimas e felizmente estava de costas para a casa, podia olhar para Joaquim com todo amor e toda entrega transbordando. Quis ir para os braços dele, mas isso tive que segurar. O resto, eu deixei sair livre, somente para ele.

Olhou a lágrima que rolou por minha face e parou de tocar e de cantar. Seu dedo foi ali,

secando-a, tudo nele gritando o quanto queria me pegar e me apertar. Soube que se houvesse alguém na varanda ou na janela do andar superior, nos olhando, veria claramente sua paixão por mim, pois estava ali toda, necessária, controlada apenas por um fio de civilidade, do que devia ser aceito socialmente.

- Não fique triste ... – Murmurou rouco.
- Não estou triste. – Garanti baixinho, feliz com seu toque suave.
- Está sim.
- Eu estava. Não mais. – Sorri, emocionada.

Seus olhos verdes e brilhantes, com aqueles raios dourados, passaram por minha face, cravaram-se nos meus. Respirou fundo, afastou a mão, recostou-se no tronco. Seus dedos correram lentos pelas cordas do violão em uma melodia suave e terna. Era impressionante ver alguém como Joaquim, tão fogoso e intenso, tão descontrolado e apaixonado, naquele momento tranquilo, de introspecção, de entrega. E ao mesmo tempo, nem precisava mais nada, seu olhar falava tudo.

Pensei em contar a ele sobre o bilhete, mas me calei. Não queria estragar aquele momento e teríamos tempo depois. Quando fosse ao meu quarto, mais tarde, eu mostraria e falaria tudo. Agora eu só queria ficar ali, vendo-o tão perto e tão meu, sentindo que nada no mundo poderia nos separar. Nem segredos do passado e da família, nem o nosso segredo. Tudo teria seu tempo e sua hora. Bastava ele estar comigo.

- Há muitos anos não tocava violão para mim. – Murmurei. - Senti tanta falta!
- Eu não podia. – E não explicou mais nada.

Nem precisava, eu sabia por que. Joaquim me evitava, fugia do que acontecia entre nós. tocar e cantar para mim naquele dia foi como provar que não fugiria nunca mais.

Sorri e acenei com a cabeça. Seu olhar seguiu para algum ponto atrás de mim e ficou mais sério, mais contido. Eu me virei e vi Pedro na varanda, apoiando o pé no peitoril, olhando sério em nossa direção. Voltei a encarar Joaquim com o coração acelerado. Não podia nos ouvir, mas mesmo assim indaguei baixo:

- Acha que ele está desconfiado?
- Não estamos fazendo nada. – Resmungou. Era óbvio que odiava ter que fingir, se esconder.
- Eu sei. Mas há anos não tocamos violão juntos.
- Vai pensar que faço isso para te alegrar. Pedro também viu o quanto você ficou triste. – Cravou os olhos em mim. – E em algum momento eles vão notar, Gabi. Se antes já era difícil disfarçar, agora então é quase impossível. Hoje quase levantei no meio do jantar e falei tudo.
- Seria loucura! Tomariam um susto!
- É verdade. – Passou a mão pelo cabelo curto e louro escuro, voltando a olhar na direção de

Pedro. Por sua cara, julguei que nosso irmão continuava lá. – Hoje Heitor veio falar comigo sobre a confusão que criei no cinema.

- Como ele soube?

- Felipe. – Franziu a sobancelha, irritado, uma ponta de ciúme em sua voz ao me fitar e falar:

- Aquele mariquinha foi fazer fofoca.

- Não fale assim dele, Quin.

- E você ainda defende? – Reclamou irritado, batendo impaciente com os dedos no violão.

Olhou-me duro. – Não quero que saia nunca mais com ele.

Seu ciúme me divertiu. Sorri e lancei outro olhar para a varanda, mas Pedro já entrava em casa. Suspirei e provoqueei-o:

- Desde que você não saia mais com Tininha.

- Nem me fale em Tininha! – Só faltou ele se benzer e acabei rindo. Mas logo me lembrei que tinha transado com ela e foi minha vez de fechar a cara, com ciúmes.

- Não sei como pôde ficar com ela. É uma louca.

- Vamos esquecer isso. – Disse rapidamente.

- Não vou esquecer tão cedo. – Encarei-o bem e desci o olhar até o volume entre suas pernas.

Senti que ficou alerta. Ameacei veladamente fitando-o entre os cílios: - Se eu souber que andou se encontrando com ela, capo você, Quin.

Eu esperava tudo, menos a gargalhada dele. Ergui o queixo, irritada.

- Estou falando sério!

- E eu acredito. Sua carinha de moça santinha é só para enganar os trouxas. – Divertia-se, as covinhas em suas faces deixando-o mais lindo, os dentes brancos a mostra.

- Mas eu sou boa moça.

- É. Fora da cama. – Disse baixinho.

O clima esquentou entre nós. Arfei e senti o coração disparar ao encontrar o olhar intenso e sensual de Joaquim, cheio de más intenções. Na hora minha mente se encheu de imagens de nós dois naquele carro, ele em cima de mim por trás me devorando no ânus enquanto metia o dedo em minha vulva, me mordida, era bruto, me deixava suspensa e louca entre a dor e o prazer. Perdi o ar.

Peguei fogo, mordi os lábios, fitei-o cheia de desejo. Felizmente Pedro não estava mais lá, ou veria a fome sexual em Joaquim, sentiria a aura de perigo e luxúria que o dominava. Falou baixinho:

- Queria arrancar sua roupa agora e te chupar todinha, aqui de pé com as pernas abertas e a sua rachinha gostosa na minha boca enquanto se segura na árvore.

Estremeci violentamente. Cheguei a sentir sua língua passando dentro de mim, sugando-me, tomando o mel quente que escorria para minha calcinha, sem controle. Arquejei, fora de mim,

excitada em demasia. Se me penetrasse naquele momento nem precisaria de carícias. Eu já estava pronta, latejante, lubrificada.

- Mas de madrugada vou ao seu quarto. – Murmurou rouco, dominado pela lascívia, mais masculino e viril do que eu podia imaginar, deixando-me louca de tanto tesão. – Fique nua e me espere.

- Quin ... – Quase supliquei, muito abalada, o corpo todo incendiado.

- E quando eu entrar, abra as pernas, se ofereça para mim. Porque vou me deitar entre elas e te chupar.

- Pare ... – Meus seios doíam, minha vagina palpitava toda melada, meu estômago se contraía. Lambi os lábios, sôfrega.

Joaquim seguiu minha língua, seus olhos escurecendo, seu maxilar tornando-se mais duro. Sussurrou:

- Depois vai ser sua vez. Vou querer seus lábios e sua língua no meu corpo.

- Sim ...

O desejo avassalador quase nos consumiu ali mesmo. Mas tivemos que nos conter. Foi difícil. E mesmo depois que conseguimos, não voltamos para casa juntos. Fui primeiro e me retirei para meu quarto.

Rezei para as horas passarem logo. Tomei banho e enfiei-me nua sob os lençóis, esperando por ele, ardendo, pegando fogo. Não aguentei e tive que me acariciar, fechei os olhos, corri os dedos pelos seios e barriga. Os minutos passavam morosos, a noite se estendia e a madrugada não chegava. Foi uma verdadeira tortura e me contive, pois queria gozar com ele.

Não consegui cochilar, ver televisão, nada. Apenas esperei na penumbra, ansiando o momento de vê-lo e senti-lo, de afastar os lençóis e deixar que se fartasse comigo. Mas Joaquim não veio.

De madrugada, meu celular tocou. Eu o tateei na mesinha, já impaciente, reconhecendo o número dele. Murmurei:

- Você não vem?

- Não.

- Mas ...

- Eu estava saindo do quarto e dei de cara com Pedro. Ele me olhou esquisito no corredor, parecia atacado como às vezes fica. Quis saber onde eu ia.

- Ai, meu Deus ... Mas viu você na minha porta?

- Não, na minha. – Sua voz era baixa, irritada.

- E o que você disse?

- Que estava sem sono. Ele disse que também. Sabe como fica quando está com insônia,

zanzando pela casa, dando uns socos no saco de boxe, parecendo um animal enjaulado. Para que não desconfiasse, desci com ele e me fez tomar uma dose de cachaça.

- E?

- Tá por aí, sobe e desce, como se algo o incomodasse. Não sei se está desconfiado ou se é coisa dele. Mas não posso ir ao seu quarto hoje. Pedro é imprevisível.

- Droga! – Resmunguei decepcionada.

- Eu sei.

Não insisti, pois sabia que Joaquim tinha razão. Pedro tinha energia demais, às vezes era incontrolável e perdia a cabeça fácil. Se visse o irmão entrando ou saindo do meu quarto, ou se por algum motivo fosse atrás dele e não achasse, a merda estaria feita. Por isso assegurei logo:

- Sim, não vamos arriscar.

- Amanhã vamos dar um jeito, Gabi. Prometo. Estou quase subindo pelas paredes.

- Tá. – Quis dizer que estava nua, excitada ao extremo, esperando por ele. Mas me calei, com medo de provocarmos alguma tragédia. Murmurei: – Eu espero.

- Pense em mim. – Murmurou rouco.

- É só o que faço. Durma bem.

- Impossível. Gabi ...

- Sim ...

- Se Pedro sossegar, eu vou.

- Cuidado. Por favor ...

- Pode deixar.

- Eu te amo. – Sussurrei. Ouvi seu suspiro pesado. Pensei que não diria nada, mas falou baixo, antes de desligar:

- Eu te amo mais.

Fiquei deitada na cama, arfante, luxuriosa. Mas não me toquei. Sozinha não era como estar com ele.

Esperei. E com meu corpo em chamas, meus sentimentos à flor da pele, ardi em desejo e em felicidade. Lembrei das vezes em que recebi seu não e pensei que nunca o teria. Mal dava para acreditar que estávamos juntos, que Joaquim finalmente aceitava nosso amor.

E ali na cama, almejando por ele, recordei de quando tive que deixar a fazenda para ir à faculdade. Eu tinha 18 anos e ele ainda não tinha feito 24. Estava tudo arrumado para minha partida para Belo Horizonte, mas eu não queria ir. Já tinha pedido, implorado, chorado. Mas todos eles não cederam daquela vez. E não tive outro jeito.

Joaquim vinha fugindo de mim e me evitando. Não ia ao meu quarto e trancava a porta do seu

toda noite. Quando nos víamos, nossos olhares se encontravam cheios de fome, mas ele os desviava, ficava sério e calado, dava um jeito de sair logo de perto. Estava difícil romper aquela carapaça. E eu me desesperava, pois meu tempo se esvaía, eu teria que ir para a faculdade e ficaria semanas longe dele.

Já tinha sido horrível quando foi a vez dele ir. Mas estava sempre de volta. Tinha estudado dos 17 aos quase 22 anos. Foi uma tortura ficar longe. E agora era minha vez. Como aquela vida era injusta! Eu vivia choramingando pelos cantos e me lamuriando, mas Theo estava irredutível. Ia fazer faculdade e ponto final.

E finalmente chegou o dia que eu temia. Era domingo e mais tarde Theo me levaria para Belo Horizonte. Minhas malas estavam prontas. E depois do almoço partiríamos. Pela manhã, cada um foi cuidar de sua vida e Joaquim tinha sumido. Decidida, fui atrás dele, sabendo que não podia ir embora assim, quando mal nos falávamos e ele me evitava como se eu fosse uma leprosa.

Saí do casarão, olhando em volta. Domingo era um dia que as coisas ficavam mais calmas por ali, as pessoas descansando, cuidado de comida e casa, resolvendo suas coisas. Andei em direção aos estábulos, a saia do meu vestido estampado tomara-que-caia se infiltrando entre minhas pernas. Pensei em pegar Dorothy, minha égua, e sair atrás de Joaquim. Mas nem fui trocar de roupa. Não perderia tempo.

Entrei no estábulo silencioso. Os cavalos já tinham sido cuidados, cada um em sua baia, com alimentos e água. Estranhei não encontrar um dos peões ali, mas depois entendi por que ao ver Joaquim dentro de uma das salas, lavando uma sela num grande tanque. Na certa ele tinha dispensado o cavalariaço do dia para ficar ali e assim fugir de mim.

Parei silenciosa na entrada da sala. Era enorme, um lado todo tomado por feno estocado, o outro com selas, arreios e ferraduras bem arrumados em estantes largas e pendurados na parede. Em frente, o tanque comprido e ele lá de pé, de costas para mim, compenetrado em lavar a sela.

Meu coração disparou ao ver que estava sem camisa, seus ombros largos e costas musculosas sendo uma tentação. Além de ter mais de um metro e oitenta de altura, era muito forte, cada palmo de seu corpo coberto por músculos sólidos e duros, que ondulavam com seus movimentos. A bunda dentro do jeans era perfeita e as pernas maravilhosas, longas musculosas.

A água que espirrava do tanque o molhava e seu jeans estava encharcado, as botas de couro escorrendo. Respirei fundo, meu corpo aceso, meu coração disparado, enquanto me aproximava dele silenciosamente. Senti minha presença, pois largou a sela no tanque e se virou de imediato, franzindo o cenho, seus olhos encontrando os meus. Numa só olhada vi sua calça molhada grudada na pele, fazendo o contorno cheio de seu sexo robusto, a água escorrendo por seu peito e pelos gomos marcados de sua barriga perfeita. Tive vontade de lamber cada gota daquela.

Senti um misto de desespero, desejo e dor, pois teria que ficar privada dele, longe, sofrendo de saudade como uma condenada. Joaquim ficou imóvel, alerta, ciente do meu olhar esfomeado. Assumi a atitude que vinha tendo sempre, de me evitar, me manter longe dele.

- O que está fazendo aqui? – Indagou num tom que era para ser frio, mas seu olhar cravado em mim contava outra história.

Se eu visse desprezo genuíno ali, poderia até tentar desistir dele. Mas não. Havia fome, desejo, paixão. Tudo lá no fundo, enterrado, enquanto ele tentava disfarçar com frieza e raiva. Mas eu conseguia notar, sentir, palpitar dentro de mim o óbvio: éramos loucos um pelo outro. E era isso que me dava forças de continuar.

- Vim me despedir de você. – Falei baixo.

Estávamos à distância de uns três ou quatro passos de um para outro, fitando-nos na sala silenciosa, cortada vez ou outra pelo relincho de um cavalo. Eu queria correr e me jogar nos braços dele, meus sentimentos exaltados, com vontade de beijá-lo e chorar, suplicando para não me deixar ir. Joaquim tentava se manter no controle, embora eu sentisse as emoções que o golpeavam.

- Boa viagem. – Respondeu com aparente frieza.

- É só isso que mereço? – Indaguei e mordi os lábios trêmulos, fitando seus olhos verdes com aquele tom dourado que o diferenciava dos demais.

- O que você quer, Gabriela? – Perguntou impaciente. – Estou ocupado.

Eu não respondi. Sem desviar o olhar, levei as mãos ao meu vestido tomara-que-caia e lentamente comecei a baixar a frente dele.

- O que está fazendo? – Se alarmou.

Quieta, desci o tecido, expondo meus seios pequenos e redondinhos, com mamilos empinados e acobreados. Vi como mudou, sua expressão carregada, seus olhos ardendo, todo seu corpo se retesando. Sabia que amava meus seios, adorava lambê-los, chupá-los, acariciá-los. E desci o tecido até a cintura.

Seu pau cresceu dentro da calça a olhos vistos, rapidamente. Seu maxilar estava cerrado, a respiração alterada. Soube que lutava para manter o controle, mas aquela luxúria só nossa era difícil de ser contida. E era com isso que eu contava.

- Está louca? Pode chegar alguém aqui! Coloque sua roupa no lugar! – Exigiu com voz rascante.

Lambi meus lábios, com a calcinha empapada. Sem responder, levei as mãos aos seios e os acariciei suavemente, empinando-os mais, esfregando os mamilos até que eram dois brotinhos apertados e arrepiados. Os olhos dele seguiam meus movimentos, alucinados, ardendo tanto que o fogaréu poderia incendiar tudo a nossa volta.

- Gabi ... – Gemeu, entre o homem apaixonado e aquele que ainda lutava por controle. Foi aí que aproveitei e dei o golpe final, uma das mãos escorregando para baixo e erguendo a saia do vestido rodado na frente. Engoliu em seco quando meus dedos penetraram dentro da calcinha e me toquei, arrebatada, arfando baixinho.

- Estou molhadinha... – Murmurei rouca. Continuei a me masturbar a acariciar os seios, excitada, fora de mim. – Vem me lambar um pouquinho...

- Não ...

- Sim. Estou pingando por você. Vem...

E então, para convencê-lo, fui até os quadrados de feno e baixei minha calcinha até os joelhos. Sentei lá, de frente para ele, a calcinha escorregando até os tornozelos. Tirei um dos pés e ficou pendurada no outro. Sem deixar de fitar seus olhos, levantei o vestido até a cintura e arreganhei as pernas, nua da cintura para baixo, expondo minha bocetinha toda melada para ele. Apertei um mamilo e chamei de novo:

- Vem me lambar ...

Joaquim ficou doido. Era como um touro avançando contra o toureiro, os olhos ferozes, fogo nas ventas. Se tinha qualquer intenção de resistir, desistiu, pois avançou para mim decidido, alucinado pelo tesão que também me devorava inteira. Estremeci em expectativa, ansiosa e desejosa quando caiu de joelhos a minha frente e segurou minhas coxas, abrindo-as mais, enraivecido.

- Safada ... – Disse puto, doido para me devorar. Mas não perdi tempo. Agarrei sua cabeça com as duas mãos e avancei em sua boca, beijando-o sofregamente, enfiando minha língua até rodear a dele e gemer baixinho, apaixonada quando tomou o controle e saqueou minha boca apaixonadamente.

Sua mão esquerda e ergueu e espalmou em meu seio, beliscando o mamilo, acariciando-o. A direita escorregou pelo interior de minha coxa aberta e me deixou louca, choramingando, quando os dedos longos esfregaram meu clitóris, masturbando-me.

Gemi e o agarrei, desejando-o tanto que doía. O polegar massageava o clitóris enquanto o indicador e o dedo do meio mergulhavam entre meus lábios melados, acariciando-me intimamente. Eu ainda era virgem, mas não por querer. Por mim já o teria dentro de mim, me fazendo sua mulher. Mas isso Joaquim evitava ao máximo.

Beijei-o, ambos esquecidos que alguém poderia chegar a qualquer momento, enlouquecidos pelo momento. Arreganhei mais as pernas, buscando um alívio, minha vulva latejando e pingando, minha boca molhada, meus seios duros pedindo por mais. E quando eu pensava que não suportaria aquela pressão desesperadamente sensual, Joaquim ergueu a cabeça e me fitou duramente, daquele jeito quente e aceso que ficava quando estava excitado.

Empurrou-me para trás, bruto, fazendo-me reclinar sobre o feno, que me espetava. Mas isso não era nada perante as sensações que me varreram quando capturou um mamilo dentro da boca e o chupou gostosamente. Eu miei e agarrei seus ombros, sacudindo-se sob seu ataque, sendo masturbada e chupada até pensar que ia morrer de tanto prazer.

- Quin ... Quin ...

Murmurava em êxtase. E era só o começo, pois logo veio o golpe final ao escorregar a boca por minha barriga e, com os dois polegares, afastar a pele que cobria meu clitóris, expondo-o todo. Fechou a boca quente e úmida sobre ele e chupou gostosamente.

- Ah ...

Tive convulsões, sem poder me controlar. Fechei os olhos e joguei a cabeça para trás, ensandecida pelo picada de prazer enlouquecedor, meu ventre se contorcendo, fervendo, minha vagina latejando enquanto eu ondulava e me quebrava com suas lambidas e chupadas. Mordi os lábios, pois queria gritar, me debater, suplicar. E quando achei que morreria ali, de puro êxtase, o orgasmo veio voraz e gozei forte, quebrando-me, caindo, me dando.

Joaquim não parou. Sugou meu clitóris até eu chorar e desabar em tremores violentos. O brotinho estava inchado em seu tamanho máximo, sensível, dolorido, deixando-me arrebatada. Gozei muito, de forma intensa, profunda, quente.

Minha respiração estava alterada, o coração disparado. E só então ele ergueu a cabeça e parou, levantando-se, lambendo os lábios. Seu olhar era de um macho puro em seu auge, pronto para atacar e montar sua fêmea como um dos animais da fazenda. Eu o quis com um desespero sem igual, ansiosa por mais, por tocá-lo e adorá-lo como merecia.

Rapidamente me sentei, olhando sua calça molhada marcando o sexo enorme e duro. Sem vacilação, puxei seu cinto, murmurei desejosa:

- Preciso chupar você ...

Joaquim me ajudou. Em segundos sua calça estava aberta e a sunga arriada. Fiquei diante de seus testículos redondos e do pau esticado, grosso, longo, com a cabeça robusta. Ansiei loucamente por tudo aquilo dentro de mim, mas não pude conter minha ânsia a lambê-lo devagar como muitas vezes fazia, começando pelo prepúcio e terminando com suas bolas na língua.

Eu o ataquei e o enfiei na boca quente e gulosa até a garganta, chupando duro e firme, esfomeada. Joaquim gemeu, agarrou meu cabelo, olhou enlouquecido como eu o comia e devorava.

- Gabi ...

Não parei, não me contive ou tive misericórdia dele. Naquele momento foi completamente meu e chupei com tanta vontade, adorando tanto seu pênis lindo e grosso, que Joaquim perdeu o controle. Enrolou meu cabelo entre os dedos, se retesou todo e derramou seu esperma quente em minha língua.

Eu sorvi para a garganta, lambi, chupei. Tomei tudo que me deu e continuei em volúpia, sem querer que acabasse, sem aceitar me separar dele.

Quin respirava irregularmente. Totalmente satisfeito, segurou meus braços e me fez soltá-lo, erguendo-me, buscando meus olhos. Eu o fitei apaixonada, mas a tristeza voltando, o desespero me corroendo. Tinha sido delicioso e quente como sempre, mas com a consciência veio o medo de perder aquilo, de ficar dias, semanas, sem ele. Não podia me privar de sua presença, seu toque, seu beijo.

- Não quero ir ... – Choringuei, meu queixo tremendo, meus olhos marejados.

Senti que vacilou. Vi a emoção corroê-lo, dominá-lo, seus olhos sem piscar nos meus, suas mãos possessivas mantendo-me contra seu corpo. Mas disse rouco:

- É preciso ...

- Não, por favor ... Quin, não posso ficar longe de você.

Respirou fundo, tentou reagir. Os pensamentos racionais voltavam e com eles a culpa. Senti que escaparia de mim e o agarrei, jogando-me em seus braços, beijando sua boca. Apertou-me forte, segurou minha cabeça, deixou que o sentimento falasse mais alto. Mas o beijo teve gosto de despedida e isso me desesperou.

Quando me afastou, eu lutei contra. No entanto, não deixou. Foi para trás, fechou a calça úmida, deu-me as costas nervoso, passando a mão pelo cabelo.

- É melhor você ir ... – Disse baixo.

- Quin, vamos lutar juntos! Vamos ...

- Não! – Olhou-me duro, angustiado. – Nada disso devia ter acontecido. Foi a última vez.

- Por que se engana? – Eu ajeitei meu vestido, inconformada. – Sabe que vamos fazer de novo!

- Não.

- Quin...

- Você vai para longe e tudo vai ser como deve. – Parecia decidido ao encontrar meus olhos. – Somos irmãos.

- Não somos! – Quase gritei. Estava a ponto de suplicar.

Talvez por ter medo de vacilar, ele me deu as costas e seguiu para a porta. Corri atrás dele, já chorando:

- Quin, por favor! Não me deixe ...

- Adeus, Gabi. – Ia sair pisando duro, mas então falei alto, irritada e desesperada:

- Você não me quer? Então está bom! Vou arrumar alguém lá em Belo Horizonte que queira!

Na hora Joaquim parou, tenso, virando a cabeça para trás e me olhando de modo intenso, furioso. Eu sabia que sentia ciúmes de mim e provoquei mais, erguendo o queixo, desafiadora:

- E quando ele me fizer mulher, será em você que eu vou estar pensando. E tenho certeza que a cada mulher que você sair, vai me ver nelas.

Virou-se totalmente, exaltado, olhos brilhando. E então marchou de volta, puto, fora de si, avançando para mim.

Meu coração disparou e eu o esperei, quase sem respirar.

- Cale a boca! – E me puxou para seus braços rudemente, beijando minha boca com ferocidade e paixão.

Agora, dois anos depois, esperando-o na cama após dizer ao telefone que me amava, eu me sentia a mulher mais feliz do mundo. Por que não foi o fim. Estávamos juntos e era assim que íamos enfrentar o mundo.

Ansiei e aguardei, mas por fim caí num sono profundo, nua embaixo dos lençóis. E Joaquim não veio.

CAPÍTULO 7

GABRIELA

Depois de não ter dormido direito a noite toda, perdi a hora e acordei tarde. Fiquei com preguiça na cama, o que não era comum comigo. Sempre levantava cedo e ia ajudar Tia na casa e fazer pequenas coisas na Fazenda. Minhas benditas férias estavam tranquilas, mas eu sabia que logo teria que decidir o que fazer da minha vida. Não podia ficar para sempre assim.

Apesar de ter prometido voltar a fazer faculdade no meio do ano em Belo Horizonte, minha intenção era de não sair mais da fazenda. Ia tentar convencer meus irmãos a me dar um emprego ali. Isso bastava. Se fosse para trabalhar com os cavalos, melhor ainda.

Por fim levantei, tomei um banho naquela terça-feira ensolarada, pus jeans, botas e uma camisa xadrez e descí. Encontrei Tia na cozinha conversando com a enfermeira daquele dia, Horácia, que tomava café à mesa com meu pai. Eu os cumprimentei sorrindo e dei um beijo nele, que me olhou sério como sempre e grunhiu alguma coisa.

Desde que me entendia por gente era assim. Mário Falcão era seco, não muito adepto a contatos físicos e demonstrações de carinho. Mas isso nunca me inibia. Acho que eu era a única pessoa que o beijava, segurava sua mão, tocava nele simplesmente por carinho. Resmungava, dificilmente sorria, mas deixava.

- Oi, dorminhoca. – Tia sorriu, indicando-me a mesa cheia de coisas gostosas. – Tem café fresquinho.

- Estou precisando mesmo. – Sentei ao lado do meu pai, já me servindo. Ele comia pedaços de seu bolo devagar, com seus movimentos limitados, as mãos levemente trêmulas.

Sabia que entendia tudo que dizíamos, só tinha dificuldade em se expressar. Tinha perdido boa parte da fala, da sua capacidade de formar palavras. Às vezes algumas saíam, graças aos exercícios de fonoaudiologia, mas era, ocasionais. Quando queria algo e não conseguia expressar, meu pai escrevia. Também tinha dificuldade, saía tremido, mas ao menos conseguia algumas palavras.

Enquanto cortava meu pão, observei-o, sabendo que ele poderia me ajudar sobre o bilhete, o conteúdo ali, as pessoas que poderiam estar fazendo isso. Mas sua saúde era frágil e eu tinha medo de transtorná-lo e preocupá-lo demais. Decidi que esperaria um pouco mais e, se outra coisa acontecesse, buscaria ajuda.

- Tem planos para hoje, Gabi? – Perguntou Tia.

- Vou cavalgar. E ver se precisam de mim em algum lugar. – Sorri para ela. Estava acostumada a fazer pequenos bicos, principalmente cuidar dos cavalos.

- Aproveite mesmo. Está um dia lindo!

Conversei com eles, tomei meu café da manhã e fiz companhia ao meu pai. Depois saí cheia de energia acumulada e desejo extravasando, ansiosa para ver Quin um pouco, matar a saudade um pouco. Fui aos estábulos, bati papo com o cavalariaço e eu mesma preparei minha égua Dorothy para sair, colocando a cela, acariciando seu pelo castanho brilhante.

Foi uma delícia cavalgar pelos campos verdejantes da fazenda. Tinha colocado um chapéu preto para me proteger do sol e fui livre, sentindo a delícia do vento, sorrindo sozinha. Como alguém poderia dispensar uma vida daquelas para se enfiar em um escritório? Era uma sensação única, de contato com a natureza, de sentir o ar puro e se deliciar com a paisagem belíssima.

Passei pelos prédios do laboratório, refeitório, as casas dos empregados que formavam uma pequena vila, o prédio da escolinha e do ambulatório, o centro esportivo. Acenei para quem encontrei no caminho e segui, feliz, com a sensação deliciosa de liberdade. Fazer parte de tudo aquilo e ainda ter o amor de Joaquim me deixavam quase em êxtase. E foi por ele que procurei enquanto seguia em frente.

Joaquim não tinha um local fixo para trabalhar, ele estava sempre onde era mais necessário para resolver alguma coisa ou pôr a mão na massa. Mesmo assim eu o busquei nos locais mais comuns. Um dos peões me informou quando perguntei por ele:

- Ih, dona Gabi, ele foi ver o gado em um dos mini retiros. Parece que um dos novilhos se machucou e chamaram o veterinário.

- Em qual dos mini retiros?

- O último, perto do riacho.

- Obrigada. – Acenei para o senhor e segui na direção indicada, galopando.

O trabalho na fazenda seguia a todo vapor. Passei pelo pasto separado para o Gir Leiteiro, onde terminava a primeira ordenha do dia. Acenei e cumprimentei várias pessoas. E então segui livremente pelo campo, solta e feliz, ansiosa para ver Joaquim.

Fui vê-lo bem longe de tudo, perto do último mini retiro cercado por cercas brancas. Estava no meio do pasto, sem camisa, suado, o chapéu branco enfiado na cabeça. Seus músculos brilhando ao sol, magnífico, forte e grande. Meu coração disparou, cada célula do meu corpo chamou por ele.

Conversava com dois peões e parecia preocupado. Outros dois consertavam uma parte da cerca derrubada e outros traziam uma parte do gado que parecia ter fugido. Percebi um caminhãozinho ali perto, onde um novilho era acomodado com cuidado. Aproximei-me devagar e

desmantei perto do automóvel, amarrando Dorothy na cerca, sem entender o que estava acontecendo.

- Gabriela, que surpresa.

Virei e dei de cara com Felipe, que sorriu para mim.

- Oi. – Sorri de volta e franzi o cenho. – O que houve aqui?

- É a segunda cerca que aparece derrubada desde ontem. – Ele parou ao meu lado. – Vim com alguns peões pegar o gado que se espalhou. Um dos novilhos estava machucado e achamos que alguns sumiram.

- Roubo? – Olhei preocupada na direção de Joaquim, bem mais à frente. Ele tinha acabado de me ver e nem prestava atenção no que os homens ao seu lado diziam.

Seus olhos estavam sombreados pela aba do chapéu, mas eu podia sentir a intensidade do seu olhar, perceber sua mandíbula dura e o modo como apertava os lábios. Entendi na hora que estava com ciúmes, vendo-me falar com Felipe. Suspirei. Cheio de problemas e ainda ficava daquele jeito. Só Quin mesmo.

- É provável. Joaquim avisou Heitor e ele vai trazer o delegado aqui, para investigar.

- Droga! – Reclamei.

Mesmo com o tamanho da fazenda, com os capatazes, as cercas e o respeito que os Falcões despertavam, de vez em quando aparecia algum ladrão por ali. Geralmente vindo da favela Sovaco de Cobra. O gado era marcado, tinha as letras GF em cada um (Gado Falcão), mas os bandidos os vendiam assim mesmo no mercado negro. Muitas vezes queimando e disfarçando a marca.

No decorrer do tempo alguns ladrões tinham sido pegos e presos. Ficamos em paz. Mas pelo visto outros resolveram se arriscar.

- Tudo bem com você, Gabriela? – Felipe indagou em tom baixo e eu o fitei. – Pensei em procurar você, mas depois do que aconteceu no cinema...

- Não se preocupe. – Garanti delicadamente. – É melhor assim, meus irmãos são muito possessivos e ...

- Seus irmãos, não. Só Joaquim.

- Todos eles. – Corrigi, para disfarçar.

Olhei de novo para Joaquim. Para minha surpresa, ele já estava perto, caminhando decidido em nossa direção, deixando os peões para trás. Ouvi o suspiro de Felipe, como se soubesse que coisa boa não ia acontecer. E a expressão de Joaquim era de poucos amigos mesmo, emburrado, vindo com aquele seu andar bruto, seus músculos ondulando, o olhar possessivo para mim.

Senti o tesão se avolumar dentro de mim, fora de controle. Aquele homem era uma força viva, quente, densa, tomando conta de tudo. Fiquei com pernas bambas e garganta seca. Sem poder tirar os olhos dele quando parou à minha frente, alto e forte, suado, seus olhos parecendo mais verdes do que

nunca, agora completamente visíveis para mim.

- O que veio fazer aqui? – As palavras saíram entredentes, irritadas, olhando-me feroz.

“Ver você”, quase falei, mas sorri devagar. Eu adorava aquele jeito machão de Joaquim, o modo como achava que era dono de mim e ficava ciumento quando outro estava perto, principalmente quando esse outro era Felipe.

Apertou um pouco os olhos, achando que eu ria dele. E pior que estava certo.

- Não vai me responder?

- Estou só passeando. – Dei de ombros.

- Aqui só tem homem. – Resmungou e olhou de cara feia para Felipe. – Você não tem o que fazer?

- Muito. – O rapaz parecia irritado também. O clima entre os dois era tenso. Felipe olhou para mim. – Foi bom te ver, Gabriela.

- Digo o mesmo, Felipe. – Falei suavemente, sorrindo para ele. Quase podia sentir a raiva de Joaquim.

O outro rapaz acenou com a cabeça e nem se arriscou em dizer qualquer outra coisa. Afastou-se. Na mesma hora virei para Joaquim, dando de cara com seus ombros largos e peito musculoso, onde o suor escorria sob o sol quente. Não pude me conter. Lambi os lábios e subi o olhar por sua tatuagem de asa em um dos bíceps musculosos e depois no outro, onde havia um falcão e uma cruz. Quando subi pela covinha do seu queixo e seus traços, até seus olhos, já estava completamente excitada.

Joaquim também. Havia um misto de raiva, ciúme e desejo em igual quantidade em seu rosto carregado, seu olhar ardido. Contive o ar, tremendo, querendo-o tanto que me sentia latejar furiosamente, a ponto de entrar em combustão.

Quis disfarçar, dizer algo que aliviasse aquele clima denso, aquele tesão absoluto, mas nada me ocorreu. Meus olhos se enchiam de sua imagem viril, seu cheiro de macho, seu corpo tão grande e forte perto do meu, aquele peito nu deixando-me doida. Quando mordi os lábios, vi que ele se moveu e sua voz rascante veio baixa até mim:

- Monte em seu cavalo e me siga.

Seus olhos pareciam vorazes, cheios de chamas. Perdi o ar, pois vi que me tomaria de qualquer jeito, que não aguentaria esperar até chegar à noite e tentar ir escondido para meu quarto. Não esperou resposta. Deu-me as costas e voltou até os peões com quem conversava antes, onde seu cavalo estava.

Eu só consegui olhá-lo, tremendo, inundada de luxúria, ansiando por qualquer migalha que quisesse me dar. Vi quando arrancou bruto sua camisa da cerca, mas não a vestiu. Largou-a sobre a

cela de Fuligem e montou nele, já o virando em minha direção. Então reagi. Desamarrei rapidamente Dorothy e montei. Quando Joaquim passou por mim, sem tirar os olhos dos meus, acompanhei-o.

Galopamos lado a lado pelos campos, afastando-nos do mini retiro. O ar da manhã vinha fresco em meu rosto, o cheiro de terra só aumentando minhas sensações, deixando-me mais consciente de tudo. A cada espaço que ganhávamos, mais ansiosa eu ficava, tremendo entre o medo que fôssemos descobertos e o desejo de ser logo de Joaquim, que me devorava.

Sabia que era loucura. Pessoas circulavam pela fazenda o tempo todo, apesar de seu tamanho descomunal. Com certeza tinha lugares vazios, mas o risco de sermos pegos existia, bem real. No entanto, nada me impediria de segui-lo, de fazer tudo o que quisesse. Eu já estava fora de mim, respirando pesadamente, coração batendo violentamente contra as costelas, corpo todo incendiado.

Quando ficamos fora das vistas, contornamos um pequeno morro e não seguimos em direção aos outros mini retiros, mas à lateral direita de onde estivemos. Tudo o que via eram os campos sem fim, as árvores com suas folhas balançando ao vento, o céu imensamente azul sobre as nossas cabeças. Joaquim fez Fuligem galopar mais rápido e eu o segui, nossas ânsias nos levando, nos toldando.

Vi o barracão logo após uma descida, em uma pequena clareira depois de um grupo de árvores. Havia alguns deles espalhados pela fazenda, onde eram guardadas algumas ferramentas e itens de primeira necessidade caso alguém precisasse e não tivesse tempo ou condições de voltar à sede para pegar.

Era feito de tábuas, mas bem estruturado, com teto de telhas. A madeira guardava marcas do tempo e da chuva. Joaquim foi para trás dele, onde pulou do cavalo e já foi amarrando-o em uma viga. Ali ficariam ainda mais fora das vistas. Mal parei Dorothy, ele já vinha até mim e agarrava minha cintura com suas mãos fortes, descendo-me ao chão.

Segurei seus ombros largos e musculosos, suados, nus, estremecendo de tesão e antecipação, respirando de maneira entrecortada ao fitar seus olhos carregados, decididos, ainda cheios de possessividade e ciúmes, mas cheios de uma lascívia que dominava os demais.

- Vai me pagar por ter vindo me provocar ... – Murmurou entre os dentes, abrindo o trinco da porta e empurrando-a. Agarrou meu braço e me levou para dentro do único cômodo na penumbra.

Havia um cheiro de poeira e madeira. Várias ferramentas estavam penduradas nas paredes, a única janela com vidro embaçado deixava entrar luz de fora. Bateu a porta e fomos engolidos ali, enquanto eu olhava em volta rapidamente. Havia uma mesa encostada a um canto, cheia de bagulhos. E uma cadeira com braços de madeira e empoeirada, bem antiga, vazia.

Não tive tempo de olhar mais nada. Joaquim parou no meio da sala e arrancou seu chapéu e o meu, largando-os no chão. Então me virou bruscamente e me empurrou em direção à cadeira, dizendo

autoritário:

- Segure-se nos braços dela.

É claro que obedeci na hora, tendo que me inclinar para frente para fazer isso, mordendo os lábios, arquejando quando veio atrás e senti seu cheiro gostoso misturado a suor e ao próprio cheiro do ambiente. E tudo me pareceu gostoso, sensual, proibido, pecador. Principalmente quando suas mãos agarraram a fivela do meu cinto e a abriu bruscamente.

Foi rápido e bruto. Soltei um pequeno grito quando desceu minha calça e calcinha até os joelhos de maneira feroz, sem preâmbulos. Senti minha vagina latejar sem controle, em expectativa, toda molhada. Apertei mais forte os braços da cadeira, os cabelos se fechando sobre meu rosto, os olhos se fixando sem ver as diversas ferramentas na parede.

Na mesma hora Joaquim deu um tapa forte em minha bunda nua com sua mão grande e pesada. Gritei de susto, inclinei-me para frente, mas então ele agarrou meus quadris e me trouxe de volta, dizendo seco, rascante:

- Isso é por dar mole para Felipe na minha frente.

- Mas eu não ... Ai! – Gritei de novo quando deu outra palmada ao lado, que estalou dura no barracão, fazendo minha pele arder muito. – Pare!

- Só estou começando.

- Quin ... Oh!

Enrolou a mão em meu cabelo com força, puxando minha cabeça para trás, dominando-me. Esfregou a mão calosa sobre a pele ardida da bunda e disse grosseiramente:

- Empine a bunda para seu castigo.

- Mas não fiz nada ... – Lambi os lábios, agitada, excitada ao extremo, tudo aquilo mexendo muito com minha libido, fazendo líquidos descerem entre minhas coxas, deixando-me toda cremosa e palpitante por baixo. Respirava em haustos. – Fui ver você ...

- E conseguiu minha atenção. Olha o que fez comigo. – Agarrou uma das minhas mãos, arrancando-a da cadeira. Espalmou-a sobre seu pau duro dentro da calça, enquanto ficava de pé em minha lateral esquerda. Na mesma hora o apertei, excitada com aquilo tudo tão grande e cheio, acariciando-o. Largou-me e deu mais um tapa, bem dolorido, fazendo-me gemer. – Está me deixando louco. Qualquer um pode nos pegar aqui. Sabe disso?

- Sim ... – Subi os dedos até seu cinto, abrindo-o ansiosamente. Recebi duas outras bofetadas, uma de cada lado, despejando mais líquidos em minha vulva escaldante, empinando-me para mais daquela dor gostosa.

- A cada vez que me provocar, vou arriar sua calça e espancar sua bunda. E depois vou comer você. – Sua voz brutal, carregada de tesão, aliada a tudo mais que fazia comigo, deixou-me louca,

fora de mim. Estremeci e murmurei:

- Então ... Vou te provocar sempre ...

- Sua safada ... – Deu um tapa tão forte em cheio no globo direito, que gritei. Puxou forte meu cabelo para trás e, sem que eu esperasse, enfiou um dedo longo e grosso bem dentro de mim. – Está toda molhadinha ...

- Ah ...

Fiquei alucinada, tentei abrir sua calça. Minha bunda ardia, doía, minha vagina sugava sofregamente o dedo que estocava sem dó dentro dela, agarrando-o em espasmos involuntários. Xingou um palavrão e largou meu cabelo, puxou o dedo fora.

- Não ... – Supliquei, mas suas mãos já iam aos botões da minha camisa e os desfazia das casas rapidamente. Em segundos tirava minha blusa e a jogava sobre a cadeira, abrindo o sutiã atrás.

Virou-me e estremeci ao ver o tesão nos olhos dele, em sua expressão carregada. Puxou as alças por meus braços, ao mesmo tempo que me empurrava e fazia sentar sobre a camisa na cadeira. Caiu de joelhos a minha frente enquanto eu arquejava ensandecida de tanto desejo, deixando que arrancasse minhas botas e depois a calça com a calcinha. Fiquei lá, sentada e nua, enquanto suas mãos agarravam meus tornozelos e seu olhar subia esfomeado por meu corpo.

- Quin ... – Quis pedir que fizesse amor comigo, que me beijasse, mas eu não conseguia nem articular as palavras. Ainda mais quando abriu e ergueu minhas pernas sem largar meus tornozelos, apoiando-as arreganhadas sobre os braços da cadeira, seu olhar indo em cheio sobre minha rachinha melada e toda exposta para ele.

- Você vai me deixar louco ... – Rugiu baixo, lambendo os lábios, ordenando enquanto deslizava as mãos por minhas panturrilhas e coxas: - Fique assim, bem abertinha. Vou chupar esse mel que derrama pra mim.

- Ah, Quin ... – Gemi enlouquecida, tão pronta que quando apoiou as mãos espalmadas no interior das minhas coxas abertas e desceu a cabeça sobre elas, estremeci violentamente e senti minha barriga se contorcer, já arrebatada. Gritei estrangulada quando lambeu devagarinho meu clitóris, quase em uma tortura. Um calor abrasador se espalhou por todo meu sexo, subiu por meu corpo, foi me incendiando loucamente.

Não consegui tirar os olhos de sua boca, que se fechou sobre o brotinho e o chupou lentamente para dentro, firme, duro. Foi impossível controlar. Meus mamilos endureceram, eu me sacudi e gemi rouca, o orgasmo veio como uma onda violenta. Ondulei e gozei, arquejando:

- Ah ... ah ... ah ...

Despejei mais dos meus sucos pela vagina, que escorreram até o ânus. Joaquim não se alterou, continuou com a tortura, a chupada suave e firme ao mesmo tempo, sugando lento, segurando-me no

lugar. Choraminguei, miei, olhos arregalados para o que fazia comigo, para meus lábios molhados contra sua boca, os cílios fazendo sombra em sua face angulosa com seus olhos fechados. Arranhei os braços da cadeira, tentei me conter, mas o gozo continuava, quente e voraz, até me deixar mole, apoiando a cabeça no encosto.

Só então sua língua desceu entrando em minha rachinha toda melada, lambendo o que escorria até chegar a meu buraquinho e voltar, se fartando com tudo, causando-me tremores incontrolláveis. Meteu a língua bem dentro dela e me penetrou assim em um vai e vem delicioso. Mesmo satisfeita, sentia o tesão lá, firme e forte, feroz em mim, transformando-me em uma massa alucinada de tanta luxúria.

Foi uma chupada daquelas, deliciosa, avassaladora, intensa. Perdi a razão, choraminguei em meu limite novamente. E então, quando eu menos esperava, Joaquim se ergueu de pé à minha frente, abrindo a calça, lambendo os lábios, seus olhos brilhando como os de um felino naquele galpão escurecido.

Fiquei imobilizada na cadeira, ainda toda aberta, toda pronta, meus seios doendo de tanto que meus mamilos estavam endurecidos. Fui golpeada por sua beleza agressiva, sua força de um touro, sua sexualidade latente. E não pude deixar de escorregar o olhar por seu peito musculoso e suado, suas mãos grandes que desciam a calça e a cueca e se livrava delas com as botas, caindo em um baque no chão empoeirado. Fitei seu pau grande e grosso, cheio de veias grossas, a cabeça robusta e rosada, seus testículos redondos embaixo. Era lindo demais, a ponto de deixar uma pessoa hipnotizada, uma mulher de quatro.

Não foi delicado quando veio até mim, agarrando meu cabelo na nuca com uma das mãos bem forte, segurando o encosto da cadeira perto da minha cabeça, de pé entre minhas pernas ainda arreganhadas. Soube o que queria quando me trouxe em sua direção e na hora abri os lábios e senti seu cheiro de macho me embriagar, agarrei suas coxas cobertas de pêlos e músculos duros e meti seu pau gostoso na boca. E como era gostoso!

Encheu cada recanto, fez minhas papilas gustativas se fartarem, deixou-me salivando para chupá-lo bem fundo, levando-o até a garganta e mais, porque eu queria aquela carne grossa e longa toda dentro de mim, com uma fome desvairada. Engasguei, mas não o afastei. Movi-me mais em sua direção, comendo-o maravilhada, enterrando-o até ficar sem ar e babar, até encostar meu nariz em seus pelos castanhos claros.

Xingou um palavrão quando o tive todo dentro da boca e se imobilizou lá dentro, agarrando firme meu cabelo na nuca, até o quanto aguentei segurar o ar. Então puxei a cabeça para trás, deslizando a boca toda molhada em seu comprimento até a ponta de onde saía um delicioso gel salgado, lambendo-o. Senti seus músculos estremecerem, sua força contida ao me segurar e voltei de

novo chupando-o até a base, levando-o a escorregar por minha garganta dilatada, cheia de saliva.

Perdi o controle de vez, alucinada, mamando-o com força, agarrando sua bunda dura com as duas mãos e deixando que penetrasse o pau em minha boca em arremetidas duras e fundas, a baba grossa escorrendo por meu queixo, todo meu corpo gritando por mais, exigindo, implorando, querendo.

Comeu minha boca asperamente, movendo os quadris para frente e para trás, gemendo rouco, sua voz severa, cortante:

- Isso, toma tudo ...

E eu tomava, erguendo os olhos lacrimejantes para ele, estremecendo ao encontrar seus olhos de gato transtornados pelo tesão, seu maxilar cerrado, a respiração arfante. Fitou meus lábios colados em volta do seu membro, deslizando nele, e vi que lutava para não gozar. Por isso, puxou tudo para fora.

Agarrou meu rosto entre as mãos e se abaixou, beijando apaixonadamente minha boca. Girei minha língua na dele gemendo baixinho, sugando-a, endoidecendo com seu gosto bom. Deslizei minhas mãos em sua barriga dura, as duas agarrando juntas o seu pau, masturbando-o, adorando tocá-lo assim, tão livre, tão meu.

As mãos de Joaquim também desceram por minha pele, meu pescoço, até meus seios, acariciando-os quase com ternura enquanto me beijava com ferocidade. Sacudi-me, pronta, ansiosa, escorrendo de tanto tesão, minha vagina palpitando cruamente.

Ele então agarrou os braços da cadeira sob meus joelhos, mantendo-me ali toda arreganhada, erguendo a cabeça e me fitando, flexionando as pernas, vindo em cima de mim agachado. Avisou baixinho:

- Fique assim abertinha que vou te comer ...

Mal terminou de falar e a cabeça bruta do seu pau já esticava meus lábios vaginais babados, mergulhando dentro de mim, entrando tão duro e grosso que mesmo eu toda lubrificada pareceu me encher além do que eu podia suportar. Estocou fundo, consumindo-me com seu corpo e seu olhar, dominando cada parte de mim sem esforço.

- Ah, Quin ... – Choraminguei quando passou a meter forte, várias vezes, fazendo barulhos de sucção contra meu canal melado demais e eu jogava a cabeça contra o encosto, fechando os olhos, me entregando àquela loucura deliciosa.

- Olhe para mim! – Ordenou em um tom áspero e na hora obedeci, encontrando seus olhos felinos amarelados e com pupilas dilatadas no ambiente escuro, perdendo o ar diante de sua força, do modo como me tomava e fazia dele, só dele.

- Não vou aguentar ... – Supliquei, sentindo o orgasmo se avolumar de novo, incontável,

perturbador.

- Vai ... – Afirmou e deu um meio sorriso sensual, que só me deixou mais doida e apaixonada.

Sem que eu esperasse, saiu de dentro de mim e se ergueu, agarrando novamente minha nuca, dizendo cruelmente:

- Sinta como seu gosto é bom ... – E meteu de novo o membro dentro da minha boca, enchendo-me com sua carne densa, meu cheiro e minha essência. Eu o chupei sôfrega, respirando entrecortada, fora de mim. Joaquim desceu a mão por minha barriga, meus pêlos aparados, até penetrar os dedos em minha vulva melada e sensível, fazendo-me estremecer.

E me torturou daquela maneira, abusando da minha boca, saindo e se agachando para penetrar minha rachinha com brutalidade, comendo-me como um animal, mas me beijando com amor. Intercalava carícias e beijos com suas estocadas violentas. Deixava-me a ponto de gozar ao meter até meu útero, seu púbis roçando o clitóris inchado, então saía e comia minha boca. E o tempo todo eu aberta e pronta naquela cadeira para suas taras, para me usar como e da maneira que quisesse.

Comecei a suplicar para me deixar gozar, a pedir por mais, a me sacudir e tentar agarrá-lo quando me tomava duramente.

- Por favor ... Quin, por favor ...

- O que você quer?

- Gozar ...

- Quer gozar, minha safadinha? – Penetrava fundo seu pau em minha vulva latejante, seu olhar na altura do meu, fixo e brilhante. Passou a me comer devagar, saindo até a ponta e voltando lento até o fundo. – Goze. Eu deixo.

- Quin ... – Choraminguei, cravando minhas unhas em seus quadris, puxando-o para mim com aquela tortura. – Mais ... Mais rápido ...

- Assim não está gostoso?

- Sim, mas ...

- Mas? – Ergueu uma sobrancelha e parou com o pau bem fundo, lambendo suavemente meu lábio inferior e depois o mordendo.

- Preciso gozar ...

- Você já gozou. – Provocava-me, embora eu soubesse que ganhava tempo, que quase explodia também.

- De novo ... – Supliquei.

- Só se me prometer uma coisa.

- Tudo ...

Sorriu devagar. Tirou o pau e mergulhou-o de novo. Estremeci, arrebatada, engolfada por

sensações extasiantes, hipnotizada por seu olhar.

- Tudo?

- Tudo.

- Eu poderia propor um monte de sacanagem que quero fazer com você, Gabi.

- Eu faço ...

- Sei que faz, putinha ...

Gritei quando estocou bruto e começou a me comer com força, rápido e forte, suado e musculoso, prendendo-me entre seu corpo e a cadeira.

- Goze. Depois abra a boca e engula meu gozo.

- Sim ... Sim, por favor ... Por favor ...

Beijou minha boca e me devorou livremente, como um animal, um touro enfurecido. Eu gritei em seus lábios, me sacudi sob suas estocadas fundas e certeiras, e então explodi em um orgasmo tão feroz que chorei, lágrimas misturando-se aos meus gemidos, aquele prazer estonteante que tirou meu ar, meu chão, minha razão.

Apertei seu pau em espasmos internos incontroláveis e senti que Joaquim chegava ao seu limite, mas se segurava até eu terminar e extravasar tudo. Só então saiu da minha rachinha inchada e agarrou meu cabelo, metendo o pau em minha boca, segurando-o pela base. Na hora despejou seu esperma quente e grosso na minha língua e eu o suguei esfomeada, fazendo-o gemer rouco enquanto tomava tudo, mamava obedientemente, meu corpo ainda sacudido por resquícios de prazer.

Lambi seu pau devagar, até deixá-lo limpinho, sem uma gota de fora. Joaquim saiu da minha boca e me olhou de modo intenso, penetrante. Ajudou a tirar minhas pernas dos braços da cadeira e me ergueu, abraçando-me nua e colada ao seu corpo grande e musculoso, seu pau ainda ereto entre nós. Disse baixo, perto de meus lábios:

- Queria passar a tarde toda com você, Gabi.

- Eu também. – Ergui as mãos por seus ombros e pescoço, até seus cabelos curtos e macios na nuca. Disse num sussurro: - Foi tão gostoso ...

- Sim, foi. Mas não podemos nos arriscar assim. Demoramos muito aqui. – Respirou fundo e franziu o cenho. – Tudo culpa sua.

- Minha? – Meus lábios se curvaram em um sorriso.

- Não tinha nada que ter ido me provocar.

- Pois eu adorei o resultado dessa provocação. Vou fazer mais vezes.

- Não brinque com isso. – Deslizou as mãos grandes em minhas costas, até minha bunda, apertando-a, seus olhos endurecendo perigosamente. – Falo sério. Fique longe de Felipe ou não respondo por mim.

- Deixe de ser ciumento, Tourinho ...

- Gabi ...

- Não fiz nada. Só falei com ele. – Garanti e sorri mais. - Pare de besteira. Não sabe que sou louca por você? Precisava te ver, só isso.

- Ainda vai me deixar louco. – Mordeu devagar meu lábio inferior e me manteve quieta, esfregando seu pau em meu ventre. Estava bem duro. – Vamos sair daqui ou vou te comer de novo. E de novo. Mas antes me beije.

- Sim. – E o beijei na boca.

Foi delicioso e longo. Nossos corpos reagiram na hora e nos acariciamos suados e arfantes naquele lugar sujo, abafado, escuro. Queríamos mais. Era uma febre, uma loucura que não passava, que só crescia e se avolumava.

- Não. – Joaquim parou de me beijar, lutando consigo mesmo, fitando meus olhos. – Mais tarde, em seu quarto.

- Se Pedro deixar ... – Provoquei, excitada.

- Se ele ficar atacado de novo essa madrugada, ponho um sonífero na cachaça dele.

Acabamos rindo.

Saímos de lá juntos e cavalgamos até a estrada principal da fazenda. Depois Joaquim ficou em seu cavalo me observando enquanto eu acenava e seguia na direção dos prédios da fazenda. Só então voltou para o mini retiro.

Nenhuma vez me arrependi por ter ido procurá-lo ali. Mesmo com todo risco, tinha valido a pena. Muito. Eu estava satisfeita e feliz ao chegar aos estábulos, mas já sonhando com sua visita na madrugada. Quando então nos entregaríamos ao amor novamente, como tinha que ser.

JOAQUIM

Era um vício enlouquecedor. Eu tinha realmente perdido a cabeça quando levei Gabi à tarde para o galpão. Alguém de qualquer parte da fazenda podia ter nos visto. Podíamos ser pegos em flagrante. E ficamos tão loucos um pelo outro que nem ligamos, ficamos lá como se tivéssemos todo tempo do mundo, nos devorando sem limites.

Eu sabia que era perigoso. Aquela paixão toda podia nos cegar e seria terrível sermos descobertos em um escândalo antes de nossos irmãos ficarem a par de tudo. O problema era que eu estava completamente louco por ela e perdia a cabeça fácil. Tinha que me policiar mais, tentar conter meu ciúme e minha paixão, aquele amor devorador que tomava conta de tudo.

Naquela noite foi difícil jantar entre meus irmãos sem pensar em sexo o tempo todo. Meus olhos batiam nela, pura e linda em seu vestidinho rosa, e só conseguia pensar nas sacanagens que fizemos e que ainda íamos fazer. Quando me olhava, havia aquele fogo lá, lutando para ser disfarçado, mas queimando-me por dentro. E assim evitava até fitá-la. Comia quieto e compenetrado, rezando logo para todo mundo ir dormir e a madrugada chegar. Então eu me fartaria em segredo com seu corpo, seus beijos, seu amor todo pra mim.

- Vamos reforçar os seguranças de madrugada. – Disse Heitor já ao final do jantar, preocupado sobre o assunto das cercas derrubadas e gado espalhado. Prestei atenção, assim como os outros. Ele continuou: - O problema é que são milhares de hectares, fica difícil tomar conta de cada cerca e estrada secundária.

- É quase impossível. – Concordei. – Mas que tem gente roubando nosso gado de novo, isso tem.

- O delegado Ramiro está investigando. E contratei mais gente para fazer isso. – Disse Theo, muito sério. – A última vez que isso aconteceu aquele rapaz foi preso, mas nunca confessou nem entregou os comparsas.

- Sim, Flávio Alves, se não me engano. – Completou Pedro, irritado. – Sumiu logo depois de ser liberado da delegacia. Nem deu tempo da gente dar uma dura nele.

- Ou foi queima de arquivo dos próprios comparsas ou alguém deu fim nele para nos agradar. – Theo falou friamente.

Eu o olhei calado, pois sempre achei que foi ele ou Pedro, ou ambos, que tinham dado fim no rapaz. Nunca quis acreditar naquela fama de justiceiros que eles tinham, mas era fato que alguns bandidos nunca mais apareciam por ali. E acho que nunca quis saber realmente. Mas não parecia ter a ver com aquele sumiço em particular. Por fim perguntei:

- Mas quem faria isso para nos agradar?

- O delegado. – Theo fitou-me. – Sabe que o rapaz era culpado, mas não tinha provas contra ele. Pode ter esperado ele sair da delegacia, para não ficar muito óbvio. E daí sumiu com ele. Eu desconfiaria. E poderia ficar agradecido, pois era menos um ladrão para o meu gado.

Entendi e acenei com a cabeça. Gabriela indagou horrorizada:

- Mas o senhor Ramiro faria isso?

- Tudo é possível, Gabi. Mas são só conjecturas. – Explicou Heitor. Voltou ao assunto: - Temos que preparar uma armadilha para pegar esses ladrões com a boca na botija. Porque uma coisa é certa.

- O quê? – Indagou Pedro.

- Eles têm um informante aqui dentro.

Todos ficaram quietos e me movi na cadeira, incomodado com aquilo. Gabriela fez o mesmo, perturbada, atraindo meu olhar. Por fim, opinei:

- Somos praticamente uma família aqui com todos os empregados. Eles têm casa e salários dignos. Quem se arriscaria a tanto, podendo ser preso ou algo pior?

- Algo pior? – Gabi indagou, mais preocupada ainda.

- Se forem pegos em flagrantes pode virar uma tragédia, porque nossos homens andam armados. E com certeza os bandidos também. – Expliquei.

- Meu Deus ... – Ela empalideceu.

- Heitor tem razão. – Theo recostou-se em sua cadeira. – Alguém de dentro está facilitando, dando dicas, talvez dizendo onde estão os capatazes e os pontos mais fáceis de atacar. Quantas cabeças sumiram dessa vez?

- Contamos quase cem. – Respondeu Heitor.

- Filhos da ... – Pedro controlou o palavrão a tempo devido à presença de Gabriela. Sacudiu a cabeça, revoltado. – Se eu pego um desgraçado desse ...

- Temos que ter calma. – Como sempre, era difícil Theo perder a cabeça. Tomou um gole do seu vinho. – É toda uma rede montada. O informante aqui dentro, os ladrões, o comprador clandestino, o destino do gado. Vamos aumentar as seguranças em pontos estratégicos e as investigações. E começar a observar melhor nosso pessoal, quem está descontente. Heitor, vou colocar um agente no meio deles, como um simples peão. E pode nos repassar tudo.

- Ótima ideia. – Heitor concordou.

- E quando descobrirem quem é? – Gabriela parecia nervosa, perturbada.

- Será preso. – Falei.

- Mas ... – Olhou de mim para Theo, como se quisesse criar coragem de perguntar mais.

Meu irmão mais velho observou-a. Pedro riu e completou cínico:

- Quer saber se vamos dar fim no bandido?

- Sim. – Para nossa surpresa, ela concordou.

Pedro achou graça. Heitor respondeu para tranquilizá-la:

- Tem leis para isso, Gabi. Ele responderá por seus erros.

- Mas nós sabemos que nem sempre as leis são cumpridas. – Parecia tomar coragem, um tanto nervosa. Nunca tinha puxado esse assunto conosco, mas aquilo a perturbava: - Alguma vez vocês ... Bem ...

Calou-se, corando, sem poder continuar. Ficamos em silêncio. Quis garantir a ela que meus irmãos nunca mataram ninguém, mas até eu tinha minhas dúvidas. Por fim, ela conseguiu perguntar:

- Já fizeram justiça com as próprias mãos?

Todos ficaram calados. Pedro sorriu lentamente, para si mesmo, seus olhos cinza azulados um tanto duros. Heitor não se alterou. Theo ponderou o assunto. Por fim, falou baixo, olhando-a diretamente:

- Não somos assassinos.

Gabriela suspirou, visivelmente aliviada. No entanto empalideceu quando ele completou:

- Mas infelizmente há momentos em que temos que fazer escolhas difíceis.

- Como assim? – Mordeu os lábios. Percebi o quanto aquilo parecia importante para ela.

Indaguei a mim mesmo por que Theo respondia, porque não a deixava acreditar que o mundo era cor de rosa.

Mas meu irmão mais velho odiava mentira e omissão. Se alguém perguntasse, teria uma resposta honesta.

- Há uns anos atrás, havia um casal trabalhando aqui e morando numa das casas da fazenda. – Ele explicou, tenso, seus olhos azuis escuros sem emoção. – Foi na época que começaram a trazer drogas para a favela Sovaco de Cobra. Esse homem era estressado, perdia a cabeça fácil e tinha arrumado briga algumas vezes. Eu o chamei e alertei que isso não seria admitido aqui. Mas então, começaram a correr boatos de que ele batia na mulher e estava se drogando.

- E então? – Eu me vi perguntando, pois lembrava vagamente daquilo.

- Eu o demiti. E ofereci dar apoio à sua esposa, se quisesse continuar a trabalhar aqui. Ela quis e pediu a separação. Resumindo, ele saiu, mas um dia a atacou na cidade, enfiou-a dentro do carro, bateu nela e estuprou-a. Consegui fugir e o delegado o capturou no meio do caminho.

- Eu me recordo desse caso. – Pedro acenou com a cabeça. – Ficou preso um tempo, mas quando saiu veio de novo atrás dela. Esperou-a sair da igreja na missa de domingo e a sequestrou de novo. Levou-a e a mulher ficou desaparecida por dois dias.

- Ai, meu Deus ... – Gabriela levou a mão à boca, nervosa. – E o que aconteceu?

- O delegado fez suas investigações e eu as minhas. – Theo parecia muito calmo. Terminou seu vinho. E a fitou. – Meus agentes descobriram primeiro o paradeiro dele. Vivia em um barraco em outra cidade, num lugar distante. Tinha espancado e violentado a esposa naqueles dois dias e ela estava inconsciente na cama enquanto ele bebia e via televisão.

- Você o matou, Theo? – Gabi indagou em um frio de voz.

- Eu não. – Havia uma frieza latente nele. – Mas digamos que ele quase não ficaria na cadeia. Ainda tem um preconceito da lei muito grande em casos de estupro, ainda mais se tratando da própria esposa. Ou poderia fugir. E quando saísse, faria de novo. Teve o destino que mereceu.

- Mas ... você disse que não o matou. – Ela disse, nervosa.

- Eu não. – Repetiu e finalmente Gabriela entendeu. Theo não o matara. Mandara matar.

Estava muito pálida. Eu sinceramente não o culpei. Acho que faria o mesmo. Às vezes a justiça, ou a falta dela, enraivecía qualquer um. Mesmo sabendo que as leis existiam e que seria uma baderna maior sem elas, entendi o lado dele. Pelo jeito, Heitor e Pedro já sabiam daquela história, pois nem se alteraram.

- Isso ... – Ela murmurou. – Foi antes de eu vir para cá?

- Não. Tem uns doze ou treze anos.

Suspirou, um pouco menos tensa. Mordeu os lábios.

- E a ... a mulher? O que aconteceu com ela?

- Sobreviveu. Precisou aprender a viver com o que aconteceu. Acabou indo morar com a família que tinha em São Paulo. – Theo olhou-a, atento. Não se desculpou por tê-la decepcionado nem por fazer o que achava que fosse certo.

Tive pena de Gabi, pois parecia preocupada, querendo perguntar muito mais, mas como se não tivesse coragem. Mas Heitor resolveu a questão mudando de assunto.

Naquela madrugada, quando a procurei e fui para sua cama silenciosamente, recebeu-me nua, ansiosa, mas estranhamente nervosa. Abraçou-me, beijou-me, pareceu buscar acima de tudo carinho. E foi o que dei. Amei-a com ternura na cama, beijando-a na boca o tempo todo em que estive dentro dela, até fazê-la gozar e choramingar. Depois ficamos abraçados e perguntei se o que a perturbava era o que Theo tinha contado.

Com a cabeça em meu ombro e a mão em meu peito, confessou baixinho:

- Eu tenho medo. Não acho que devemos tirar a vida de ninguém.

- Mas o homem quase matou a esposa, Gabi.

- Sei disso. – Estremeceu, apertando-me mais. – Também senti raiva, quis matá-lo. Mas Quin ... é errado. Nunca pensei que Theo ...

- Está decepcionada com ele.

- Com ele ... Com eles. Até que ponto fazem isso? Já fizeram de novo? – Ergueu o rosto para mim, chocada, pálida. – E você?

- Já tive vontade, mas nunca matei ninguém. E Gabi, nossos irmãos não são assassinos. Foi um caso isolado. Talvez a decisão tenha sido tomada na hora da raiva. E sabemos que Theo tem responsabilidades enormes, às vezes precisa tomar decisões difíceis.

- Eu não sei o que pensar ... Não quero mais falar sobre isso. Por favor, me abraça forte, Quin.

- Não fique assim. O que a perturba tanto? – Apertei-a, beijando seu rosto, seu cabelo, puxando-a mais para mim.

- Isso tudo. Mas vamos deixar esse assunto de lado. Só fique aqui, comigo.

- Estarei sempre com você, Gabi. – Murmurei, segurando-a com força. – Agora esqueça.

Não disse nada. Mas a senti tremer. Aquela história toda a tinha abalado. Tentei distraí-la.

No fundo, não condenei Theo. Um homem na posição dele era obrigado a ter atitudes extremas de vez em quando. Podia ter mandado matar aquele desgraçado. Mas podia também ter salvado a vida da mulher dele. Quem garantia que o bastardo não tentaria uma terceira vez e aí conseguiria?

Acaricieei o cabelo de Gabi, pensando que nossa sociedade estava tão corrompida que agíamos cada vez mais como animais. Mas quem era eu para julgar?

CAPÍTULO 8

JOAQUIM

A semana transcorreu em relativa calma, após o roubo do gado. O delegado Ramiro não conseguiu descobrir nada, nem os investigadores contratados por Theo. Somente acharam marcas de pneus de caminhão em uma estradinha secundária, que acabava se perdendo ao chegar ao asfalto. Era como se ladrões e gado tivessem sumido no ar. Com certeza não podiam ter ido muito longe, pois como levariam cem cabeças de uma vez? Foi mais de uma viagem ou mais de um meio de transporte.

As dúvidas permaneciam, assim como as investigações. A segurança foi aumentada e o peão novo começou a trabalhar na fazenda, infiltrado, tentando descobrir pessoas insatisfeitas ou um possível traidor e informante. Mas as respostas só viriam com o tempo. Estávamos todos atentos.

Todas as madrugadas fui ao quarto de Gabi e nos amamos sem limite. Era um misto de medo e paixão, que parecia enaltecer ainda mais o que já sentíamos. Esperávamos a casa cair em silêncio e então eu saía de fininho, entrava no quarto dela e trancava a porta. Aí o mundo era nosso. Silenciosos e dominados pela luxúria, passávamos momentos idílicos na cama, no banheiro, na poltrona de canto, no carpete, em pé encostados na parede. Todo lugar valia.

Eu pensava nela dia e noite. Passava o dia ansiando a hora que a veria e quando isso acontecia, disfarçava ao máximo meus sentimentos perto dos outros. Mas quando entrava em seu quarto de madrugada, a máscara caía. Era só eu e ela. Livres, apaixonados, entregues.

Ganhávamos tempo. Era notório que teríamos que conversar com todos, mas ainda tínhamos muito receio do que podia acontecer. Assim apenas seguíamos, esperando uma brecha, um oportunidade, quem sabe um milagre.

Depois da primeira vez que transamos no carro e que gozei dentro dela, só praticávamos coito

interrompido. E não usávamos preservativo. Assim, havia um risco de gravidez, mas não tocávamos no assunto. Era algo que nós dois tínhamos em mente, mas deixávamos quietos. Tinha me prometido que ia tomar anticoncepcionais, pois só o pré-sêmen que saía com a lubrificação já era um risco. Mas acabava ficando por isso mesmo.

O sábado chegou e com ele o dia da festa para comemorar os prêmios que ganhamos naquele ano como melhores produtores e de qualidade da carne. Seria em casa e viriam desde pessoas influentes como políticos e empresários até empregados mais simples. Não teve como convidar todo mundo, então organizamos um churrasco para os outros empregados perto do refeitório, com um grupo sertanejo para tocar ao vivo e bebida liberada. Mas com moderação.

À noite fiquei com meus amigos no churrasco e só depois das nove voltei para casa, quando já estava cheia de convidados. Usando meu melhor jeans e uma camisa branca nova, tinha deixado meu chapéu guardado e cumprimentei as pessoas. A varanda, a sala e o pátio em frente estavam iluminados, com convidados espalhados.

Havia de tudo, desde mulheres ricas com vestidos longos e joias a pessoas de jeans, como eu. Alguns eram da cidade, outros de cidades vizinhas ou de Belo Horizonte. Havia um deputado de Brasília que veio com a esposa no nosso jatinho e agora conversava animadamente com Theo, saboreando vinho.

Pedro conversava com uma bela morena, seu olhar para ela deixando claro que estava à caça. A mulher se derretia toda, jogando charme. Sacudi a cabeça e sorri, sabendo que, descarado como era, em poucos minutos daria um jeito de sair com ela.

Heitor conversava sorrindo com Dalila e Abigail, as donas do Falconetes. Dalila como sempre estava de preto, um vestido de mangas compridas e cumprimento até os pés. Era muito branca e parecia a Mortícia da Família Adams, com os cabelos pretos e a maquiagem escura. Mas ao contrário desta, usava um penteado diferente, com franja e uma Maria Chiquinha que caía por seus ombros.

Era estranha, com um modo de vestir próprio e fã de vampiros, filmes e livros de terror. Aliás, esse era seu assunto predileto. Muita gente não gostava de chegar muito perto dela, por isso no Falconetes Dalila se encarregava mais da contabilidade, enquanto Abigail, simpática e extrovertida, lidava com o público.

Todo mundo sabia que Dalila tinha uma queda por Pedro e Heitor, mas eles nunca tiveram nada com ela. A irmã caçula delas, Francesca, tinha sido namorada dos dois e por fim só de Heitor. Dalila na época ficou um pouco enciumada e as duas chegaram a se desentender, mas quando Francesca ficou com câncer, Dalila cuidou dela com todo amor, assim com Abigail. Infelizmente a doença foi muito agressiva e Francesca faleceu em poucos meses. As irmãs nunca se recuperaram totalmente.

Nem Heitor. Acho que com Francesca ele teria casado.

Eu acreditava que Dalila ainda tinha esperanças de fisgar um dos dois, mas eu duvidava que ela atraísse Pedro ou Heitor. Assim, ficava só na amizade mesmo. Já Abigail era um caso antigo de Theo. Todo mundo sabia que tinham sido amantes por muito tempo e talvez ainda fossem ocasionalmente. Mas eram muito amigos e ele ajudou a reformar o Falconetes.

Abigail era uma mulher muito atraente de quarenta e um anos. Como ótima cozinheira, tinha levantado o Falconetes e, mesmo ficando agora atrás do balcão e sendo dona, ainda passava suas receitas para as cozinheiras oficiais. Também adorava comer e era comum vê-la beliscando sempre alguma coisa no bar, principalmente os doces das vitrines. Por isso estava uns dez quilos acima do seu peso. Mas isso não a enfeava, pelo contrário.

Era um mulherão cheia de curvas e com seios generosos sempre a vista em decotes ousados. Nunca estava despenteada nem sem maquiagem. Vaidosa, usava roupas sensuais e coloridas, justas, sexys. Seus cabelos lisos e de um Chanel até o pescoço, tinham um tom castanho arruivado e estavam sempre impecáveis. Naquela noite usava um vestido preto colado, saltos altos e colares de contas vermelhas, combinando com o batom.

Eu me aproximei deles e cumprimentei as duas irmãs, batendo um papo com elas e com Heitor. Depois me afastei, procurando Gabriela. Até meu pai estava na festa, bem arrumado em um terno, sua cadeira de rodas perto do sofá onde a enfermeira conversava com Tia. Ele olhava em volta calado, com o semblante fechado. Nunca foi muito de festa e eu tinha certeza que logo ia exigir que o levassem para seu quarto no piso inferior da casa.

Tia, apesar de termos dito que era convidada, pois tinha um buffet e garçons contratados, estava toda hora indo conferir se tudo estava bem. Não gostava muito de festa nem de se arrumar. Aliás, quando tentava, acabava exagerando, usando uma blusa estampada de uma coisa e a saia de outra. Não gostava de maquiagem e nunca tinha usado um salto na vida. Gabi até tinha tentado arrumá-la algumas vezes, mas sem sucesso. Assim, acabou aderindo à sua moda própria que era sempre jeans, uma camisa e sapatilhas baixas, com seus cabelos grisalhos curtos e rosto ao natural. Não usava brinco, anel, nada. Acho que nem perfume. Não se ligava muito em coisas de mulher, talvez por isso nunca tivesse se casado.

Aproximei-me dela e passei meu braço em volta de seus ombros, indagando:

- Está se divertindo?

- Ah, muito! – Debochou, pois não gostava de festas. Só ficava para garantir que tudo sairia bem.

- Estou vendo a animação aqui. – Sorri para ela, para a enfermeira Margarida e para meu pai, que entortava a boca para tudo. Sempre foi mal humorado e, depois do acidente, não havia muita

coisa que o animasse. Era como se vivesse só porque não tinha como fugir dali. Mas nada o interessava, preferia ficar com seus pensamentos. Ou suas lembranças.

- Meu filho, já estou cheia de sono. – Reclamou Tia. – E seu pai já quer ir para o quarto.

- Imaginei isso. Quer que o leve, pai?

- Ham ... – Rosnou, cerrando as sobrancelhas, seus olhos azuis como os de Theo um tanto irritados. Apontou para o corredor. – Ca ... Ca... ma.

- Ele quer. – Margarida se levantou.

- Eu o levo. – Falei, indo para trás de sua cadeira de rodas.

Tia ficou na sala e Margarida nos seguiu. Várias pessoas nos cumprimentaram quando passei empurrando a cadeira e pararam para falar com ele, que continuou sério e pouco deu atenção. Tinha muita dificuldade em falar, mas só se esforçava quando lhe interessava. Fora isso, mantinha-se mudo.

Eu o acomodei na cama em sua grande suíte, em uma ala longe do barulho da festa. Tirei suas botas e sua roupa, enquanto apontava a televisão e Margarida ia ligá-la. Rapidamente coloquei seu pijama e o encarei.

- Tudo bem, pai? Quer mais alguma coisa?

Sacudiu a cabeça como não e fez um gesto para que eu fosse embora. Queria ficar sozinho com sua tevê, já segurando o controle remoto que a enfermeira lhe dava. Virei para ela:

- Qualquer coisa é só chamar, Margarida.

- Pode deixar, meu filho. – Sorriu para mim. – Boa noite.

- Boa noite. – Acenei para ela, dei uma última olhada nele e saí do quarto.

Sempre foi assim, mesmo antes de ficar naquela cadeira. Lembro que eu o temia quando pequeno, pois vivia de cara feia, dando pouca atenção aos filhos. Era exigente e se matava na fazenda. E minha mãe sugava toda atenção dele. Mas nos acostumamos com aquela situação. Tínhamos Tia e uns aos outros. Por isso acabamos nos unindo. Mesmo com as implicações de Pedro, eu sabia que ele mataria uma pessoa por minha causa. Já que pai e mãe eram distantes, demos nosso jeito.

Voltei à festa. Busquei Gabi com os olhos. Tive que parar para conversar com um, cumprimentar outro, ouvindo a moda de viola que tocava ao fundo. Comida e bebida eram servidas com fartura. Pessoas não paravam de chegar. Saí até a enorme varanda e lá vi Gabi conversando animadamente com Bel e mais alguns jovens que moravam na cidade. Eram amigos da mesma faixa etária e tinham estudado juntos. Eu os conhecia. Menos um rapaz que não tirava os olhos dela, encantado.

Fiquei logo puto, o ciúme vindo à tona. Quem era aquele cara? O que fazia ali, querendo jogar charme para ela, olhando-a como se fosse um doce delicioso que queria devorar? Dei dois passos na

direção deles e parei, só observando. Para ver o que Gabi faria.

Mas foi justo naquela hora que senti alguém segurar meu braço e fui invadido por um perfume enjoativo, muito doce. A voz veio melosa:

- Oi, meu amor. Cheguei.

Estremeci, antes mesmo de olhar para Tininha. Sorria sensualmente para mim, ao meu lado. Quase falei um palavrão, pois nem tinha imaginado que ela tinha sido convidada. Mas então notei seus pais atrás dela e lembrei que Oswaldo, seu pai, trabalhava com Pedro no frigorífico da cidade. O casal sorria para mim, feliz.

- Oi. – Acenei a cabeça.

Tininha usava um vestido branco colado e curto, seus cabelos soltos e parecendo ainda mais loiros, um batom vermelho berrante estranhamente chamando mais atenção para seu nariz comprido que para seus lábios. Mais uma vez indaguei a mim mesmo onde eu estivera com a cabeça para sair com ela.

- Sei que já conhece meus pais, querido. – Tininha me deu o braço, charmosa, dengosa. – Mas quero apresentar todo mundo de maneira oficial.

- Oficial? – Franzi o cenho.

- Peão, essa é Iolanda e esse Oswaldo, meus pais. Mamãe, papai, este é Joaquim Falcão, meu namorado.

Na mesma hora tirei meu braço do dela e dei um passo para trás. Antes que eu dissesse algo, a senhora gordinha e baixa, com cabelos pintados do mesmo loiro que a filha até a cintura, já veio toda sorridente me abraçar forte:

- Meu filho, que prazer! Nem acreditei quando Tininha nos contou!

- Seja bem-vindo à família! – Oswaldo apertou minha mão vigorosamente, todo animado.

- Espera aí, tem algum engano! – Falei rapidamente, me sentindo cercado pelos três. Dei mais um passo para trás e ergui as mãos, sério, olhando de um para outro. – Não sou namorado da Tininha.

- Como não? Claro que é! – Ela arregalou os olhos pra mim. – Que isso, peão?

- Que isso digo eu!

- Esses jovens hoje em dia! – Riu Iolanda, dando um tapa em meu ombro e chegando perto do marido. – Fiquem aí se resolvendo. Vamos entrar, querido, preciso de um salgadinho.

- Marcaremos um almoço lá em casa qualquer dia desses. – Oswaldo acenou e se afastou com a esposa.

Olhei de cara feia para Tininha, que piscou o olho para mim e se aproximou de novo, mordendo os lábios e ficando com os dentes cheios de batom vermelho:

- Fazendo charme, é? Por que não me apresenta seus irmãos? Oficialmente?

- Quer parar de falar oficial e oficialmente? Não tem nada disso aqui. – Fui curto e grosso, bem direto, de cara feia. – Não temos nada.

- Nada? E tudo que fizemos no motel? – Falou alto e um monte de gente em volta se virou para olhar.

Sem graça, dei uma espiada e vi Gabi, ali perto, me olhando amarrado. Os jovens que a acompanhavam também espiavam. Assim como quase todo mundo que ouviu. Merda!

- Dá para falar baixo? – Encarei Tininha de vez e resolvi abrir logo o jogo: - Escuta, Tininha. Saímos duas vezes e nos divertimos. Foi só isso. Não somos namorados. Nem vamos sair de novo.

- Quem disse? – Sorriu e estendeu a mão para meu peito.

- Eu disse. – Segurei seu pulso.

- Nossa, peão, você é tão machão! Adoro isso!

- Escutou o que eu falei? – Larguei-a, mas continuou sorrindo. Apontei para sua boca: - Seus dentes estão cheios de batom.

- Ah, droga! – Abriu a bolsinha, pegou um lenço e esfregou nos dentes. Se aproximou mais e arreganhou os lábios para mim. – Saiu?

- Saiu ... – Mal acabei de falar, ela pulou em meus braços e tascou um beijo na minha boca vorazmente.

- Maluca! – Agarrei seus braços e afastei-a de mim, puto. – Tá doida?

- Pra você lembrar quem é sua fêmea! Gostou?

- Não! – Irritado, olhei logo para Gabi, que me encarava furiosa. Esfreguei a boca e minha mão ficou cheia de batom vermelho. Xinguei um palavrão baixinho, revoltado, virando para Tininha: - Fique longe de mim, está ouvindo? Ainda mais se estiver com seu celular na bolsa! Nada de funk, nada de beijo, nada dessa história de namorado.

Fui bruto. Ela me encarou e seus olhos se encheram de lágrimas. Na mesma hora a culpa me engolfou e me senti um cavalo xucro. Passei a mão pelo cabelo.

- Tininha, escute, somos só amigos. Só quero que entenda isso.

- Como? – Piscou e as lágrimas não desceram. Apertou os olhos e finalmente uma escorreu pela face. Fez um barulho esquisito com a garganta, tipo um soluço, dizendo baixo: - Olha o que faz comigo! Olha meu estado!

Olhei. Parecia um drama mexicano. Vi que não daria para dialogar com ela. Dei um passo para o lado e disse antes de sair:

- Aproveite a festa, Tininha.

- Vai deixar sua namorada sozinha?

- Você não é minha namorada! – Perdi a cabeça, falando alto, puto, sem paciência.

- Oh, meu Deus! – Ela soluçou exageradamente, sem vontade de chorar, querendo forçar. – Está me abandonando? É isso?

Percebi que tínhamos uma plateia na varanda e fiquei vermelho. Aquela mulher toda hora me fazia passar vergonha. E ainda por cima deixaria Gabriela com raiva de mim. Era melhor ignorá-la. Virei e segui em direção a Gabi, que me olhava séria, irritada, enquanto seus amigos davam risadinhas.

- Peão? Peão? – Segui em frente, quase correndo, deixando-a para trás. Mas estremeci quando gritou atrás de mim: - Eu te amo, peão! Volta aqui! Sou sua, vem me pegar! Vem me pegar como fez quando nos amamos, rolando nus naquela cama de hotel, onde te dei a minha pureza!

Putá merda, que mentirosa! Se eu não estivesse com tanta raiva e com vergonha, ia rir da sua cara de pau. Pureza!

Um monte de gente achou graça, outros comentaram, mas eu só ignorei. Fui decidido até onde Gabi estava com os amigos, incomodado, querendo me explicar, mas com todo mundo em volta atrapalhando. Mas nem me deixou chegar perto. Saiu na mesma hora e a segui, mas de propósito entrou e quando vi, já estava de braço dado com Pedro, puxando assunto com ele e com a moça em sua companhia.

Fez de propósito, pois sabia que eu não arriscaria de nossos irmãos desconfiarem de algo. Parei e respirei fundo, dizendo a mim mesmo para me acalmar. Ela não ficaria grudada em Pedro a noite toda, aí eu poderia conversar. Segui em frente, olhando para ela. Ignorou-me completamente, mas eu a conhecia o bastante para saber que estava revoltada. Suas bochechas estavam coradas e os lábios franzidos.

Droga! Quando vi Tininha entrando pela porta da frente, me buscando com o olhar, resolvi bater em retirada. Segui em direção à cozinha e saí, contornando a casa, indo em direção ao churrasco perto do refeitório. Era melhor sair um pouco e esfriar a cabeça. Quando voltasse, Tininha já teria se distraído e Gabi me ouviria. Enquanto isso, eu relaxaria tomando uma cerveja com os amigos.

EU E ELAS

Eu nem podia acreditar que estava lá, dentro do casarão, naquela festa. Nunca tinha pisado naquela fazenda antes. Quando nasci, já morávamos fora de Florada. E longe das terras que antes eram nossas, mas que agora faziam parte da Fazenda Falcão. Terras que queríamos de volta, com juro e correção.

Tinha sido difícil chegar ali. Precisei de muito trabalho, tanto para me aproximar de alguém que fosse convidado quanto para me disfarçar. Não queria ser reconhecida, se por algum motivo no futuro eu precisasse aparecer como eu mesma. Mas tudo deu certo e lá estava eu, quieta, segurando um copo de vinho, meus olhos velados passando em cada canto e cada pessoa.

Eu tremia por dentro. Cresci ouvindo o que aquela gente fez com minha família, com nossa propriedade, com nossa vida. Vi aquele velho na cadeira de rodas quando cheguei e não senti pena. Continuava lá, com aquele olhar arrogante, aquela cara de mau. Afinal, ainda era rico e poderoso. Seus filhos ampliaram seu poder, sua riqueza. Ele estava vivo.

Evitei-os. Assumi meu papel de moça tímida, fazendo o possível para não chamar atenção. Meu cabelo loiro estava bem preso sob a peruca de cabelos negros. Meus olhos muito chamativos, azuis, precisaram de lentes descartáveis castanhas e um óculos sem grau, apenas vidro. Usava calça escura, jaqueta preta, pouca maquiagem. Já era pequena mesmo. Ninguém olhou para mim com muito interesse.

Eu acompanhava um dos contadores da Falcão no escritório da cidade. Era um homem solitário, gordinho, tímido, de quase trinta anos. Vivia para o trabalho e para ler livros de suspense. Aproximei-me dele numa livraria em Pedrosa, cidade vizinha à Florada. Puxei assunto, pedi recomendação de livros. Claro que já estava disfarçada.

No início gaguejou, ficou nervoso, mal me encarou. Mas fui simpática, doce, insisti. Ao final, sentamos para tomar um café e ele relaxou um pouco. Passei horas entediada ouvindo-o falar de livros de terror e de zumbi, sorrindo e fingindo interesse. Depois, nos encontramos de novo para um jantar e novamente a conversa foi sobre livro. Mas então, no último encontro, conduzi o papo para onde eu queria. Falei de gado e fazenda. Ele, Robson, acabou me contando o que eu já sabia: que trabalhava para os reis do gado. Sugeri sairmos no sábado e me falou daquela festa. Ao final, pareceu que ele teve a ideia de me convidar, mas o manipulei o tempo todo para isso. E lá estava eu.

Felizmente Robson também não chamava muita atenção. Paramos a um canto da sala, conversando com outro contador amigo dele, tão chato quanto. E tive tempo e oportunidade de observar tudo. Eu já tinha o mapa da casa na cabeça. Nossos informantes me passaram, pelo menos o que eu precisava saber. E a arquitetura da casa estava boa para o que eu queria.

A escadaria de madeira que levava ao andar superior ficava em uma saleta lateral, entre a sala e a sala de jantar. Era um local quase vazio. E perto de um dos banheiros, justamente sob a escada. Eu poderia ir lá e, quando tudo estivesse livre, subir as escadas. Era muito arriscado, ainda mais com a casa cheia. Se eu fosse pega, poderia pôr tudo a perder. Mas não era de fugir sem tentar. Só esperava a oportunidade certa. Enquanto isso, só observava.

Em minha visão lateral, vi Joaquim Falcão ir até onde o pai estava com a enfermeira e Tia, a

mulher que tomava conta de tudo no casarão. E depois levar o pai embora, enquanto Tia ia conferir algo em direção à cozinha. Depois ele voltou sozinho. Já o tinha visto várias vezes na cidade e soube, por meus informantes, que era o mais possessivo com Gabriela. Dava para notar que havia uma relação forte entre eles e aquilo me preocupou.

Já sabia que ela se dava bem com todos eles e era mimada pelos “irmãos”. Seria mais fácil se fosse mais distante deles. Minha mãe contou com o fato de serem frios e arrogantes. Alertar Gabriela e trazê-la para nosso lado seria mais fácil assim. Aquela relação com eles poderia atrapalhar tudo, principalmente com Joaquim, que parecia estar sempre com ela, cercando-a, protegendo-a. Era até possessivo demais, como ficou claro no cinema.

Eu começava a desconfiar que não seria fácil trazê-la para nós. Contávamos que o sangue falasse mais alto, que ela entendesse tudo aos poucos, tivesse raiva daqueles ladrões e assassinos e quisesse justiça. Mas poderia ter sido corrompida pela criação que lhe deram. E também não acreditar na gente. É o que eu já havia falado com “Elas”, tínhamos que ter um plano B. Ou seria tudo em vão.

Robson e o outro contador continuavam falando de trabalho. Ambos feios, chatos, maçantes. E meus olhos seguiam Heitor Falcão, que conversava com as donas do Falconetes. Como os irmãos, era muito atraente, só que mais moreno, com barba, cabelos levemente compridos e negros. Sorria e parecia à vontade com elas, nem parecia estar em uma festa, usando camisa escura e jeans, relaxado.

Pensei que, se eu não soubesse que era um Falcão, poderia até achar que parecia um bom homem. Tinha algo nele que passava essa sensação, de masculinidade e ao mesmo tempo uma certa ternura. Talvez devido ao sorriso ou aos olhos escuros aveludados.

Desviei o olhar para o outro, Pedro Falcão. Era mais agressivo, tanto fisicamente, quanto sua aura. Talvez pelo fato de ter investigado e ouvido falar sobre todos eles, tinha aquela impressão. Pois enquanto Heitor era homem da terra e mais tranquilo, contido, Pedro vivia parecendo extravasar energia. Mesmo conversando com uma mulher, olhava em volta, se mexia, observava. Não sei se estava incomodado, sentindo que eu estava de olho neles. Por isso quase não o fitava diretamente.

Tinha uma beleza bruta, rosto quadrado, alto e musculoso, cabelos loiros arrepiados, olhos glaciais que desmentiam seu furor interno. Soube que perdia a cabeça fácil, ia para Pedrosa lutar boxe, dar e tomar socos, e de vez em quando enchia a cara. Um descontrolado. Capaz de tudo. Devia ser o que fazia o trabalho sujo para eles.

Theodoro Falcão tinha passado ali perto, mas estava longe das minhas vistas. Vi-o apenas de relance, usando casaco, calça e camisa pretos, elegante e com o porte de todo poderoso. Era sério, semblante fechado, rosto magro marcado por um bigode e uma barba cerrada. Apesar de moreno e com cabelos escuros, tinha olhos de um azul forte, penetrantes, duros. E um nariz romano arrogante,

talvez uma mistura de italiano e grego. Tudo nele gritava poder. Até andava como se fosse dono do mundo, coluna reta, queixo erguido, algo de perigoso cercando-o.

Era o que eu mais odiava. Por ser mais velho, devia saber de todas as maldades do pai e loucuras da mãe. Devia ter sido coadjuvante nos crimes de Mário Falcão. E dera continuidade a eles, como o desaparecimento do meu namorado Flávio. E como de outras pessoas ao longo dos anos. Eu o odiava, pelo que era e representava. E queria derrubá-lo. Se Gabriela passasse para nosso lado, seria fácil. Teríamos a faca e o queijo nas mãos. Sempre achei um risco muito grande o que minha mãe fez, largando-a no meio deles. Mas agora era tarde, tudo já tinha sido preparado. E era hora de começar a acontecer.

Gabriela entrou de repente. Parecia furiosa e foi direto a Pedro, dando o braço a ele, dizendo algo, sorrindo forçado. Então Joaquim veio atrás, intempestivo, de cara feia. Parou meio incerto, olhando dela para o irmão. E então, furioso seguiu em frente, saindo pela lateral. Percebi que Gabriela o olhava, parecendo muito chateada.

Algo na relação deles me incomodava, mas não conseguia dizer o que. Fiquei lá, na minha, fingindo ouvir a música de fundo que tocava. Só de olho, atenta, esperando. Pessoas circulavam, entravam e saíam. Quando Heitor se afastou e depois Pedro com Gabriela, vi que não havia ninguém da família perto. Era a minha chance.

- Vou ao banheiro. – Avisei baixo a Robson, que acenou com a cabeça. Era muito tímido e ainda não me encarava direito.

Segui pela sala, me esgueirei atenta, fui até a saleta. Percebi que ninguém prestava atenção em mim. Parei como se esperasse alguém sair do banheiro. Encostei na lateral da escada e então soube que era o momento. Dei uma volta rápida e em questão de segundos, subia a escada silenciosamente.

Senti o sangue bombear rápido, o coração acelerar, o nervosismo atrapalhar minha respiração. Mas fui, cada degrau uma vitória, sabendo que só teria uma oportunidade como aquela.

Cheguei ao patamar e dei em um longo corredor. Virei à esquerda, onde me informaram. Último quarto. Fui rápida e logo abria a porta silenciosamente e entrava. Apenas um abajur estava aceso. Vi rápido que era lindo, feminino, enorme. Maior do que o barraco em que eu vivia. Possivelmente maior que a nossa casa verdadeira. Mas não perdi tempo. Tirei da bolsa o que eu queria, segurando com um lenço, e deixei sobre a cama.

Saí cuidadosamente, espiando o corredor. Vazio. Eu tremia, mas fui firme, em frente. Espiei a escada e desci pelo canto, me esgueirando. Não dava para esperar e nem pensar. Rapidamente cheguei ao último degrau e virei, dando de frente à porta do banheiro, meus olhos correndo em volta. Tudo tranquilo. Continuei em frente e só parei ao chegar ao lado de Robson.

Ele me olhou de relance, corado. Fiz uma cara estranha e falei baixo:

- Desculpe, mas não estou me sentindo bem.
- Como assim?
- Estou enjoada. Mas não quero estragar sua festa.
- Não, eu a levo. Também não gosto muito de festas. Vamos.

Nos despedimos do seu amigo e eu o acompanhei pela lateral da casa até a saída onde os carros estavam estacionados. Já chegávamos à varanda que cercava toda a casa, quando demos de cara com Theo Falcão entrando acompanhado de uma morena bonita. Estaquei, pois não tinha como escapar e o vi bem de frente, cara a cara.

Ele fitou meus olhos. Por um momento, senti o ar me faltar, fui pega completamente de surpresa. Perdi o equilíbrio emocional, já abalado pela tensão que tinha sido me esgueirar para o quarto de Gabriela. Aquele ali, na minha frente, era o atual inimigo número um da minha família. E meu.

Não consegui desviar o olhar. Algo me segurou ali, plantada, alerta, dura, estranhamente abalada pela força que emanava dos olhos azuis escuros dele, quase violetas. Eram extremamente afiados, manipuladores, penetradores. Estremeci por dentro, ódio e certo medo me golpeando, me imobilizando.

- O ... Oi ... Se ... Senhor ... Falcão ... – Balbuciou Robson, ainda mais tímido e nervoso do que já era, vermelho ao acenar para a morena: - Senho ... Senhora Valentina.

- Oi, Robson. – Ela sorriu.

- Já estão indo embora? – A voz grossa e num timbre baixo, rompeu meu olhar fixo. Baixei os olhos, tremendo, mas fingindo a mesma timidez do meu acompanhante. Ainda bem que estava de óculos e lentes e cabelos escuros.

- Sim ... sim. Mas a ... a festa está muito boa. – Garantiu, ansioso. – Mais uma vez ... Parabéns pelos prêmios ... Senhor.

- Obrigado, Robson. – Sua voz era poderosa sem qualquer esforço.

Tive medo de ser apresentada, embora tivesse dado um nome falso para ele. De qualquer forma, me sentia nervosa, acuada, com raiva, abalada. E o olhar daquele homem estava ainda sobre mim, afiado como uma lâmina.

Por um momento, me senti na corda bamba. Mas Robson parecia igualmente perturbado e rapidamente se despediu, afastando-se. Sem olhá-los, acenei com a cabeça e o segui, tentando fazer com que achassem que éramos uma dupla de bichos do mato. Só voltei a respirar normalmente quando estava dentro do carro.

O rosto anguloso e forte de Theo Falcão, aquele olhar como de uma ave de rapina, ficaram marcados em minha mente. Eu já o tinha visto de longe e em fotos. Mas de perto era outra coisa.

Não entendi na hora tudo que senti. Mas conforme nos afastávamos do casarão, eu disse a mim mesma que agora tinha um rosto bem real para odiar. Pensei em toda minha vida, meu passado, minha história e no desaparecimento de Flávio. Sim, agora eu tinha um rosto para odiar.

GABRIELA

Fiz de propósito, com raiva e ciúmes. Dei bola para o amigo novo de Bel, um Engenheiro agrônomo que estava passando as férias na casa dos tios na cidade. E não deixei Joaquim chegar perto de mim, estando sempre perto de Theo, Heitor ou Pedro. Ele ficou possesso, rondando, parecendo um touro descontrolado soltando fogo pelas ventas.

Em alguns momentos tive medo que perdesse a cabeça de vez, demonstrando como se sentia para nossos irmãos. Mas era só ver como Tininha passou a festa toda o perseguindo, que minha raiva voltava e eu não queria saber mais de nada, só dele longe de mim.

- Coitado do seu irmão. – Bel comentou, sorrindo. – Não bastasse a feiosinha, os pais dela também não dão paz a ele. Olha só!

- Coitado? Não foi ele que saiu com ela, que procurou? – Engoli meu ciúme, fingindo mostrar indiferença. Mas olhei para ele, enquanto a mãe de Tininha lhe entregava um prato de salgadinhos e o pai puxava assunto com ele, todo animado. Por perto, Tininha sorria, feliz da vida. Não tinham dado sossego a ele desde que chegaram.

- Mas ele não quer mais, Gabi. E até que está sendo educado, acho que em respeito ao seu Oswaldo e dona Iolanda. Bem se vê de quem Tininha puxou, os dois não se tocam. – Bel acabou se divertindo. – Olha o desespero do Joaquim. Nem tenta fugir mais, eles o perseguem em cada canto!

Pior que ele parecia desesperado mesmo, passando a mão pelo cabelo, como se estivesse a ponto de desistir e ir se refugiar em seu quarto. Mas eu sabia porque ainda estava ali. Por minha causa. Com ciúmes do rapaz novo que não tirava os olhos de mim.

Por um momento, nossos olhos se encontraram. Os verdes de Joaquim brilhavam muito, perturbados, raivosos, irritados. Senti que estava em seu limite e então me dei conta do que eu estava fazendo. Provocando-o de propósito. Tudo por ciúme, pois em nenhum momento o vi dar mole para Tininha, pelo contrário. Eu estava com raiva porque já foram amantes. E queria castigá-lo. Pelo visto estava conseguindo.

Na mesma hora me arrependi e vi a loucura que estava cometendo. Do jeito que ele era, podia

explodir a qualquer momento e fazer uma besteira, até na frente de todo mundo. E acho que passei meu arrependimento pelo olhar, pois vi parte da raiva dele também se abrandar.

- Vou lá dentro e já volto. – Falei para Bel. Na verdade eu queria uma oportunidade de falar com ele, dizer para deixarmos tudo aquilo para lá e nos controlarmos. Estávamos na parte da varanda lateral da casa e entrei, sabendo que me seguiria. E não me enganei.

Atravessei o longo corredor. As portas ali embaixo tinham sido trancadas para a festa, inclusive da biblioteca. Mas eu sabia que a chave ficava sob o jarro de flores em uma mesa de canto. Vendo que não tinha ninguém por ali naquele momento, peguei-a, abri a porta e entrei. Estava na penumbra, só uma pequena luminária clareando tudo.

Estava nervosa, mas não precisei esperar muito. Logo a porta se abria novamente e Joaquim entrava, se encostando nela, olhando fixamente para mim. Aproximei-me, já murmurando:

- Desculpe. Eu fui uma boba e ...

Não me deu chance de falar. Agarrou-me bruscamente pelos braços e me virou, encostando-me à porta e vindo colado a mim, seu corpo dominando o meu, seus olhos me consumindo.

- Sua ciumenta ... – Rosnou baixo, sacudindo-me de leve.

- Olha quem fala! – Reclamei.

Respiramos irregularmente, colados, nos olhando naquela penumbra. Ouvimos pessoas passando no corredor depois da porta, conversas, vozes. O medo de sermos descobertos estava lá. Era uma loucura absurda, mas nada comparado aos desejos violentos que nos envolviam.

Joaquim não disse mais nada, nem eu. Entreabri os lábios e ele me beijou, faminto, voraz, metendo sua língua deliciosa em minha boca. Agarrei-o sofregamente e em segundos nos roçávamos apaixonados, meus dedos em seus cabelos, os dele apalpando meus seios, descendo as alças do meu vestido.

Senti que finalmente estava onde quis estar a noite toda, ao lado dele, sendo beijada e acariciada. Gemi baixinho, sabendo que estava ficando cada vez mais difícil disfarçar. Como ninguém percebia? Ou será que sim? Alguém teria notado aquela fome que nos alimentou a noite toda, contra a qual lutamos e tentamos disfarçar? Pois para mim estava tão claro, tão óbvio!

- Quin ... – Murmurei contra seus lábios, abraçando-o, minhas mãos correndo seus cabelos, ombros, peito, enaltecida pelo tesão e ao mesmo tempo pelo medo. – Isso é loucura ...

- Não posso esperar mais. – Rosnou, cravando os dentes em meu pescoço ao mesmo tempo que beliscava meus mamilos nus, as alças do vestido e do sutiã caídas pelos meus cotovelos, meu corpo todo incendiado, alucinado.

Eu também não podia. Eu temia que algum dos nossos irmãos sentisse nossa falta ou quisesse entrar ali. Temia que alguém passasse no corredor e nos ouvisse. Mas estava embriaga pelo cheiro da

sua pele, pelos músculos do seu corpo me pressionando ali, pelos dedos que desciam e depois subiam erguendo a saia do vestido.

- Ah ... – Quase soltei um gritinho, mas o contive a tempo quando ele agarrou ferozmente minha calcinha e a rasgou em um acesso de fúria acalorada, voltando a morder meus lábios, dizendo baixinho contra eles:

- Vai tomar meu pau para nunca esquecer quem é seu homem.

- Nunca esqueço ... – Confessei ansiosa, tremendo, excitada.

A calcinha virou um trapo, que Joaquim enfiou no bolso da calça. E então enganchou o braço sob meu joelho esquerdo e o ergueu alto, beijando gostosamente minha boca enquanto roçava o pau duro dentro do jeans contra minha boceta nua, delicada, toda molhada e pronta, chorando por ele.

Fiquei louca, fora de mim. Tentei abrir sua calça, consegui puxar parte do cinto. Joaquim não deixou de me beijar e, com a mão livre, ajudou-me naquele processo. Abaixei sofregamente sua cueca e estremeci de puro prazer quando toquei seu pau duro e quente, o aço rijo e longo coberto pela pele macia como seda. Arquejei em sua boca, choraminguei. Mas não esperei muito. Em segundos a cabeça gorda abria meus lábios vaginais e empurrava, enquanto erguia mais minha perna e me prendia naquela porta, estocando dentro de mim de modo bruto e duro.

Ainda bem que me beijava, pois gritei em sua boca e ele engoliu o som que era ao mesmo tempo um choramingo e um uivo de puro êxtase com seu membro imenso todo enterrado dentro de mim. Sem dó, Joaquim moveu o quadril, tirando e enfiando rapidamente, fazendo a perna que se mantinha no chão tremer perigosamente, minhas unhas se enterrando em seus braços, meus mamilos nus e intumescidos doendo contra sua camisa.

- Se me provocar de novo ... – Ameaçou, afastando a cabeça, fitando-me com aquele olhar faminto e voraz de macho dominante, ciumento, possessivo. Estocou fundo em meu canal pingando, fazendo-me senti-lo no útero em um misto de agonia e prazer descomunal. – Vou fazer uma loucura. Jogo você nas costas, na frente de todo mundo. E grito que é minha!

- Quin ... – Agarrei-o, sem condições de falar, sabendo que era uma loucura, mas quase suplicando que fizesse qualquer coisa, mas não se afastasse de mim.

E não se afastou. Ficou mantendo-me submissa e hipnotizada com seus olhos nos meus enquanto me comia duramente, metendo e tirando o pau da minha vulva, pressionando-me contra a porta. E para meu completo desespero, ouvi do outro lado, no corredor, um grupo de pessoas parar exatamente ali e conversar animadamente. Em meio a vozes desconhecidas, ouvimos a de Pedro e Heitor no meio. Congelei, arregalei os olhos, tentei dizer com o olhar que parasse, embora estivesse à beira do gozo, arrebatada.

Joaquim não parou. Continuou a estocar dentro de mim, firme e duro, seu rosto um misto de

preocupação e tesão, mas seus instintos falando mais forte que a razão. Ouvimos risadas. Pedro disse algo alto, daquele seu jeito meio agressivo. Por um momento imaginei-o entrando ali e a tragédia. Fui engolfada pelo terror, mas então Joaquim saqueou minha boca em um beijo arrebatador, esfregando a cabeça do pau dentro de mim, deixando-me completamente louca.

Temor e prazer duelavam em meu interior e fui penetrada cruamente, presa, tomando tudo que me dava, as vozes lá fora se embaralhando em meu cérebro embotado. Não fizemos barulho, mas também não paramos. Quis suplicar clemência, pois estava à beira do gozo. Rezei para que as pessoas do outro lado fossem embora, mas pareciam se divertir, Heitor riu, uma mulher disse algo.

E em meio a toda aquela loucura, fui fodida brutalmente, tomei seu pau tão fundo, tão enterrado, que minha pélvis se colou na dele e meu corpo se sacudiu sem controle, no auge, pronto para explodir. Choringuei em sua boca e murmurou baixinho antes de me beijar novamente:

- Goze.

Pensei que não conseguiria, com as pessoas ali. Com meus irmãos tão próximos e o perigo tão evidente. Mas aquele pau longo e grosso saiu e se enterrou, inchou e tomou cada canto meu, enquanto erguia mais minha perna, chupava minha língua pornograficamente e pressionava meus seios doloridos e nus com seus músculos potentes. Foi meu fim.

O gozo veio absurdamente poderoso, voraz, alucinador. Fiz de tudo para não gemer, mas escapou assim mesmo e Joaquim os engoliu. Se tornou mais bruto e rápido, forte, metendo sem dó, tomando tudo de mim. Parecia quebrar em mil pedacinhos, fervendo, voando, caindo. Ele me segurou e me estocou ali e esqueci do mundo, perpetrada por um prazer sem igual.

Apertou minha cabeça contra seu ombro e continuou a me comer firme, até que acabei, desmoronei, lânguida e saciada, maravilhada. Consegui notar que as vozes se afastavam e nem tive condições de dizer nada, só o segurei quando puxou o pau fora de mim e o manteve firme pela base, esporrando e gozando em minha coxa. O esperma escorreu, grosso e quente, enquanto saía mais, até o fim.

Ficamos lá, abraçados, colado, arfantes. Do lado de fora, a festa continuava. Do lado de dentro, nosso amor era mais forte de tudo e se fortalecia cada vez mais para ganhar o mundo. Soube que não suportaríamos muito mais aquele segredo.

Esfreguei meu nariz em seu pescoço cheiroso e soube que o momento da verdade se aproximava. Eu queria Joaquim para mim, para sempre. Sem mentiras nem falsidades. E diria isso a ele, tão logo conseguisse falar. Porque no momento eu só sentia. E era engolfada pelo meu amor.

CAPÍTULO 9

GABRIELA

Não sei como consegui voltar à festa. Primeiro nos ajeitamos na Biblioteca, nos beijamos, prometemos nos ver mais tarde. Minha calcinha estava destruída. Tive que ficar sem ela, consciente o tempo todo da minha vagina úmida e sensível, nua sob o vestido.

Joaquim esperou ouvir só silêncio do outro lado e então abriu a porta e espiou. Como não viu ninguém, falou para que eu saísse, o que fiz rapidamente. Voltei à festa corada, nervosa, indo rápido atrás de algo para beber que me refrescasse e acalmasse. Ele só voltou um bom tempo depois, parecendo o mesmo de sempre, mantendo-se longe de mim. E assim transcorreu pelo resto da noite.

As pessoas não pareciam querer ir embora e já era de madrugada. Trocamos um olhar, sabendo que seria muito arriscado ele ir ao meu quarto com todo aquele movimento. Mesmo depois que todos fossem embora, nossos irmãos e a firma de limpeza ainda poderiam ficar por ali. Em uma oportunidade que teve, passou perto de mim e disse baixo:

- Só vou amanhã.

Entendi. Lamentei, mas achei o melhor. Já estávamos abusando demais.

Passava das duas horas da manhã quando meus amigos foram embora e fui para meu quarto. Entrei com um misto de cansaço e ainda excitação, sabendo que adoraria ter Joaquim comigo ali. Mas sorria, lembrando nossos momentos deliciosos naquela porta da biblioteca, o fato de estar sem calcinha não me deixando esquecer nem por um minuto.

Nem acendi a luz, pois o abajur ao lado da cama estava aceso. Passei pensativa e distraída para o banheiro, meu corpo aceso, minha barriga se torcendo com as lembranças excitantes. Tomei banho e até passar o sabonete na pele sensível me lembrava Quin. Queria dormir e acordar logo só para Vê-lo. Ia ser um domingo difícil, esperando e fingindo o dia todo para no fim encontrar com ele só à noite. Suspirei e me enxuguei.

Enfie uma camiseta comprida pela cabeça, uma calcinha confortável e voltei para o quarto. Foi quando vi que havia algo sobre a cama e estaquei ao lado dela, estática. Eram duas folhas viradas de cabeça para baixo.

Por um momento, minha mente deu um branco. Pensei se havia esquecido algo ali, mas tive certeza que não. Era algo de Tia? Um tanto confusa, sentei na beira da cama e virei o papel menor,

dando com uma fotografia de mim mesma, um pouco mais nova de quando vim parar na fazenda. Eu devia ter ali de um a dois anos, ria com poucos dentes na frente e parecia feliz por estar andando, meus cabelos ruivos como uma massa em volta do meu rosto.

A realidade me atacou como se levasse um soco. Uma foto. Antes que eu viesse para a fazenda. Quando esse passado era uma incógnita para todo mundo. Um passado em que só minha família real sabia. Lembrei do bilhete em minha bolsa e estremeci violentamente, largando a foto na cama como se me queimasse, meu coração disparando, minha mão indo à boca para evitar o grito que eu queria soltar.

Fiquei completamente chocada e abalada. Minha primeira reação foi a de sair correndo e chamar Joaquim e meus irmãos, contar o que estava acontecendo. Cheguei a levantar, tremendo, mas meus olhos estavam fixos na folha de papel maior. O que teria ali? E se eles não pudessem ver?

Respirei fundo, tentando me controlar. E então empalideci, me dando conta de uma coisa terrível: alguém tinha entrado no meu quarto e colocado a foto e a folha ali. Fui engolfada pelo pânico e olhei em volta rapidamente, desesperada, com medo. Quase fugi. Quase. Quem quer que fosse, tinha estado na festa. E não se arriscaria ficando ali muito tempo. Mesmo assim, senti que meu espaço e minha intimidade foram violados e passei a tremer descontroladamente.

Fui até a porta e voltei rapidamente, perdida, sem saber o que fazer. Minha respiração era descontrolada, confusa, meus olhos corriam cada canto apavorada, nervosa, com vontade de chorar. Pensei novamente em Joaquim, mas olhei para o papel, indecisa. O que teria ali?

Primeiro andei pelo quarto em um misto de medo e confusão. Olhei atrás de portas, no guarda-roupa, até embaixo da cama. Tudo vazio. Então parei, olhando aquele papel. Sem esperar mais para criar coragem, eu o agarrei com mãos trêmulas e vi que havia um texto digitado e sem assinatura, como da outra vez. Li rapidamente:

A HORA DA DECISÃO CHEGOU. ELES MATARAM SUA GENTE. ROUBARAM. HUMILHARAM. DESTRUÍRAM A SUA VERDADEIRA FAMÍLIA. SÃO CAPAZES DE TUDO.

VOCÊ FOI DEIXADA AÍ PARA FAZER JUSTIÇA.

É NOSSA ARMA ENGATILHADA, PRONTA A SER DETONADA. VINGUE SUA FAMÍLIA. ESCUTE-NOS. OU SERÁ DESTRUÍDA POR ELES, QUANDO SOUBEREM QUEM É.

DIGA SIM. SIM AO SEU SANGUE, À JUSTIÇA E À VERDADE.

E NÃO AOS FALCÃO. SE ELES DESCONFIAREM DO SEU SANGUE, SERÁ EXPULSA. NÃO CONTE. MAS NOS ESCUTE EM SILÊNCIO. E ENTENDERÁ TUDO NA HORA CERTA.

Li de novo. E de novo. Então fechei os olhos e larguei o papel na cama, levando as mãos ao rosto e começando a chorar. Eram basicamente as mesmas palavras, avisando que minha família foi destruída pelos Falcão e que eu precisava tomar um lado. Vingar. Mas agora tinha componentes novos. A foto e a certeza de que fui deixada ali de propósito, abandonada para ser usada no futuro.

O medo me engolfou com força total. Senti-me rasgada, dilacerada, doída. Não sabia tudo o que tinha acontecido, quem era certo ou errado, até que ponto meu pai ou meus irmãos pecaram contra minha família verdadeira. Mas que gente era aquela que largava uma criança de três anos entre pessoas que julgava assassinas e más, depois esperavam anos para se apresentar e usá-la em uma vingança atrasada? Em que eu estava metida?

O pavor de que meus irmãos e principalmente Joaquim me odiassem pelo que eu era, não chegava aos pés ao que eu sentia daquela gente desconhecida. A que ponto chegava o ódio dessas pessoas? Pôr uma criança no meio, deixá-la sem notícias por anos, correndo todo tipo de riscos e voltar assim, como se um simples recado fossem resolver tudo? Só podiam ser loucos! E isso era o que mais me amedrontava.

Fechei os olhos e os sonhos que tive durante aqueles anos retornaram. A mulher falando sem parar, dia e noite, mostrando-me a faca: “MATE-OS”. Tinha sido uma lavagem cerebral, para que eu nunca esquecesse? Mesmo sendo tão novinha e largada ali, eu mantive aquela lembrança e a sensação de abandono. Lembrei de uma casa velha e apertada, de um bebê chorando, que se chamava Vivi. E de duas mulheres, cujas feições eu não conseguia reter, apenas impressões. Uma delas sempre me mandando matar, cheia de ódio. A outra velha, como se me observasse o tempo todo.

Não recordava muita coisa. Tinha a impressão de ter acordado dentro de um carro que sacolejava, de alguém me pagando no colo, de acordar em um local estranho e chorar muito. Daí estava na fazenda. Mas não sabia até que ponto eram lembranças verdadeiras ou criadas por mim. Tudo era muito confuso, tinha acontecido quando era muito novinha.

Abri os olhos, fitando a foto e a mensagem. Soube que, independente de qualquer coisa, eu não poderia mais fugir daquilo, fingir que não acontecia. Tinham entrado no meu quarto e na festa só tinha pessoas conhecidas, empregados, amigos. Um deles fez aquilo. Um deles podia estar perto de mim o tempo todo só me observando e passando informações. Podia, inclusive, ser alguém da minha família verdadeira, disfarçado.

Era impressionante, parecia algo fora da realidade. Mas estava acontecendo. E simplesmente por falar em sangue e vingança, podia ser extremamente perigoso. Tinha que contar aos meus irmãos. Mas o medo era maior que tudo. Medo que descobrissem quem eu era e isso os fizesse mudar em relação a mim. E ainda mais, que afastasse Joaquim da minha vida. Eu não tinha feito nada, não era culpada, mas me sentia em meio à um fogo cruzado.

Precisava entender, saber tudo o que tinha acontecido. Lutei comigo mesma, sem saber até que ponto contar a eles ou esperar mais, investigar sozinha. Não sei o que poderiam ter feito para suscitar tanto ódio, mas recordei as palavras de Theo contando sobre o homem que espancava e estuprava a mulher e de como foi resolvido. Aquilo não tinha nada a ver comigo, foi realizado depois que eu já tinha sido adotada. Mas demonstrava como Theo podia ser duro e passar por cima da lei quando necessário. Já devia ter feito aquilo antes e esse era o motivo da vingança. Algo que ele ou nosso pai cometeu no passado.

Exausta, eu não conseguia mais pensar. Não tinha condições de decidir nada naquele estado. Peguei com cuidado a carta e a foto e pus sobre a mesinha ao lado. Tranquei a porta e me joguei na cama, tremendo, chorando baixinho, tentando de todas as formas pensar e tomar a decisão certa. Mas nunca estive tão confusa e perdida.

Achei que não dormiria, mas fui vencida pelo cansaço emocional e apaguei.

Só fui acordar de manhã e a primeira coisa que pensei foi naquilo tudo. Sentei de supetão, nervosa, olhando para aquela carta e foto ao lado como se fossem uma serpente prestes a me atacar. E novamente as dúvidas e o desespero me dominaram e prostraram. Ainda não sabia o que fazer e fiquei agoniada, perturbada.

Levantei, sabendo que não suportaria guardar aquilo para mim mesma. Precisava pedir a ajuda de alguém. Enfiei jeans, uma camiseta qualquer, sandálias. Dobrei aquela carta com a foto e pus no bolso da calça, penteando o cabelo de qualquer jeito, arquejando, sufocando. Me dilacerei sem saber a quem procurar. Joaquim? Tia? Theo? Heitor ou Pedro? Uma pessoa de fora para me aconselhar, como Bel?

Saí do quarto, mais perdida do que nunca. Desci, tendo dificuldades em encarar meus irmãos, em contar que eu era uma inimiga implantada entre eles. Não tive coragem de ir até a cozinha, onde deviam estar tomando café da manhã com nosso pai. Acabei saindo pela porta da frente, tremendo, quase chorando. E então vi Joaquim sentado ali no degrau, sozinho, dedilhando seu violão. Ele me fitou e seus olhos verdes amarelados na hora mudaram, ganharam mais vida, espelharam sem disfarces o seu amor.

Parei de supetão e entreabri os lábios, recebendo sua presença como um sinal, algo que Deus pôs em meu caminho. O medo me espezinhou e soube que eu poderia perdê-lo, como soube também que era a pessoa que eu mais amava naquele mundo. E em quem confiava. Foi durante minha vida tudo para mim: meu irmão, meu amigo, meu protetor. Mesmo quando fugia de mim, eu sabia que podia contar com ele. E agora não seria diferente. Confiei em meu coração e dei dois passos em sua direção, com lágrimas nos olhos, murmurando desesperada:

- Me ajude ...

- Gabi? – O pânico se espelhou nas feições dele. Na mesma hora largava o violão e ficava de pé, vindo até mim urgentemente, sério, nervoso. – O que houve?

Segurei meus braços, buscou meus olhos, cheio de preocupação.

Sacudi a cabeça, tentei conter meu pânico, falei baixo:

- Preciso te contar uma coisa. Mas não aqui. Por favor ...

- Sim. – Mas parecia em pânico ao ver como eu estava. – Vamos andar.

- Não. Me tire da fazenda, Quin. Me leve para longe só por hoje.

- Calma. Fique aqui. Vou pegar a carteira, a chave do carro e dizer aos outros que vou te levar na cidade para alguma coisa. Volto logo. Não saia daqui.

- Não vou sair.

Ele acariciou meu rosto, apreensivo, curioso, aflito. E entrou logo. Esperei-o no mesmo lugar, tremendo. Quando voltou e segurou meu braço com carinho, levando-me para a garagem, fui em silêncio. Ajudou-me a entrar em seu 4x4 e deu a volta. Ao sair com o carro, deu-me uma olhada ansiosa e indagou:

- O que aconteceu?

- Vamos parar em algum lugar e falo. – Tinha conseguido controlar as lágrimas, mas ainda tremia. Mas paciência não era virtude de Joaquim, ainda mais vendo meu estado.

- Está grávida? – Indagou de supetão.

Olhei-o surpresa. Sacudi a cabeça:

- Não. Acho que não.

- Aquela primeira vez gozei dentro de você. Achei que fosse isso.

- Ainda ... é muito cedo para saber. Tem só pouco mais de uma semana. Não é isso.

- Então é o que, Gabi? Estou nervoso!

- Eu sei ... – Torci as mãos, sabendo que não poderia contar de qualquer jeito. – Mas por favor, Quin, vamos para um lugar longe disso tudo, onde eu possa me acalmar e te contar.

- Certo. – Ele se controlou, acelerando o carro na estrada cercada de árvores dos dois lados.

Ficamos um tempo em silêncio. Mas então indaguei:

- Estavam todos tomando café na cozinha?

- Não. Tia disse que Theo e Heitor foram à missa. Pedro não dormiu em casa. Ela tomava café com nosso pai e Margarida.

- O que disse para ela?

- Que você queria encontrar umas amigas da faculdade na cidade de Pedrosa e eu ia te levar. Isso desculpa se nos demorarmos muito. E ela sabe que não gostamos que dirija sozinha para lá, pois passa perto da favela Sovaco de Cobra.

- Sim, entendi. Vamos para lá mesmo? Seria bom, teríamos mais privacidade. – Pedi, pois além de tudo queria poder ficar com ele mais do que tudo. E em Florada seria impossível, éramos conhecidos demais.

- Vamos. – Confirmou, lançando-me um novo olhar. – Mas me prometa que vai se acalmar. O que quer que tenha acontecido, vamos dar um jeito. Eu prometo.

E eu acreditei. Só assim consegui acenar com a cabeça e respirar com um pouco mais de calma, recostando minha cabeça no banco.

EU E ELAS

Domingo era um dia quase certo dos Falcão aparecerem na cidade e eu esperava ver Gabriela, talvez na missa. Só queria averiguar como ela estava, até que ponto o que deixei em sua cama mexeu com ela. Mas também não queria aparecer o tempo todo na cidade, por isso mantive meu carro parado perto da praça, onde dava para vigiar quem vinha pela estrada principal, principalmente da direção da fazenda Falcão.

Vi quando o Chevrolet Trailblazer LTZ 4x4 preto cromado com vidro fumê passou na estrada ao lado e seguiu em direção à Igreja. Conhecia o carro de todos eles e soube que aquele era o mais usado por Theo Falcão. Mantive-me imóvel dentro da velha pick-up com vidro escuro também, lembrando-me da noite anterior, quando o vi cara a cara. Seus olhos penetrantes e duros não saíam da minha mente, convencendo-me cada vez mais que aquele era um homem capaz de tudo. Tive um misto de medo e raiva, pois todo cuidado seria pouco com ele.

Observei de longe e vi quando desceu, parecendo um típico homem urbano e não um fazendeiro. Usava jeans, mas uma blusa de malha justa nos ombros largos e de corte moderno, assim como os sapatos de couro, com certeza italianos. Era elegante, alto, ereto. Tive vontade de socá-lo, tirar aquela arrogância de seus gestos e seu porte.

Do outro lado desceu Heitor Falcão, igualmente atraente, mas um homem do campo desde a ponta das botas até o chapéu. Era menos duro que o irmão, mais tranquilo e sorria. Conversavam como velhos amigos e isso era o que mais me irritava neles. Se davam bem e isso os tornava mais fortes. O único que fugia à regra era Micael Falcão, mas este estava longe, por enquanto não contava.

Sumiram dentro da Igreja, sendo cumprimentados como se fossem reis pelas pessoas na porta, o que só aumentou minha raiva e meu asco. Faziam o que queriam, matavam e roubavam, e as pessoas ainda lambiam o chão que pisavam. Mas um dia isso ia acabar. Poderíamos não derrotá-los totalmente, eram poderosos demais para isso. Mas de algum jeito pagariam. E teríamos de volta o

que nos tiraram.

Fiquei lá, alimentando meu ódio sozinha, lembrando de todas as dificuldades que passei e vi minha família passar por causa deles. Minha mãe, ao contrário das outras, não me contava histórias de fadas na hora de dormir, mas sim a tragédia que presenciou e tudo que faríamos para nos vingar. Cresci me alimentando daquilo, ansiando, esperando. E a hora finalmente tinha chegado.

Pensei em ir embora, afinal pelo visto Gabriela não viria, ou teria acompanhado os irmãos. E eu não queria chamar muita atenção parada ali. Assim, liguei o carro e o embiquei para pegar a estrada principal. Já ia virar à esquerda, em direção à saída de Florada e à cidade de Pedrosa, quando vi vindo pela esquerda o Mitsubishi Pajero Dakar HPE 4x4 cinza metálico com vidro fumê que pertencia a Joaquim Falcão. As janelas estavam abertas e tive um vislumbre dele ao volante e dos cabelos acobreados de Gabriela ao seu lado.

Eu já tinha ligado o alerta sinalizando para a esquerda e xinguei um palavrão quando percebi que era tarde demais para voltar. Ele parou o carro e piscou os faróis, dando-me passagem. Não tive outra saída a não ser buzinar agradecendo e virar, pegando a estrada principal, nervosa, esperando que virassem em direção à cidade. Mas para minha surpresa o carro seguiu em frente, atrás do meu.

Mantive-me atenta, a uma boa velocidade, observando o outro automóvel, meu coração disparado. Tinha dado sorte. Poderia mantê-los sob espreita sem que desconfiassem que eu os seguia, afinal estava na dianteira. E a estrada seguia reta, quase sem transversais.

Só podiam estar indo para Pedrosa. Assim, segui para lá também, sem ser muito molenga para que não me ultrapassassem. Enquanto meu carro velho e quase sem amortecedor chacoalhava pela estrada reclamando da velocidade, o Mitsubishi 4x4 seguia lento, quase deslizando.

Com esforço consegui me manter na dianteira. Passamos direto pela entrada de terra batida que levava à Favela Sovaco de Cobra e onde eu morava. Olhei para o tanque de gasolina quebrado, sem saber se tinha combustível suficiente para chegar a Pedrosa e voltar, mas sabia que nada me impediria de tentar.

Por fim as primeiras residências e ruas da cidade apareceram. Era duas vezes maior que Florada e com mais comércio, inclusive um pequeno shopping. Quando chegamos à rua principal do centro, não pude impedir quando o carro de Joaquim me ultrapassou e virou à direita, tendo um vislumbre do rosto preocupado de Gabriela. Não parei para pensar, aproveitando outros carros que passavam e virando também. Mantive-me dois carros atrás dos deles, para não dar muito na pinta. Mas tive que me afastar e dar mais distância quando entraram em outra rua que saía da cidade, onde quase não havia comércio, vazia àquela hora. Parei na esquina, pois com certeza perceberiam que eu os estava seguindo.

E foi então que vi de longe algo que nunca julguei possível e que me deixou chocada. O carro

seguiu pela rua até um prédio bonito com muros altos e ligou o alerta, passando por sua entrada e sumindo das minhas vistas. Liguei o carro e passei em frente, só para confirmar, lendo o letreiro na frente: MOTEL L'AMOUR.

Dirigi até chegar ao final da rua e peguei um retorno lateral. Só então estacionei em uma calçada, surpresa, um misto de raiva e irritação me dominando. Não podia ser. Mas era.

Imediatamente saquei o celular e apertei o botão que me conectava com quem eu falava a maior parte do tempo.

- Mãe ...

- Oi, Eva. Viu Gabriela? – Sua voz era baixa, sempre naquele tom decidido, meio cortante.

- Sim.

- O que houve? O que achou da reação dela?

- Eu os segui até Pedrosa.

- Seguiu quem?

- Gabriela e Joaquim Falcão.

- E então?

Respirei fundo e soltei:

- Eles acabaram de entrar em um motel.

Do outro lado ficou silêncio. Passei a mão livre pela nuca, onde a peruca me incomodava. Estava tão chocada como ela.

- O quê? – Finalmente indagou.

- Eles entraram em ...

- Não posso acreditar nisso! – Interrompeu-me, furiosa. – Como pode uma coisa dessas? Mas que merda!

Deixei que extravasasse. Sabia que se descontrolava e precisava gritar e espernear antes de escutar o resto. Suspirei e bati com as unhas no volante, analisando tudo aquilo para os nossos planos. Finalmente minha mãe indagou:

- E agora?

- Isso atrapalha tudo.

- E eu não sei? É amante dele, do Falcão! Considerá-lo irmão já é um problema! Amante também! E eles sabem? Os outros?

- Com certeza não, ou não precisariam entrar em um motel. Moram na mesma casa. – Eu tentava pensar, ser racional. – E pelo visto não vai manter segredo para ele. Vai contar que recebeu os bilhetes.

- Sabíamos que havia um risco dela contar para eles. Mas eu acreditava que ficaria quieta até

saber de tudo e podermos nos aproximar mais. Agora essa! – Começou a xingar um monte de palavrão. Eu apenas ouvi.

O que minha avó tinha de fria, minha mãe tinha de estourada. Tínhamos que contê-la para não pôr tudo a perder com seu gênio. Eu analisava tudo e, por fim, quando se calou, fui bem direta:

- Esperamos demais. Gabriela está do lado deles mãe. Foi um plano arriscado desde o início. Se fosse maltratada lá, seria mais fácil. Mas é a princesa da casa. É rica, mimada e agora sabemos que tem um caso com o caçula deles. Não vai largar isso tudo para vir para o nosso lado.

- Mas e o sangue? E o recado de que são assassinos, que mataram uma pessoa da família verdadeira dela? Será que não ficou curiosa, que não ficou mexida? Quantas vezes falei pra ela tudo, contei que eram uns desgraçados? – Gritou, revoltada.

- Ela deve ter esquecido. Saiu de nossa casa com três anos.

- Mesmo assim! Não posso ter me enganado tanto! Eles a corromperam!

Voltou a xingar e reclamar. Eu a contive friamente:

- Escute, mãe. Temos que pensar como vai ser daqui pra frente. E usar essa informação a nosso favor.

- Como?

- Mostrar as sujeiras deles pra ela. Provas. Melhor ainda se conseguíssemos algo contra Joaquim Falcão, que a fizesse se decepcionar com ele. Aí ficaria mais suscetível a passar para nosso lado.

Ela ouviu. E disse mais calma:

- Você tem razão. Venha aqui hoje. Vou falar com a sua avó.

- Certo. Daremos um jeito.

- Eva ... Você é meu orgulho. Se Gabriela tiver metade da sua inteligência e de seu espírito de decisão, vamos tê-la conosco.

Sorri devagar.

- Tá bom, mãe. Agora acalme-se. Estou indo aí.

Depois que desliguei, pus o carro em movimento, minha mente trabalhando, buscando soluções. Só não havia jeito para a morte. Usaríamos nossas armas. E Gabriela entenderia que viveu entre aves de rapina aquele tempo todo, como bem sugeria o sobrenome deles.

JOAQUIM

Gabriela ficou surpresa quando me viu virar o carro no Motel.

- Está louco?

- Calma. Ninguém vai saber de nada.

Parei o carro na portaria e baixei o vidro só o suficiente para pedir uma suíte com direito a tudo que tinha direito, a melhor do local. Gabi olhava para o lado oposto, um tanto assustada. Peguei a chave, fechei o vidro e me dirigi à suíte com garagem particular. Quando o parei lá dentro, as portas se fecharam, escondendo-nos do resto do mundo. Então nos olhamos.

Vi que continuava nervosa, confusa, preocupada. Mas a paixão que tínhamos um pelo outro não a deixava ficar indiferente ao fato de estarmos em um Motel. Acariciei suavemente seu rosto e falei baixo:

- Aqui não seremos interrompidos. Teremos todo tempo do mundo só para nós dois.

- Tá.

- Vem comigo.

Saí do carro e o contornei para abrir sua porta. Envolvi sua cintura com o braço e levei-a para dentro, meu corpo já se contraindo com o tesão, cada célula reagindo à sua presença. Passamos por uma pequena saleta até dar em um grande quarto com cortinas pesadas, paredes e tetos espelhados, uma larga cama branca com encosto acolchoado. Uma porta levava a um pátio com uma pequena piscina e teto solar, além de uma sauna a um canto. Mas deixei isso para ver depois.

Paramos no meio do quarto e vi seu olhar para a cama, quando a virei para mim e segurei suas duas mãos. Fitou-me rapidamente, olhos bem abertos, mordendo os lábios. Tentei engolir o desejo avassalador que me engolfava, a alegria por ficar ali com Gabi, sem correria, sem risco de sermos pegos. Mas sabia que algo a tinha deixado muito nervosa e indaguei:

- O que aconteceu? O que te preocupou tanto?

- Quin ... – Respirou fundo e as perturbações retornaram, empalidecendo-a. Estremeceu visivelmente, muito aflita. – Tenho tanto medo ...

- Não tenha. Estou com você. Agora me conte. Sente aqui.

Levei-a até a cama e nos sentamos na ponta. Não soltei sua mão nem deixei que desviasse o olhar, atento. Gabi acenou com a cabeça e então começou com voz baixa e levemente trêmula:

- Lembra aquele dia no cinema, quando Tininha e você criaram toda aquela confusão?

- Lembro, claro.

- Quando cheguei em casa, depois de tudo, encontrei um bilhete dentro da minha bolsa.

- Que bilhete? Quem mandou?

- Não sei. – Respirou fundo, nervosa, agoniada, seus olhos castanhos claros se enchendo de lágrimas.

- Calma. – Acaricie seu cabelo. – Me conta direito.

- O bilhete era anônimo, digitado. Dizia que ... que ...

- Diga, Gabi.

- Que eu era de uma família inimiga à sua. E que vocês eram ... assassinos. Se eu contasse alguma coisa, iam querer me matar também.

- Mas que porra é essa? – Explodi, apertando os olhos. – Por que não me disse nada?

- Fiquei com medo. – Viu meu olhar e acrescentou rapidamente: - Não de vocês. Mas de quem sou. Do que posso representar.

- Gabi, devia ter falado logo. Que besteira! Não importa de que família veio ou o que diz o maldito bilhete! – Rosnei, furioso com quem tivera a audácia e a coragem de fazer uma coisa daquelas. – É alguém querendo te perturbar! Temos que investigar isso!

- Eu sei.

- É por isso que veio com aquele papo querendo saber no jantar se já tínhamos feito justiça com as próprias mãos. – Dei-me conta.

- Mas não por desconfiar ... – Disse rapidamente, apertando minhas mãos, quase suplicando, novas lágrimas surgindo. – Eu queria entender. Se fosse da minha época tudo aquilo que Theo falou, eu poderia ter uma ideia de quem era a minha família. Tentei esquecer, Quin. Fingir que não tinha acontecido nada. Só que ...

- O quê? – Fiquei alerta. Odiava vê-la daquele jeito e me irritava ter escondido aquilo de mim. Soltou minhas mãos. E tirou algo do próprio bolso, me estendendo e explicando num fio de voz:

- Encontrei essa madrugada, em cima da minha cama, quando entrei no quarto.

Fiquei chocado ao escutar que alguém tinha entrado no quarto dela. Rapidamente desdobrei os papéis e me deparei com uma foto sua, um pouco mais nova do que quando foi encontrada na fazenda. Soube o que significava. Uma foto que estivera com a família dela de sangue. Deixei-a sobre a cama, minha mente analisando tudo enquanto lia o papel:

A HORA DA DECISÃO CHEGOU. ELES MATARAM SUA GENTE. ROUBARAM. HUMILHARAM. DESTRUÍRAM A SUA VERDADEIRA FAMÍLIA. SÃO CAPAZES DE TUDO.

VOCÊ FOI DEIXADA AÍ PARA FAZER JUSTIÇA.

É NOSSA ARMA ENGATILHADA, PRONTA A SER DETONADA. VINGUE SUA FAMÍLIA. ESCUTE-NOS. OU SERÁ DESTRUÍDA POR ELES, QUANDO SOUBEREM QUEM É.

DIGA SIM. SIM AO SEU SANGUE, À JUSTIÇA E À VERDADE.

E NÃO AOS FALCÃO. SE ELES DESCONFIAREM DO SEU SANGUE, SERÁ EXPULSA. NÃO CONTE. MAS NOS ESCUTE EM SILÊNCIO. E ENTENDERÁ TUDO NA HORA CERTA.

Tive que ler de novo. Não podia acreditar no que estava vendo. Não era nenhuma brincadeira de mau gosto, eram acusações e ameaças sérias. Nos chamavam de assassinos, de destruidores da família dela. Senti a raiva me consumir e cerrei o maxilar, furioso. “*Será destruída por eles*”, essa frase me deixou possesso. E mais ainda o que falei:

- Você foi deixada em nossa casa como uma arma a ser usada no futuro contra nós? Que merda é essa?

- Eu não ... Eu não ... – Gabi recuou, assustada com minha fúria.

Na mesma hora, larguei aquele papel cheio de veneno e segurei seus braços, trazendo-a para mim, apertando sua cabeça em meu peito e murmurando:

- Calma, calma ... Não é você. É esse maldito bilhete! Meu Deus, como alguém pode ter coragem de usar uma criança assim? Só pode ser mentira!

Abracei-a para que sentisse que eu estava com ela acima de tudo, revoltado só com a situação. Beijeí seus cabelos, amparando-a, trazendo-a para meu colo como se fosse pequeninha, demonstrando meu amor da única maneira que sabia.

- Quin ... – Gabriela começou a chorar, agarrando-me, soluçando contra meu peito, enquanto eu acariciava seu cabelo e dizia baixinho:

- Devia ter me contado desde o início, não precisava ter passado por tudo isso sozinha. Mas não fique assim. Vamos descobrir juntos quem são essas pessoas e o que querem ...

- São ... minha ... família ... – Fungou alto.

- Não, sua família somos nós, Gabi. – Segurei seu rosto entre as mãos e fiz com que me olhasse. Doeu meu coração ver seu rosto contorcido pela dor, os olhos vermelhos, o medo. Falei com ternura: - Pode ser qualquer pessoa, querendo usar você para nos atingir ou nos atacar.

- Mas Quin ... E se for mesmo verdade? E se me deixaram na fazenda para me virar agora contra vocês?

- Isso nunca vai acontecer. Porque eu te amo e você me ama. Todos amam você lá, é nossa e isso não tem mais volta. Se alguém cometeu esse absurdo, se pensou que poderia dar certo, vai ver que não.

Fixou os olhos em mim, se acalmando um pouco mais. Sequei suas lágrimas com os dedos. Murmurou:

- Confia tanto assim em mim?

- Totalmente – falei sem vacilar.

Abraçou-me forte e a amparei, preocupado, com raiva de quem estava fazendo aquilo. Deixei que se tranquilizasse mais, que sentisse que tinha meu total apoio, mantendo-a firme em meu colo,

sem deixar de acariciá-la. Mas minha mente trabalhava, lembrando aquele bilhete, tentando chegar a mais conclusões.

Tive certeza quase absoluta de que era alguém da família de sangue dela mesmo ou bem próximo disso. Até tinha enviado a foto junto como que para provar. Precisava agora descobrir quem eram, o que queriam, do que efetivamente nos acusavam. Mesmo sendo caçula, eu sabia que minha família tinha tido problemas no passado, principalmente quando meu pai ainda era o homem na frente de tudo. Mas no momento, quem precisava de mim era Gabi e eu queria primeiro confortá-la, fazer com que se sentisse mais segura.

- Não me esconda mais nada, Gabi. Juntos nós vamos enfrentar tudo e descobrir o que está acontecendo.

- Tá. – Beijou meu rosto, acariciou meus ombros, disse baixinho, emocionada: - Obrigada, Quin.

- Não tem que agradecer, meu amor. – Segurei seu cabelo em um punhado na nuca e fiz com que erguesse a cabeça, seus olhos encontrando os meus. – Mas prometa que vai me contar tudo. Tudo mesmo.

- Prometo.

- Ótimo.

- Você ... Vai contar para nossos irmãos?

- Temos que contar. Eles são mais velhos, podem saber de alguma coisa e investigar. Nenhum deles vai ficar contra você, garanto. – Observei-a, cheio de amor e preocupação. – Teme que estejam envolvidos em algo? Que tenham feito mal a alguém da sua família?

- Eu os conheço. Sei que podem ser até justiceiros, mas nunca foram injustos. Mas penso que nossas famílias podem ser inimigas. E tenho medo. Por todos nós.

- Entendo. Mas não adianta nada se preocupar assim antes do tempo. – Deslizei o olhar por seu rosto, gostando de ver que estava mais calma e tinha parado de chorar. – Vai dar tudo certo.

Acenou com a cabeça. Seus olhos brilhavam para mim.

- A melhor coisa que fiz foi te contar. Parece que tirei um peso enorme das costas. – Subiu as mãos por meu pescoço, acariciou minhas orelhas, meu maxilar e queixo, beijando suavemente meus lábios. – Eu te amo tanto! Sempre te amei. E agora ainda mais, como se fosse possível.

Minha vontade era de aprofundar aquele beijo, mas queria respeitar seu momento, sua necessidade de apoio e carinho. Contive-me a custo, pois era uma tortura ter sua bunda redondinha bem acomodada no meu pau cada vez mais duro, seu cheiro e seu corpo me deixando doido.

Gabriela sentiu a mudança, o clima quente, elétrico, cheio de lascívia. E ela estremeceu, segurando-me firme e mordendo meu lábio inferior. Roçou a bunda devagar e segurei-a pela cintura,

dizendo num sussurro:

- Gabi, assim eu não aguento.
- Eu sei. – E continuou, até mergulhar a língua macia dentro da minha boca.

Era tentação demais pra um homem aguentar. Beijei-a com fome, apertei-a contra mim, deslizei os dedos por dentro da barra da sua camisa, sentindo sua pele quente, lisa. Minha respiração ficou pesada, o sangue agitado, o coração acelerado.

Fui deitando com ela na cama, um de frente para o outro, beijando-nos gostosamente, tocando-nos. Abri os olhos pesados, disse rouco contra seus lábios:

- Vamos passar o dia aqui. E vou te fazer esquecer tudo isso.
- Sim, Quin. Parece um sonho estar aqui com você. – Murmurou.
- É pura realidade. – Comecei a erguer sua blusa, consumindo-a com meu olhar e aquela fome animal, que mesmo delirante e intensa, era permeada por todo amor que eu sentia por ela. – E vamos aproveitá-la. Muito.

E assim a beijei de novo com paixão.

CAPÍTULO 10

GABRIELA

O beijo era uma delícia, assim como o cheiro dele, que parecia se entranhar em mim. Lambi sua língua, me embriaguei com seu gosto e aos poucos esqueci toda preocupação e sofrimento, o desejo me devorando, tornando-se maior do que tudo.

Deslizei meus dedos pelos ombros largos de Joaquim, mais uma vez me maravilhando com seu físico grande e musculoso, perfeito, másculo. Ansiosa, passei a desabotoar sua camisa, enquanto me tocava, nossas bocas unidas em um beijo quente e profundo.

Ele levantou minha blusa até o peito, expondo o sutiã rendado. Seus dedos seguraram o bojo e ergueram, deixando meus seios nus, na mesma hora fechando as mãos grandes sobre eles. Meus mamilos se arrepiaram, um prazer galopante me dominou por dentro. Sua boca desceu mordiscando meu queixo, chupando-o, enquanto acariciava deliciosamente meus seios. Gemi, jogando a cabeça para trás, oferecendo minha garganta para seu total acesso. Beijou-a até o oco do pescoço, a boca deslizando pela clavícula, afastando o tecido da blusa para morder meu ombro.

- Ah, Quin ... – Enterrei os dedos entre seus cabelos curtos e claros, macios. Meu corpo já pegava fogo, incendiava, buscava sofregamente o dele.

Ergueu os olhos ardentes, enquanto beliscava meus mamilos a ponto de fazer minha vagina latejar, sua voz grossa e rouca deslizando até meus ouvidos:

- É gostoso assim?

- Sim. – Murmurei, arrebatada.

- E assim? – O verde de seu olhar parecia mais claro, mais brilhante que o habitual, amarelado. Fiquei mergulhada nele, enquanto espremia os brotinhos entre o indicador e o polegar de cada mão, em uma dorzinha gostosa e torturante, que fazia meu ventre se contrair e o tesão se espalhar sem controle em cada palmo do meu corpo.

Mal conseguia falar. Voltou a morder meu queixo, deu uma lambida suave em meus lábios, fitou-me cheio de luxúria. Eu já estava toda molhada, doida para senti-lo dentro de mim, penetrando-me com força. Mas Joaquim se conteve e falou baixo:

- Não acredito que estamos aqui, sem precisar fazer tudo em silêncio para ninguém ouvir ou com pressa. Quero aproveitar cada segundo, fazer tudo o que não podemos.

Desci as mãos por seu peito, afastando a camisa para sentir seus músculos duros, a pele quente e lisa, toda aquela gostosura para mim. Sussurrei, muito excitada:

- Sim, vamos fazer tudo.
- Sabe o que eu quero, Gabi?

Parei com as mãos em seu peito, enquanto esfregava os polegares em meus mamilos muito duros e sensíveis, arrepiando minha pele.

- O quê? – Aguardei, na expectativa.
- Faça um strip-teaser para mim.

Arregalei um pouco os olhos, corando.

- Agora?
- Agora.
- Mas, Quin ... Nunca fiz isso.

- Tem sempre a primeira vez. – Sorriu sedutor, descendo a boca até meu peito e enfiando um pequeno mamilo ardido da fricção dentro da boca. Chupou-o docemente e era como se mil ondas percorressem meu corpo, que ondulou e estremeceu sem controle.

Minha calcinha já estava empapada. Fiquei cheia de vergonha de fazer o que pedia, mas ao mesmo tempo me excitei ainda mais. Como Joaquim tinha dito, naquele momento não precisávamos de pressa. Podíamos abusar, ir além, realizar uma ou outra fantasia.

Era um delícia a sucção em meu mamilo, que se esticava ainda mais contra sua língua. Agarrei seus cabelos, esfreguei-me contra seu pau duro dentro da calça, o tesão vindo tão delirante e imoral, que murmurei:

- Então quero fazer um pedido também.

Ele soltou meu mamilo e ergueu a cabeça até me olhar de frente, sua expressão carregada, cheia de libidinagem.

- Faça. – Exigiu.
- Trouxe seu chapéu?

Joaquim franziu o cenho.

- Está no carro. Por quê?

Segurei sua mão direita que estava sobre meu seio e a ergui pousando-a sobre meu rosto. Lambi sensualmente a ponta do polegar e vi como aquilo mexeu com ele, espalhando devassidão em seus traços angulosos. Senti-me sexy, poderosa, desejosa de mais.

- Muitas vezes andei pela fazenda só para ver você. – Confessei baixinho, sem tirar meus olhos dos dele. – E quase sempre estava sem camisa, com esses jeans apertados nas coxas, fazendo o contorno do seu pau. Eu ficava doida, Quin. Ainda mais quando estava de chapéu, suado, seus

músculos ondulando. Minha vontade era de cair de joelhos aos seus pés, abrir sua calça e abaixá-la até seus tornozelos. Ia ficar só com o chapéu enquanto eu chupava você.

- Porra ... – Rosnou devassado, licencioso. Ainda mais quando enfiei docemente seu polegar todo dentro da boca e o chupei. Ví como ficou doido de tesão e isso só aumentou o meu. – Primeiro faça um strip-teaser para mim. Depois pego o chapéu e faz o que quiser comigo.

- O que eu quiser? – Lambi o polegar devagar, com água na boca.

- Isso.

Sorri, lasciva, sentindo-me uma depravada. Lentamente me sentei e então levantei da cama. Fui até a lateral e peguei o controle para escolher uma música. Joaquim sentou sem tirar os olhos de mim, desfazendo-se da camisa aberta e largando-a no chão. Fez o mesmo com as botas e abriu a calça. Fitei cada pedaço do seu corpo perfeito e musculoso que aparecia, até que estava completamente nu e se recostava nos travesseiros.

O seu pau subia enorme, duro, grosso, ornado por veias, combinando perfeitamente com seus membros compridos e fortes. Era uma maravilha de se olhar e por um momento me dei conta de como era sortuda em tê-lo. Fitei cada pedaço daquela pele bronzeada, cada músculo e contorno, as tatuagens em seus braços, a sensualidade latente que emanava dele. Maxilar e queixo eram angulosos, bem marcados, os lábios sensuais, o nariz perfeitamente afilado e aqueles olhos amarelados que me deixavam de pernas bambas.

Engoli em seco, despudorada em meus pensamentos e ações. Mas mesmo em meio ao tesão violento que me engolfava, eu o olhava com o amor transbordando de dentro de mim, enchendo-me de uma felicidade inimaginável. Por isso, quando a música Pássaro de fogo, de Paula Fernandes, começou a tocar no rádio, eu não mudei nem procurei algo mais sensual. Aquela era perfeita para descrever tudo o que eu queria ser para ele. Já começava com a frase:

Vai se entregar pra mim

Deixei o som gostoso e lento do violão invadir o quarto enquanto Joaquim olhava para mim e eu segurava a blusa embolada com o sutiã no meu peito e tirava os dois pela cabeça, sacudindo meus cabelos longos, ficando nua da cintura para cima. Arfei e me movi suavemente ao som da música, espalmando as mãos na barriga e descendo devagar até a cintura da calça, começando a cantar baixinho com a música enquanto a abria:

*Vai se entregar pra mim
Como a primeira vez
Vai delirar de amor
Sentir o meu calor*

Ele não tirava os olhos de mim. Excitada e emocionada, desci suavemente a calça por meus quadris até caírem no chão. Saí dela e das sandálias, ficando só com a calcinha preta com rendinha rosa. Entreabri os lábios e me aproximei da cama. Apoiei mãos e joelhos no colchão ao seu lado, cantando baixinho:

*Sou pássaro de fogo
Que canta ao teu ouvido
Vou ganhar esse jogo
Te amando feito um louco
Quero teu amor bandido*

*Minha alma viajante
Coração independente
Por você corre perigo
Tô afim dos teus segredos
De tirar o teu sossego
Ser bem mais que um amigo*

Joaquim não olhava para meu corpo seminu. Apesar de estar obviamente excitado, fixava meus olhos como se não pudesse sair deles, sentindo o amor que vinha de mim até ele em ondas e me devolvia em igual intensidade. Lambi os lábios e fui para mais perto, montando nele, engatinhando até descer e me acomodar sentada de frente em seu colo, minhas mãos em seu peito, roçando-me suavemente em seu pau duro.

*Não diga que não
Não negue a você
Um novo amor
Uma nova paixão
Diz pra mim*

*Tão longe do chão
Serei os teus pés
Nas asas do sonho rumo ao teu coração
Permita sentir
Se entrega pra mim
Cavalgue em meu corpo, minha eterna paixão*

Movi-me como se o cavalgasse, esfregando minha vulva que latejava e pingava por ele, dentro da calcinha molhada, murmurando quase inaudível, arrebatada pelos sentimentos e pelas sensações, por tudo que somente ele me fazia sentir. Inclinei-me para frente e cantei pertinho de sua boca, passando para cima e para baixo minha bocetinha no comprimento duro e grosso do seu pau.

Joaquim estava imobilizado, maxilar duro, olhos ferozes e atentos, brilhando tanto que pareciam arder. Não me tocou, apenas me olhou. Eu estava a ponto de chegar a calcinha pro lado e o colocar dentro de mim, para me encher toda, me completar, me fazer mais sua do que eu já era. Mas ao mesmo tempo queria mais. Queria tudo. E assim continuei, até que quase gozava só me esfregando nele. E disse baixinho perto de seus lábios:

- *Se entrega pra mim. Cavalgue em meu corpo, minha eterna paixão.*

E quando vi que ia me pegar, ia fazer exatamente aquilo, eu me afastei. Ergui-me na cama, um pé da cada lado dos seus quadris, olhando-o com fome, espalhando minhas mãos nos seios, rebolando suavemente. Acariciei-me, aumentando a carga sexual no ar, vendo como o deixava no limite, hipnotizado por mim. Senti-me querida e desejada, admirada, amada.

Virei as costas, sacudindo os cabelos, tocando-me enquanto rebolava lentamente, empinando minha bunda, mostrando-me toda, sem um pinga de vergonha, embargada por uma luxúria que me dominava sem que eu pudesse ter controle. E então ele não aguentou mais a tortura. Ergueu as mãos e, sem demora, segurou a barra da calcinha e a desceu por meu corpo, expondo minha bunda, deslizando por minhas coxas. Tirei por um pé e depois outro, enquanto agarrava com firmeza meus quadris e dizia rouco, duro:

- Senta no meu pau. Agora.

Estremeci violentamente. Meu coração disparou, minha vulva latejou toda cremosa e me agachei, apoiando as mãos em suas coxas, de costas para ele, enquanto Joaquim segurava o pau na vertical e com a outra mão me forçava para baixo.

- Ah ... – Deixei escapar o gemidinho agoniado quando senti a cabeça robusta do seu pau esfregar meus lábios vaginais e abrir caminho entre eles, esticando-os, deixando-me completamente alucinada de prazer.

Senti cada polegada me abrir e penetrar, quente e inchado, duro como uma barra de ferro, tomando cada canto, tirando meu ar e minha fala, transformando-me numa miríade delirante de tesão e loucura. Meus joelhos estavam bem abertos e minhas mãos em suas coxas musculosas enquanto o tomava todo dentro de mim, até sentir meus lábios em seu púbis e a cabeça empurrando meu útero.

Choraminguei baixinho e Joaquim ordenou:

- Cavalgue no meu pau, Gabi.

Obedeci na hora, arfante, delirante, despudorada. Então movi minha bunda para cima e para baixo, massageando seu membro dentro de mim, apertando-o com meus espasmos incontrolláveis. Ouvi seu gemido rouco e fui mais feroz, comendo-o com sofreguidão, deslizando minha vulva até a metade do seu comprimento e engolindo-o todo novamente, inclinando o corpo para frente, empinando-me toda. Sabia que podia ver nossos sexos unidos e como eu o melava todo e chupava

para dentro de mim.

- Ah, porra ... – Xingou fora de si, agarrando minha bunda, descendo-me mais duramente, me fazendo gritar ao me penetrar com violência, deixando-me tão cheia que eu mal podia respirar. Ajoelhei ao lado de seus quadris e o tomei mais rápido e fundo, alucinada pelo tesão delirante, meus cabelos balançando com a cavalgada mais e mais feroz.

- Ai que delícia ... Ai que delícia ... – Passei a murmurar endoidecida e gritei quando deu um tapa firme na minha bunda. Mas não parei. Ao contrário, fiquei mais dissoluta e obscena, empinando-me toda para ganhar mais tapas, no que Joaquim não me decepcionou.

Bateu-me duramente enquanto eu gritava, me esfregava e o tomava todo dentro de mim. Sentia minha bunda vermelha e ardida, suave e cavalgava loucamente, já a ponto de explodir em um orgasmo furioso, degenerada e corrompida pela luxúria, pelo prazer violento da carne. Joaquim sentiu e disse asperamente:

- Vire de frente para mim, sem tirar meu pau da sua rachinha gostosa.

Tive que recorrer a todo meu restinho de autocontrole para não continuar naquela cavalgada que me levava ao pico. Parei arquejando, virando-me devagar sem perder a penetração, até ser combatida pela luxúria cruelmente carnal de seu olhar.

- Mãos para trás. Segure sua bunda. – Era muito autoritário e áspero na hora do sexo e eu adorava. Obedeci sem vacilar e agarrou forte meus braços perto dos cotovelos, fazendo-me deitar em seu peito enquanto eu voltava a comer seu pau com minha bocetinha gulosa e palpitante, meus seios espalmados contra seus músculos.

Fitou meus olhos com um desejo que ardia e estalava, movendo também os quadris para se enterrar mais fundo no meu corpo, enquanto mordida meu lábio inferior e depois o lambia. Entreabri a boca e foi o suficiente para meter a língua ali, como fazia com o pau, comendo-me em dois lugares diferentes.

Meu clitóris inchado roçava em seu púbis a cada penetração e fiquei alucinada, fora de mim, beijando-o e choramingando, gemendo, me sacudindo, os meus dedos apertando minha bunda ardida. Seu pau me arreganhava toda, entrava com brutalidade, estocava tão fundo que o sentia em todo meu ventre, marcando-me a fogo. E assim o orgasmo veio feroz, arrebatador. Explodi furiosamente, gritando em sua boca, chupando sua língua.

Joaquim não teve como se conter. Podia sair, gozar fora, mas então interromperia meu prazer. Estávamos tão ligados, além de qualquer pensamento coerente, que simplesmente nos entregamos e ele esporrou fundo e quente dentro de mim, nós dois praticamente gozando ao mesmo tempo. Meteu duro, rijo, forte.

Foi um embate delicioso, corpo e alma em comunhão, prazer e sentimento conectado em

perfeita harmonia. Ondulamos e gememos, beijamos, doamos, tomamos, tiramos tudo que podíamos do outro, só para receber em igual quantidade.

Desabei em seu peito, suada e arfante quando acabou. Espasmos percorriam meu corpo, minha vulva latejava agarrada em volta do seu pau. Joaquim acariciou minhas costas, meu cabelo, minha bunda. E ficamos assim, coladinhos, felizes, realizados.

JOAQUIM

Havia uma banheira redonda dentro da sauna ligada. A fumaça e o calor se expandiam na pequena sala e eu esperava por Gabriela lá, a metade da cintura para baixo dentro da água, meu chapéu preto de cowboy na cabeça sombreando meus olhos, uma caneca de vinho na mão. Em meio ao vapor e água quente, minha pele estava úmida, coberta por gotículas que escorriam.

Tínhamos pedido comida e bebida, mas só beliscamos e deixamos tudo lá para depois. Enquanto eu preparava a sauna e pegava meu chapéu para excitá-la ainda mais, Gabi foi tomar banho. Agora abria a porta e entrava, seus cabelos ruivos e longos caindo molhados pelos ombros, descalça, apenas uma toalha cobrindo seu corpo.

O vapor a envolveu quando parou perto da banheira, seus olhos castanhos claros bem abertos para mim. Vi como reagiu, corando, engolindo em seco, excitada. Tomei um gole do vinho, fitando-a sob a aba, gostando de ver o quanto mexia com ela.

- Tire a toalha e venha aqui. – Falei baixo.

Não hesitou. Puxou a toalha e a largou na borda da banheira, expondo seu corpo lindo e bem feito, com a pele rosada, os seios pequenos empinados com mamilos durinhos, a cintura fina, aqueles pêlos aparados e parecendo um triângulo invertido de fogo. Que me queimavam, deixavam louco. Eu ardia por ela, reagindo automaticamente à sua visão, meu pau inchando, crescendo, doendo.

Passou uma perna pela beira e depois outra, entrando, se ajoelhando na água ao meu lado, seus olhos passando por mim, lambendo os lábios, cheia de desejo. Seus dedos percorreram minha barriga, catando as gotas que se acumulavam no vão dos músculos, dizendo roucamente:

- Você é muito lindo, Quin. E muito gostoso.

Terminei o restinho de vinho e deixei a caneca na borda. Com o dedo empurrei a aba do chapéu para cima, descortinando meus olhos e encontrando os dela. Sua mão desceu pela água sobre minha barriga, resvalando no meu pau, agarrando-o, respirando pesadamente ao masturba-lo devagar. Esfomeada, desceu o olhar por mim até a cabeça que aparecia só um pouquinho na superfície. Acariciando o comprimento, manteve-o na vertical e se abaixou, abrindo os lábios. Eu a fitava, teso,

com o coração batendo acelerado.

Lambeu a ponta e, prendendo a respiração, surpreendeu-me ao fechar firmemente a boca no meu membro e chupá-lo, escorregando para baixo, seu rosto sumindo dentro d'água, seu cabelo flutuando na superfície. E sugou duro, gostoso, firme. Gemi rouco, meus braços apoiado na borda, minhas pernas dobradas com os joelhos de fora e os pés plantados no fundo. Assim, ergui o quadril e ela pôde soltar o ar fora da água quando meu pau saiu, mas não o largou. Agarrou firmemente minha bunda e me fez um boquete assim, esfomeada, alucinada, a boca cheia de saliva e quente me levando à loucura.

Abriu os olhos com cílios molhados e olhou para mim, que a espiava duramente sob a aba do chapéu. Vi como estava excitada em me ter assim, seus lábios colados em volta do meu membro indo e vindo, levando a cabeça até o fundo da garganta, mamando tão doce e deliciosamente que seria uma tortura conter o gozo.

Estava ajoelhada entre as minhas pernas, os dedos cravados nos músculos duros da minha bunda, a boca trabalhando meu pau com perfeição, sem roçar os dentes, deslizando macia e apertada até entrar quase tudo. A água quente ondulava entre nossos corpos e eu gemi baixo, rouco, totalmente entregue, domado por sua boca e seu olhar.

Como se não bastasse ser completamente louco por Gabi, ela ainda me endoidecia mais, além de qualquer limite ou razão. Rosnei alucinado, a ponto de explodir, sem poder fazer nada mais além de me dar a ela. Puxou a boca até a ponta e lambeu a cabeça, de onde saía o pré sêmen do orifício, deliciando-se. E então desceu a língua por baixo do pau até minhas bolas, lambendo-as. Sem tirar os olhos de mim nem um segundo, enfiou uma das bolas na boca e chupou firme. Depois fez o mesmo com a outra.

Eu babava na ponta, tão duro e teso que doía, o gozo se concentrando em meus testículos, fazendo pressão, fazendo um calor infernal percorrer meu pau e meu ventre.

- Pare. – Avisei rouco, pois daquele jeito era impossível manter o controle.

E foi aí que Gabi deu o golpe de misericórdia, subindo e metendo meu pau na boca de novo até o fim, mamando tão forte e gostoso que senti o tesão me invadir como um raio. Nem tive tempo de avisar. Esporrei no fundo da sua garganta e tomou tudo, engolindo, sugando, chupando. Seus olhos nos meus, seus lábios sendo o suficiente para me dominar, me deixar literalmente em suas mãos.

Nunca uma chupada foi tão gostosa, tão perfeita. Gemi rouco, estremeci, meti até que ela perdeu o ar com meu pau todo acomodado em seu interior, vermelha, os olhos cheios de lágrimas. E nem um momento soltou minha bunda ou tentou escapar, pelo contrário, moveu a boca para cima e para baixo, se alimentando do meu gozo estrondoso, até que nada mais saía e eu latejava, com o coração batendo alucinadamente.

- Gabi ... – Murmurei, fora de mim, dopado pelo prazer.

Não me soltou. Continuou a deslizar a boca quente a macia, mantendo o membro duro e teso, babando-o todo, como se quisesse mais, esfomeada. Agarrei seu cabelo e puxei-a para longe, o tesão incrivelmente firme dentro de mim. Ergui-me abraçando-a ao meu peito, água entornando fora da banheira. Saí a e levei junto, pegando-a no colo, levando-a para o quarto. Olhou-me ansiosa, excitada, lambendo os lábios.

Eu me sentia um touro resfolegando ao ver uma fêmea no cio. Não me importei se estávamos molhados, coloquei-a na cama de joelhos, ordenando quase sem poder falar de tanto tesão:

- Fique de quatro.

E quando se apoiou assim, com aquela bunda redondinha para mim, continuei de pé atrás dela e agarrei seu quadril, meu pau abrindo caminho em sua bocetinha, entrando apertado e gostoso.

- Ah ... Sim, mete ... Mete mais, Quin ...

Suplicou, gotejando, estremecendo, delirando de prazer. Meti com tudo, como um animal ensandecido, tomando seu canal todo para mim, não deixando nenhum espaço vazio. Estoquei com força e rápido, até fazê-la gritar, meu corpo todo querendo mais, precisando de mais.

- Toma ... Toma tudo ... – Rosnei, metendo com vontade e tesão, abaixando-me um pouco só para cuspir em seu ânus e passar meu polegar com saliva ali. Forcei devagar e logo penetrava-o em seu orifício apertadinho, que piscava e o sugava para dentro.

Vi nossas imagens refletidas em todos os espelhos. Ela pequena e rosada, nua, pele brilhando úmida, cabelos molhados sacudindo-se em volta de seu rosto em cada estocada. Seus olhos estavam fechados, os lábios entreabertos deixando escapar gemidinhos, os traços contorcidos de prazer. Enlouqueci, vendo como eu, bem maior e mais forte a segurava firme e tomava, metendo nela sem dó, o chapéu preto ainda enterrado em minha cabeça, mas quase caindo. Nem liguei para ele, apenas me dei e tomei o que queria, até que por fim o chapéu foi parar no chão.

Meti o polegar todo em seu orifício, que surpreendentemente estava molhado, melado. Espalhei mais saliva e continuei, até substituir por dois dedos.

- Ai! Ai, que gostoso ... – Passou a choramingar, sendo penetrada nos dois buracos ao mesmo tempo, quase desabando na cama. Fiquei louco para fazer sexo anal e puxei os dedos e o pau para fora, empurrando-a de bruços na cama e montando atrás dela. Abri sua bunda e cuspi novamente em seu ânus, dizendo rouco, cheio de lascívia:

- Você te comer aqui, cadelinha ...

- Sim, sim ... – Suplicou.

Meu pau estava todo melado de sua vagina e firmei a cabeça contra o buraquinho, segurando-a firme. Gabi se empinou toda, querendo, tremendo, ansiando. E dei meu pau para ela, abrindo-a,

forçando-a a se dilatar, passando pelo anel apertado até chegar ao canal macio e fervendo, que pareceu estrangular meu pau. E a penetrei firme.

Gritou com a dor, a ardência e o tesão. Não fui delicado, estava demais fora de mim e sabia que gostava assim, quando eu era bruto, quando tomava o que queria. Arranhou os lençóis, miou, chorou, mas a comi duramente até que estocava dentro da sua bunda bem gostoso. Estava agachado atrás dela e agarrei seus ombros e pescoço com as duas mãos.

- Quin ... – Suplicou em êxtase, seu ânus apertadinho me deixando louco, enquanto apertava seu pescoço só o suficiente para fazer pressão e se sentir presa, pega com força. Isso mexia com ela, pois Gabi começou a choramingar e pedir por mais, se sacudindo toda, forçando a bunda contra mim.

Xinguei, endoidecido. Perdi a razão e a comi duro, bruto, com tudo. Foi então que ela estalou e gozou, lágrimas pulando de seus olhos, seu corpo se contorcendo e latejando, sugando meu pau até o mais fundo de si. Enchi seu cuzinho com meu leite quente e grosso, jogando a cabeça para trás e fechando os olhos, devorando-a, explodindo em um gozo tão completo que pensei que morreria me esvaindo dentro dela.

Foi louco, forte, sem controle. E quando acabou, desabei ao seu lado na cama e não conseguimos dizer nada, lutando para respirar, acalmar os corações ensandecidos. Só então a olhei e puxei para meus braços.

Ficamos lá, úmidos e suados. Até que foi possível pensar novamente, reagir, sobreviver àquela loucura desmedida de um prazer sem igual, devorador. Beije seus cabelos, acaricie seu braço, tardiamente arrependido da minha brutalidade:

- Machuquei você?

- Não. Sim. – Sorriu e ergueu o rosto, buscando meus olhos.

- Sim ou não?

- Eu gosto assim, quando me pega desse jeito. – Confessou, corada. – Essa dorzinha é ... gostosa. Será que isso é normal, Quin?

- Claro que é. – Sorri, achando graça. Beije suavemente seus lábios, gostando de sentir seu cheiro, ter suas pernas entre as minhas. – Mas tenho medo de perder o controle e ir além do que pode suportar.

- Não, você sabe sempre até onde ir. É cada vez mais gostoso, mais enlouquecedor.

E me beijou.

Não falamos muito. O desejo era tanto, que mal nossos corpos se acalmavam, já queríamos de novo. Comemos na cama mesmo, tomamos vinho, ficamos nus entre carícias e afagos. Sabíamos que não dava para ficar até muito tarde e por isso aproveitávamos cada segundo, cada toque e beijo.

Eu a chupei todinha e depois a comi por cima, com suas pernas em volta da minha cintura, dois

dedos meus em sua boca, que sugava como se fosse em meu pau. Somente então, quando parecíamos realmente satisfeitos, os corpos saciados, falamos de novo sobre o assunto dos bilhetes.

- Tenho medo do que vão pensar de mim. – Gabi me olhou, ansiosa. – Eu nem queria saber de onde venho. E se for mesmo inimiga de vocês?

- Não é nossa inimiga, é uma de nós.

- Mas digo ...

- Se for de uma família inimiga, vamos tentar resolver. Fique calma, para tudo tem um jeito.

Acabou se convencendo, embora ainda ficasse nervosa. Já era duas da tarde quando resolvemos sair, embora nenhum de nós dois quisesse deixar aquele canto nosso, onde éramos livres para nos amarmos.

- Podemos vir aqui de vez em quando. – Falei, para tranquilizá-la, embora soubesse que nosso relacionamento deveria vir à tona. Não dava para ficarmos escondidos como se cometêssemos um crime. O problema era que havia muita coisa em jogo, como aqueles bilhetes agora.

Nos arrumamos e saímos de lá em silêncio. Dirigi de volta para Florada, tentando pensar em fatos do passado, os problemas que já enfrentamos, que gente poderia ser aquela.

Chegamos à fazenda e, ao estacionar o carro, vi Theo sentado na varanda. Um tanto culpado, saí, abri a porta para Gabi e, quando subíamos os degraus, percebi como ter que mentir e disfarçar era difícil, ainda mais depois de passáramos tantas horas nus e transando. Ainda estávamos ligados, cada vez mais.

Gabriela ficou vermelha ao vê-lo e baixou os olhos. Eu o encarei, mas fiquei gelado ao encontrar seus frios olhos azuis escuros. Vi ali algo que me deixou um momento sem ação. Era como se Theo soubesse exatamente de onde vínhamos e estaquei, golpeado pela culpa.

- Onde vocês estavam? – Sua voz era seca, direta. Levantou-se da poltrona. Seus olhos não saíram dos meus.

Soube que era o momento de falar. Mas fiquei gelado e tive um medo absurdo de despertar seu ódio. Não pelo que faria, que eu nem imaginava o que seria. Mas porque eu o amava como se fosse meu pai, o respeitava e não queria que se decepcionasse comigo. Senti-me como um crápula, que tinha se aproveitado da irmãzinha sob as barbas de todo mundo, embora soubesse que não foi nada daquilo. Eu a amava e ela a mim.

E enquanto eu brigava entre a verdade e a vergonha, Gabi ergueu os olhos, dizendo:

- Eu precisava ficar longe e pensar, Theo. Joaquim me levou para Pedrosa e almoçamos lá.

Analizou-nos, desconfiado, calado. Como se soubessem que a coisa lá fora não estava boa, Heitor saiu de casa e logo depois Pedro. Este franziu o cenho e indagou sério:

- Onde vocês se enfiaram?

“DIGA!”, minha consciência gritou. Ergui o queixo, respirei fundo. Estava prestes a pôr as cartas na mesa, mas talvez Gabi não estivesse pronta, pois disse nervosamente:

- Fui ameaçada e saí para conversar com Joaquim e pedir ajuda a ele.
- O quê? – Heitor deu dois passos até ela, preocupado. – Como assim, ameaçada?
- Que merda é essa? – Pedro já se preparou logo para estourar.

Theo olhou para mim e depois para ela, que tirou da bolsa a foto e o bilhete dobrados. O momento de falar sobre nós foi suplantado pela preocupação. Senti um misto de alívio e agonia, pois no fundo queria acabar logo com aquilo. Respirei fundo, contendo-me, sabendo que tudo deveria ser pensado e feito direito para ter os menores prejuízos possíveis.

Gabriela entregou a Theo e explicou, pálida:

- Encontrei em minha cama no dia da festa.

Ele abriu o bilhete e leu, uma ruga surgindo entre seus olhos. Passou o bilhete a Heitor, que leu junto com Pedro, enquanto Theo fitava a foto. Quando me olhou, vi preocupação genuína em seu semblante. Indaguei:

- Sabe de quem pode ser isso?

- Estava na sua cama? – Pedro estava inconformado. – Alguém entrou em seu quarto? Mas que .. Que merda!

- A maioria das pessoas aqui era conhecida. Algumas vieram como acompanhantes. – Emendou Heitor, passando a mão pela barba, sério.

- Sente aqui. – Theo segurou a mão de Gabi e fez com que se acomodasse no sofá ao seu lado. Pedro continuou de pé e cara feia, com braços cruzados. Heitor se recostou no murinho da varanda. Continuei de pé no mesmo lugar. – Recebeu outro desses?

- Sim. No dia em que fui ao cinema e teve a confusão com Felipe. Alguém enfiou em minha bolsa um bilhete parecido. Está em meu quarto. – Olhou-o nervosamente, depois para mim e para nossos irmãos.

- Por que não nos disse logo? – Perguntou Pedro.

- Eu achei que era uma brincadeira de mau gosto e ... – Estremeceu, frágil, fazendo-me ter vontade de abraçá-la. – Fiquei com medo que isso atrapalhasse o que sentem por mim.

- Deixa de ser boba, Gabi. – Heitor disse com carinho.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas e na mesma hora Theo segurou sua mão e garantiu:

- Isso nunca vai acontecer. Devia ter nos contado.

- Fiquei muito assustada e confusa, Theo. Aí hoje de manhã encontrei o Quin aqui fora e pedi que me levasse para sair. Pedi ajuda a ele. E me disse que deveríamos contar para vocês.

- Claro. – Theo assentiu.

- Mas isso é muito sério. São acusações, ameaças. Estão usando nosso nome. – Pedro estava irritado, sem conseguir ficar quieto. Andou de um lado para outro. – Se eu pego o filho da puta que entrou em seu quarto!

- Temos que ter calma agora. – Heitor ponderou. – Anotar o nome de todas as pessoas que estiveram aqui e seus acompanhantes. E nos limitarmos a investigá-los.

- É verdade. – Concordei.

- Mas ... – Gabi fitou Theo. – Sabe quem pode ser? Você se lembra de alguma confusão de nossa família com outra antes que eu fosse deixada aqui, há 17 anos? Temos inimigos que poderiam odiar vocês ao ponto de me largar aqui para ser uma infiltrada e me usarem no futuro?

- Isso é um absurdo! – Pedro já estava revoltado. – Nunca ouvi uma loucura tão grande! Como uma criança pode ser abandonada no meio de inimigos aos três anos para depois ser usada como arma?

- Querem envenená-la contra nós, que o sangue fale mais alto. – Heitor fitou-a. Então sorriu. – Mas não conhecem você, Gabi. É a pessoa mais doce e bondosa que conheço. Se fizeram isso, deram um tiro no pé.

Ela o fitou com carinho, como se suas palavras a tornassem mais forte. E mais, a confiança que elas demonstravam.

- Nunca vou me voltar contra vocês. São a minha família, não importa o que tenha acontecido no passado. Mas fiquei muito assustada. Perdida.

- Eu imagino. – Theo acenou, pensativo, muito sério.

- Quem são eles, Theo? Quem os odeia assim? – Fitou-o, ansiosa.

- Gabi. – Encarou-a, cuidadoso. – Quanto mais poder e dinheiro se tem, maior é o número de inimigos também. Isso é indiscutível. Às vezes precisamos tomar decisões que incomodam, desagradam.

- Mas ... algo sério deve ter acontecido. E naquela época era o papai que ainda estava à frente de tudo, mas você era o braço direito dele, Theo. Sabe de alguma coisa.

Vi quando ele trocou um olhar com Pedro e Heitor. Saquei que, o que quer que fosse, os três sabiam do assunto ou ao menos desconfiavam.

- Vocês precisam nos contar, para sabermos com quem estamos lidando. – Falei.

- Nosso pai não era exatamente um homem paciente para resolver as coisas. – Theo explicou. – Com isso, fez muitas inimizades. Pode ser muita gente.

- Mas tem que ser algo muito grave. Ninguém guarda uma vingança por tanto tempo por besteira. – Insisti. – Conte-nos os casos mais graves daquela época.

- Tiveram pelo menos uns três. – Disse Heitor, compenetrado. – Uns três ou quatro anos antes

de Gabi aparecer aqui, aquela família foi expulsa do sítio que fazia fronteira com nossas terras, lembra Theo?

- Lembro.

- Como foi isso? – Gabi perguntou.

- Havia um casal e uma filha no sítio. Nosso pai queria comprar as terras deles. O homem era bêbado. Lutou até o fim, fez ameaças. – Theo falava mecanicamente, mas a minha impressão era de que não dizia tudo. Estava muito tenso, olhar duro. – Tentou matar nosso pai numa emboscada, mas acertou e matou um dos capatazes daqui. Foi preso e morreu lá na cadeia. A mulher e a filha não tiveram condições de ficar e nos venderam as terras.

- O que aconteceu com elas? – Indagou Gabi, sem tirar os olhos dele.

- Foram embora. A viúva era uma mulher dura, tinha feito muitas ameaças. Nosso pai tentou rastreá-la, ficar de olho em seus passos. Não incomodaram e acabaram sendo esquecidas. Depois disso, sumiram. Nunca mais soubemos delas.

- Mas tentaram saber? – Perguntei.

- Sim. Pessoas que nos odeiam, inimigos, devemos manter mais perto do que os amigos. Assim podemos antecipar seus atos. – Theo recostou-se no sofá, ainda bem tenso, seu semblante carregado. – Mas desapareceram.

- Será ... Que são elas? Na época tinham algum bebê? – Gabi estava ansiosa.

- Não. Mas isso aconteceu por volta de 1990, uns quatro anos antes de você nascer. – Explicou Heitor. – Fora esse caso, teve também de um político local, mais ou menos na mesma época. Ele morava aqui com a esposa e as duas filhas gêmeas, ainda bebês. Queria o apoio do nosso pai nas eleições, mas o velho descobriu as falcatrias dele e jogou tudo na mídia. Ele odiava políticos corruptos. Foi um escândalo, foi decretada a prisão dele, mas se matou quando a polícia chegou em sua casa. A mulher também foi embora com as crianças, mas nunca perdoou nosso pai.

- Meu Deus! – Gabriela mordeu os lábios, sacudindo a cabeça. – E tem mais?

- Tem, Gabi. – Theo encarou-a. – Há anos lutamos para acabar com o tráfico de drogas nessa área e desativar a favela Sovaco de Cobra. Já entramos em conflito com muita gente, com interesses até de gente poderosa que lucra com isso. Também com posseiros e grileiros que já invadiram nossas terras no decorrer dos anos e expulsamos, algumas vezes trocamos tiros. As coisas já andaram ruins por aqui em épocas passadas. Agora somos mais ricos, temos mais vigilância, mas pode ser qualquer pessoa insatisfeita nesse meio.

- Então como ... como vamos saber?

- Investigar. – Pedro completou. – Como Heitor disse, vamos levantar uma lista e nos fixarmos nas pessoas que estiveram aqui, rastrear de onde vem e se estão ligados a algum inimigo do passado.

- Entendi.

Percebi sua decepção. Esperava ter respostas logo, não tantas dúvidas. Completei preocupado:

- Precisa nos contar tudo, Gabi. E não deve sair sozinha por enquanto.

- É verdade. – Theo afirmou. – Quem quer que seja, vai querer se aproximar novamente.

Deixe-me pensar e investigar. Depois bolaremos um plano de pegar a pessoa quando tentar dar o bote.

- Mas Theo ... – Fitou-o, suplicante. – Não use de violência, por favor. Pode ser um pai meu, ou irmão, ou mãe. Sei que estão errados, mas eu ... eu ...

- Fique tranquila. Não somos assassinos. – Segurou sua mão, seguro. – Só confie na gente.

- Isso eu faço. – Garantiu.

Eu respirei fundo, pensativo.

Conhecia meus irmãos e tinha notado o olhar entre eles. Sabiam de mais alguma coisa e não contaram. Por quê? Para proteger Gabi?

Decidi averiguar aquilo, perguntar a eles, investigar se fosse necessário. Mas que tinha mais coisa ali, isso era certo.

CAPÍTULO 11

JOAQUIM

A semana transcorreu relativamente calma. Theo mandou levantar uma lista com pessoas que estiveram na festa e tinha começado as investigações. Mas ainda não tínhamos resposta de nada. E a pessoa que mandou os bilhetes e a foto não voltou a entrar em contato com Gabi.

Eu trabalhei e segui em frente. Toda madrugada ia para o quarto dela e nos amávamos cheios de paixão. Planejávamos contar para nossos irmãos, mas o tempo passava e acabávamos deixando passar, tanto eu quanto ela esperando um momento propício.

Na quinta-feira era meu aniversário de 26 anos e ia haver um jantar em casa, só para a família. Na sexta eu ia comemorar no Falconetes com todos, em uma grande farra. Meus amigos estavam animados, até porque a bebida deles seria por minha conta. Tinham tentado fechar o bar só pra gente, mas Abigail não podia fazer isso, já que lotava no final de semana e era praticamente o único lugar à noite animado para as pessoas irem.

De quarta para quinta, Gabi me deu um parabéns especial na cama, dizendo o quanto me amava, beijando-me todo, presenteando-me com um cordão de ouro com uma medalhinha, onde tinha o J e o G entrelaçados. Disse pra que eu guardasse, que tão logo falássemos com nossos irmãos sobre nós dois, eu poderia usar. E que tinha mais presentes, que só me daria no dia seguinte.

Fiz a loucura de dormir aquela noite com ela e saí de seu quarto sorrateiramente só quando já clareava, correndo um grande risco de ser pego. Mas deu tudo certo.

À noite coloquei uma camisa mais apresentável, jeans novos e me reuni com ela, meu pai, a enfermeira Margarida, Tia e meus irmãos. Tia tinha feito um belo jantar e bolo gelado de sobremesa. Sentamos todos em volta da mesa e fiquei feliz, agradecido pelas pessoas e coisas que eu tinha.

- Estava uma delícia, Tia. – Elogiei os diversos pratos, o que a deixou toda boba.

- Vamos fazer um brinde ao Tourinho! – Disse Pedro, erguendo sua taça de vinho. Eu estava tão feliz que nem me importei com a provocação e brindei com eles à minha saúde, todo sorridente.

Theo pôs um sertanejo de viola, baixo e suave para tocar e fomos para a sala, logo após fazerem questão de cantar parabéns e cortar o bolo. Gabi sorria para mim o tempo todo e eu não via a hora de abraçá-la e contar para todo mundo que era meu amor. A cada dia eu me convencia mais que não podia protelar. O problema era puxar o assunto, contar sem causar mais danos do que os

necessários.

Olhei para meu pai naquela cadeira de rodas, sempre de cara amarrada, praticamente sem sorrir. O que ele diria quando eu falasse que Gabi era o amor da minha vida? Na certa ia me odiar. E o maior medo que eu tinha era esse, que eles não entendessem e me odiassem.

Conversávamos com calma. Theo estava relaxado em uma poltrona, apreciando a música e o vinho, um tanto calado. Eu estava achando-o mais sério que o habitual desde que falamos dos bilhetes e muito pensativo. Sabia que aquilo tudo o preocupou e não sosseitaria até ter alguma resposta.

Pedro e Heitor riam de algo e mais uma vez indaguei a mim mesmo como duas pessoas diferentes podiam se dar tão bem. Apesar de todo estourado, Pedro nunca havia brigado com ele. Ao contrário, eram grandes amigos. Por isso corria o boato que dividiam as mesmas mulheres, tinham gostos semelhantes quanto a isso.

Tia, Gabi e Margarida também conversavam animadas sobre um livro que tinham lido. Era um clima gostoso, familiar, do qual eu estava acostumado. Quase todo aniversário era a mesma coisa.

Os meus primeiros 11 anos de vida, quando minha mãe estava viva, não foram muito diferentes. Não havia festas para convidar coleguinhas. Ela estava sempre meio aérea, meio triste, desligada. Sempre me dava presentes, me abraçava, mas não se empenhava muito. Era Tia quem fazia os bolos e docinhos, quem ficava mais próxima e preocupada como uma mãe.

Estava imerso nesses pensamentos do passado, quando de repente ouvimos uma sirene de um carro que parecia se aproximar do casarão. Theo ergueu-se de imediato, franzindo o cenho, já indo com passos firmes em direção à porta.

- Que porra é essa? – Pedro pulou, alerta. – Polícia?
- Bombeiro? – Heitor também se levantou, confuso.
- Ai, meu Deus! – Tia correu atrás deles para a porta.
- Parece barulho de ambulância! – Alarmou-se Gabi.
- Ham ... ham ... – Meu pai começou a resmungar, nervoso, apontando para a porta. Margarida entendeu e empurrou sua cadeira para lá, também preocupada.

Eu já tinha chegado à varanda com eles, todos sem saber do que se tratava. Então olhamos embasbacados um carro cheio de luzes faiscantes que se aproximava, com a sirene ligada, não sendo nenhuma das opções que pensamos.

- O que é isso? – Theo aproximou-se dos degraus da varanda, olhos fixos no automóvel que, felizmente, parou de tocar a sirene quando estacionou no quintal em frente ao casarão.

Era um Fiat Uno todo colorido, com adesivos de coração e, quando vi as várias bolas de aniversários penduradas na parte de trás, entendi que era um carro de som para mim. Morrendo de

vergonha, fiquei mudo, olhando acusador para meus irmãos, tentando descobrir quem me faria passar um mico daqueles.

- Isso é coisa sua Pedro? – Fitei-o acusadoramente.

- Nem sabia que tinha uma coisa dessas em Florada! – Ele acabou dando uma risada e se recostou na pilastra da varanda para ver melhor.

- Gabi? – Indaguei.

- Não tenho nada a ver com isso. – Disse confusa.

- Então quem ...

Fui interrompido por uma batida repentina e estridente de funk no último volume e todas as minhas dúvidas se dissiparam.

- Tininha ... – Lamentei baixinho.

E como se só esperasse aquela deixa, as portas do automóvel se abriram e do lado do motorista saiu uma mulher com chapéu de aniversário e um microfone na mão, toda sorridente. Era bem gordinha e usava uma roupa rosa chamativa com o emblema na frente escrito dentro de um coração: Mensagens de amor. Começou a falar alto no microfone, em meio à barulheira da música:

- Joaquim Falcão, parabéns! Essa é uma homenagem singela da sua noiva Tininha!

- Noiva? – Heitor ergueu uma sobrancelha para mim. Gabi olhou-me irritada. Abri os braços, como se dissesse: “Que culpa tenho eu”?

Tininha saiu do lado do passageiro, toda sorridente, segurando balões de gás coloridos em uma das mãos, usando um colado e curtíssimo vestido branco.

- Isso tudo é pra você, meu peão!

Todo mundo na varanda olhava pra ela enquanto começava a se rebolar ao som do funk, que na verdade era uma versão de “Feliz Aniversário”, cantando junto:

Hoje é seu aniversário, um dia especial

Vim trazer o meu presente que eu comprei, é na moral

O que tu vai fazer com ele, eu já vou falar pra tu

Só tem duas opções: ou devolve agora ou tu fica pra tu

Só tem duas opções: ou devolve agora ou tu fica pra tu

Feliz aniversário, teu presente é meu ..

O que tu vai fazer com ele, ou devolve agora ou tu fica pra tu

(Daquele jeito hein)

devolve agora ou tu fica pra tu, devolve agora ou tu fica pra tu

Feliz aniversário, teu presente é meu ..

devolve agora ou tu fica pra tu, devolve agora ou tu fica pra tu

Feliz aniversário, teu presente é meu ..

devolve agora ou tu fica pra tu, devolve agora ou tu fica pra tu

devolve agora ou tu fica pra tu, devolve agora ou tu fica pra tu

Feliz aniversário, teu presente é meu ..

E nessa parte, ela dava as costas para todo mundo e sacudia a bunda, depois agachava até o chão, levantava, erguia a perna e virava de novo, pondo as mãos em um joelho e depois no outro, sem soltar os balões, que se sacudiam enquanto se acabava.

A plateia dos empregados crescia e dali da varanda eu podia ouvir as risadas. Rosendo, que cuidava do refeitório, veio animado pela lateral e parou com olhos esbugalhados para Tininha, batendo palmas e rindo às gargalhadas, se remexendo todo animado.

- Meu Deus do Céu! – Tia levou as mãos à boca, com olhos arregalados.
- Ham ... – Meu pai começou a reclamar, furioso, irritado.
- Puta merda ... – Esfreguei as mãos no rosto vermelho, nervoso. – Onde fui me meter ...

Pedro ria de se acabar. Heitor sentou no murinho da varanda, divertindo-se. Theo olhava sem piscar, sério demais. Gabi cruzou os braços, olhando de Tininha para mim acusadoramente. E no meio de tudo aquilo, a gordinha de rosa pegou um papel e começou a ler ao microfone:

- “Joaquim, estou aqui para dizer o quanto amo você. A vida me trouxe de volta a esta cidade para encontrar a outra metade da minha laranja, a tampa do meu pote, o queijo da minha goiabada, o outro par de chinelo para meu pé cansado. Andei pelas feiras da vida em busca dessa laranja, mas era aqui que ela vivia o tempo todo, esperando por mim”.

Tininha continuava a se requebrar ao som do funk, dando o melhor de si. O microfone apitou e a mulher de rosa se afastou um pouco, bateu nele fazendo barulho e continuou a falar em voz romântica:

- “Eu era um limão azedo sem você, mas agora, dou uma boa limonada”.
- É laranja ou limão? – Perguntou Pedro rindo.

Tininha parou um pouco de se mexer como uma minhoca e olhou de cara feia para a dona do carro de som, indo até ela e pegando o microfone, corrigindo:

- Você não tá falando direito! Me dá aqui. – E tomou o papel da mão da mulher. Leu alto sobre o som barulhento:
- “Meu peão, pois estou aqui, cheia de amor, um amor maior que todas as estrelas do universo

multiplicadas por todas as gotas do oceano e somadas a cada grão de areia do deserto”!

- Profundo. – Heitor acabou rindo também.

Eu estava imobilizado, vermelho, furioso.

- Ehshhhhhhhhhhh!!!!!! – Rosendo comemorava, pulando, rindo. Os empregados se divertiam, cada vez acumulando mais gente, formando grupinhos. Eu não sabia o que fazer, imobilizado pela vergonha.

- “Meu peão, venha para meus braços e me deixe te fazer feliz! Cantarei para ti versos sem fim de amor! Louvarei seus atributos, darei jeito em seus desejos. Meu peão, seja meu para todo sempre, pois sou sua! Só sua, até morrermos de velhice ou de umas das tragédias da vida. E mesmo que morras antes de mim, meu peão, nunca te esquecerei! Nunca olharei para outro homem! Sou tua! E és meu”!

Desci as escadas da varanda correndo, já dizendo para a dona do carro de som:

- Obrigado, mas agora pode desligar.

- Ainda não acabou! – Tininha gritou, vindo na minha direção. – Faltam os fogos!

- Fogos? – Olhei-a horrorizado.

- Claro! O presente é completo! Pode soltar!

- Pode soltar nada! Tá maluca? – Apontei para a outra mulher. – Desliga esse som!

- Mais! Mais! – Gritava Rosendo, rindo, pulando, vindo para perto de nós. Meu Deus, só me faltava mais aquela!

- Peão! Tem que ter fogos! Eu paguei pelo pacote completo! – Tininha sorriu para o rapaz e fez uma leve mesura, como se agradecesse. Ele parou de repente, olhando-a com olhos esbugalhados, ficando vermelho. Tinha sido paixão à primeira vista. Quase joguei um nos braços do outro.

- Nada de fogos. – Disse Theo da varanda. – Vai assustar os animais!

Tininha ficou decepcionada e virou-se de imediato para Theo, como se fosse debater. Mas deu com seu olhar sério, sua cara amarrada e pensou duas vezes. Ao mesmo tempo corou, lambeu os lábios e deu uma olhada nele de cima em baixo, piscando charmosamente. Parecia nervosa, agitada e disse melosa:

- Se é assim que o senhor manda ... – Na mesma hora olhou para a dona do carro de som e mudou de tom: - Vai ter que me devolver uma parte do dinheiro.

- Vou nada! – Ela retrucou, franzindo o cenho. – Gastei comprando os fogos!

- Mas ...

- Eu pago os fogos! – Exclamei, irritado, passando a mão pelo cabelo. Respirei fundo. – Agora por favor, chega. Pode desligar o som.

A mulher de rosa obedeceu, um pouco decepcionada por não ter agradado. Tininha veio toda

sensual para cima de mim, ainda segurando os balões e dizendo ao microfone:

- E aí, meu peão, gostou da surpresa?
- Não sou seu peão, Tininha.
- Claro que é!

O que fazer com ela? Parecia ali toda feliz e eu não queria magoá-la, mas já estava cansado de tê-la na minha cola. Assim, só me restou ser bruto, mesmo com minha família, amigos e empregados assistindo a tudo:

- Tininha, escute. Obrigado, valeu pela intenção. Mas eu ...
- Eu sei, não ficou perfeito! – Sacudiu a cabeça. – Eu achei esse texto fraquinho, queria escrever a poesia para ler, mas ELA não deixou!

A pontou acusadoramente para a mulher de rosa, que já ficava irritada.

- Mas meu peão, posso falar tudo agora, de coração!
- Não! – Falei alto, muito puto. Minha paciência com ela tinha acabado. Olhei-a bem sério. – Nós não somos namorados, noivos, nada! Quero que pare de fazer esses shows e ficar atrás de mim!
- Mas meu peão ...

- Porra, não sou seu peão! – Falei tão alto, tão revoltado, que Rosendo se afastou correndo, assustado. Tininha arregalou os olhos, chocada. Todos estavam em silêncio e minha voz saiu bem clara: - Nós não temos nada. Avise a seus pais que não somos noivos. Avise a todo mundo. E pare de me perseguir, Tininha. Minha paciência está por um fio e vou ser realmente grosso com você.

- Já está sendo ... – Se lamuriou, arrasada.
- Precisa entender de uma vez. Chega!
- Mas nós dois ...
- Não tem nós dois!

- Eu pensei que eu e você ... – Parecia acabada, sacudindo a cabeça baixa. Fiquei com pena e corri novamente os dedos entre os cabelos. Odiava maltratar as pessoas e sabia que ela não era uma pessoa ruim, mas tudo aquilo tinha que ter um basta.

Os empregados observavam tudo em silêncio. Atrás de um tronco de árvore ali perto, Rosendo olhava apaixonado para Tininha e com medo para mim, como se não entendesse nada. Na varanda, todos aguardavam calados.

Tininha parecia ter entendido, finalmente. Arrastou a ponta da sandália no chão e acenou com a cabeça, erguendo-a, fitando-me cheia de lágrimas. Suspirei, sentindo-me um cavalo, cheio de culpa por humilhá-la daquele jeito. Pensei em amenizar um pouco as coisas, explicar. Ela murmurou:

- Entendo, meu ... quero dizer, peão. Você não sabe se me ama.
- Tininha, eu não te amo. – Confirmei, para não restar dúvidas.

- Mas não entendo ... – Disse confusa. – Eu fui em uma cartomante e ela me afirmou que vou ser a senhora Falcão! Fiz até um trabalhinho que ela pediu para isso.

- O quê? – Fiquei abismado.

- Coisa boba, uma galinha, algumas garrafas de cachaça ... – Acenou com a mão, para meu horror.

- Fez macumba pra mim?

- Não foi macumba. Foi um agrado, é diferente! Agora não entendo nada! Vou ser a senhora Falcão e você está me desprezando! A não ser ... – Calou-se abruptamente. Então olhou na direção da varanda.

Seus olhos se arregalaram gulosos, passando por Pedro, Heitor e Theo. Fixou-se em meu pai na cadeira de rodas e sacudiu a cabeça.

- Você não, vovô. Mas vocês ... – Sorriu sensualmente para meus irmãos e lambeu os lábios, como se decidisse qual deles escolher.

- Eu to fora! – Pedro falou, dando uma gargalhada.

Heitor acabou rindo também e, quando Tininha deu-lhe uma olhada sexy, ergueu as duas mãos e mentiu:

- Sou comprometido!

Seu olhar foi para Theo, que se mantinha sério. Estremeceu, como se ficasse mexida, lambendo os lábios nervosamente.

- Senhora Falcão ... – Murmurou.

- Meu Deus ... – Tia só conseguia dizer isso, impressionada.

- Chega por hoje. – Theo disse secamente, em voz alta. – O show acabou. Cada um para suas casas.

- Mas eu ... – Começou Tininha.

- Acabou. – Theo olhou-a frio, autoritário. Ela corou profundamente e levou a mão ao coração, arfando.

Não sei se fiquei aliviado por ela mudar o foco da sua paixão para meu irmão ou divertido, sem acreditar que aquela doida existisse mesmo.

- Eu só queria saber ... – Arriscou-se, preocupada. – Qual de vocês vai ser meu marido. Mãe Menininha da Cigana Preta me garantiu que eu vou me casar com um de vocês. Lamento dizer, ela até contou que infelizmente ele vai morrer cedo e me deixar viúva. E vou ser a senhora mais rica de Florada. Quem sabe do Brasil!

- Tininha, está na hora de ir. – Avisei.

- Mas quem vai ser o meu marido? Só preciso saber disso.

- Nem morto! – Pedro ria de se acabar, acompanhado por Heitor, que ria mais dele.

- Eu! Eu sou seu marido!

Todo mundo olhou para onde tinha vindo a voz. Com suas calças pescando, metade da camisa solta e olhos esbugalhados, ainda meio atrás da árvore, Rosendo tinha levantado o braço. E repetiu, dando logo suas risadinhas:

- Eu caso! Eu caso!

Tininha fechou a cara e olhou-o com desprezo. A dona do carro de som avisou:

- Melhor a gente ir.

- Mas ...

- Vá, Tininha. – Falei seco.

- Mas meu peão ...

Olhei-a de cara feia e suspirou. Lançou um último olhar para Pedro e Heitor, depois um pidão para Theo. Por fim se voltou para mim, para Rosendo, para mim de novo.

- Não adianta. É para você que meu coração bate, peão. Eu vou, pois está confuso. Perdi a batalha, mas não a guerra.

- Escute o que estou te dizendo. Não temos nada nem vamos ter. – Fui bem direto. – Se não entender isso por bem, vai entender por mal.

Não disse mais nada. Andou cabisbaixa carregando seus balões coloridos até o carro. Ela e a mulher de rosa entraram. Os empregados já tinham se dispersado, voltando para suas casas. Rosendo continuava atrás da árvore, olhando-a apaixonado.

O carro deu meia volta e dei graças a Deus quando começou a se afastar. Mas então Tininha colocou a cabeça para fora e gritou:

- Tu vai ser meu, peão!

Respirei fundo, irritado. Que carma eu tinha arrumado!

GABRIELA

Tranquei a porta do quarto naquela madrugada, para Joaquim não entrar. Eu morria de ciúmes e, mesmo sabendo que ele não havia incentivado Tininha, que a garota era louca por natureza, não conseguia conter minha raiva. Se não tivesse transado com ela, nada daquilo teria acontecido.

De manhã só saí do quarto quando soube que já tinha ido trabalhar. Evitei-o ao máximo e não

me surpreendeu ao vir almoçar em casa. Geralmente comia no refeitório. Chegou suado por volta de meio-dia, tirando o chapéu, me buscando com os olhos preocupados. Eu empurrava a cadeira de nosso pai até a mesa, na cozinha. Ignorei-o e Joaquim parou na entrada, sem graça, doido para falar comigo sem poder.

- Que bom que veio almoçar conosco, filho! – Exclamou Tia. – Vá lavar suas mãos e venha se sentar.

- Vou tomar um banho e já volto.

- Não demore!

Ele ainda parou meio incerto. Eu sabia que queria que eu inventasse alguma desculpa e fosse atrás dele. Mas saiu e não fui. Sentei à mesa e comecei a pôr o prato do nosso pai.

Joaquim não demorou. Voltou cheirando a sabonete e com uma roupa limpa. Mal o olhei. Ficou incomodado, falou com Tia e meu pai, mas toda hora me olhava, deixando entrever sua ansiedade.

- O que você tem menino? Não para quieto nessa cadeira! – Disse Tia, olhando-o.

- Nada.

Comi em silêncio. Por fim, fui empurrar nosso pai de volta para o quarto quando acabou e Joaquim continuou rondando por ali. Ajudei a enfermeira a colocá-lo na cama e, quando saí, ele me esperava no corredor, encostado à parede.

- Vai continuar fugindo de mim? – Indagou baixo.

Eu o olhei irritada e resolvi ignorar. Ia passar por ele, mas agarrou meu braço e falei entredentes:

- Pare com isso. Alguém pode ver.

- Então fale comigo.

- Não.

Encurralou-me contra a parede, segurando meus pulsos, colando o corpo ao meu.

- Você está louco? – Arregalei os olhos.

Estava atijado, olhos mais verdes do que nunca. Disse irritado:

- Não tenho culpa que a Tininha é louca. Sabe muito bem que não tenho nada com ela.

- Não sei de nada.

- Gabi ...

- Me largue! – Eu me sacudi, mas me pressionou mais e senti seu corpo musculoso, seu pau duro. Arfei, nervosa, excitada.

- Pare de ser ciumenta. Não vê que só tenho olhos pra você? – Falou baixo e duro, perto da minha boca. – Aquela garota é maluca!

- Você dá confiança!

- Eu?

- Sim, você!

Estávamos os dois irritados, nos olhando. Então fitou meus lábios e disse baixinho:

- Às vezes tenho pena dela, só isso. Tininha não bate bem da cabeça, Gabi.

- Não quero saber. Você ...

- Eu te amo. – Beijou suavemente meus lábios, seu corpo todo retesado, a paixão me incendiando. – Só você. Pare de bobear e me beije.

- Não ... – Tremia fora de mim, minha resistência por um fio. – Pare ... é perigoso.

- Dane-se. – E me beijou na boca com paixão.

Fui inebriada por seu cheiro, seu gosto, sua textura. Minhas pernas bambearam, meu coração disparou, perdi a cabeça de vez e quando vi o beijava com igual fome. O desejo veio voraz, fremente, enquanto nossas línguas se encontravam e duelavam, nossos corpos de buscavam.

- Fiquei louco essa noite ... – Murmurou rouco, mordendo meu lábio inferior. – Quando dei com a porta do seu quarto trancada.

- Bem feito ... – Retruquei, esfregando-me nele, lambendo a covinha pronunciada no seu queixo que eu adorava.

- Boba. – Beijou-me de novo na boca, ambos colados, ardentes.

Foi naquele momento que ouvimos um barulho. Só deu tempo de Joaquim ir para trás e me soltar, ajeitando o chapéu na cabeça. E Tia surgiu no corredor. Na hora que nos olhou, percebeu algo errado e estacou, arregalando os olhos. Eu tentava controlar a respiração, mas imaginei como estávamos, com lábios vermelhos e inchados, olhares culpados, corpos ainda ardendo.

Ficou imobilizada, até levar a mão à boca e exclamar:

- Meu Deus ...

- Eu ... Eu vou ver meu pai. – Falei rapidamente, fingindo que nada tinha acontecido, embora a culpa estivesse explícita em mim. Não consegui olhar para ela, tentando disfarçar: - É só isso, Quin, papai está bem. Pode ir.

Joaquim olhou de Tia para mim, na dúvida. Vi que ele ia contar tudo, mas eu estava morrendo de vergonha. Praticamente o empurrei para a porta no fim do corredor:

- Vai, depois a gente conversa.

- Tia ... – Ele ainda começou, fitando a senhora que continuava chocada. – Precisamos falar com a senhora.

- Agora não. – Ela sacudiu a cabeça, nervosa, dando dois passos para trás. – Agora não ...

E voltou por onde viera.

- Merda ... – Quin reclamou, ansioso.

- Depois eu falo com ela. – Olhei-o, nervosa, mas ainda excitada. – Vá para seu trabalho. Mais tarde conversamos.

- Mais tarde é minha festa no Falconetes.

- Depois que voltarmos de lá.

- Certo.

Seus olhos verdes amarelados me consumiam. O desejo ainda estalava entre nós e resisti.

- Vai logo, Quin ...

Ele respirou fundo e acenou com a cabeça. Ia virar para sair, mas voltou rápido com dois passos decididos, puxou-me para seus braços bruscamente e me deu um beijo quente, profundo, apaixonado que me deixou de pernas bambas. Só então me largou e sorriu, lindo.

- Agora eu vou.

Tremendo, eu o observei sair e me encostei à parede, fechando os olhos por um momento. Meu corpo incendiava. Minha vontade era de arrastá-lo para qualquer um dos cômodos da casa e me aproveitar dele. Mas lembrei de Tia quase nos pegando em flagrante e estremeci, um tanto nervosa, mas também aliviada. Talvez fosse bom. Tínhamos que falar com alguém que nos ajudasse a abrir o jogo com nossos irmãos. E quem melhor do que Tia?

Só acho que ficou chocada demais, pois me evitou pelo resto do dia. Vendo seu estado, eu a respeitei, dei um tempo para que se acostumasse com a ideia. Não insisti. Até porque eu tinha um compromisso naquela tarde e saí com meu carro.

Meus irmãos não gostavam que eu dirigisse sozinha até Florada, mas aquilo era algo que só eu podia fazer. Ficariam possessos se soubessem que saí da cidade, passei em frente à Favela Sovaco de Cobra e cheguei à Pedrosa. Mas eu não contaria nada.

Lá fiz o exame de sangue. No dia seguinte poderia pegar o resultado por telefone ou pela internet. Depois disso, voltei rapidamente para casa.

Minha menstruação não tinha descido naqueles dias. Fiz o exame de gravidez, para saber logo se era aquilo ou psicológico. Estava nervosa, ansiosa, enquanto retornava à fazenda. E no fundo torcendo para que desse positivo. Podia parecer besteira ou loucura, mas eu me sentiria mais forte assim. E ninguém poderia nos impedir de ficarmos juntos.

O Falconetes estava lotado naquela sexta-feira. A notícia de que era comemoração do aniversário de Joaquim se espalhou e parecia que a cidade compareceu em peso no bar. Todos gostavam dele e, aliado a isso, os Falcão iam pagar diversas rodadas de bebidas para todos, o que os animou ainda mais.

Fui com Theo de carro. Mal chegamos, ele foi cercado por pessoas que queriam cumprimentá-lo e apertar sua mão, respeitosos, a fim de agradar. Era sem dúvida o homem mais poderoso e influente da região, respeitado demais por todos. Principalmente por sua devoção à cidade e em evitar que o tráfico e a violência chegassem ali. Muitas pessoas o admiravam e eram poucos os inimigos, mas esses se mantinham afastados.

Fomos ao bar e logo abriam espaço pra gente. Theo me indicou um banco e ficou de pé ao meu lado, apoiando os braços na bancada de madeira, seu olhar sempre atento passando em volta.

- Nunca vi esse bar tão lotado.

- Pois é. – Concordei, notando Joaquim, Pedro e Heitor com outros rapazes da fazenda jogando sinuca. Sorri, vendo a alegria de Quin. – O aniversariante está todo feliz.

- Verdade.

- Theo. – Abigail se aproximou de nós do lado de dentro do bar, sorrindo. Era uma mulher bonita e chamativa de seus quarenta anos, com seios fartos, sempre maquiada e com roupas justas marcando suas curvas. Percebi o quanto ficou feliz ao vê-lo. – Você andava sumido daqui.

- Muito trabalho. – Sorriu para ela.

Eu os observei, calada, indagando a mim mesma se ainda seriam amantes. Diziam que agora eram só amigos, mas o modo que a viúva olhava para ele contava outra história. Era com desejo, volúpia, paixão. Theo não parecia muito afetado, mas era óbvio que gostava dela.

Pensei, não pela primeira vez, porque ele nunca tinha se casado. Ia fazer 42 anos, era lindo, rico, assediado. Por que nunca quis ter uma família sua, mulher e filhos? Ele e Pedro nem tocavam no assunto, como se casamento fosse palavra proibida dentro de casa.

Eu gostava de Abigail. Pena que ela não desse sorte com os maridos e já tivesse enterrado dois, recebendo o apelido maldoso de viúva negra. Mas eu sabia que não era por esse motivo que Theo não ficava com ela de maneira séria. Estava na cara que, ao contrário dela, não estava apaixonado. Aliás, eu nunca o vi amando mulher nenhuma.

Lembrei de uma de suas funcionárias mais eficiente, que trabalhava lado a lado com ele no escritório e era uma espécie de braço esquerdo, seu principal apoio depois de Pedro. Valentina. Eu costumava vê-los muito juntos e às vezes ela ia até nossa casa, para resolver negócios. Apesar de ser séria e um tanto fechada, era bonita, elegante, inteligente e boa pessoa. Muitas vezes indagava a mim mesmo se rolaria algo entre eles. Mas minhas esperanças foram por água abaixo quando ela ficou noiva de outro homem.

Eu esperava que um dia meus irmãos encontrassem boas mulheres e formassem família. Sabia que não tinham tido um bom exemplo de casamento em casa. Pelo que ouvi dizer e notei quando pequena, nossos pais eram distantes, estranhos. E devido a alguns boatos soltos notei que nunca

foram realmente felizes. Mas Theo, Pedro e Heitor não podiam se basear só nesse exemplo. Muita gente casava e era feliz.

Enquanto Theo e Abigail conversavam, Dalila se aproximou toda de preto e me estendeu uma latinha de refrigerante e um copo. Sorri e agradei. Ela me surpreendeu ao me fitar seriamente e dizer:

- Elas estão de volta.
- Elas quem? – Encontrei seu olhar fixo e senti um arrepio na coluna.
- As mulheres do seu passado. Estão perto. E querem você.

Estremeci. Sabia que todos diziam que Dalila era sinistra, que falava com gente morta e era macabra. Mas corria à boca miúda que também fazia premonições que muitas vezes davam certo.

- Como você sabe? – Murmurei.
- Eu as vejo.
- Quem são elas? – Perguntei nervosa, com o coração disparado.
- Sua avó. Sua mãe. Sua irmã.
- Onde ... Onde posso encontrá-las? – Eu tremia, segurando a beira do balcão, olhos arregalados para ela.
- Não pode. – Sacudiu a cabeça. – Estão escondidas.
- Mas Dalila ...
- Cuidado com a violência. Ela vai atacar. Ela tem muito ódio, muita maldade.
- Ai, meu Deus ...
- Proteja-o.
- Quem? Proteger quem?

Dalila piscou, como se saísse de um transe. Respirou fundo, cansada. Olhou em volta, mas ninguém prestava atenção na gente. Segurei minha mão sobre o balcão.

- Desculpe. Eu sempre digo que não vou fazer essas coisas, mas quando vejo já fiz.
- Conte mais, Dalila. Fiquei preocupada.
- Não sei de mais nada, querida. Isso foram eles que contaram.
- Eles quem?
- Os espíritos. Confie neles, nunca erram.

Eu a olhava abismada, pálida. Deu um tapinha em minha mão e se afastou para atender outros clientes. Fiquei nervosa, chocada, pálida, pensando em suas palavras.

“Elas”. Minha avó, minha mãe e minha irmã. Então quem me mandava bilhetes eram três mulheres.

Pensei nas histórias do passado que Theo tinha contado e imaginei se seria uma delas. A do

homem que não queria vender o sítio e matou o capataz do meu pai, deixando a mulher e a filha sozinhas, cheias de ódio. Podiam ser minha avó e minha mãe? E ela me teve e à outra menina depois? Ou poderia ser a mulher do político que se matou, com as duas filhas gêmeas? Talvez ela estivesse morando com minha avó.

Minha cabeça fervilhava e olhei para o lado, onde Theo e Abigail conversavam amigavelmente, concentrados um no outro. Lembrei do aviso de Dalila para tomar cuidado com a violência e para protegê-lo. Ele quem? Theo? Heitor? Pedro? Joaquim? Quem, meu Deus?

Estava agoniada e tomei um gole do refrigerante, virando e olhando em volta pela multidão. Havia diversos rostos desconhecidos por ali, pessoas que passavam pela cidade, ou de visita, ou mesmo de cidades vizinhas. Senti um medo atroz me dominar, como se eu estivesse sendo observada. Respirei fundo, tentando me controlar, virando de novo para o bar.

- Tudo bem? – Theo fitou-me, interrompendo seu assunto com Abigail.

- Sim, claro. – Forcei um sorriso, que não o convenceu. Mas fui salva por Bel e nossos amigos que acabavam de chegar e me cercavam animados.

Foi uma noite alegre e animada, com muita bebida e comida. As pessoas dançaram, brincaram no touro mecânico, jogaram sinuca e dardos, conversaram, riram. Estranhei não ver Tininha por ali e achei que talvez ela tivesse tomado jeito.

Em determinado momento, Abigail subiu ao palco e pediu a atenção de todos ao microfone:

- Meus queridos e queridas, boa noite. Gostaria de agradecer a presença de todos aqui e principalmente aos irmãos Falcão, por tão generosamente bancar a festa no meu estabelecimento. – Sorriu, seus olhos indo direto para Theo, que agora ocupava uma mesa comigo, Pedro, Heitor e Joaquim. – Antes de dar os parabéns que Joaquim merece, gostaria de fazer um anunciado a vocês.

Todos prestavam atenção e a música de fundo era baixinha. Abigail continuou:

- Como o bar tem enchido cada vez mais, inclusive atraindo pessoas de outras cidades, resolvemos pôr música ao vivo todas as sextas e sábados, para maior divertimento de vocês. – As pessoas bateram palmas animadas e assoviaram. Ela sorriu e disse: - Por isso, estamos abrindo inscrições para contratar o novo cantor ou cantora oficial dos Falconetes. A partir de semana que vem, vou abrir espaço aqui para quem quiser se apresentar e então eu e Dalila vamos escolher o melhor. É claro que vamos contar com a ajuda de vocês. Obrigada.

Todos comemoram, felizes. Ela continuou:

- Bem, agora vamos todos cantar parabéns para nosso querido Joaquim Falcão, que desde pequeno é esse menino lindo e ajuizado que conhecemos, que se dá bem com todo mundo. Os rapazes da Fazenda Falcão Vermelho prepararam um surpresa para ele. Parabéns, Joaquim!

Olhei sorrindo e batendo palmas para ele, que estava corado, todo sem graça. Os peões da

fazenda se aproximaram animados da mesa, puxando-o, fazendo-o se levantar na maior farra, empurrando-o para o centro da pista. Todo mundo começou a cantar parabéns para você em voz alta e nós nos levantamos.

Eu sorria emocionada, pois Quin merecia tudo aquilo. Era mesmo muito querido, muito simples, com vários amigos, não importava se fossem ricos ou pobres. Estava sem saber o que fazer, sorrindo para as pessoas, acanhado por ser o centro das atenções. E então dois rapazes vieram empurrando um bolo de mentira feito de papelão, enorme, até deixar na frente dele no meio da pista.

As pessoas deliravam, gritavam, cantavam, assoviavam, batiam palmas. Eu franzi o cenho, deixando de sorrir, lembrando de filmes em que vi uma mulher saindo seminua de dentro de um bolo. Não era possível. Já sentia o ciúme me corroer, quando uma música tocada ao som de “parabéns pra você” começava a tocar ao fundo.

O bolo começou a ser rasgado por dentro e as pessoas foram se calando em expectativa, quando uma voz de mulher melosa começou a cantar em um microfone, em inglês todo errado:

Rapoibortei tuyou

Rapoibortei tuyou

Rapoiborteidé Joaquim

Rapoibortei tuyou

- Tininha ... – murmurei, antes mesmo que ela rasgasse de uma vez o papel e saísse do bolo com atitude, pulando no meio do salão, segurando o microfone sem fio, usando apenas um biquíni rosa com rabo felpudo caindo e salto alto, parecendo a pantera cor-de-rosa. Continuou a cantar assassinando o inglês, fazendo caras e bocas para Joaquim, falando sobre o ombro melosamente.

Ele estava imóvel, enquanto os amigos gritavam, riam e aplaudiam. As pessoas se animaram assoviando e batendo palmas, o bar parecia a ponto de desabar.

- Coitado do Tourinho. – Pedro riu ao meu lado.

- Vai ser difícil ele se livrar dessa aí. – Concordou Heitor. – Ela não tem noção de nada.

Vi o quanto estava vermelho e envergonhado e também irritado. Tininha estava tirando a paciência dele e nem tive ciúmes, percebendo que não havia motivos. Suspirei irritada com aquela garota chata, doida para me levantar e ir dar uns sopapos nela.

Quando acabou de cantar, sorriu e fez mesura ao público. Joaquim olhou para trás com olhar assassino aos amigos, que só fizeram rir mais. No entanto, Tininha ainda não tinha acabado e disse ao microfone:

- Meu peão, eu queria dizer que é uma honra ser sua namorada! Que para mim ...

Tomou um susto quando ele deu dois passos à frente e tomou seu microfone, dizendo em alto e bom som:

- Eu quero dizer, gritar, pela milésima vez, Tininha! Você não é minha namorada!

- Mas ...

- Todo mundo ouviu? – Ele olhou em volta, irritado de um jeito que nunca vi. – Os pais dela estão aqui e ouviram? A mulher do carro de som ouviu? Vocês ouviram?

Olhou acusadoramente para os amigos. Eles continuavam rindo de se acabar, o que só aumentava a raiva de Joaquim.

- Não tenho nada com a Tininha!

- Meu peão ... – Ela tentou intervir, mas foi interrompida:

- Não tenho nada com você! Eu tenho namorada! Eu amo outra mulher, vê se entende isso e me deixa em paz, Tininha!

Eu gelei, imóvel na cadeira. Pensei que Joaquim gritaria ao mundo que a mulher que amava era eu. Não consegui olhar para os lados, sabendo o choque que seria para meus irmãos, descobrirem assim, na frente de todo mundo.

Mas felizmente Joaquim respirou fundo e viu que tinha extrapolado. Sacudiu a cabeça e se acalmou mais.

- Me desculpem, fiquei nervoso. Obrigado por tudo, mas Tininha é apenas uma colega. Que isso fique bem claro!

Devolveu o microfone a ela e voltou para a mesa, pisando duro. As pessoas riam e comentavam, os peões da fazenda se divertiam, Abigail trazia rapidamente uma mesinha de rodinhas com bolo verdadeiro para cortar. E apesar de tudo que foi dito, Tininha gritou ao microfone:

- Pois eu te amo, meu peão! E vou te conquistar, ou não me chamo Tininha Silva! Só morta vou deixar de tentar pegar seu coração para mim, seu peão danado de gostoso!

As gargalhadas explodiram no salão. Joaquim se enterrou em sua cadeira, emburrado. E tudo era tão ridículo que só fez uma coisa: sorri.

CAPÍTULO 12

GABRIELA

Eu não conseguiria me concentrar em nada naquele dia. Desde de manhã monitorava a internet, tentando ver se o resultado do exame já tinha saído. Mas nada. Então aproveitei para ver meus recados no facebook e no e-mail. Dei uma lida e parei gelada ao ver o título de um deles: “Quem são os Falcão?”.

Tive medo de abrir. Pensei em sair do quarto e chamar meus irmãos, que deviam estar lá embaixo tomando café-da-manhã naquele sábado. Mas respirando fundo, cliquei e vi que tinha diversas fotos para baixar. Li primeiro o recado:

Você ainda tem tempo de ver o lixo em que está. Não é como eles. São sujos, violentos, aproveitadores. Mataram gente nossa. Não acredite no que falam. Olhe e tire suas próprias conclusões.

Li umas três vezes e então abri o arquivo com imagens e textos. As primeiras eram fotos. Era uma espécie de boate e dava para ver Heitor e Pedro com uma mulher sentada entre eles em uma mesa de canto. Ambos falavam em seu ouvido e ela sorria sensual. Em outra estavam dançando e ela estava no meio dos dois, espremida como um sanduiche, em uma pose altamente sexual, que não deixava dúvida de que transariam. E então a última deles, meus irmãos entrando em um cômodo com ela. Pedro passava a mão em sua bunda e Heitor beijava seu pescoço. Havia uma inscrição embaixo:

São pornográficos. Doentes. Não gostam de coisas normais.

Eu estava um tanto chocada. Eles dividiam mulheres mesmo? Fiquei pensativa, olhando as fotos, sabendo que nunca mais olharia Pedro e Heitor da mesma maneira. Ao mesmo tempo, se quem enviou aquilo achava que eu me bandearia para o lado delas só por que eles tinham desejos sexuais diferentes, estava completamente enganado. Eu não tinha nada a ver com a vida particular dos meus irmãos.

O que mais me deixou preocupada foi notar que foram seguidos. Que alguém andava tão perto

a ponto de frequentar os mesmos locais que eles e tirar fotos, além de vir a uma festa em nossa casa e deixar um bilhete em minha cama. Era como se nos cercassem e vigiassem o tempo todo. Tive medo que fosse alguém próximo. Mas quem?

Nervosa, abri as outras imagens. A primeira já me deixou chocada de cara e arregalei os olhos. Senti-me uma voyeur, uma enxerida em ver aquilo. E ao mesmo tempo não soube o que pensar. Era uma foto de Theo, em um ambiente diferente, parecia um castelo medieval. O que era aquilo?

Ele estava todo de preto. Calça e jaqueta de couro, botas, luvas de couro. De pé, arrogante, olhar frio. Trazia uma corda enrolada em um dos braços e no outro segurava uma corrente de onde saía uma coleira presa no pescoço de uma mulher morena e linda. Ela estava ajoelhada no chão, de quatro, como uma cadela ao lado dele, usando uma espécie de focinheira. Como se a estivesse levando para passear, ou para fazer algo terrível, inimaginável.

Não consegui tirar os olhos daquilo. Nem da foto seguinte, ainda deles, agora entrando em um outro cômodo, de costas para quem tirou a foto. Dava para ver que ele a puxava pela coleira e que havia algo no ânus dela. Parecia um plug anal, onde de fora ficava uma joia redonda e vermelha, como rubi, aparente entre a sua bunda. Esta estava marcada, vermelha, como se tivesse sido castigada. Vi correntes penduradas nas paredes e parte da bota de outra pessoa. Parecia um lugar público. Com olhos arregalados, li a legenda:

Theodoro é um doente. Sofre de parafilia. Se diverte escravizando e humilhando mulheres. É um sádico, da pior espécie.

- Meu Deus, o que é isso? – Murmurei assustada, surpresa. Nunca tinha imaginado que Theo frequentasse aquele tipo de lugar, fosse um dominador ou sádico, não sei.

Olhei de novo para a foto da mulher e ela parecia estranhamente excitada. Não havia aparência de quem foi dominada contra a vontade. Mesmo assim, eu estava muito, mas muito chocada.

Engoli em seco e as outras fotos só me fizeram piorar. Havia de um homem enforcado em uma cela de prisão, outra de um homem caído no chão de um quarto com a cabeça cheia de sangue, outro morto em um mato, com tiros. Senti ânsias, levei a mão à boca, agoniada, apavorada. E a legenda:

Alguns dos assassinatos cometidos por eles.

É assim que quer ficar? No meio dessa corja de doentes e assassinos? Fomos vítimas deles. Seu sangue, o nosso sangue, foi maculado por eles. Não se deixe levar por mentiras e ambições. Reaja. Descubra do que são capazes.

Ergui-me nervosa, andando pelo quarto, tremendo. Sabia que tinha que sair e chamar por eles, mas ainda estava abalada demais para isso. Precisava me acalmar, pensar, ter coragem de encará-los. Afinal, eram particularidades da vida deles expostas e mais, acusações de assassinatos. Corpos. Eu não podia acreditar que tivessem matado essas pessoas.

E mais: como conseguiram aquelas fotos para me enviar?

Agoniada, torcendo as mãos, eu andei de um lado para outro, sem conseguir me acalmar nem pensar com clareza. Morria de vergonha de mostrar aquilo a eles, de saberem que eu estava a par de seus desejos diferentes e até mesmo pecaminosos. E sentia medo, pois o que me diriam daquelas mortes? Poderiam mesmo ser assassinos?

Sabendo que não poderia ficar naquela agonia nem naquelas dúvidas, agarrei meu notebook e saí correndo do quarto, com o coração disparado, vários sentimentos contraditórios me golpeando. Entrei na cozinha como uma bala. Todos estavam lá, tomando café, conversando. E pararam ao ver o modo como cheguei e o pânico em meu rosto.

Na mesma hora Joaquim se levantou e veio rápido até mim:

- O que aconteceu?

Eu pisquei, tremendo. Nervoso, segurou meu braço, trouxe-me mais perto dele. Consegui murmurar:

- Recebi de novo.

- Um bilhete? – Franziu o cenho. – Quando? Onde?

Engoli em seco e mostrei o note.

- Vem aqui, sente-se.

Encontrei os olhos de Theo e a imagem dele com a mulher como se fosse sua cadela encheu minha mente. Fiquei vermelha e baixei os olhos, enquanto me sentava. Nem consegui olhar na direção de Heitor e Pedro.

- Explique tudo, Gabi. – Pediu Heitor.

Joaquim sentou ao meu lado. Tia veio preocupada e ficou de pé perto, acariciando meu cabelo, indagando:

- Mas o que foi que aconteceu?

- Gabi tem recebido uns bilhetes estranhos, ameaçadores. – Explicou Pedro.

- Ah, meu Deus! – Ficou nervosa. – Por que ninguém me disse nada?

Eu abri o notebook nos e-mails e murmurei:

- Recebi hoje. E tem as intimidades de vocês aqui. E fotos ...

- Intimidades? – A voz de Theo chegou dura até mim.

Envergonhada, empurrei o note em sua direção. Lancei um olhar a meu pai e à Tia, que

aguardavam em silêncio. Engoli em seco:

- Desculpe, mas tenho que mostrar. Vocês disseram para não guardar só para mim.
- Mas tem que mostrar mesmo. – Incentivou Joaquim. – São fotos de quê?

Fitei Theo, que não parecia ter mudado nada. Continuava sério, lendo, sem se alterar. Mas seus olhos ardiam, furiosos. Curioso, Joaquim se levantou e foi para trás dele, espiando. Vi a surpresa se estampar em seu rosto. Fitou-me, entendendo meu estado. Mas não disse nada.

Quando acabou, Theo empurrou o note para Heitor e Pedro. Este último soltou um palavrão ao ver o que continha.

- Eu posso olhar? – Indagou Tia.
- Melhor não. – A voz de Theo era baixa, cortante. Olhava para mim e me chamou: - Gabi.

Olhei-o e nunca me senti tão envergonhada diante dele como naquele momento. Pela primeira vez o vi vacilar, como se não soubesse o que dizer. Por fim, disse baixo:

- Isso é assunto meu, da minha vida particular. Preferências que não se discutem. Não obrigo ninguém a fazer o que quero. E há lugares específicos para isso. Se é parafilia, perversão ou maluquice, eu não sei. Só lamento que tenha sido enviado para você assim. – Havia uma ponta de raiva em sua voz.

- Ai ... – Gemeu Tia, nervosa sem nem ao menos saber ao certo o que era.

- Não estou julgando ninguém. – Murmurei, corada. – Eu me sinto ... invadindo a vida particular de vocês.

-Você não fez nada. “Eles” fizeram. – Theo estava muito irritado.

- Elas. – Corrigi.

- O quê? – Joaquim perguntou, sentando-se ao meu lado. Fitei-o.

- Ontem Dalila teve uma daquelas visões dela e disse que as pessoas que estão me enviando isso são elas: minha avó, mãe e irmã.

- Será? – Joaquim ficou meio na dúvida. Dalila acertava muitas coisas, mas era muito excêntrica. Nunca sabíamos se falava tudo por ser um pouco louca.

- Filhas da puta! – Pedro estava furioso. – O que elas têm a ver com a minha vida?

- Alguém pode me explicar melhor tudo isso? – Perguntou Tia, preocupada.

- Ham ... Ham ... – Nosso pai bateu na mesa, nervoso, querendo chamar a atenção. Olhava fixamente para o notebook.

- Ele quer ver. – Disse Heitor, lançando um olhar a Theo. – Essas fotos aqui ...

- Ham ... – Exigia, com semblante raivoso.

- Quem são essas pessoas mortas? – Perguntei. – O que ela tem a ver com vocês?

- São da época do nosso pai. – Explicou Heitor. E entendendo, Mário ficou mais nervoso:

- Ham ... a ... aqui ...

- Mostre. – Theo disse secamente, sabendo que o pai não desistiria.

Pedro abriu o note para o homem idoso. Tia foi atrás dele e ficou horrorizada, não sei se com as imagens sexuais dos meus irmãos ou com as pessoas mortas. Possivelmente com tudo.

- Hammmmmmmmmmmmm ... – Nosso pai ficou com o rosto contorcido, fora de si, batendo no note com a mão fechada. Eu me assustei. Rapidamente Pedro tirou-o da sua frente e o fechou, enquanto Tia tentava acalmá-lo de pé a seu lado, segurando seus ombros:

- Calma, Mario. Calma.

Ele gemia, gritava, se debatia. Theo se ergueu de imediato e empurrou sua cadeira para trás. Agachou-se um pouco na frente dele e disse seguro, direto, fitando seus olhos:

- Estão todos mortos. E vou descobrir quem mandou isso. Agora se acalme.

Ele parecia querer falar, mas a dificuldade em formar palavras não deixava. Seus olhos eram nervosos, raivosos, tensos.

- Eu entendo. Mas precisa ficar calmo.

Nosso pai respirou fundo. E apontou para mim.

- Sim, mandaram para Gabi. Estamos investigando quem fez isso. Com certeza é alguém ligado a uma dessas pessoas nas fotos.

Ele acenou com a cabeça, mais controlado. Theo se levantou, passando os dedos entre os cabelos. Todos estavam em silêncio na sala, a preocupação e a raiva explícitas no rosto de cada um.

- Quem são essas pessoas? – Perguntei, sem saber se algum daqueles homens podia ser parente meu.

- O primeiro é Pablo Amaro, que se enforcou na prisão. – Explicou Heitor. – Lembra que contamos para você que tentou matar papai e acertou o capataz?

- Lembro. Mas ele se matou? Por quê?

- Ninguém sabe. Talvez culpa. Ou pelo fato de ter perdido tudo. – Continuou Heitor.

Concordei com a cabeça. Foi a vez de Theo dizer:

- O que está com ferimento na cabeça é o Deputado Fabrício Nunes, que se matou após a denúncia do nosso pai, que acabou tendo à sua prisão decretada. E o último foi de um dos empregados da fazenda, Juninho Lopes, morto após troca de tiros com ladrões de gado. Ele que facilitava o acesso dos ladrões à fazenda.

- Mas ele foi morto pelos ladrões ou por nós?

- Pelo nosso pessoal. Houve troca de tiros e ele foi baleado. Deixou mulher e três filhos, que logo depois se mudaram daqui.

Acenei diante das explicações de Theo. De uma maneira, todos estavam interligados ao nosso

pai. Fitei-o e ainda estava perturbado, em sua cadeira de rodas, as feições distorcidas, a raiva premente em sua boca apertada e seu olhar.

Passei os olhos por todos eles e percebi que havia mais coisas ali. Parecia que só eu e Joaquim não estávamos informados de tudo. Era óbvio que desconfiavam de alguém e insisti:

- Vocês sabem mais do que querem falar. Se os dois primeiros se mataram e o outro foi morto em troca de tiros, não tiveram culpa. Por que então essas pessoas que se dizem da minha família estão com tanto ódio? Por que o papai ficou tão nervoso?

- Se soubéssemos, já teríamos pegado quem está fazendo isso, Gabi. – Disse Pedro, recostando-se em sua cadeira.

- Vocês sabem. Só não sabem onde encontrá-los. Não é isso? – Eu continuava, notando que estava indo pelo caminho certo.

- Ela está certa? – Joaquim se postou ao meu lado.

Tia suspirou alto, sacudindo a cabeça desolada. Por fim, Theo falou bruscamente:

- Nós desconfiamos.

- Por quê? – Meu coração disparava. – De quem?

- Da família de Pablo Amaro. A esposa e a filha saíram daqui com muito ódio e jurando vingança.

Fiquei olhando para Theo.

- Só por isso?

- Elas achavam que fomos culpados pela perda de suas terras e por Pablo ter morrido na prisão. – Explicou Pedro.

- Acham que ele não se matou?

- Exatamente. – Concordou Heitor.

- E estão certas?

- Disso nós não sabemos. – Continuou Heitor.

Olhei para meu pai, que continuava furioso, pálido. Indaguei a mim mesma se ele teria tido coragem de mandar matar Pablo Amaro. Parecia ainda guardar muito ódio dele.

- E como era o nome delas? – Perguntou Joaquim.

- Estela e Luíza Amaro. – Theo respondeu. Serviu-se de mais café. Tia emendou:

- Duas cobras!

- A senhora as conheceu? – Indaguei.

- Sim. – Ela estremeceu, fitando-me. – Duvido que você tenha algo a ver com elas, Gabi.

- Mas podem ser minha mãe e minha avó. Mas por que diz isso, Tia?

- Eram más, invejosas, sempre criando confusão. Ambiciosas.

Tudo era muito confuso e perturbador. Mas ao menos as coisas se encaixavam. Se fossem mesmo más, explicava o fato de terem me largado ali ainda tão pequena. Quem fazia uma loucura daquelas? Jogar uma criança inocente no meio de pessoas que consideravam inimigas, para depois usá-la em uma vingança? Só um louco.

- Nunca mais souberam delas? – Joaquim estava preocupado.

- Sumiram, literalmente. Por anos esperamos alguma vingança e ataque, mas elas desapareceram do mapa. Não há nenhum registro no nome delas esses anos. – Theo explicou, sério.

Continuávamos em um mato sem cachorro. Mas pelo menos agora eu sabia um pouco da história e do nome das duas mulheres que poderiam ser minha família.

O clima na cozinha era pesado, silencioso. Nosso pai não quis mais comer e ficou gruindo, querendo sair dali. Tia rapidamente empurrou a cadeira de rodas dele para o quarto e Pedro se levantou para ajudar a colocá-lo na cama.

Joaquim sentou-se ao meu lado, fitando-me preocupado.

- Como você está?

- Bem. – Menti. Estava nervosa, preocupada, abalada com as fotos daqueles homens mortos e de meus irmãos com aquelas mulheres. Theo então, com a mulher na coleira, era algo que eu nunca podia imaginar. Que lugar seria aquele?

Era estranho, pois até então foram apenas meus irmãos. Agora pessoas os acusavam de pervertidos e assassinos e as fotos deixavam ver que pelo menos parte das acusações eram verdadeiras. Eu não podia condená-los nem julgá-los, mas estava surpresa com tudo aquilo, sem saber como os encararia dali por diante.

Pedro voltou e se sentou, seus olhos azuis acinzentados voltando-se para mim. Era a primeira vez que eu o via sem graça. Em geral não estava nem aí para a opinião de ninguém.

Não falamos mais nada. Forcei-me a tomar café-da-manhã e Tia retornou, tendo deixado nosso pai com a enfermeira. Sentou-se e olhei de um a um, ainda abalada, preocupada, tendo a sensação que faltava dizer mais coisa. Era como o caso de Micah. Até hoje eu não sabia ao certo o que ocorreu. Ninguém falava, tudo era superficial. Soube da briga com nosso pai, da confusão. Mas porque e como, sempre fui deixada na ignorância. Nem Tia falava do assunto para mim.

Encontrei os olhos verdes de Joaquim e percebi que o nosso segredo era só mais um em meio àquela família cheia de mistérios e palavras não ditas. Acho que ele percebia meu estado, pois parecia preocupado.

- Não fique assim. – Disse com carinho. Não ligou para as outras pessoas na mesa. Pegou minha mão e senti seu amor, seu carinho infinito. Senti todos os olhares sobre nós e rapidamente disfarcei, olhando para Theo, voltando ao assunto:

- Se foi Pablo Amaro e ele morreu alguns anos antes que eu nascesse, deve ser meu avô. As terras que eram dele são nossas agora?

- Sim, perto do riacho. – Theo desceu o olhar até nossas mãos unidas, seu semblante ainda mais fechado. Eu sabia que não era hora. Por isso, soltei a mão de Joaquim e fui me servir de café.

Tia gemeu e se levantou, evitando-nos. Pedro estava de cara feia para Joaquim. Heitor suspirou, como se já soubesse do que acontecia entre a gente.

Eu estremeci. Tinha certeza que Joaquim queria abrir o jogo, eu sentia a energia dele, sua ansiedade. O clima já estava tenso. Pensei no resultado de exame de gravidez, que com aquele e-mail nem cheguei a olhar. E então decidi evitar mais confusão naquele momento.

Levantei com meu note no peito e falei rapidamente:

- Vou guardar no meu quarto e já volto.

Não dei oportunidade de ninguém dizer nada, saí correndo dali.

Eu me tranquei no quarto e abri meu note, buscando freneticamente o resultado do exame de gravidez, meu coração acelerado. Qual não foi minha decepção ao ver que não tinha saído ainda.

Durante o dia, olhei várias vezes e nada. Comecei a me convencer que não entregavam resultados aos sábados e eu teria que ficar naquela agonia até segunda-feira. Tentei agir normal, mas por fim evitei todo mundo. Estava abalada demais com aquelas fotos, com as descobertas e tudo. Claro que nada daquilo era o bastante para me afastar dos meus irmãos, mas confesso que estava chocada.

Ficaria sem dormir direito alguns dias, pensando naquela gente morta. Seria possível que o homem pendurado na corda fosse meu avô? E isso tinha me trazido o nome deles e os dela: Estela e Luíza. Só faltava o da minha irmã, como Dalila falou. Quem seria ela? Mais velha ou não? Por que elas ficaram com minha irmã e me deram para quem julgavam inimigos? Isso não entrava na minha cabeça, revoltando-me. E ao mesmo tempo, agradecia também. Tinha sido muito bem cuidada ali, amada, protegida. E talvez fosse bem diferente com elas.

Só de imaginar que, se fosse criada por elas eu odiaria Joaquim, eu estremecia apavorada. Ele era o homem da minha vida. Eu o amava e amava meus irmãos, meu pai, Tia. Nada disso poderia ser mudado.

Finalmente, às cinco e pouca da tarde, vi que o resultado tinha saído e abri correndo o exame. Meus olhos viram taxas hormonais sem entender, então desceram frenéticos até topar com uma palavra, que ia mudar minha vida. Fiquei estática, mas meu coração galopou como um cavalo, alucinado.

POSITIVO.

Eu estava grávida.

Caí na cama rindo e chorando. Tinha tudo para me desesperar, mas nunca me senti tão feliz na vida. Eu teria um bebê de Joaquim!

Abracei meu travesseiro, soluçando, acariciando minha barriga ainda inexistente, maravilhada. Fiquei louca para sair correndo atrás dele, contar, comemorar, gritar para todo mundo. Mas fiquei lá, sorrindo comigo mesma, enaltecida. Toda a situação me preocupava, mas já sabia o que ia fazer. Esperar Joaquim chegar ali mais tarde e contar para ele. Então, no dia seguinte, falaríamos tudo para nossos irmãos.

Quando a casa ficou silenciosa, tarde da noite, eu me deitei com uma camisola branca na cama e esperei, sabendo que Joaquim logo chegaria. Estava ansiosa, agitada, tão feliz que tudo parecia extravasar de dentro de mim, me devorando em uma alegria e uma esperança que sobrepujaram aquelas notícias e fotos da manhã.

Rolava de um lado para outro, ria sozinha, respirava fundo, rezava para que ele não demorasse muito. E quando a porta abriu silenciosamente e vi sua silhueta alta e forte na penumbra, descalço, usando apenas uma calça jeans, meu coração deu um salto louco e me levantei rapidamente.

Sem poder esperar mais, corri para Joaquim e o encontrei no meio do quarto, jogando-me em seu colo, agarrando-o com braços e pernas enquanto me erguia e pegava forte e eu o beijava sofregamente na boca, louca de tanto amor e tanta felicidade.

Ele me abraçou e beijou também, ambos apaixonados e enlouquecidos, minhas mãos em seu cabelo, as suas sobre minha bunda, colando-me mais contra si.

- Gabi ... – Murmurou, afastando um pouco a cabeça, seus olhos amarelados buscando os meus.
– Pensei que a encontraria chorando na cama ... É tão bom ver você assim!

- Sabe por quê? – Meus olhos se encheram de lágrimas, mas de alegria.

- Diga.

Mas, antes que eu pudesse dar a notícia que almejava, a porta do meu quarto foi aberta com tanta violência que bateu contra a parede, assustando-nos, fazendo com que olhássemos naquela direção.

Pedro estava lá, parecendo furioso, seus olhos soltando chispas. Entrou no quarto como uma fera e vociferou:

- Eu sabia! Filho da puta!

E avançou para cima de nós.

CAPÍTULO 13

JOAQUIM

Eu sabia que quando Pedro perdia a cabeça se tornava um animal irracional e só voltava a si depois de extravasar toda raiva. Por isso, quando avançou, tive certeza que nada o faria parar e me preparei para o pior. Tentei tirar Gabi do colo, mas ela me agarrou com pernas e braços enquanto nosso irmão vinha com sangue nos olhos e gritou:

- Não, Pedro! Para!

Mas ele nem escutaria e tive medo que parte daquela violência resvalasse nela. Por isso a arranquei do colo bruscamente e a joguei na cama, só o tempo suficiente para me desviar do soco que veio. Eu me abaixei e pulei para o lado, mas Pedro estava acostumado lutar boxe e na mesma hora atacou de novo. Gabi gritou. Ao longe escutei barulho, pessoas falando, confusão. Mas nem tive tempo de pensar.

Mesmo sendo rápido, pois Pedro mesmo tinha me ensinado alguns golpes e defesa pessoal, o outro soco dele resvalou meu queixo e senti a dor se espalhar por toda face, enquanto erguia os punhos e defendia seus golpes, sem atacar. Ele parecia uma máquina descontrolada, vindo para cima com tudo, seus olhos azuis acinzentados queimando de ódio, totalmente descontrolado.

- Pare! Pare! – Gabi gritava alucinada, chorando, correndo para nós.

- Fique aí! – Berrei para ela, perdendo o foco preocupado, o que foi suficiente para que Pedro me desse outro soco e me derrubasse no chão.

Minha intenção não era de reagir, só me defender. Mas quando caí, percebi que estava ferrado. Ele acabaria comigo ali. Ergui os braços, pronto a rolar para o lado, quando vi seu punho vir com tudo. Segundos antes que me acertasse, Heitor agarrou-o por trás e o puxou com violência, gritando nervoso:

- Tá maluco, porra?

- Me solta! – Vociferou Pedro, alucinado. – Vou matar esse moleque!

- O que está acontecendo aqui? – Theo veio logo, puto, enfiando-se entre mim e Pedro, que lutava para se soltar.

Ergui-me rapidamente, esfregando o queixo dolorido, sentindo a raiva me consumir. Minha vontade era a de cair na porrada com Pedro, mas era meu irmão e eu sabia como seu gênio era

descontrolado. Respirei fundo, nervoso, cerrando os punhos.

Gabi veio chorando, correndo, se jogando em meus braços. Eu a amparei e abracei, sentindo-a tremer, seu desespero me fazendo querer protegê-la.

- Calma, calma ... – Murmurei contra seus cabelos.

Vendo-nos juntos, Pedro perdeu a cabeça de vez. Rosnou e se debateu, enquanto Heitor lutava para manter seus braços para trás.

- Pare com isso! Pedro! – Theo ordenou em tom imperativo, metendo-se na frente dele, fazendo com que o olhasse. – Me escute, porra!

- Meu Deus, o que está havendo aqui? – Tia entrou no quarto correndo, usando um de seus pijamas coloridos, apavorada. – Meu Jesus Cristo! Valha-me, Deus!

- Esse tourinho filho da mãe entrou no quarto da Gabi! – Berrou Pedro, parando de lutar, mas respirando irregularmente, olhando furioso para mim. – Eu já vinha desconfiando! Hoje saí do meu quarto e vi quando entrou aqui! Peguei os dois agarrados!

O silêncio caiu no quarto. Theo virou-se devagar e olhou para mim friamente. Seu olhar resvalou em Gabi, agarrada em mim chorando, depois voltou aos meus olhos.

Fui engolfado primeiro pelo medo. Não de que quisessem avançar em mim, pois eu era forte e aguentava umas boas porradas. Mas de decepcioná-los, principalmente a Theo, que sempre foi como um pai para mim. Esse foi meu medo desde o início, de dividir nossa família, que já tinha passado por tantas naquela vida.

Mas tinha chegado a hora da decisão e não adiantava esconder mais. Junto a todos os outros sentimentos, também senti alívio, pois não precisava continuar escondendo meus sentimentos. Ergui o queixo que latejava, apertei-a mais forte contra mim e falei em alto e bom som:

- Eu amo a Gabi. E ela me ama. – Não fui atrevido, desafiador nem medroso. Fui só eu, direto, franco, honesto.

- O quê? – Pedro rosou. – Ainda tem coragem de falar?

Heitor estava mudo, nos fitando. Theo mantinha-se imóvel, só seus olhos movendo-se de mim para Gabi. Tia levou as mãos ao rosto, gemendo:

- Bem que sempre desconfiei! Achava que era coisa da minha cabeça, não quis enxergar ... E depois daquele dia no corredor, jurei a mim mesma que estava vendo demais ... Minha Nossa Senhora!

- E eu amo Joaquim! Sempre amei! – Gabi enxugou as lágrimas, largando-me para se meter na minha frente, olhando-os sem vacilar. – E se alguém aqui for encostar nele, vai ter que bater em mim primeiro!

Pedro franziu o cenho para ela, furioso. Heitor tentou contemporizar:

- Calma. –Não parecia muito chocado. – Ninguém aqui vai bater em ninguém.

- Eu vou! – Pedro berrou, voltando a tentar se soltar. - Ela é nossa irmã!

- Pare com isso! Acalme-se! – O tom de Theo era gelado, seu olhar cortante para Pedro. Isso pareceu funcionar, pois ele se controlou, embora fosse óbvio que estava por um fio. Virou-se para nós. – Há quanto tempo acontece isso?

- Quatro anos. – Fui eu que respondi.

- Meu Deus do Céu! – Tia só fazia exclamações religiosas, agoniada, surpresa.

- Mas o Quin não queria! Ele fugia de mim e do que sentíamos um pelo outro. – Disse Gabi, ainda na minha frente, nervosa, tremendo. Eu fiquei comovido por tentar me proteger e a puxei para mim, envolvendo-a nos braços, tentando acalmá-la. Mas continuou, olhando para eles: - Mas eu insisti! Por que o amo! E porque não somos irmãos de sangue!

- Foi criada como nossa irmã! – Berrou Pedro.

- Sim! E amo vocês como irmãos, mas ... Com Quin é diferente.

Eu contei tudo:

- Nós nos amamos há muito tempo. Eu lutei por anos contra esse sentimento, me sentia culpado. Mas não deu para evitar. Estamos juntos e apaixonados. É com ela que quero passar cada minuto da minha vida.

- Mas que merda! –Pedro tentou se soltar. – Me larga, Heitor!

- Não.

- Não vou avançar nesse moleque! Me solta!

- Ah, Deus, nos acuda aqui! – Suplicou Tia, chorosa. – Pedro, meu menino, se acalma!

- To calmo!

Mas parecia furioso. Heitor o largou devagar. Olhou para mim com vontade de me matar, mas se conteve, cerrando os punhos, cara amarrada.

Fomos alvo dos olhares de todos. Nunca me senti tão mal, sabendo que causava discórdia em minha família. Mas não recuei. Era a hora da verdade e eu lutaria pelo meu amor. Fitei Theo e falei baixo:

- Vou me casar com ela. É a mulher da minha vida, não a minha irmã. Aceitem vocês ou não, é assim que vai ser.

Theo não disse nada, muito sério. Era óbvio que não esperava tudo aquilo, como também era o fato de não gostar do que acontecia. Mas provavelmente analisava tudo antes de falar. Pedro xingou um palavrão, sacudindo a cabeça, quase avançando de novo. Heitor era o mais sereno e comentou:

- Já tinha desconfiado disso. Achei que poderia acontecer algo mais entre vocês.

- E não fez nada? – Pedro o encarou com raiva.

- O que queria que eu fizesse? Fosse resolver tudo na porrada como você faz? – Olhou-o de volta, sério. – Ele é nosso irmão!

- Merdinha de irmão!

- Não fale assim com ele! – Gritou Gabi.

Pedro olhou-a surpreso. Era a primeira vez que o enfrentava.

- Gabi ... – Comecei, mas ela não se calou, com raiva. Apontou o dedo para ele, continuando:

- Quem é você para nos acusar? O senhor perfeito? Esqueceu que vi aquelas fotos? Hein? Você e Heitor dividem mulheres, pelo amor de Deus! Theo é um dominador! Coloca mulheres em uma coleira! Não tem santo aqui!

- Olha como fala, menina! – Pedro olhou-a de cara feia. – Posso ser a porra de um depravado! Mas nunca levei uma menina de 16 anos para a cama, ainda mais sendo a minha irmã! Criada comigo!

- Não me levou para a cama aos 16 anos! Começamos a transar há pouco tempo!

- Ah, merda. – Ele tapou os ouvidos, como criança, ficando vermelho. – Não quero ouvir isso!

Se a coisa não fosse tão trágica, eu até riria de Pedro. Ele era estourado, cabeça quente, mas eu sabia como amava e mimava Gabi. Era o verdadeiro irmão cheio de cuidados e proteção com ela. Acho que ainda a via como uma garotinha. Por isso estava tão descontrolado.

Heitor passou a mão pelos cabelos um tanto compridos, respirando fundo. Acho que pensava no que Gabriela falou sobre eles, cheia de razão. Ali todo mundo tinha telhado de vidro.

De qualquer forma, eu ainda me sentia mal por causar tudo aquilo. Mas era necessário. Não tinha como fugir.

- É isso que vocês querem? – Theo indagou, observando-nos.

- Sim. – Gabi disse logo.

Eu acenei com a cabeça.

- E se não der certo? Já pensaram nisso? Como fica a nossa família?

- Theo, vai dar certo. – Garanti. – Eu a amo. Disso não tenho dúvidas.

- Nem eu. – Ela concordou e me abraçou mais, ainda um tanto trêmula. – Queríamos contar a vocês, mas não sabíamos como.

- Não tem muito o que fazer, meninos. – Interveio Tia. – Precisam aceitar, para não dividir a família.

- Eu não aceito! – Vociferou Pedro.

- Mas vai ter que aceitar. – Gabi o olhou. Tinha se acalmado, seu tom estava mais brando. E então disse emocionada: - Porque vocês vão ganhar um novo membro na família. Vão ser titios.

Eu os olhava e vi o alarme em Theo e como ficaram mudos. Então, suas palavras finalmente

fizeram sentido e fitei Gabi de imediato, segurando seus braços, virando-a para mim.

- O quê?

Ela sorriu e seus olhos se encheram de lágrimas.

- Vamos ter um bebê. Estou grávida.

Mesmo sabendo que aquilo podia acontecer, foi como tomar um soco. Por um momento fiquei mudo, fitando seus olhos castanhos claros. Então sorri, uma felicidade imensa me invadindo. Esqueci do mundo, de tudo. Era só eu e Gabi ali. E nosso filho.

- Jura?

- Juro.

Abracei-a forte, emocionado, apertando sua cabeça em meu peito, beijando seus cabelos. Fui envolvido por um amor sem igual, que me deu coragem para enfrentar tudo, que afastou toda preocupação e medo de causar danos à minha família.

Olhei para meus irmãos, sorridente e falei todo bobo:

- Eu vou ser pai.

Heitor foi o primeiro a capitular. Sorriu e veio até nós, estendendo a mão para mim.

- Vocês criaram a maior confusão aqui. Mas entendo. O amor foi mais forte, não é? – Apertou minha mão e acariciou o cabelo de Gabi, que o fitou sorrindo, mas chorando ao mesmo tempo.

Senti o alívio me engolfar por aquela aceitação. Acenei com a cabeça, sem poder falar.

- Droga! – Ouvi Pedro resmungar.

Heitor virou-se para ele e Theo. Disse sereno:

- Agora não adianta espernear. Está feito.

- Eu sei. – Theo acenou com a cabeça e me fitou.

Nunca me senti daquele jeito, em suspenso, nervoso. Ele era nosso irmão mais velho, o que cuidava de tudo desde que nosso pai ficou sem condições. Nunca nos deixou faltar nada e, ao contrário do que as pessoas pensavam, não era um homem frio e sem sentimentos. Dava o sangue para que tivéssemos o melhor e se preocupava mesmo com a gente. Eu o tinha como exemplo e o amava como se fosse seu filho. Por isso, sua aceitação era muito importante para mim.

Olhava-me compenetrado e disse:

- Você devia ter nos falado desde o começo, confiado em nós. Não teria precisado disso tudo.

- Eu sei. – Acenei com a cabeça.

- É como Heitor falou, está feito. Vamos ter que nos acostumar. – Veio até nós e estendeu a mão para Gabi, que a segurou na hora, olhando-o em expectativa. – Independente de tudo, você sempre vai ser nossa irmãzinha. Foi muita coisa acontecendo ultimamente e estamos um pouco chocados com tudo isso, mas nada muda, Gabi. Agora é uma Falcão ainda mais.

- Theo ... – Jogou-se nos braços dele, choramingando, abraçando-o forte. – Sempre vai ser meu irmão mais velho! Sempre!

- Sei disso. – Sorriu e acariciou seu cabelo. Ergueu uma sobrancelha. – E agora tio. Ela riu, entre as lágrimas.

Theo deu um tapa em meu ombro, fitando meus olhos:

- Precisa ser mais responsável agora. Vai ter uma família.

- Eu sei. – Falei baixo, sua aceitação e compreensão sendo mais do que eu merecia, tendo escondido tudo aquilo deles. Lutei para me manter sério, não me emocionar descaradamente como um mariquinha.

- Não acredito! – Reclamou Pedro. – Esse tourinho filho de uma vaca, engravidou nossa irmã embaixo das nossas barbas e vocês nem ligam? Ainda dão os parabéns?

- Pare de reclamar. Agora não adianta. Está feito. – Disse Theo.

- É isso mesmo. E no fundo, era tão óbvio. – Heitor sorriu. – Acho, que a gente que não queria ver.

- Se eu tivesse visto, tinha acabado com essa baderna. – Continuou a reclamar, mas tinha se acalmado mais e corria os dedos entre os cabelos louros escuros, cortados em estilo militar, bem baixinho, lançando-nos olhares.

- Vamos ter um bebê aqui ... Ah, seus dois levados! – Tia veio nos abraçar, chorando.

Nós a abraçamos também com carinho e por fim nos entreolhamos, todo mundo com roupa de dormir, de madrugada, naquele quarto.

Eu me senti aliviado, pois não precisava mais mentir nem esconder que amava Gabi. Tudo estava esclarecido. E com o tempo, até aquele desconforto inicial passaria.

Olhei para Pedro e ele me encarava. Segurei seu olhar e entendi que a raiva estava passando. Ele era assim mesmo. Quando ficava furioso, perdia a cabeça. Mas depois, tão rápido quanto tinha vindo, a fúria cedia. Por isso vivia treinando boxe em Pedrosa, para descarregar aquela energia toda acumulada dentro dele.

Apontou para meu queixo, indagando entre irritado e preocupado:

- Te machuquei muito?

Tive vontade de sorrir. E mesmo não devendo, provoqueei-o:

- Tem que treinar mais. Parece soco de mocinha.

Heitor deu uma risada. Theo sorriu, lançando a Pedro um olhar cínico.

- Olha como fala, moleque. Te dou uma surra! – Resfolegou, mas sem violência. Olhou envergonhado para Gabi. – Não sabia que estava grávida. Entrei aqui daquele jeito, podia até ter te machucado.

- Você nunca faria isso. – Ela garantiu a ele, com carinho.

- Por querer não. – Concordou.

Eu relaxei, Gabi encostada em mim. Olhei agradecido para Tia e meus irmãos. Então pus o dedo no queixo dela e ergui seu rosto para mim. Fui engolfado pelo amor ao fitar seus olhos e perguntar baixinho:

- Casa comigo?

Seus olhos se encheram de lágrimas e sorriu, feliz, abraçando-me forte, murmurando:

- Só se for agora.

- Depois disso tudo, aí de você se não casasse com ela. – Resmungou Pedro.

E eu apenas sorri. Feliz. Muito feliz.

EU E ELAS

Minha avó estava internada e mal de saúde. Já vinha há muito tempo sendo consumida pela doença, mas agora não tinha mais condições de ficar em casa. Eu e minha mãe nos revezávamos no hospital, mas era ela que pegava o pesado, pois eu tinha que ficar me deslocando de lá para Florada, de olho em tudo, vivendo naquele barraco no Sovaco de Cobra.

Estávamos na casa em que vivemos um bom tempo e que agora praticamente ficava vazia, com minha mãe direto no hospital acompanhando minha avó, e eu no barraco da favela. Estava abafado lá dentro, depois de tantos dias fechado. E nós duas em volta da mesa da cozinha, nos fitando e conversando.

- Não tem como eles rastrearem o e-mail. – Expliquei. – Eu o enviei de uma conta falsa, em uma lan house de Aracari, aquela cidade perto de Pedrosa. O máximo que podem fazer é chegar ao lugar, mas aí não tem mais pista.

- Ótimo. – Ela acenou com a cabeça, mexendo em sua xícara de café, séria como sempre. – E o telefonema?

- Arrumei um celular roubado com o Lauro. Está aqui. Fazemos a ligação e depois nos livramos dele.

- Falando em roubado, quando será o próximo roubo de gado? Lauro falou? Temos que dar prejuízo a esses desgraçados. E lucrar em cima deles. Nos devem muito. – Olhou-me irritada, como sempre ficava ao falar daquela família.

- Acho que vai ser amanhã à noite. Eles estão combinando.

- Certo. Então, ligue para ela. Vamos ver se o conteúdo do e-mail a deixou ao menos curiosa.

Acenei com a cabeça e peguei o celular. Por mais incrível que pudesse parecer, me senti nervosa. Seria a primeira vez que ia falar com a minha irmã. Até então, sempre a vi só de longe. Não demonstrei à minha mãe e a fitei, indagando a mim mesma se ela não sentiria falta da filha mais velha. Só falava de Gabriela o essencial. Mas não era mulher de demonstrar o que sentia.

Pus um lenço fino sob o bocal, concentrei-me para aprofundar mais a voz, disfarçando-a um pouco. Quando Gabriela atendeu, meu coração disparou.

- Alô?

- Sou eu. – Falei baixo.

- Quem? – Sua voz era suave, doce.

- Recebeu meu e-mail?

Gabriela ficou muda. Esperei, ansiosa, tentando me manter fria, quando por dentro eu tremia. Então ela murmurou:

- Você ... é minha irmã?

Fiquei surpresa que ela soubesse. Fixei os olhos nos de minha mãe e fui engolfada por uma emoção indescritível. Tentei me concentrar, não vacilar. Não respondi. Rebatí:

- Viu ou não?

- Vi. Por que estão fazendo isso comigo? – Indagou angustiada.

- Precisa saber quem eles são.

- São meus irmãos, minha família. Me amaram e me protegeram quando vocês me abandonaram. – Acusou.

- Foi preciso.

- Preciso? Para quê? Para me usarem nessa vingança horrível? O que vocês têm contra eles? O que fizeram para ficarem com tanto ódio? – Parecia nervosa.

- Se viu as fotos, sabe que são assassinos. Mataram aquelas pessoas. – Comecei a ficar irritada, lembrando de tudo que passamos por causa deles. – Destruíram a nossa família, mas isso você não quer saber. Foi criada no luxo e eu na miséria. Agora nos dá as costas!

- Não é isso! Quem é você? Qual o seu nome? Podemos conversar, nos entender! Quero muito conhecer você! Por favor, me dê uma chance. Esqueça essa vingança e ...

- Nunca! Pensa que sou boba? – O tempo todo eu forçava a voz para ser mais grossa, disfarçada. – Só quero saber uma coisa: está do nosso lado ou contra nós?

- Não estou de lado nenhum! Precisa entender, não conheço vocês! Não sei ao certo do que acusam meus irmãos!

- Não são seus irmãos! – Exclamei, com raiva. – Está no meio de assassinos! Mataram uma

pessoa da nossa família. Nos tiraram tudo!

- Eles não fariam isso ... – Choramíngou, angustiada. – Você não os conhece.

- Sei tudo sobre eles. Posso garantir que é você quem não os conhece. Só quero uma resposta:

Vai nos ajudar? Ou está com eles?

- Quero ajudar vocês, mas sem essa vingança. Por favor, me escute ...

- Sim ou não?

Ouvi um barulho do outro lado da linha e outra voz. Me preparei para desligar, mas me assustei quando uma voz grossa de homem falou com rispidez:

- Quem é você? Por que não deixa a Gabi em paz?

- Joaquim? – Arrisquei, nervosa, minha raiva aumentando.

Minha mãe arregalou os olhos.

- Sou eu. Ao contrário de vocês, não tenho medo de me identificar. Se acham que foram injustiçadas e querem alguma coisa, mostrem a cara! – Exigiu, puto.

- Vocês vão pagar por tudo, seus desgraçados! Por tudo! – E desliguei, tremendo, arquejando.

- O que foi isso? – Exigiu minha mãe, vendo meu estado.

- Joaquim Falcão tomou o telefone dela.

- Praga! O que ele disse? Eva, o que ele disse?

- Mandou mostrarmos a cara.

- Desgraçado! Claro, para saber quem somos e se livrar da gente! – Levantou-se, possessa.

Andou pela cozinha, seus traços bonitos contorcidos pela cólera. – Filhos da puta!

- Teve uma coisa que ele falou que me preocupou. – Fitei-a.

- O quê?

- “Injustiçadas”. Foi essa a palavra que usou. Que se nos sentíamos injustiçadas era para mostrarmos a cara. Como sabe que somos só mulheres? Será que já sacaram quem somos?

- É possível. – Passou a mão pelos cabelos loiros, ainda tremendo de raiva. – Sabem que nos prejudicaram no passado. Não sabem de você, mas de mim e da mamãe. Por isso, só você pode aparecer se for necessário, Eva.

- Eu sei. – Recostei-me na cadeira. – O que vamos fazer?

- Droga! – Voltou a se sentar, tamborilando as unhas na mesa. Seus olhos brilhavam, cheios de raiva. – Sabe qual o problema da Gabriela? Por que nada do que fizemos a convenceu? Porque é amante desse Joaquim. Está de quatro por ele. É uma dominada! Uma burra!

Não falei nada por um momento. Sabia que precisava descarregar sua raiva. Por fim, comentei:

- No Falconetes, no aniversário dele, a tal da maluca funkeira saiu de um bolo e disse que era namorada dele. Ficou furioso e disse em alto e bom som que amava outra mulher e tinha namorada.

Só podia estar falando de Gabriela.

- Você vê como eles são? Humilhou a garota na frente de todo mundo.

- Não o estou defendendo. Mas essa tal de Tininha parece maluca, não entende as coisas. Pelo que vi, vive atrás dele. Até que perdeu a paciência e a dispensou na frente de todo mundo.

- Mas aposto que já se aproveitou muito dela. São assim, os desgraçados! – Agarrou sua xícara e tomou um gole do café já morno, sua mente trabalhando em soluções. Por fim, me encarou. – Temos uma única chance com Gabriela.

- Qual?

- Ela se decepcionar muito com esse Joaquim. Acreditar que ele não presta. Que eles não prestam, mas acho que devemos nos focar nele.

- Mas como? Tem alguma ideia?

- Tenho. Vou pensar bem. Quando vai ser aquele luau na beira do rio que você disse que estavam combinando, os amigos da Gabriela?

- Acho que é na quinta-feira.

- Se Gabriela vai, ele deve ir também. E essa Tininha?

- Com certeza vai estar lá e correndo atrás dele.

- Entendo. – Sorriu friamente. – E com certeza também ele vai desprezá-la de novo. Aí está.

- Ainda não entendi aonde quer chegar, mãe.

- Preciso pensar, planejar tudo.

- Certo. – Suspirei, não querendo dizer, mas achando que Gabriela já estava perdida para nós. Acho que nada a faria se afastar de Joaquim e dos outros. – Mas e se não der certo? Vamos ao plano B?

- É bem provável que tenhamos que partir ao plano C. O plano B, encontrar o Falcão perdido para nos ajudar, está se mostrando bem difícil. A última pista que temos dele é de que vivia no Rio de Janeiro e era um bandido.

- Bandido? – Ergui uma sobrancelha.

- Ligado com tráfico de drogas. Mas depois daí sumiu. Meu amigo lá do Rio continua atrás de informações, mas pode demorar. Então, temos que ir ao plano C.

- Mas esse também não será possível. Não com Gabriela e Joaquim sendo amantes.

Aquele plano era uma carta guardada nossa. Se os outros não dessem certo, eu apareceria na cidade e armaria um plano para seduzir Joaquim Falcão. Era o mais próximo da minha idade e caçula, portanto seria mais fácil de dominar. Um meio de conseguirmos o que queria era através do casamento. Aí seria mais fácil recuperar tudo que nos tiraram.

- Mas não tem só um Falcão. – Observou-me, atenta, franzindo os lábios.

- Os outros têm o dobro da minha idade. E são mais cascudos. Podem não cair no que eu armar.

- Se fizer direitinho, caem sim. Sobre armas de sedução, ninguém entende mais do que eu. E linda do jeito que é, não será difícil.

Eu me remexi, incomodada. Desde o início deixamos aquela como última alternativa porque eu não queria me deitar com um inimigo, um assassino. Encarei-a, sabendo que iria até o final mesmo assim. Foram anos e anos odiando-os, entrando nos planos da minha mãe e minha avó, para desistir assim.

- Pensou em quem? Heitor? Ele parece o mais romântico deles.

- Não. Tem que ir no maioral, no pior deles. – Seu queixo tremia, seus olhos eram ódio puro. – Fazer aquele desgraçado se apaixonar tão loucamente que, quando cair, ninguém o levanta mais.

- Theodoro? – Franzi o cenho, preocupada. – Mas a senhora mesmo disse que é o mais frio, que não se apaixona.

- Você pode mudar isso.

- Mãe, lembra o que sabemos dele? Os lugares que frequenta? O que faz com aquelas mulheres? – Eu não podia acreditar que pensava em me entregar de bandeja para aquele sádico.

- Claro que sei. De tudo. E daquele covil dele, aquele apartamento onde leva suas escravas, suas vítimas. Filho da puta ... – Rosnou, com tanta fúria que estava pálida ao extremo. Fitou meus olhos. – Por isso mesmo, por sabermos do gosto e preferência dele, podemos conquistá-lo. Pode ser a escrava perfeita que ele deseja.

- O homem tem 40 anos e eu nem fiz vinte ainda! E bate nas mulheres, as humilha ... Não, prefiro outra coisa. Não vou apanhar dele! Nem ser o seu capacho! – Exclamei, sendo agora minha vez de levantar e andar pela cozinha apertada, um tanto nervosa.

Lembrei daquela vez na casa dele, em que o encarei frente a frente quando saía da festa. Tinha uma cara de mau e um olhar ... Não conseguia esquecer aquele olhar, como se penetrasse na minha alma e me visse por dentro. Era um homem duro, autoritário, acostumado a fazer tudo a sua maneira, ter todo mundo nas mãos. Eu não seria páreo para ele.

- Fique calma, Eva. Isso será em último caso. E se pensar bem, vai ver que tenho razão. Se você destruir o chefe daquela família, o cabeça de tudo, os outros caem sozinhos.

- Mãe ...

- Sabia desde o início que precisaríamos fazer sacrifícios.

- Não ser espancada e escravizada por um louco sadomasoquista!

- Talvez não seja necessário. Podemos achar o rebelde. Ele deve odiar a família tanto quanto nós e tem muito a ganhar sendo nosso aliado. Ou Gabriela pode entender que eles não prestam e

mudar de ideia. Tudo pode acontecer.

Respirei fundo, cansada. Ela continuou:

- Está na hora de aparecer, Eva.

- Como assim?

- Como você é. Fingir que é a pobre órfã que chegou à cidade em busca de trabalho. Assim, se mais tarde precisar se aproximar deles, não vai surgir do nada. Pessoas de lá já te conhecerão. E também ...

- Também?

- Se aproxime dos amigos de Gabriela, principalmente daquela Bel. Ficaré a par do que vai acontecer. E me informe tudo que puder sobre esse luau.

- O que vai fazer?

Nós nos encaramos. Ela sorriu, fria.

- Estou decidindo ainda. Depois que souber, te falo.

- Acho que será em vão. Gabriela não vai se voltar contra eles.

- É nossa última tentativa. Mas faça como falei. Assuma aquela personalidade que montamos, mas de cara limpa. Está na hora de você aparecer.

- Está bem, mãe. – Suspirei, sem gostar daquilo, preocupada sobre o que planejava naquele luau. Era teimosa, não me ouviria.

- Agora preciso voltar ao hospital. – Ela se levantou. Veio até perto de mim e parou à minha frente. Era mais alta e nunca foi muito fã de contatos físicos, mas sempre me protegeu com unhas e dentes. Eu não conseguia entender como podia pensar em me colocar nas mãos de Theodoro Falcão. – Estamos unidas, Eva. Se não lutarmos por nós, ninguém o fará.

- Quando planejamos que, se nada desse certo eu deveria tentar seduzir Joaquim Falcão, eu concordei por isso. Porque estamos juntas e eles nos devem tudo que nos tiraram. Mas o mais velho ... Esse homem me dá medo.

Seus olhos ficaram de novo cheios de raiva.

- Imagine se conseguirmos acabar com ele, Eva? O todo poderoso, que se acha o dono de tudo? – Corou, respirando irregularmente. Sua voz saiu estranha, como se falasse consigo mesma. – Há muito tempo Theodoro tem uma dívida comigo.

- Que dívida? – Estranhei, curiosa.

- Tudo isso que já sabemos. – Desconversou. – Não se preocupe antes do tempo. Muita água vai rolar. E aos poucos vai entender o que estou dizendo.

Suspirei, cansada. A cada dia mais as coisas se complicavam.

Mas eu não ia desanimar. Só pararia quando tirasse deles o que era nosso. Com juro de todo

mal que causaram. E se fosse necessário cruzar o caminho de Theodoro Falcão, era o que eu faria.

CAPÍTULO 14

GABRIELA

Estávamos reunidos na sala e havia tensão no ar. Primeiro foi difícil dar a notícia ao nosso pai de que eu e Quin estávamos namorando. Ele reagiu mal, ficou nervoso, rosnou, gemeu, seu rosto vermelho e congestionado. Demorou até que pudéssemos explicar tudo e ele se acalmasse um pouco. Mesmo assim ficou irritado e quis voltar para o quarto. Acho que só com o tempo aceitaria de vez.

Se ficou emocionado pelo fato de que ia ser avô, não demonstrou. Pareceu querer evitar o assunto e Tia teve que tirá-lo da sala. Antes, eu e Joaquim contamos a eles sobre o telefonema que recebi mais cedo. Theo e Pedro tinham saído para averiguar tudo e agora estavam de volta. Agora nós conversávamos sobre isso.

- Foi até fácil descobrir de onde enviaram o e-mail para você, Gabi. – Explicou Theo. – Mas demos em uma lan house em Aracari e um e-mail falso. Ou seja, não há pista. O dono do estabelecimento não tem câmeras internas, então não dá para ver quem esteve no local e horário em que o e-mail foi enviado.

- Merda! – Reclamou Joaquim. – E o telefonema?

- Isso vai ser mais difícil. A agência que usamos e o delegado Ramiro pediram a quebra do sigilo telefônico, mas não é muito rápido. No entanto, acho que são espertos. Com certeza usaram um telefone roubado ou compraram algum desses pré-pagos com CPF falso. Já deu para perceber que estão sendo cuidadosos.

- Cuidadasas, Theo. – Eu falei, olhando-o um tanto nervosa. – Dalila disse que são mulheres e ela pareceu surpresa quando perguntei se era minha irmã. Acredito que sejam da minha família de sangue mesmo.

- Estamos em um mato sem cachorro. – Opinou Pedro, sacudindo a cabeça. – Temos que esperar mais pistas. Agora uma coisa é certa: estão se mostrando mais. Começaram com bilhetes, uma delas veio aqui e deixou um em sua cama, partiram para e-mail e agora telefonemas.

- Isso é preocupante. Com raiva por não terem sucesso, podem se tornar mais perigosas. – Heitor franziu o cenho, batendo a mão no braço da poltrona.

- É verdade. – Theo concordou e me olhou. – Não pode sair sozinha e deve se manter sempre alerta, Gabi. O fato é que se mostrando mais, elas também têm chance maior de errarem e deixarem

pistas. Isso me lembra outra coisa.

- O quê? – Indaguei, ansiosa, com um bolo na garganta.

- O investigador levantou uma lista de todos os convidados que estiveram aqui na festa. Como pensamos, a maioria era de conhecidos e foi possível rastrear. Menos uma pessoa. – Continuou Theo.

- Quem?

- Um dos nossos contadores, Robson, veio acompanhado de uma namorada. E quando foi questionado, confessou só saber o nome dela. Mas nada. Ele a conheceu em uma livraria e saíram algumas vezes, mas conversavam mais sobre livros. Disse que depois da festa ela sumiu.

- Deve ser ela. Qual o nome? – Perguntou Joaquim.

- Angélica. Mas com certeza é um nome falso. Bem provável que seja a irmã de Gabi. – Theo me fitou e completou: - Eu a vi quando saía com Robson, mas foi muito rápido. Cabelos cheios e negros quase escondendo o rosto, magra, mediana, bem jovem, usando óculos e de olhos escuros. Mas agora, pensando bem, tinha um aspecto estranho. Podia estar disfarçada.

- Droga! Isso não nos ajuda muito! – Reclamou Pedro.

- Não mesmo. – Theo concordou.

Eu estava desanimada e preocupada. E foi assim que falei:

- Ela parecia uma pessoa com muito ódio. Disse que enquanto fui criada no luxo, ela teve que viver na miséria. Sei que não vão desistir. Tenho medo do que possam fazer.

- Vamos ficar atentos. – Garantiu Heitor.

Ficou claro que estávamos contidos por enquanto, sem ação.

Depois de conversarmos e combinarmos que eu não sairia sem a companhia de um deles por enquanto, ainda mais estando grávida, a reunião terminou. Mas antes que nos levantássemos, Theo pediu a palavra novamente.

- Joaquim e Gabi, tem mais uma coisa.

- O quê? – Quin olhou-o, preocupado.

- Ontem, quando falaram em se casar, lembrei de algo que li uma vez, em uma das aulas de Direito que tive na faculdade e fui pesquisar. – Esperamos e ele continuou, fitando-nos: - Vocês não podem se casar.

- Como assim? – Franzi o cenho, confusa.

- A lei do nosso país diz que irmãos não podem se casar.

- Mas não somos irmãos de sangue! – Exclamou Quin.

- Tem o mesmo nome de pai e de mãe. Gabi foi adotada legalmente. Perante a lei é nossa irmã e isso não pode ser desfeito. É considerado incesto.

- Mas deve ter uma brecha nessa lei, Theo. – Heitor se inclinou para frente, apoiando os

cotovelos nos joelhos.

- Não, eu me informei com nossos advogados. – Ele negou com a cabeça. – Não podem se casar nem no civil nem no religioso.

Eu estava surpresa e muito decepcionada. Na hora meus olhos se encheram de lágrimas e Joaquim, sentado ao meu lado, abraçou-me. Ficou revoltado:

- Mas que lei ridícula! Se a pessoa provasse que não é irmão de sangue, deveria poder se casar!

- Infelizmente é assim, Joaquim. – Theo fitou-me e seu semblante duro, quase sempre com aquela ruga entre as sobrancelhas, se abrandou. – Gabi, sei que é decepcionante, mas isso não deve ser um empecilho para vocês. Podemos fazer uma grande festa, comemorar, fazer um casamento simbólico. No final das contas, as leis foram feitas pelos homens. Apenas para manter a ordem e ter mais controle sobre a sociedade. Não é uma coisa sagrada.

- Eu sei, mas ... – Sacudi a cabeça, com vontade de chorar. – É tão injusto!

- Não pode nem uma união estável? – Indagou Pedro.

- Não. Nada. Podem morar juntos e fazer um casamento simbólico.

- Para mim não importa. – Joaquim se virou para mim e ergueu meu rosto, fazendo-me olhá-lo. Seu semblante era terno, preocupado, brando. – Estamos juntos, nos amamos, vamos ter um filho. Já estamos casados em corpo e alma, Gabi. Não vamos nos deixar abater por isso. Nossos irmãos já aceitaram e até nosso pai se conformou. O que importa uma lei idiota perante isso?

- Tem razão. – Tentei ser forte e empurrar a decepção para longe. Respirei fundo, embora aquela notícia tivesse me pegado de surpresa. – Certo, não vou deixar isso me perturbar. Estamos juntos. Isso que importa.

- Exatamente. – Ele sorriu.

Era completamente apaixonante ver como se importava comigo, como me amava. Estava lá, em cada parte dele, exposto para quem quisesse ver. Joaquim era grande, musculoso, nervosinho, mas tão terno comigo! Ainda mais agora, que não precisava disfarçar que me tinha como sua. E isso, mais do que tudo, é que me fez querer ser forte e lutar por nosso amor, independente das dificuldades.

- Quero uma festa bem bonita. Com tudo que temos direito. – Sorri para ele.

- E vai ter. Vamos combinar tudo.

- Ainda não me acostumo em ver isso. – Reclamou Pedro diante de nosso afeto, com toques e olhares carinhosos. Ergueu-se, um pouco nervoso. – Vou sair por aí.

Heitor sorriu do seu ciúme. Eu e Joaquim nos afastamos um pouco, para não constrangê-los, um pouco encabulados. Theo também se levantou:

- Tenho que fazer uns telefonemas. Lembrem-se de não abusarem longe daqui e fiquem atentos.

Olhos abertos com essas ameaças.

- Pode deixar. – Quin garantiu.

Eles acabaram saindo para cuidar de suas coisas e ficamos só nós dois. Era domingo e resolvemos sair para cavalgar um pouco pela fazenda, passarmos o dia juntos.

- Será que pode cavalgar? – Olhou para minha barriga, preocupado.

- Claro! Estou acostumada e Dorothy é mansa.

- Não sei não ...

- Deixe de ser bobo. – Sorri enquanto saíamos de casa de mãos dadas. – Estou ótima e gravidez não é doença.

- Mas tem que tomar cuidado. E marcar um médico, para perguntarmos tudo a ele.

- Pode deixar, papaizinho ...

Acabou sorrindo com minha brincadeira e, enquanto nos dirigíamos aos estábulos, comentou:

- Temos que ir explicando devagar aos empregados que somos namorados. O povo todo vai ficar confuso.

- É verdade. Mas logo entendem. – Dei de ombros e não soltei sua mão. Tinha sido muito tempo escondendo nossos sentimentos e não queria mais isso.

- Certo. – Acenou com a cabeça.

Fazia uma manhã linda e as terras se estendiam imensas e verdes, a se perder de vista, encontrando o céu incrivelmente azul no horizonte, quase sem nuvens. Uma brisa suave soprava e ergui o rosto, sentindo-a. Naquele momento deixei todas as preocupações de lado. O fato de ter minha família de sangue nos ameaçando ou não poder casar sendo relegados a segundo plano diante da felicidade de estar com Joaquim, livre e alegre, realizada. Todo o resto pareceu sem importância.

Chegamos aos estábulos e demos com um dos peões, Abel, cuidando das selas. Era um homem mediano por volta dos quarenta anos, rosto vermelho por gostar demais de uma cachaça. Quase foi demitido por Heitor devido a ser visto alcoolizado uma vez durante o trabalho, mas implorou e foi lhe dada mais uma chance. Agora só bebia depois do expediente, geralmente sozinho em casa, sem criar confusão para ninguém,

Virou-se sorridente e olhou para nossas mãos dadas, ficando um tanto indeciso e confuso. Mas não comentou o fato e disfarçou:

- Bom dia, meus jovens! Vão cavalgar um pouquinho?

- É, aproveitar o dia, Abel. – Joaquim explicou. Mas não soltou minha mão até chegarmos onde nossas selas ficavam penduradas. Só então foi se ocupar delas e eu o ajudei a amarrar em nossos cavalos.

Batemos papo com Abel e depois saímos cavalcando lado a lado. Olhei para Quin, sua figura

recortada contra a luz do dia, o chapéu enfiado em sua cabeça sombreando seu rosto, e fui invadida por uma miríade de sentimentos e sensações. Passei o olhar por seu rosto anguloso e lindo, aquela covinha no queixo bem marcado, o nariz fino e aquela boca carnuda, meu ventre se retorcendo de desejo e amor.

Acaricieei suavemente minha barriga, encantada que ali estivesse nascendo uma vida que geramos juntos. Ainda estava estonteada e maravilhada com tudo, em uma bolha de felicidade extrema. Ele virou o rosto para mim e fitou-me, semicerrando os olhos, seguindo o movimento de minha mão sobre o ventre:

- Tudo bem?
- Sim, ótimo. – Meu sorriso se alargou. – Apenas acariciando nosso filho.

Ele sorriu. Mas a preocupação continuou:

- Ainda não acho boa ideia cavalgar grávida.
- Está tranquilo, deixa de ser bobo.

Não disse mais nada, mas ficou de olho em mim. Achei tão bonitinho, que emparelhei a Dorothy com Ferrugem e estendi minha mão. Na hora segurou-a e seus olhos verdes amarelados consumiram os meus, ardentes. Disse baixinho:

- Vou passar o dia dentro de você, em cada canto dessa fazenda.

Estremeci com sua voz carregada de tesão e seu olhar sensual. Na mesma hora o desejo veio voraz. Seus dedos grandes se entrelaçaram nos meus e murmurei:

- Mas os empregados ...
- Hoje é domingo. Estão em suas casas. Deixe comigo. – Piscou um olho e algo se revolveu dentro de mim, quente, ansiando seu toque, seu beijo, aquele momento esplendoroso em que sentia seu pau penetrando meu corpo, me possuindo com fome voraz.

Trotamos lentamente pelas terras abundantes e por um momento esqueci todos os problemas. Eu amava aquela fazenda e era ali que queria viver para sempre. E amava Joaquim mais do que qualquer coisa na vida, tão loucamente que não havia uma polegada do meu corpo que não clamasse por ele. Por isso me sentia plena, absurdamente realizada, deslumbrada.

Quase não falamos, apenas apreciando a companhia um do outro, sentindo o cheiro de mato e terra fresca, passando pelos mini retiros, vez ou outra acenando para algum empregado encarregado de alimentar os animais ou fazer algum outro serviço para o qual foi escalado. Contornamos parte da propriedade em que eram cultivados alimentos para consumo interno de todos e percorremos as margens do riacho que cortava toda fazenda.

Quin conhecia tudo como a palma de sua mão e levou-me por entre árvores mais distantes, em trilhas que só tinha percorrido muito tempo atrás. Lembrei que por ali tinha uma pequena cachoeira

que formava um lago, cercado de árvores. E quando seguimos para lá, soube que chegávamos a um paraíso. Suspirei em expectativa, excitada, ansiosa, sabendo que gozaria de momentos inesquecíveis. E gozaria muito, literalmente.

JOAQUIM

*Eu te dei o ouro do sol, a prata da lua
Te dei as estrelas pra desenhar o teu céu
Na linha do tempo, o destino escreveu
Com letras douradas
Você e eu*

*Há quanto tempo eu esperava
Encontrar alguém assim
Que se encaixasse bem nos planos
Que um dia fiz pra mim
Você e eu*

*Vou dizer
Que nessas frases tem um pouco de nós dois
E não deixamos o agora pra depois
Quando te vejo eu me sinto tão completo
Por onde vou
E nesses traços vou tentando descrever
Que mil palavras é tão pouco pra dizer
Que o sentimento muda tudo, muda o mundo
Isso é o amor*

*Na linha do tempo, o destino escreveu
Com letras douradas
Você e eu*

*Há quanto tempo eu esperava
Encontrar alguém assim
Que se encaixasse bem nos planos
Que um dia fiz pra mim
Você e eu*

(Victor e Leo, Na linha do tempo)

Eu pulei de Ferrugem e fui ajudar Gabi a desmontar. Já estava ansioso, quente, doido para tocá-la. E quando meus dedos resvalaram sob a camisa diretamente na pele macia de sua cintura, o desejo me dominou de vez. Eu a peguei no colo, olhando-a apaixonadamente.

Seu corpo resvalou pelo meu enquanto a colocava no chão, suas mãos em meus ombros, seus olhos brilhando grudados nos meus.

Vi cada sarda em seu nariz, seus lábios rosados entreabertos e o amor me devorou em carne viva, tão voraz que não podia nunca mais soltá-la. Colei-a em mim e não parei para pensar ou conversar. Simplesmente a beijei na boca com paixão, minha língua buscando a dela, percorrendo cada recanto delicioso de interior úmido, tomando-a para mim em um abraço firme, forte, potente. Na mesma hora me agarrou, ficando na ponta dos pés, retribuindo com a mesma volúpia.

Os cavalos resfolegaram, comendo grama, mas mal percebemos. Movi meus lábios contra os dela, os mordi e chupei, lambi, fiz tudo que quis com aquela boca que me deixava alucinado de amor e tesão, minha mão em suas costas, a outra enterradas naquele cabelo maravilhoso que parecia fogo vivo.

Senti-a estremecer contra mim, sôfrega, gemendo baixinho, enquanto eu ficava cada vez mais doido. Fui invadido por uma vontade louca de estar nu, dentro dela, ao mesmo tempo que uma emoção indescritível me devorava ao me dar conta mais uma vez que estava grávida de mim, que juntos criávamos uma nova vida, um fruto do nosso amor.

Mesmo com o corpo ansiando pelo dela, meu pau tão duro que doía, eu não satisfiz logo a carne. Afastei os lábios, fitei bem dentro de seus olhos castanhos claros, dizendo perto de sua boca:

- Desde que a vi pela primeira vez com aquela camisolinha branca e suja, eu te amei. Amei sem saber, sem dar nome, só aconteceu. E a cada minuto que passamos juntos enquanto crescíamos, esse amor só cresceu, mudou, se fortaleceu. Não importa se nossas famílias de sangue foram inimigas ou se não pudermos nos casar. Porque me casei com você naquele dia em que chegou à fazenda, Gabi. Você veio para iluminar meus dias, me deixar completo, ser minha independente do tempo ou de tudo mais. Isso é uma coisa só: amor. Um amor que vou ter comigo para sempre. Que nada nem

ninguém vão tirar nunca de mim.

- Quin ... – Seus olhos se encheram de lágrimas e na hora ergueu a mão e acariciou meu rosto, tão emocionada quanto eu. – Também não me importo com mais nada. Sempre foi só você para mim, só você! Eu te amo tanto, mas tanto, que às vezes até dói ... Ter você e nosso filho é o meu sonho realizado. Nenhuma palavra vai poder descrever o quanto eu te amo!

- Mas seu olhar sim. – Falei baixinho e encostei minha testa e meu nariz nos dela, apaixonado.
– Seu olhar sempre me disse do seu amor.

- Porque sempre foi seu, só seu.

- Como sou agora e para sempre. Só seu.

- Ai, meu amor ... – Abraçou-me forte e me beijou, ansiosa, cheia de emoção e sentimentos profundos. E eu bebi e me alimentei daquele beijo, erguendo-a, tirando-a do chão, mantendo-a contra mim.

Nós nos agarramos enlouquecidos e meu chapéu caiu no chão, assim como o dela. Foi só o início, pois logo eu abria sua camisa e ela a minha. Não demorou. Peças de roupa foram ficando pelo chão, até que estávamos os dois nus, nossas peles ardentes se tocando, nem a brisa suave do dia sendo o suficiente para nos refrescar ou amenizar aquele calor escaldante.

Gemi rouco quando esfregou o ventre contra meu pau ereto e esticado pelo desejo avassalador, minhas mãos percorrendo seus cabelos, suas costas, sua bunda. Ansioso, parei de beijá-la e a peguei no colo, fitando-a com paixão, enquanto andava até a beira arenosa da lagoa.

Podíamos ouvir o canto dos pássaros e a água que caía em uma pequena cachoeira ali, cercada de pedras e árvores que nos protegiam do sol. Pisei na água gelada, mas não parei. Entrei, cada parte do meu corpo se aprofundando, tornozelos, canelas, joelhos, coxas. Quando tocou nela, estremeceu, mas não fugiu. Só me agarrou mais.

- Sempre quis trazer você aqui ... – Murmurei. - A cada vez que olhava esse paraíso, pensava em entrar nessa água com você assim. E depois lambe cada gota da sua pele gelada e arrepiada.

Meus olhos desceram por sua pele arrepiada mesmo quando a mantive no colo, metade dela dentro da água, mas seus seios empinadinhos ali à mostra para mim, os mamilos intumescidos como dois brotinhos. Colei-a mais em mim e beijei sua boca, esfomeado.

Gabi gemeu enlouquecida, passando a mão pelo meu peito, agarrando-me sôfrega. Deixei-a fora de si e fiquei pior, nem a água gelada dando jeito no meu pau duro como pedra, no auge da sua ereção. Agarrei um punhado de seu cabelo na nuca e puxei sua cabeça para trás, descolando minha boca da sua, mas mordiscando seu queixo e descendo por sua garganta.

- Ah, Quin ...

Aquele gemidinho só me tirou mais do sério e me convenci que Pedro tinha razão, eu tinha um

touro dentro de mim, um animal irracional que rugia e me devorava quando eu estava com Gabi. Enfie um dos mamilos pequenos na boca e rolei-o contra a língua, desvairado pelo tesão, chupando-o primeiro docemente, mas a fome fazendo com que aumentasse a pressão, até que ela se debatia em meus braços e quase fazíamos a água a nossa volta ferver.

- Mais ... mais ... – Pediu fora de si, agarrando minha cabeça, esfregando os peitinhos em minha boca, enquanto eu mordida um dos brotinhos e depois o outro, puxando-os com os dentes.

Desci uma das mãos por sua pele, quadril, coxa, indo para o interior dentro d'água. Quando meus dedos escorregaram em sua bocetinha, penetrando os lábios delicados, o tesão quase me matou ao encontrá-la escaldante e muito melada por dentro, prontinha para mim.

- Ah, porra ... Tenho que te comer ...

- Vem ... Vem agora ... – Suplicou.

E eu fui, arrebatado, fazendo-a se colar contra mim, abrindo suas pernas, segurando-a sob a bunda. Na mesma hora envolveu meus quadris com ela e a movi contra meu corpo, descendo meu pau, buscando sua entradinha apertada e quente, que eu ansiava mais do que tudo na vida. Quando encostei a cabeça naquela vulva macia e melada sob a água, olhei em seus olhos tão apaixonados quanto os meus e entrei, cerrando o maxilar para não machucá-la, tentando conter toda aquela ânsia, mas só contive uma parte. Era demais para segurar tudo e a penetrei fundo, deslizando dentro da sua bocetinha, rosnando abismado com um prazer tão escaldante, exaltado.

Apertei forte sua bunda, firmei os pés no fundo arenoso da lagoa, a água em nossa cintura criando ondas quando a comi feroz, movendo meus quadris, entrando firme e duro com o pau todo em seu interior, tão colados como a física permitia ficar.

Gabi gemeu, estremeceu, enfiou as unhas em meus ombros e moveu-se contra mim com a mesma fome e a mesma necessidade, tomando meu pau bem apertadinha, mamando nele como uma boca gulosa, nossos corpos batendo um contra o outro, nossos olhos conectados, nossas almas enlevadas em mais do que um prazer puro. Era tudo junto; amor, admiração, paixão, tesão, tudo.

Abraçou-me forte pelo pescoço e me beijou ardente, tremendo, querendo mais e tanto quanto eu. Com o coração batendo loucamente, sem deixar de penetrá-la um segundo sequer, andei para a margem com ela no colo. Deitei-a sobre a areia molhada e fiquei entre suas coxas, somente nossas pernas na água enquanto a fodia duramente, um das minhas mãos correndo seus seios e costelas, a outra firme em sua cabeça, meu quadril movendo-se sem parar, meu pau entrando e saindo só para mergulhar de novo naquela gostosura toda. Beije seu rosto, seu queixo, mordisquei cada pedacinho do contorno de sua mandíbula até a orelha, enquanto erguia as pernas em minha cintura para me ter o máximo dentro de si.

Foi louco, delirante, combusto, flamante, enlouquecedor. Perdi a cabeça e o controle, a fodi

sem dó, levado por um prazer tão extremo que meu pau inchava, minhas bolas doíam contraídas, tudo se tornava extremamente estimulante e arrebatador, delirante. E no meio daquele desejo ensurdecador, um restinho de razão gritou que ela estava grávida e parei na hora, com o corpo retesado, olhando-a um pouco assustado.

- O que foi? – Sussurrou, sua rachinha colada em volta do meu pau, fazer pensar se tornar um sacrifício.

- O neném ... – Consegui arquejar.

- Está tudo bem ... – Sorri, puxando-me para si, rebolando contra meu membro. – Vem, Quin ... Pode me comer ... Vem ...

- Mas ...

- Vem ...

Era demais para resistir e voltei a meter nela. Gritou e se esticou, buscou minha boca, deu todos os sinais que ia gozar. Cerrei o maxilar e contive meu orgasmo, deslizando dentro de sua rachinha moldada em volta de mim, melada, latejante. E quando gritou e gozou forte, jogando a cabeça para trás na areia molhada, eu investi mais forte, rosnei, mordi seu pescoço esporrando quente dentro dela, nossos prazeres se misturando deliciosamente.

Foi uma loucura escaldante, maravilhosa, melhor do que qualquer coisa na vida. Era foder e fazer amor ao mesmo tempo, um estímulo de cada parte do nosso ser, uma entrega sem igual. Fomos um, demos e tomamos, até que o langor veio gostoso, permeado de satisfação.

Apoiei o peso do corpo nos cotovelos, ergui a cabeça e fitei seus olhos de bêbada, como ficava depois de gozar tanto. Enchi-me de amor e continuei lá, todo dentro dela, nossas peles molhadas e nuas se roçando, nossos olhos dizendo mais que mil palavras.

Desci a cabeça devagar só para lambar um mamilo durinho e Gabi estremeceu, gemendo, miando:

- Assim vou querer de novo ...

- É isso que pretendo ... – Sorri safado e chupei o brotinho com pressão, até que seu corpo reagia, palpitava em volta do meu membro, sugava-o mais esfomeada.

- Ah, Quin ...

E me abraçou forte, seus dedos se enterrando em meus cabelos, deixando que eu chupasse seus mamilos até se sacudir, pedindo silenciosamente que me movesse. Passei a penetrá-la devagar, toda melada com meu esperma, o tesão voltando sem limites.

E ali, naquele paraíso, aproveitamos a manhã até cairmos exaustos novamente. Tomamos banho juntos e nus, rimos, brincamos, secamos ao sol, esparramados na margem.

Fizemos planos. De como seria nossa festa simbólica de casamento, de como contaríamos para

as pessoas, como nos amávamos a cada dia das nossas vidas. E intercalando com conversa, eu lambia seus mamilos, ou beijava e mordida seus pés. Ou ainda abria suas coxas para o lado e sugava suavemente o clitóris até ficar duro e inchado e ela gozar em minha boca.

Falamos de como deveria se chamar nosso filho se fosse menino ou menina. Quem seriam os padrinhos, como o ensinaríamos e montar. E então Gabi descia a mão contornando os músculos do meu peito e da barriga, beijava a tatuagem do meu braço, murmurava o quanto eu era forte e lindo, agarrando meu pau já ereto por ela.

E então ia docemente até entre minhas pernas e me masturbava chupando e lambendo minhas bolas até eu quase explodir, só então metendo meu pau na boca, sugando-o firme, apertado. Só parava quando engolia cada gota do meu sêmen e acabava comigo. Então sorria e deslizava seu corpo sobre o meu até se deitar em cima de mim e beijar minha boca.

Só saímos de lá porque passava da hora do almoço e estávamos famintos. Nos vestimos entre beijos e olhares apaixonados. E fizemos boa parte do percurso de volta montados em nossos cavalos e de mãos dadas, mas felizes do que duas pessoas podiam ficar.

Era só o primeiro dia do nosso amor livre de mentiras e fingimentos. Livre de culpas. Iniciávamos ali uma nova fase da nossa vida, cheios de esperanças e paixão. Com um filho a caminho.

E me dei conta que nunca fui tão feliz.

CAPÍTULO 15

JOAQUIM

Havia vários lugares belíssimos em Florada para passear e ficar em contato com a natureza, mas os jovens tinham eleito o Canto das Águas como preferido para encontros, brincadeiras ou simplesmente para tomar banho e passar uma tarde agradável. Naquela noite de quinta-feira, como não tinha praias em Minas Gerais, o Luau seria à beira do rio, com direito a violão, lanche levado por cada um e bebidas.

Devido ao grande acesso ao local, a estrada tinha sido iluminada pela prefeitura, assim como o ponto de encontro na clareira principal. Mesas rústicas de madeiras e bancos também foram

espalhados por lá. Os carros e motos paravam em um estacionamento próprio e um deles tinha aberto a mala e de lá tocava um som potente e animado de Sertanejo Universitário.

Cada um espalhava seus petiscos nas mesas e deixava coolers de bebidas geladas por perto. Era um falatório geral, todos animados, dispostos a passar uma noite agradável e divertida com os amigos. O rio mesmo não era usado para banho à noite, mas servia como ponto de referência para o encontro e também embelezava o ambiente.

Cheguei lá pouco depois das oito horas da noite com Gabi, em meu 4x4. Tinha levado meu violão, pois em determinada hora desligávamos o som, fazíamos uma grande fogueira e começava a hora de tocar e cantar juntos. Outros jovens também carregavam os seus.

- Vou deixar o violão aqui e depois venho pegar. – Avisei a ela, quando estacionei.

- É melhor mesmo. – Concordou.

Já observávamos os movimentos de nossos amigos ali, a animação, enquanto nos aproximávamos deles de mãos dadas. Naquela semana tínhamos assumido nosso romance, inclusive ido ao cinema juntos à noite, como namorados. A maioria das pessoas estranhou, mas como em toda cidade pequena, rapidamente a notícia de que estávamos namorando se espalhou pela fazenda e por Florada.

Todos ficaram surpresos. Foi a notícia mais comentada naqueles dias. Uns nos olhavam sorridentes, outros curiosos, uns poucos ficaram assustados. Mas cada um falava dos irmãos adotivos (alguns até tinham esquecido esse fato) que tinham começado a namorar. Eu e Gabi sabíamos que não tinha jeito e éramos pacientes. Aos poucos iam se acostumar.

- Ah, chegaram! – Bel riu animada e abraçou Gabi quando ela colocou o prato de sanduíches que Tia fizera sobre a mesa e eu deixava ao lado um cooler cheio de cervejas e refrigerantes em latinhas.

Cumprimentei os amigos, alguns empregados da minha idade da fazenda, jogando conversa fora. Gabi e Bel conversavam entre risadas com outras colegas, enquanto ela me dava a mão. Recebemos olhares e Bel comentou, corada:

- Ainda não dá para acreditar que estão namorando! Vou ter que ver umas cem vezes até ter certeza disso!

- Agora entendo todo aquele ciúme. – Disse um rapaz que se aproximava e virei para olhar. Era Felipe. Parecia um tanto incomodado e me encarou.

- Bom que agora você entende. – Falei sério, sem facilitar para ele.

Podia jurar que estava com raiva, mas não disse nada. Lançou um olhar a Gabriela e a cumprimentou. Era óbvio que não estava muito feliz com o fato, mas pouco me importei com ele.

Gabi falou com ele de forma superficial e, vendo que não teria vez ali, foi cumprimentar outros

rapazes. Mesmo assim fiquei de olho.

- Toma aí, cara! – Dado me entregou uma latinha de cerveja, animado. – Cara, hoje vou me dar bem! Tá cheio de gatinha aqui!

- Até parece que alguma vai te dar mole! – Riu Tertúlio, dando uma cotovelada nele. – Feio pra caramba!

Eles começaram a discutir e eu ri, esquecendo-me de Felipe.

Todos brincavam, dançavam, implicavam uns com os outros, xavecavam as meninas. Formávamos um grupo animado ocupando bancos e o chão, falando sobre tudo e nada, comendo e bebendo. Gabi estava sentada na ponta do banco com as amigas e eu de pé ao seu lado, ouvindo as conversas dos rapazes, divertindo-me com as besteiras deles, entrando nas provocações também. Minha mão estava no ombro dela e seu braço em volta da minha perna.

No meio da clareira tinha sido montada uma grande fogueira, ainda apagada. Ao lado havia uma pista de dança improvisada sobre o chão de terra batida, levantando uma leve poeira com o movimento dos casais dançando um forró coladinho ou das pessoas passando de um lado para outro.

Mas a paz durou pouco. Sabia que teria dor de cabeça quando Tininha de repente se meteu no meio da gente, empurrando Rubinho e Tertúlio pelo peito, arregalando os olhos para mim.

- Peão, que história é essa que tu tá namorando tua irmã? – Falou alto, seus olhos mais juntos pela irritação, o nariz comprido fazendo sua cara ficar engraçada. Parecia tomar satisfação e até colocou as mãos nas cadeiras.

- Ih, ferrou! – Exclamou Wallace, com vontade de rir.

Gabi levantou de imediato ao meu lado. Tininha olhou para ela, para mim, para nossas mãos unidas. Depois de novo pra ela, pra mim, pras nossas mãos. E de novo. Suspirei, sabendo que ia ter que me estressar com ela mais uma vez.

- Mas é verdade o que o povo falou! – Sacudiu a cabeça, pasma. Estava toda maquiada, usando um vestido curto e colado e sapatos de salto alto mesmo no chão irregular de terra. Não sei como conseguia se manter naquilo. – Sabe que isso é estupro?

- O quê? – Encarei-a, irritado. – Tá maluca?

- Mas é estupro! Quando irmãos namoram, ou pai e filha, ou tia e sobrinho! O nome é estupro, pelo amor de Deus!

- Não quer dizer incesto? – Gabi corrigiu-a, séria.

- É isso aí mesmo. – Sacudiu a mão e olhou-a de cima abaixo, medindo seus atributos.

Lamentou: - Eu te tratando como minha cunhada e você me passando a perna!

- Olha, não vem se meter comigo não que não tenho a mesma paciência do Quin! – Gabriela se irritou.

- Epa! – Tininha se sacudiu, jogando os cabelos pra trás e os peitos para frente. – Quer encarar?

- Quero sim!

- Gabi, pare com isso! – Exclamei surpreso ao vê-la toda vermelha. Puxei-a para mais perto de mim, preocupado e ao mesmo tempo divertido com seu ciúme. Disse a ela, como se isso explicasse tudo: - É a Tininha.

- Sei que é ela! – Olhou-me irritada. – Mas quando essa menina vai entender que você não tem nada com ela?

- Mas ele era meu namorado até você aparecer, ruiva! – Tininha estava inconformada e começou a contar nos dedos: - Quem foi que mandou um carro de som chiquérrimo no aniversário dele? Quem saiu de dentro do bolo? Quem ...

Parou de contar e ficou pensando o que dizer. Chamava atenção de todo mundo e as pessoas riam, se divertindo. Eu já estava morto de vergonha e Gabi irritada. Pensei no bebê e resolvi acabar logo com aquilo. Disse a Tininha, bem sério:

- Olha, por que não esquece que eu existo? Quando vai entender que não tenho nada com você? Gabi é minha namorada e não quero mais essas graças comigo. Acabou, Tininha!

- Mas peão ...

- Não quero que me chame de peão. Se não me escutar, vou parar de falar com você.

Meu tom, acho que a alertou. Arregalou os olhos, chocada. Levou a mão ao coração.

- Não pode ser verdade. Eu já falei, isso é estupro! Vocês não podem...

- Não é incesto. – Corrigi. – Somos irmãos adotivos, não temos o mesmo sangue.

- Mesmo assim ...

- Tininha, o que eu preciso fazer para me deixar em paz? – Perdi a paciência. Mas ela levou a sério a pergunta e ficou pensativa. Eu suspirei, olhei nosso público divertido e depois para Gabi, que sacudiu a cabeça e revirou os olhos.

- Bom, segundo a Mãe Menininha da Cigana Preta, vou ser a Senhora Falcão. Se não é com você, o mínimo que pode fazer para compensar ter me traído com a sua irmã ruiva ... – Apontou para Gabi e depois me olhou, decidida. – É me apresentar devidamente a um de seus irmãos. Qualquer um serve, mas se for para escolher pode ser aquele fodão, o chefe da família... Nossa, ele tem um olhar que minhas carnes se tornam gelatina ...

Estremeceu.

- Não tem jeito, não. – Reclamou Gabi.

- É o que te falei. – Disse a ela. – Nem sei mais o que faço com essa maluca. Vive no mundo dela.

- Quem é maluca aqui? – Tininha se invocou. – Peão, escute bem! Eu posso escolher qualquer homem aqui! Escolhi você, mas agora estou “desescolhendo”! Chega! Quer ver só? Quem aí quer a Tininha Silva?

Ninguém disse nada. Olhou abismada para os rapazes. Abriu os braços.

- Olha aqui! Qual de vocês entra na briga?

- Na briga com quem? – Perguntou Dado.

- Com o peão!

- Comigo não! – Eu fiz questão de esclarecer. – Podem ficar à vontade!

- E aí? – Ela girou em volta de si mesma. Ninguém se candidatou e ficou possessa. – Não tem macho aqui não?

- Tem macho de bom gosto. – Uma loirinha falou com deboche e os outros riram.

Vendo Tininha ali, fazendo papel de ridícula, olhei em volta. Todo mundo se divertia às custas dela e nem se dava conta. Fiquei com pena e suspirei. Mas sabia que se fosse legal com ela, ia interpretar errado.

Gabi apertou minha mão e a fitei. Ela entendia, pois parecia sentir o mesmo. Murmurou:

- Ela precisa de tratamento, Quin.

- Eu sei.

- Isso é coisa de invejosa! – Tininha rebateu a garota, erguendo o queixo. – Tá todo mundo aqui com medo de encarar meu peão! É isso!

Como ninguém disse nada e as risadas e cochichos continuaram, ela gritou mais alto e se afastou decidida:

- Vou dar uma boa resposta a vocês!

- Não vem coisa boa aí! – Disse Bel.

- Ela não tem noção. – Gabi disse preocupada. – Deu até pena!

- Não é uma menina ruim. – Falei. – Realmente não tem noção de nada. Pior são os pais que nunca notaram isso e cuidaram dela.

Enquanto discutíamos Tininha, a música terminou de repente. Na mesma hora fitei os olhos de Gabi, alerta. Já esperei uma batida de funk, mas começou uma melodia dramática, tipo de filme de aventura ou suspense. Não entendi direito, mas tive certeza que era coisa de Tininha.

E era mesmo. Ela veio desfilando, um pé na frente do outro como manequim na passarela enquanto as pessoas abriam para ela passar, seu queixo erguido, o nariz lá na frente. Não tinha uma pessoa ali que não olhava para ela quando parou no meio de todos e a música deu uma parada, começando um som de piano tipo o fantasma da ópera, bem dramático.

Ela passou os olhos em volta, para cada um, fazendo bico. Tive uma vontade quase

incontrolável de rir, mas me contive, ao mesmo tempo sem saber o que fazer para que ela parasse de pagar mico. E de repente, ela abriu a boca e começou a cantar com a voz da Valesca Popopuzuda, olhando para a loirinha que tinha debochado dela:

*Desejo a todas inimigas vida longa
Pra que elas vejam cada dia mais nossa vitória
Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba
Aqui dois papos não se cria e nem faz história*

E começou a rebolar e se sacudir, ficando de lado, seu quadril acompanhando a batida, erguendo a perna lá no alto e depois se agachando, mostrando a calcinha. Sua inimiga da noite era a outra garota, que cruzou os braços e ficou um tanto sem graça, olhando-a. Continuou a se acabar e cantar mais alto que a Valesca:

*Acredito em Deus e faço ele de escudo
Late mais alto que daqui eu não te escuto
Do camarote quase não dá pra te ver
Tá rachando a cara, tá querendo aparecer*

*Não sou covarde, já tô pronta pro combate
KeepCalm e deixa de recalque
O meu sensor de perigete explodiu
Pega sua inveja e vai pra...*

Olhou para a garota com cara feia e falou alto:

(Rala sua mandada)

Então virou as costas para a menina, olhou para trás e mandou um beijo sobre o ombro, antes de continuar a dançar concentrada e cantar:

*Beijinho no ombro pro recalque passar longe
Beijinho no ombro só pras invejosas de plantão*

Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde

Beijinho no ombro só quem tem disposição

Ninguém podia negar que Tininha dava um show. Ela se entregava com caras e bocas, se acabava ao ritmo contagiante, não deixava nenhum lugar cair no marasmo. Ao final um monte de gente se requebrava, os rapazes assoviavam, algumas garotas rebolavam animadas. Só a loirinha ficava revoltada e vermelha sendo chamada de recalçada e invejosa.

Gabi agarrou minha mão e a fitei. Sorrimos um para outro, dando-nos conta que aquela era Tininha e ponto final. Errada, certa, maluca ou normal, ela era assim e não ia mudar. Relaxamos e olhamos enquanto ela se sacudia toda, mandando beijinho no ombro pra um monte de gente, seguindo a batida, realizada como só ficava quando tinha um público e era o centro das atenções.

- Tem jeito não ... – Murmurei.

- Pior que não. – Gabi concordou.

E ela continuou, incentivada pelas palmas e assovios. Esticava os braços na frente do corpo, agachava um pouco e ia quicando em direção aos rapazes, mandando beijos e sacudindo os cabelos, repetindo:

Rala sua mandada

Até que de repente a batida do funk parou e voltou só a melodia dramática. Ela então se ajeitou, fez uma pose sensual com a mão sob o queixo e foi girando lentamente sobre si mesma, olhando de um a um. Fitou Gabi e por fim a mim. Indagou como um ultimato:

- E então? Sim ou não?

Era como se, depois do seu show, eu fosse ficar tão encantado que largaria Gabi e correria até ela implorante. Respirei fundo e fui o mais sincero e ao mesmo tempo delicado possível:

- Não, Tininha.

- Essa é sua última palavra, peão?

- É.

- Pois bem. – Acenou com a cabeça e me fitou ameaçadoramente. – Vai se arrepender disso!

E do mesmo jeito que havia entrado, saiu andando como modelo, até sumir de vista no estacionamento.

- Maluca!

- Doida!

- Cara, a Tininha é muito pirada!

As pessoas comentavam e riam, enquanto voltava a tocar um forró universitário. Gabi balançou a cabeça e me olhou, desolada:

- Ela ainda não desistiu, Quin. O que será que vai fazer?

- Deixa pra lá. Fala da boca pra fora. – Não dei importância aquilo e a puxei para mim. – Não vamos esquentar com isso. Daqui a pouquinho Tininha muda de foco e nos deixa em paz.

- Tomara que não mude de foco para nossos irmãos. Acho que está de olho em Theo, com aquela conversa de Mãe Menininha da Cigana Preta.

Eu acabei rindo. Gabi também. Abracei-a e beijei seus cabelos. E aos poucos voltamos a conversar e beber, descontraídos.

Já tinha mais ou menos meia hora depois que Tininha saiu, quando meu celular tocou. Era ela e atendi, surpreso.

- Meu peão, você tem que ser meu. Se não for assim, não quero mais viver. Vou me matar!

- Pare de bobeira, Tininha. – Falei irritado, sem paciência. Na mesma hora Gabi me olhou curiosa e veio mais para perto.

- To falando sério. – Sua voz era chorosa. – To aqui na ponte das águas e vou pular se não vier falar comigo em alguns minutos! Peão, minha vida não tem graça sem você!

Fiquei preocupado, ouvindo do outro lado o barulho de água caindo mesmo. À nossa esquerda, subindo por uma trilha, chegava a uma ponte alta que não era mais usada e estava desabilitada, com madeira apodrecida. Embaixo dela passavam as águas mais fortes do local, muito fundo, com rodamosinhos e pedras. Algumas pessoas já tinham morrido ali.

- Que foi, Quin? – Murmurou Gabi.

- Não traga ninguém! Venha sozinho, ou me mato! – Gritou Tininha.

- Saia daí agora! – Falei alarmado, porque sabia que era uma doida. Passei a mão pelo cabelo.

Gabi e nossos amigos notaram e se calaram, olhando para mim. – Está ouvindo, Tininha? Saia daí e me espere, estou indo. Essa ponte está podre.

- Ainda não estou na ponte, mas vou correr para lá e pular se você não vier! Sozinho!

- Estou indo!

Ela desligou.

- Ela está na ponte? – Gabi arregalou os olhos.

- Sim, preciso ir lá, ou aquela maluca vai pular!

- Vou também!

- Não, Gabi, fique aqui!

- Eu vou! – Disse decidida.

- É melhor irmos também, podemos ajudar. – Bel falou, preocupada.

- Ela disse que se eu não for sozinho, vai pular. – Estava nervoso, sem saber o que fazer.
 - A gente fica no mato e, se precisar, aparece. – Dado veio para frente.
 - Tá. – Olhei para Gabi. – Mas você fica! Olha o seu estado!
- Eu me referia ao bebê, mas não queria falar na frente de todo mundo.
- Estou bem e vou com você! Vou ter um troço se ficar aqui.

Eu não podia perder tempo. Agarrei sua mão e, junto com Bel, Dado, Rubinho, Tertúlio e Wallace, fomos rapidamente em direção à lateral onde havia a trilha para a ponte. Muita gente se alertou com nossa saída brusca e uns curiosos vieram atrás. Não dava tempo de tentar impedir. Eu já imaginava Tininha caindo daquela ponte. E fui o mais rápido possível.

GABRIELA

Eu não soltava a mão de Joaquim enquanto seguíamos pela trilha pouco iluminada, passando entre árvores e pedras, percorrendo um caminho que já fizemos muito em nossa infância e adolescência, quando vínhamos ali com nossos irmãos.

Meu coração disparava, não pela caminhada rápida, mas de nervosismo. Nunca havíamos pensado que Tininha chegaria a um ponto daqueles. Era doida, mas até então não tinha se mostrado violenta ou suicida. Rezei para que fosse mais uma de suas palhaçadas, sem grandes consequências.

Nossos amigos seguiam com a gente em silêncio, mas o pessoal que vinha mais embaixo falava agitado, rindo, pensando que íamos para alguma brincadeira. Quin estava tão nervoso que nem perdeu tempo com eles e, ao fim da trilha, chegamos a uma outra clareira com a ponte mais à frente.

Fui preparada para ver Tininha lá, pendurada, ameaçando se matar. Não para darmos com ela deitada no chão de bruços, toda torta, a cabeça virada para o lado.

- Oh, meu Deus! – Gritei desesperada quando percebi o sangue em seu cabelo claro na nuca, saindo bastante. Estaquei e Bel me amparou, pois Joaquim e os rapazes já corriam para ela.

Pensei que fosse desmaiar e comecei a tremer. Bel, que sabia que eu estava grávida, foi enfática:

- Olha seu estado, Gabi! Se acalme! Se acalme!

Tentei me conter, mas era uma cena horrível. Os curiosos chegaram e se assustaram também, chocados, enquanto Quin arrancava sua blusa e a amarrava em volta da cabeça de Tininha para estancar o sangue, muito nervoso, transtornado.

- Ela está viva? – Perguntou Rubinho, ansioso.
- Está. – Joaquim então a pegou no colo e gritou para os outros: - Liguem para o hospital de

Florada e avisem que estamos indo para lá! Rápido! Dado, vai na frente, abre caminho!

Foi um desespero. Ele desceu sem camisa, com Tininha desacordada em seu colo, um monte de gente vindo atrás, falando em alvoroço, querendo saber o que tinha acontecido. Eu e Bel os seguimos de braços dados, as duas tremendo, tentando entender o que tinha acontecido.

Em poucos minutos todo mundo no Luau sabia que estávamos descendo, talvez alertados por celular. Tentaram entender, fizeram perguntas, mas a confusão era generalizada. Os rapazes gritavam para sair do caminho, a música foi desligada, pessoas falavam atropeladamente.

Tirei as chaves do carro do bolso de Quin e abri a porta. Dado foi lá atrás, com Tininha deitada em seu colo, ele pressionando sua nuca com a camisa de Joaquim para conter o sangue, enquanto subíamos na frente e o carro já arrancava. Bel e os outros vieram em automóveis atrás.

Na hora, tudo pareceu muito confuso e desesperador. Enquanto o carro de Quin corria pela estrada em direção ao hospital, eu murmurei:

- O que será que aconteceu? Como ela machucou a própria nuca? Será que caiu?

- Não sei. – Ele estava nervoso, concentrado em dirigir, seu rosto muito tenso. – Gabi, ligue pro Theo.

- Pro Theo? – Não entendi, mas já saquei o celular, apertando o número do nosso irmão mais velho.

- Isso.

- Certo.

Theo não demorou a atender.

- Gabi?

- Oi. Espere, Quin quer falar com você. – E segurei o celular contra a orelha dele, concentrado em dirigir.

- Theo, escute ... – Joaquim começou a contar a ele resumidamente tudo. Por fim acrescentou: – Estamos levando-a para o hospital, mas acho que o delegado Ramiro deve ser avisado. O ferimento foi na nuca. Ela pode ter caído ou sido atacada por alguém. Tá certo. Vai pra lá também? Ótimo. Tchau.

A ligação chegou ao fim e eu guardei o celular, perturbada com o que ouvi, tremendo. Lancei um olhar a ele:

- Ela pode ter sido atacada?

- É possível.

- Mas quem faria isso? – Perguntou Dado lá atrás. – É doidinha, mas acho que não tem inimigos.

- Eu não sei. A polícia precisa ser avisada e investigar.

Olhando para o semblante carregado de Joaquim, senti o medo me varrer por dentro. Imaginar que Tininha caiu sem querer era uma coisa, mas que foi atacada bem diferente. Era certo que ela incomodava as pessoas, ainda mais quando cismava com alguém, como fez com Quin. Mas daí a suscitar ódio, era demais para aceitar.

Dei graças a Deus por termos ido lá com Joaquim. Se ele tivesse chegado sozinho, como Tininha queria, seria pego com ela e muita gente poderia pensar que foi ele o causador de tudo, cansado da perseguição dela. Mal acabei de imaginar isso, senti um estalo dentro de mim e murmurei alerta, fitando-o amedrontada:

- Quin ... E se ... E se foi de propósito, para te incriminar? Será que ... foram elas?

- Elas quem? – Indagou Dado lá atrás.

Eu estremeci, apavorada, rezando para que ele dissesse que não. Mas suas feições duras, com raiva, me deixaram ainda mais preocupada. E disse entredentes:

- Foi a primeira coisa que pensei. Por isso pedi para Theo chamar o delegado Ramiro.

- Meu Deus! – Levei a mão à boca, horrorizada, recostando-me no banco.

Era aterrador imaginar que minha família de sangue tinha cometido uma violência daquela. Machucar seriamente Tininha, com risco de morte, para incriminar Joaquim. Fizeram isso para que eu desconfiasse dele? Para que eu achasse que era um assassino, como acusavam meus irmãos de serem? E assim passar para o lado delas? Como as pessoas podiam ter mentes tão doentias?

Passei as mãos trêmulas sobre o rosto, cheia de medo a raiva daquelas mulheres que eu nem conhecia. Eram capazes de tudo! Será que não sabiam que, mesmo que Joaquim tivesse saído sozinho e em segredo e fosse pego em flagrante com Tininha ensanguentada, eu nunca desconfiaria dele? Como podiam ter chegado àquele ponto? Que outras maldades fariam a inocentes em nome de uma vingança de tantos anos atrás?

- Não pode ser ... – Murmurei para mim mesma, tendo certeza de uma coisa: elas tentaram tanto mostrar meus irmãos como vilões e na verdade elas é que faziam maldades. E ainda por cima com pessoas inocentes, que não tinham nada a ver com a história.

Rezei muito para que Tininha não morresse nem ficasse com sequelas graves, enquanto o carro chegava ao centro de Florada e seguia direto para o hospital, que mesmo sendo público, era muito bom, com vários recursos. Como já tinham sido avisados, estavam prontos e, mal o carro parou, enfermeiros com maca e médico vieram correndo.

Joaquim a tirou do carro e colocou na maca. Enquanto era empurrada às pressas, ele andava ao lado do médico dizendo rapidamente o que tinha acontecido. Bel já chegava com os meninos em outro carro e todo mundo entrava nervoso.

Foi tudo triste e cheio de ansiedade. Ficamos em uma sala de espera e o pior foi quando Heitor

entrou trazendo os pais de Tininha, que choravam desesperados. Outros familiares e amigos chegaram e Heitor veio até nós, passando a mão pelo cabelo castanho crescido, chateado com a situação. Explicou:

- Theo está com o delegado no local em que ela se feriu e pediu que eu fosse avisar a família e trouxesse aqui. Pedro está lá com ele. – Olhou-me com carinho, enquanto Joaquim me abraçava. Soube por seu olhar que ele também desconfiava de um ataque da minha família de sangue, pois indagou baixinho: - Como você está, Gabi?

- Bem. – Consegui falar, embora me sentisse gelada por dentro.

Quin acariciou meu cabelo, preocupado.

- Devia ir para casa, descansar. Temos que pensar no nosso filho.

- Estou bem, Quin. O que me revolta é imaginar que elas possam ter chegado a esse ponto ... Será? – Olhei horrorizada para eles.

- Vamos descobrir. – Heitor garantiu. – Mas pode não ser isso. Precisa se acalmar, meu bem.

- Tá.

Mas como? Aquelas mulheres seriam perigosas demais se tivessem a ver com o ataque à Tininha. E loucas. Arriscar tanto, inclusive uma vida inocente, quando já deixei claro que não ficaria contra meus irmãos, era loucura.

Tentei dizer a mim mesma que talvez não fosse nada daquilo, que estávamos nos precipitando. Mas a cada segundo me convencia que tinha a ver sim com aquelas mulheres. Era coincidência demais Tininha ligar pedindo para Quin ir sozinho. Será que foi levada a fazer isso por alguém? E depois atacada?

Não conseguia parar de pensar naquilo. Sentada no banco ao lado de Quin, entre seus braços, olhei com pena os pais de Tininha arrasados, sendo consolados por familiares e amigos mais íntimos. O hospital não parava de encher com jovens que vinham do Luau em busca de notícias. Muitos nem puderam entrar.

Pensei que todo mundo que riu dela e se divertiu enquanto dava seu show de funk agora estava ali, preocupado, talvez sentindo uma pontada de culpa. Como eu. Embora soubesse que nada daquilo era culpa minha, se minha família de sangue fosse a provocadora, eu me sentiria mal demais. Porque tudo foi feito para me provar algo, na realidade para incriminar Quin, mesmo ele sendo inocente.

Naquele momento agradei muito a Deus por não ter sido criada por elas, por terem me abandonado na fazenda, onde fui amada e protegida. Se tinham tentado me usar no futuro, tudo que conseguiram foi me livrar de uma família doente e má.

Lembrei de flashes de memória da mulher loira me dizendo que eu tinha que matar, seus ódio tão evidente que, mesmo tão pequena, nunca esqueci. Havia uma bebê também, um ano e pouco,

penachos loiro na cabeça, que eu lembrava de abraçar e chamar de Vivi. Minha irmã caçula, com certeza.

Lamentei por Vivi, agoniada, fechando os olhos. Ela foi criada naquele meio de ódio e só Deus podia dizer no que tinha se transformado. Teria o que, 18 ou 19 anos? Poderia ainda ter jeito para ela, mesmo em meio à sede de vingança, a uma raiva tão potente que perdurou por anos e chegou ao ponto de tentar matar uma pessoa que nada teve a ver com a nossa história? Teria sido Vivi que atacou Tininha?

Tive vontade de chorar, mas lutei bravamente contra, sabendo que se deixasse transparecer, Heitor e Joaquim iam querer me tirar dali. E eu não podia sair até ter notícias de Tininha. E até ouvir o que o delegado tinha a dizer.

Senti uma vergonha absurda pelo sangue que corria em minhas veias.

EU E ELAS

- Não posso acreditar! – Eu estava horrorizada.

Era tarde da noite e minha mãe tinha acabado de entrar no barraco em que eu vivia no Sovaco de Cobra. Tinha ficado acordada, sem saber o que ela planejava, pois não me contou o que era e saiu misteriosamente. Agora andava nervosa, agitada, pelo espaço ínfimo. E tinha me falado tudo num atropelo.

- A senhora atacou a menina? Com uma pedra? – Sentia-me gelada. Não reconhecia minha mãe naquela louca.

Luiza sempre foi estourada, visceral, levada por emoções violentas. Amava e odiava com a mesma intensidade, era capaz de tudo por seus objetivos. Mas nunca tinha chegado aquele ponto.

- Tentou matá-la?

- Claro que não! – Parou e me fitou com os grandes olhos castanhos claros, arregalados no rosto pálido, a boca se contraindo. – Eu só a fiz ficar desacordada!

- Batendo com uma pedra na cabeça dela? Ficou louca?

- Olha como fala comigo, Eva!

Seu olhar intenso, duro, por um momento me desequilibrou. Eu sempre a temi um pouco, agora mais do que nunca. Mas sempre a amei com loucura também, por tudo que fez por mim, por ter se sacrificado tanto para proteger a mim e à minha avó. Eu sabia que foi ela que pegou todo o pesado, que sofreu mais do que tudo com nossas perdas. Mas nada daquilo justificava aquele último ato.

- Como quer que eu fale? A senhora pode ter matado a menina! – Eu comecei a tremer, nervosa

demais, lembrando da funkeira sem noção, mas que nunca nos fez nada.

- Já disse que não matei!

- Pode deixá-la com sequelas e ... o que importa é a violência que fez! Eu topei tudo para tirarmos dos Falcão o que eles nos roubaram, para fazê-los pagar pelo assassinato do meu avô e a morte do seu pai, mãe! Aceitei mentir e até me envolvi com roubo, porque é para roubar o gado DELES! Mas isso ... Não. Não esperava que chegasse a esse ponto!

- O que você esperava? – Ela se aproximou de mim rápida, furiosa, agarrando um punhado do meu cabelo. Era mais alta e parecia descontrolada, seus olhos chispando, tão branca como uma vela. Eu me assustei, mal ousando respirar, enquanto cuspi: - Queria que nos vingássemos distribuindo flores aos malditos? É assim que acha que as coisas são?

- Não! – Tentei me soltar, também com raiva, um medo nascendo dentro de mim. Mas não largou meu cabelo e respirei fundo, tentando chamá-la à razão. – Estamos usando todos os meios! Até a loucura de me jogar nos braços de um homem mais velho e sádico, eu concordei, mãe! Eu sempre fiz tudo que a senhora queria! Eu também quero que eles paguem! Sei de tudo que aconteceu e tudo que nos fizeram passar, mas matar outra pessoa não!

- Eu não matei, porra! – Gritou, fora de si.

- Como sabe? – Gritei também.

- Porque se eu quisesse matar, teria batido com mais força e, quando ela caiu, terminava o serviço! – Sacudiu-se toda, cheia de ódio, nervosa. Seus olhos não saíam dos meus. – Quis só que apagasse e Gabriela achasse que foi coisa daquele amantezinho dela! Fiz tudo certo, porra! Liguei para a garota idiota, falei que ia ajudá-la, expliquei para onde devia ir e o que dizer para atrair o Falcão! Sozinho! E quando ficou lá, vim por trás e a fiz desmaiar! Pronto! Me escondi e vi quando o desgraçado chegou com Gabriela e mais um monte de gente! Tudo em vão! O plano todo dando errado porque aquele filho da mãe não teve a coragem de ir sozinho!

- Me larga, mãe!

- Não, vai me ouvir! Vai entender que ...

- Não há o que entender! Isso foi uma loucura! Se tivesse me falado, ia te dizer que nunca daria certo. Esqueça essa história de trazer Gabriela para o nosso lado. Isso já era! Desde o momento em que a deixou naquela fazenda a senhora a perdeu! – Falei exaltada, tremendo, tentando despertá-la.

- Não!

- Sim, mãe! Gabriela agora é uma Falcão! Nada a afastará de Joaquim e dos outros.

- Mas eu ... Eu tinha que tentar a última cartada! E deu tudo errado! – Lamentou furiosa, finalmente soltando meu cabelo e andando pelo cômodo, sacudindo a cabeça, piscando. – Tudo errado!

Eu a olhava, abismada. Não podia acreditar ainda que tinha tido coragem de ferir Tininha. E foi o que falei:

- Se queremos fazer Mario Falcão e os filhos deles pagarem pela morte de vovô e por tudo mais, como podemos nos igualar a eles judiando de uma pessoa inocente?

- Você não entende, Eva. – Virou-se para mim, muito séria. – Quando entramos nisso, foi para fazer tudo, mas tudo que fosse necessário para nos vingar. Não estamos aqui de brincadeira!

- Disso eu não quero participar. – Falei cansada. – Estou fora.

- O quê? – Arregalou os olhos. – Vai me deixar sozinha?

- Vou.

- Não pode fazer isso!

Fiquei calada, tremendo, fora de mim. Aproximou-se, mas não me tocou, só me olhou.

- Já disse que não matei a garota!

- Não devia ter tocado nela. Combinamos que não haveria mortes nem atentados. Assim, estou fora.

Medimos forças pelo olhar. Eu sabia que não era páreo para minha mãe. Nunca a enfrentei, temia seus acessos de cólera. Mas não recuei. Pensei que gritaria comigo, que tentaria me convencer pela força. Mas então respirou fundo e acenou com a cabeça, parte de sua fúria se dissipando, ficando aparentemente muito cansada.

- Você tem razão. – Falou baixo. – Eu ... Eu me desesperei. Fui às últimas consequências. Não pensei. Meu ódio por eles é tanto que fiquei cega, Eva ...

- Não pode ser assim. Temos que focar neles. No que planejamos.

- Eu sei.

- Não posso continuar.

- Pode. Filha, sua avó está internada. Preciso de você! Gabriela me abandonou! Não me deixe também ...

- Mãe, a Gabriela ...

- Esqueça essa aí! Ela não é uma Falcão? Minha filha é só você, Eva. Sem você não sou nada.

– Seus olhos eram perdidos, sofridos, arrasados.

Lembrei de tudo que a vi passar e senti-me embargar, mas insisti:

- Você foi longe demais.

- Isso não vai se repetir. Eu juro! Mas não me deixe sozinha agora! Vamos vencer esses malditos! Tudo que passei não pode ter sido em vão!

- Mãe ...

- Olha, a menina não vai morrer. Vai ficar tudo bem e voltamos aos nossos planos originais.

Vamos recuar um pouco. Prometo que nada disso se repetirá.

E me abraçou forte, tremendo, gelada.

Eu fiquei dividida, com medo. Compartilhava de seu ódio. Vi muita coisa para ficar indiferente. Sabia que aquela família nos devia muito e queria cobrar. Mas não às custas da morte de outra pessoa. Nem mesmo de um dos Falcão.

Mantive-me quieta e decidi esperar as coisas se acalmarem, ver o que aconteceria dali por diante e o que seria de Tininha.

Então eu repensaria os 19 anos que vivi somente querendo recuperar o que nos foi tirado e fazer os culpados pagarem. E tomaria uma decisão.

CAPÍTULO 16

JOAQUIM

Não saímos do hospital até o médico aparecer. Os pais dela, chorosos, se ergueram amparados por familiares. Segurei o braço de Gabi e, junto com os outros, nos aproximamos também. Ele explicava:

- Fizemos todos os exames, inclusive uma tomografia. Felizmente não há danos cerebrais e suas funções vitais estão boas. Ela não corre risco de óbito e acreditamos que as sequelas serão mínimas.

- Mas há o risco de sequelas? – Indagou um de seus primos.

- Sim. Talvez uma desorientação ou um esquecimento passageiro, nada muito alarmante. Com o tempo ela deve se recuperar totalmente.

- Graças a Deus! – A mãe se jogou nos braços do marido, chorando agora de felicidade.

Depois se voltou para o médico: - Podemos vê-la?

- Somente os pais. Ela está sedada e vai dormir até amanhã.

Nós ouvíamos tudo aliviados. Eu me sentia gelado ali no ar condicionado, sem camisa, ainda nervoso. Só então comecei a relaxar um pouco, pois pela quantidade de sangue achei que Tininha sofreria consequências bem mais sérias.

- Ainda bem ... – Gabi estava pálida, cansada.

Eu a puxei para mim, preocupado, dando-me conta de que não adiantaria ficar ali e que ela precisava relaxar de tudo aquilo.

- Vamos para casa. Amanhã voltamos.

- Mas o Theo com o delegado Ramiro ...

- Eles devem demorar. Seremos informados de tudo. – Passei o braço protetoramente em volta de seus ombros e olhei para meus amigos e depois meu irmão. – É melhor a gente ir.

- Concordo. – Heitor acenou com a cabeça. – Vão indo na frente, vou oferecer nossa ajuda e solidariedade aos pais de Tininha, se precisarem. Encontro vocês na fazenda. E Joaquim, cuide bem de Gabi quando chegar lá. Ela passou muita coisa.

Heitor deu um beijo em sua face e tocou de leve seu cabelo, dizendo com carinho:

- Precisa se cuidar direitinho.

- Pode deixar. – Até para sorrir parecia exausta.

Troquei um olhar com Heitor, ambos sabendo que, além do susto e do medo por Tininha, ela estava assim por desconfiar que a família biológica tinha sido a autora do atentado.

- Venha, vamos para casa.

Nos despedimos dos rapazes e levamos Bel em casa, ali perto. Depois seguimos de carro para a fazenda e falei baixinho ao pegar a estrada:

- Não fique assim.

Lancei a ela um olhar. Estava quietinha enrodilhada em seu banco, olhando para fora sem parecer ver. Virou-se devagar e me dividi entre dirigir e prestar atenção em Gabi. Continuei:

- Ainda não sabemos de nada. Quando Tininha acordar, pode nos contar exatamente o que aconteceu. Talvez não seja nada relacionado a elas.

- Sabe que é, Quin. Eu me sinto culpada por Tininha.

- Mas não deve se sentir assim! Como eu disse, não temos ainda prova de nada. E mesmo que tenha sido um ato “delas”, você não tem culpa. É vítima também. Seja o que for, depois dessa vão perceber que não podem nos separar.

- E acha que vão desistir?

Fitei seus olhos castanhos claros que eu tanto amava, sabendo que não podia mentir para ela. Agarrei forte o volante e voltei a olhar para frente.

- Não vão desistir, Gabi. Talvez mudar de tática. – Senti sua decepção e sua preocupação. Tentei ser honesto, mas passar força: - Mas estaremos juntos e atentos. Estamos investigando. Elas vão acabar deixando uma falha.

- Eu não queria que fosse assim. – Se lamentou baixinho. – Tanto ódio, meu Deus! Queria poder fazer alguma coisa!

- E pode. Pode tentar se preservar e não se envolver tanto.

- É impossível, Quin! São da minha família!

- Não. Podem ser do seu sangue, mas sua família somos nós. – Tirei uma das mãos do volante e segurei a dela com carinho, entrelaçando nossos dedos. – Escute. Nossa prioridade agora deve ser o bebê que você está esperando. Ele não pode sofrer as consequências disso tudo. Então, você precisa ser forte e não se deixar abater. Aconteça o que acontecer, não se entregue à dor. Estamos juntos, sempre. E eu vou cuidar de você e do nosso filho.

- Eu sei disso. – Falou baixinho, emocionada. Chegou mais perto de mim e apoiou a cabeça em meu ombro, prometendo baixinho: - Vou ser forte. E proteger sempre nosso bebê.

- Assim que se fala. Já estamos chegando em casa e vou cuidar de você. – Beijeí sua cabeça e continuei a dirigir, mais tranquilo porque estava ali comigo e reagindo.

Em casa, Tia nos recebeu cheia de preocupação. Foi preparar um leite morno para Gabi enquanto eu explicava rapidamente o que tinha acontecido. Depois subimos e levei Gabi ao seu quarto, depois ao banheiro. Lá ela me fitou, quando comecei a despi-la. Sorriu suavemente:

- Eu sei tirar a roupa e tomar banho sozinha.

- Mas para quê fazer sozinha se estou aqui com você? – Pisquei um olho, o que só aumentou seu sorriso.

Deixei-a nua. Independente de tudo que tinha acontecido, não fiquei indiferente e reagi ao seu corpo que eu tanto amava e desejava. Quando me despi também, ela olhou para meu pau totalmente ereto e depois para meus olhos. Era evidente que me desejava também, mas seu cansaço emocional, as olheiras em volta de seus olhos, chamaram minha atenção.

- Teremos tempo depois para isso. – Garanti e segurei sua mão, levando-a para o box.

Sob o jato forte da água quente, eu a lavei com carinho. Fiz questão de ensaboá-la e enxaguá-la, meu pau doendo de tão duro, minhas mãos e meu olhar percorrendo em adoração cada centímetro de sua pele. Gabi ficou quietinha no início, realmente exausta. Mas aos poucos começou a reagir e logo tomava o sabonete e me lavava da mesma maneira.

Entramos juntos sob a água, deixando o sabão escorrer, nossas peles molhadas e quentes se tocando, nossos corpos colados. Segurei-a contra mim e beijei-a na boca sem pressa, o desejo lá palpitando, mas o amor sendo mais forte e premente do que tudo.

Foi impossível não desejarmos um ao outro e começamos nos acariciar, a fome crescendo. Mas interrompi o beijo e fitei seus olhos pesados, murmurando:

- Depois. Agora Tia espera por você com um leite quentinho.

- Adoro leite quentinho ... – Disse maliciosa, sua mão percorrendo a extensão do meu pau.

Sorri, vendo que estava mais animada, bem menos depressiva. Beijei a ponta de seu nariz.

- Safadinha. Mais tarde vou te dar outro leitinho. Agora venha.

Estávamos bem mais relaxados enquanto nos enxugávamos. Ela ficou enrodilhada em um roupão felpudo e se sentou na cama, entre os travesseiros, penteando o cabelo molhado. Fui ao meu quarto e me enfiei em um jeans com camiseta, saindo à procura de Tia.

Tinha preparado um lanche pra gente e foi comigo até o quarto de Gabi, enquanto eu levava a bandeja. Coloquei-a na cama e Gabi se serviu da xícara de leite quente, enquanto eu sentava na beira e Tia vinha perto e apoiava a mão em meu ombro, dizendo um tanto perturbada:

- Isso está me cheirando a coisa de Estela.

Na mesma hora a fitamos.

- Quem é Estela? – Indaguei.

- A esposa de Pablo Amaro. Aquele do sítio que tentou matar seu pai e acertou no capataz.

- O que acabou se matando enforcado na prisão. – Completei.

- Ele mesmo. – Ela acenou com a cabeça.

- Estela pode ser minha avó? – Gabi a olhava muito atenta.

- Pode ser, querida. Mas não sabemos de nada ainda.

- Tia ... E minha mãe?

- Luiza, talvez seja ela. Filha única de Estela e Pablo Amaro. – Parecia pensativa. – Tinha a mesma idade de Theo, acho até que os dois estudaram juntos. Mas quando saiu daqui, ainda era bem jovem. Nem sei se já tinha completado 18 anos. E isso tudo foi uns 4 anos antes de você nascer, Gabi. Se a teve, já foi longe daqui.

- Então, o pai morreu e as duas saíram e nunca mais voltaram ou foram vistas. – Fitei-a.

- Sim. Sumiram do mapa. Como saíram cheias de ódio, Mário mandou ficarem de olho nelas, só para antecipar suas ações. Mas se perderam no mundo, nem sei como. Nunca mais tivemos notícias delas. – Suspirou, olhando preocupada para Gabi. – Minha filha, não sei se são elas suas parentas de sangue, mas pelo que lembro de ambas, teriam coragem de fazer um ataque desses a Tininha. E Pablo foi um dos que apareceu nas fotos em que enviaram a você.

- Eu sei, Tia. Mas o que não entendo é para quê tanto ódio ... – Sacudiu a cabeça, angustiada. – Tanto tempo já passou!

- Muitas vezes o ódio dura mais do que o amor, meu bem.

- Sente-se, Tia. – Bati ao meu lado na cama, mas ela fez que não.

- Não vou me demorar. Só acho que deveriam focar as investigações de vocês nelas. Sinto a energia de ambas nessa história.

- O que sabe mais delas? – Perguntei.

Olhou-me um tanto pálida. Sua mente parecia retornar ao passado e explicou:

- São muitas histórias para contar delas, Joaquim. Mas não hoje. Está tarde, Gabi precisa descansar. E você também.

- Mas quero saber mais, Tia. – Pediu Gabriela, ansiosa.

- Amanhã falamos sobre isso. Hoje também estou cansada.

E parecia mesmo, sem a animação de sempre. Seu rosto levemente enrugado estava mais pálido e havia um pouco de olheira se destacando. Por isso não insistimos. Eu só disse:

- Então amanhã conversamos melhor. Vá se deitar, Tia.

- Vou mesmo. – Debruçou-se e nos beijamos no rosto. Então acariciou o cabelo de Gabi, beijou-a na testa e sorriu, apontando para a bandeja: - E a senhorita tome todo o leite e coma direitinho. Quero que o Falcãozinho venha bem forte!

- Pode deixar. – Acabou sorrindo.

Quando Tia saiu, Gabi ia falar mais, mas eu a interrompi:

- Primeiro faça o que ela falou. Depois conversamos.

Deixei o leite de lado, mas comi um sanduiche. Gabi se alimentou direitinho e então deixei a bandeja sobre a penteadeira. Sem uma palavra, apaguei a luz, apenas um abajur aceso enquanto me enfiava sob as cobertas com ela. Murmurou:

- Nem escovamos os dentes e nem conversamos.

- Faremos daqui a pouco. Agora vem aqui.

Puxei-a para mim e a acomodei entre meus braços, sua cabeça em meu ombro, acariciando seu cabelo. Murmurei:

- Só descanse.

- Tá.

Ficamos lá, quietinhos na penumbra. E devia estar exausta mesmo, pois rapidamente pegou no sono. Eu bocejei, decidido a aguardar mais um pouco e me levantar para esperar meus irmãos com mais notícias. Bocejei de novo. E, sem que eu esperasse, em alguns minutos também mergulhei em um sono profundo.

Chegamos cedo ao hospital no dia seguinte. Pedro e Heitor foram trabalhar, mas eu fui em meu carro com Gabi e Theo no dele. Encontraríamos lá com o delegado Ramiro, que depois conversaria com os participantes do Luau em busca de suspeitos ou algo que tenham visto.

- Theo. – O delegado veio apertar a mão do meu irmão quando entramos, com respeito e amizade. Depois apertou a minha, sorrindo: - Como vai garoto?

- Bem, delegado.

- Gabriela, linda como sempre. – Beijou-a na face e ela sorriu para ele, agradecendo.

Era um homem alto e, apesar de não ser gordo, tinha uma barriga chamativa, ainda mais aparente por ele gostar de usar calças e camisas apertadas. Aos 58 anos, tinha um cavanhaque grisalho, pele morena escura e olhos negros, além de só viver com um chapéu na cabeça para esconder a calvície. Tinha chapéu de todas as cores e formatos. Naquele dia usava um branco.

Olhou para Theo e informou:

- Soube que a menina está acordada. O médico a está examinando e vai liberar nossa entrada para falarmos com ela rapidamente. Tomara que lembre alguma coisa e possa ajudar as investigações.

- Sim, é verdade. Mas só de acordar, já é uma boa notícia. – Disse Theo.

Ninguém impediu a entrada dele ao lado de Ramiro, nem da nossa, de mãos dadas logo atrás. Seguimos até a sala de espera, onde encontramos os pais de Tininha. Conversamos com eles e o

casal estava mais animado, dizendo que ela havia acordado bem. Theo ofereceu ajuda, inclusive financeira, se necessária. Oswaldo, que trabalhava em nosso frigorífico na cidade, ficou todo feliz:

- Que isso, seu Theo. Imagine, o senhor tão ocupado se preocupando com a gente! Mas muito obrigado!

- Disponha. – Ele se calou ao ver o médico se aproximar.

Cumprimentou-nos e explicou que Tininha estava bem, consciente e lúcida. Aparentemente não tinha tido sequelas, embora não tivesse lembrado que dia era hoje.

- Ah, então está boa! Ela é assim mesmo! – Sorriu Iolanda, a mãe. – Nunca se lembra em que dia estamos.

O médico permitiu nossa entrada, mas não devíamos cansá-la nem estender muito a conversa. E nos acompanhou para dentro do quarto.

Tininha estava lá recostada na cama, os cabelos soltos, usando uma camisola de hospital, as pernas cobertas pelo lençol. De seu braço saía o fio de soro e parecia bem, a mesma de sempre. Fitou-nos, primeiro os pais, depois o delegado, Theo, Gabi e eu. Nós a cumprimentamos e ela acenou de volta, séria, conferindo se o lençol a cobria. Só então relaxou mais.

Senti algo estranho nela. Parecia bem mais comedida, não se animou ao ver Theo ou me ver. Na realidade, pareceu fugir do meu olhar. Perguntei a mim mesmo se não estaria envergonhada. Mas vergonha e Tininha na mesma frase parecia coisa sem cabimento.

- Filha, eles vieram conversar com você sobre ontem à noite. – Disse a mãe, se aproximando e sorrindo, como se também notasse a diferença nela. – Trouxe seu kit de maquiagem, sei que não suporta ficar de cara limpa.

A senhora nos explicou:

- Tiveram que raspar uma parte do cabelo dela atrás para dar os pontos e fazer curativo, mas felizmente o resto do cabelo cai em cima. Vaidosa do jeito que é, morreria do coração se ficasse careca!

- Vaidade é um dos piores pecados da humanidade. – Tininha falou, um pouco exaltada, seus olhos mais vivos. A mãe a olhou na mesma hora, boquiaberta, enquanto continuava: - Não quero maquiagem. Vou usar o rosto e a pele que Deus me deu.

Todos ficaram quietos, olhando-a. Franziu os lábios, séria. Mexi-me, incomodado, sem entender bulhufas. E antes que disséssemos algo, ela perguntou à mãe:

- Trouxe a minha Bíblia?

- O quê? – Iolanda parecia confusa. – Que Bíblia?

- Aquela que explicava todas as coisas de Deus com desenhos.

- Ah ... Aquela que seu pai te deu quando era garota e nunca leu?

- Está em meu quarto, em uma das gavetas. – Explicou. – Pode trazer para mim?

- Cl... claro. – Iolanda olhou nervosamente para o marido e depois sorriu: - Claro, filha. É bom se agarrar com Deus nessas horas.

- Sempre. – Continuava muito séria, parecendo outra pessoa. Então olhou-me nos olhos e pareceu se tornar mais intensa. Lambeu os lábios, sendo ela novamente, parecendo me desejar. Depois fitou Theo do mesmo jeito, engoliu em seco e se benzeu. Baixou as pálpebras e moveu os lábios rapidamente, como se fizesse uma prece silenciosa. Então me fitou de novo, ao acrescentar: - O pecado está aqui para nos tentar, mas só serão salvos os que souberem resistir a ele. Deus me deu uma nova chance. Fui salva. E agora vou ser uma mulher pudica, entregar minha alma a Deus.

- Ah ... que bom ... – Balbuciou a mãe, sem entender nada.

Eu franzi o cenho e troquei um olhar com Gabi, preocupado. Theo fitou-a e disse calmamente:

- Ficamos muito feliz em saber que está bem, Tininha. Mas o delegado Ramiro vai precisar fazer umas perguntas sobre tudo que aconteceu ontem.

- Não vai precisar, senhor Falcão. – Pareceu um pouco nervosa ao falar com ele. Fechou de novo os olhos e fez rápido uma oração baixinho. Pude ler em seus lábios algumas palavras: “ ... me livre dessa tentação ...”. Quando acabou, conseguiu olhá-lo. – Lembro de tudo ontem e me arrependo do que fiz. Vou contar para vocês. Mas antes ...

Seus olhos castanhos miúdos e um tanto juntos fixaram-se em mim. Ia lamber os lábios, mas conteve-se a tempo. Pensei que ia se benzer e orar novamente, mas respirou fundo e falou:

- Queria te pedir desculpas, meu pe ... Joaquim. Pelas vezes em que persegui você. Isso nunca mais tornará a acontecer. Eu estava perdida, andando pelos vales da perversão. Mas agora vi aquela luz, que me disse: Se ficares, serás outra mulher! Não quero ir para o outro lado. Assim, serei uma nova mulher.

- Tudo bem, Tininha. – Senti alívio em saber que me deixaria em paz, mas estava estranhando muito seu jeito. Comecei a achar que era uma das sequelas da batida na cabeça. Será que ela mudaria mesmo? Concentrei-me no seu atentado: - Conte-nos o que aconteceu depois que acabou de dançar.

- Não me lembre este fato vergonhoso. – Respirou fundo e se benzeu novamente. Depois acenou com a cabeça, começando a narrar tudo: - Bom, eu saí decidida a ir embora. Chegava perto dos carros quando meu celular tocou. Era um número desconhecido e uma mulher falou comigo.

Gabi, muito quieta, estremeceu visivelmente ao meu lado. Segurando sua mão, eu a trouxe para mais perto de mim, passando meu braço em volta de sua cintura. Ela então perguntou baixinho a Tininha:

- Ela se identificou?

Tininha fitou-a e depois a mim, muito juntos. Não gostou, mas não se meteu naquilo.

- Não. Disse que era uma amiga que estava no Luau e que queria me ajudar. Devia estar mesmo lá, pois sabia tudo que tinha acontecido.

- O que ela falou exatamente? – Indagou o delegado.

- Ah, falou que me entendia. Que sabia que eu amava o meu p ... Joaquim e ia me ajudar. Então, me orientou a ir até a ponte, ligar para ele e dizer que eu ia me matar se não viesse me ver. Segundo ela, devia manda-lo vir sozinho, para poder seduzi-lo. E que, se eu fosse esperta, deveria arrumar uma barriga dele. Um filho o traria para mim.

Olhou-me chateada. Theo perguntou, sério, com uma ruga entre as sobrancelhas:

- Você fez o que uma estranha mandou? Não ficou com medo de ser uma armadilha, como na realidade foi?

Tininha pareceu confusa:

- Sabe que na hora nem me dei conta disso? Ela falou que era minha amiga, ia me ajudar e acreditei! Achei a ideia dela boa.

Bem típico de Tininha, que nunca parecia pensar seriamente nas coisas antes de agir. Ela continuou:

- Claro que eu não ia me matar. Esse pecado nunca passou pela minha cabeça, até porque outras ideias maliciosas me dominavam e eu só pensava em uma coisa: - fitou-me com olhos ardentes. – Fornicar.

- Ah! – A mãe levou a mão à boca, chocada. O pai pigarreou e me olhou de cara feia. Eu fiquei incomodado, quieto.

- Daí por diante, só lembro de sentir uma pancada forte na cabeça e desmaiar. Quando acordei, já estava aqui no hospital. – Respirou fundo. – Nem imagino porque a mulher fez isso comigo. Porque me atraiu lá para me dar uma porrada dessas.

- Vamos tentar descobrir. – Garantiu o delegado.

- Não viu ou ouviu nada antes de ser atacada? – Perguntei.

- Um voz, um barulho atrás de você ou seu possível atacante? – Emendou Ramiro.

- Nada. Eu estava ansiosa, pensando nas coisas que faria quando Joaquim chegasse, tentando me decidir se o esperava pelada ou não. – Benzeu-se rapidamente e olhou para o alto, unindo as palmas na direção do peito: - Deus que me perdoe! Aprendi a lição de forma dura, Senhor! Mas agora passarei cada dia da minha vida agradecendo e buscando salvar almas para o Senhor!

- Amém! – Emendou também unindo as mãos.

- Precisarei do seu celular. – Disse o delegado. – Vou tentar rastrear o número da mulher e a ligação.

- Sim, senhor. Pode pegar aqui na mesinha. – E foi o que o delegado Ramiro fez.

- Bom, é melhor irmos. – Theo fitou Tininha. – Se precisar de alguma coisa, não hesite em falar.

Ela engoliu em seco. Olhou-o, gulosa, mas se controlando.

- Sim, senhor. Obrigada.

E ele foi se despedir de seus pais. Eu e Gabi nos aproximamos da cama e falei com sinceridade:

- Também pode contar com a gente, Tininha.

- Obrigada, meu ... Joaquim. – Seu olhar era pidão e pareceu não gostar de ver Gabi comigo. Sem resistir, completou: - Vocês sabem que estupro é pecado aos olhos de Deus?

- Incesto. Mas não somos irmãos de sangue, Tininha. – Gabi não se chateou. Era óbvio que ainda se sentia culpada pelo que tinha acontecido com ela. Segurou suas mãos sobre a cama e disse baixinho: - Se Deus quiser vai ter alta logo. E espero que possamos ser amigas.

- Amigas? Claro! – Concordou, mas estranhando. E antes que nos afastássemos, concluiu: - Pensem bem no que falei. Deus está de olho em tudo.

Era só o que faltava, Tininha virar uma fanática religiosa. Nos despedimos dela e dos pais e saímos. O delegado explicou enquanto caminhávamos para fora do hospital:

- Hoje mesmo mando o número do celular para averiguação, como fiz com a pedra ensanguentada que encontramos no local. A perícia está tomando conta de tudo.

- Ótimo. Qualquer entrave ou demora, nos comunique, Ramiro. Podemos procurar as vias particulares. – Disse Theo, erguendo o punho do paletó escuro e fitando seu relógio de pulso. – Preciso ir ao escritório, mas pode me ligar a hora que quiser.

- Pode deixar.

Chegamos ao estacionamento e o delegado se despediu de nós. Theo nos fitou e pareceu mais preocupado com Gabi.

- Você está bem?

- Sim, Theo. – Acenou, mas era óbvio que não conseguia parar de pensar em tudo aquilo. – Tia nos disse ontem que acha que tudo isso tem mesmo a ver com a família de Pablo Amaro. Você concorda?

- Sim. – Seu semblante se fechou, mais carregado.

- Você sabe de mais coisas sobre elas? Pode nos contar tudo? – Perguntei, pois da outra vez tinha ficado óbvio que havia coisas que não nos falaram.

- Conversaremos em casa, quando eu chegar. Mas não se preocupem. Dei prioridade ao assunto e tem mais de um investigador tentando encontrar o paradeiro delas. – Abriu a porta de seu carro e falou, seguro. – Não se martirize tanto com isso, Gabi. Vai dar tudo certo.

- Tá. – Ela acenou com a cabeça, tentando acreditar.

Theo deu um tapa amistoso em meu ombro, beijou Gabi na face e entrou em seu carro. Nós o observamos se afastar. Só então a virei para mim e fitei seus olhos.

- Ele tem razão. Vai dar tudo certo.

- E se não der? – Estava muito preocupada.

- Vai dar. Porque estamos juntos e nossos irmãos nos apoiam. Vamos descobrir quem elas são e resolver o assunto da melhor maneira possível.

Gabi me abraçou forte e murmurou:

- Acredito em você, meu amor.

- Pode acreditar. – Abracei-a também, disposto a protegê-la e ao nosso filho com unhas e dentes.

O jantar daquela noite de sexta foi um tanto silencioso, cada um parecendo mergulhado em seus próprios pensamentos. Ninguém queria comentar nada também na frente do nosso pai, para não preocupá-lo. Mas depois que ele se retirou, ficamos espalhados nos sofás da varanda e Tia trouxe café. Gabi ajudou-a a servir, ansiosa, até não suportar mais a conversa amena e indagar, ao entregar uma xícara a Theo:

- Vai falar agora tudo que sabe sobre Pablo Amaro?

Ele pegou o café e a fitou, vendo sua angústia. Acenou com a cabeça.

- Vou.

Ela veio para perto de mim, sentado na beira do muro que contornava toda a varanda. Passei meu braço em volta de seu corpo trêmulo, mantendo-a junto, também querendo entender melhor aquela história.

Tia não se retirou. Sentou-se em outro sofá, ao lado de Heitor, que segurou sua mão carinhosamente, fazendo-a sorrir para ele. Pedro tinha se acomodado em um dos degraus, só observando. Theo começou:

- A história é anterior ao nascimento de todos nós. Alice, nossa mãe, morava em um sítio vizinho, que hoje não existe mais, foi anexado às nossas terras. Em 1970 ela tinha 22 anos e namorava Pablo Amaro quando nosso pai se apaixonou por ela. Ele já era dono da fazenda e o homem mais poderoso da região, com 34 anos. Tia sabe bem disso, pois já trabalhava aqui.

- Sim. – Tia acenou. – Eu tinha 24 anos na época e, junto com minha mãe, cuidava dessa casa. Meu pai era um dos peões da fazenda. O avô de vocês havia falecido e Mário era o único herdeiro. Assumiu a fazenda toda sozinho. Mas sempre foi muito decidido e tirou de letra. Tinha ficado um tempo fora e era viajado. Quando se estabeleceu aqui de vez e reencontrou Alice, decidiu se casar

com ela.

Entendi o triângulo amoroso. Meu pai, minha mãe e Pablo Amaro.

- E ela se apaixonou por ele. – Gabi opinou, em expectativa, nervosa.

- Não foi bem assim. – Theo fitou-a, pensativo, austero. – No início, nossa mãe não aceitou os convites do nosso pai.

- Não mesmo. – Tia parecia mergulhada no passado, incomodada. – Lembro bem que Mario se desdobrou, pois ela dizia que ia se casar com Pablo. No entanto, Alice e a família estavam passando dificuldades, quase a perder o sítio. Bem ... Mario era muito rico. Já sabem o que aconteceu.

- Casou com ele sem amor? – Gabi arregalou os olhos.

- Por dinheiro. – Pedro disse cinicamente, parecendo um tanto irritado. – Nunca houve paz nesse casamento. Só ciúme, paixão e desconfiança. De ambas as partes. Isso eu lembro desde que me entendo por gente até minha mãe morrer.

Eu também sabia que o casamento deles foi conturbado. Mas uma coisa ninguém podia negar, nosso pai sempre fez tudo por ela. Ouvi, em silêncio.

- Mas e o Pablo? – Perguntou Gabi.

- Nunca aceitou. Ele e Mario se odiavam. A ponto de não andarem na mesma calçada quando se encontravam na cidade. – Tia explicou. – E seu pai tinha muito ciúme de Alice, ela quase não saía de casa. Naquela época, Pablo acabou desistindo de esperar ou para não ficar por baixo, não sei. Ele se casou com Estela, uma garota que mesmo na época em que Pablo namorava Alice, era louca por ele. Estela.

- E aí ficaram inimigos mortais. Nossos pais de um lado, Pablo e Estela de outro. – Heitor fitou a mim e depois a Gabi. – Havia sempre uma concorrência e um clima ruim quando estavam perto. A cidade inteira sabia.

- Como sabia que nessa guerra Pablo Amaro não tinha chance. – Theo tomou um gole do seu café, seus olhos azuis encontrando os meus. – Primeiro nosso pai tirou dele Alice. Depois, tentou tirar suas terras.

- Mas por quê? – Gabi estava preocupada, mesmo sendo um fato que não podia mudar mais.

- Pablo era uma ameaça para ele. Sob todos os aspectos. – Theo fitou-a.

- Papai tinha medo que nossa mãe ainda o amasse? – Eu indaguei, pois não sabia daquela história.

- Ele sempre temeu isso. Mesmo pequeno, lembro que tomava conta de cada passo dela. Nunca podia ir na cidade sozinha. – Foi Heitor quem respondeu, também parecendo recordar vivamente tudo.

- E também temia um ataque ou uma covardia vindo de Pablo. – Theo continuou. – Afinal, o

homem nunca deixou de odiá-lo. Ainda mais quando seu sítio, que fazia fronteira com nossas terras, começou a falir. Ele sabia que se não o reerguesse, ficaria na miséria e possivelmente o perdesse. E de uma forma ou de outra, pararia nas mãos do nosso pai. Isso fez Pablo odiá-lo cada vez mais.

- Mas Theo ... – Eu franzi o cenho. – Papai fez algo para prejudicá-lo, para que fosse obrigado a vender seu sítio e assim tê-lo longe daqui?

Tia suspirou. Heitor e Pedro não disseram nada, muito sérios. Mas Theo foi franco:

- É bem possível. Ele nunca admitiu e não há nada que prove isso, mas essa era a acusação de Pablo.

- É pior do que pensei ... – Gabi engoliu em seco e se acomodou mais contra mim. – É um ódio que envolveu duas famílias desde muito cedo.

- Verdade. Os meninos nasceram, mas a briga continuou. – Tia torceu as mãos no colo. – Por sua vez Pablo e Estela tiveram Luiza. Alice e Estela ficaram grávidas quase na mesma época. Theo nasceu em julho e Luiza em novembro do mesmo ano. Acho que teriam mais filhos, pois Estela sempre queria imitar sua mãe em tudo. Ela a odiava por ser a amada de seu marido, mas queria ser como ela. No entanto, teve problemas no parto e só pôde ficar com uma filha mesmo. Sempre achei que era venenosa, que era ela quem alimentava o ódio de Pablo. E tudo piorou quando ele passou a beber muito. Aí é que os negócios se complicaram mais.

Tia calou-se, perturbada. Por ter acompanhado tudo de perto, sabia do que estava falando.

- Isso tudo se arrastou por quase vinte anos. – Theo estava fechado, sisudo. Era um assunto que com certeza não gostava de abordar. – O ano de 1990 foi decisivo. Muita coisa aconteceu.

O silêncio pesou entre nós. Olhei em volta, sentindo o clima estranho, negativo, denso. Pedro olhava para fora, de cara amarrada. Heitor parecia mergulhado em pensamentos ruins. Tia estava pálida. E Theo com o semblante fechado, duro.

Eu só tinha dois anos na época e Gabi nem tinha nascido. Por isso, não sabíamos de quase nada. Indaguei:

- O que aconteceu nesse ano?

- Eles perderam o sítio e nosso pai o comprou. Claro que não venderam para ele, perderam por não pagar as prestações que ainda deviam e as contas todas. Foram expulsos. – Theo tomou a palavra novamente. Na época tinha 18 anos, era o que com certeza mais se lembrava de tudo entre nossos irmãos. – Não tinham mais nada a perder. Foi quando Pablo tentou matar nosso pai e acertou o capataz. Foi preso. Estava alcoolizado e cheio de ódio. Estela e Luiza nos acusaram de ter armado tudo. Juraram terminar o que o pai não tinha conseguido. Fizeram muitas ameaças. Mas estavam totalmente sozinhas e na miséria.

- Mas ... Ninguém as ajudou? – Gabi indagou baixinho, perturbada.

- Elas nunca foram queridas. E estender a mão a elas significava aceitar o assassinato de Pablo e declarar inimizade a Mario. – Completou Tia. – Mesmo assim, elas tentaram ficar na cidade. Chegaram a dormir na praça e gritavam que ninguém as tiraria dali. Ainda naquele ano Pablo se matou na prisão. E elas ficaram sozinhas de vez. Uma noite foram dormir na praça, de manhã tinham sumido. Na época correu até boato de que Mário tinha dado fim nelas. Mas depois se soube que estavam em Pedrosa.

- Meu pai queria manter vigilância sobre as duas. – Pedro por fim falou, ainda de cara feia, como se odiasse aquele assunto. – Mas daí sumiram de vez. Esperamos um ataque ou uma vingança nos primeiros anos, mas nada aconteceu.

- Pareciam ter desistido e seguido suas vidas. É surpreendente que estejam de volta agora, que tenham sido elas que deixaram você aqui, Gabi. – Heitor a fitou, preocupado.

- Isso quer dizer que nunca esqueceram ... – Ela murmurou, pálida. – Durante todos esses anos. Meu Deus, vidas desperdiçadas em nome do ódio!

- Sim, minha filha. – Concordou Tia, desolada, levantando-se. – Há uma chance de que não sejam elas. Mas inimigas de verdade, só me recordo dessas duas. Os outros seguiram seus caminhos.

Eu estava impressionado com tudo aquilo. E sabia que meu pai também teve sua parcela de culpa. Não quis pensar se ele poderia ter algo a ver com a morte de Pablo. Teria coragem de chegar a esse ponto e mandar matá-lo, para se livrar logo dele? Ou aquela acusação delas, sobre serem assassinos, era injusta em tal caso?

Respirei fundo, com medo principalmente por Gabi. Tínhamos conseguido lutar por nosso amor e vencer. Agora outra luta se armava diante de nós. E eu só podia pensar em protegê-la e ao nosso filho.

EUE ELAS

Nos dias seguintes, apareci uma ou outra vez em Florada com minha cara limpa. Fui ao Falconetes em busca de trabalho, conversei com as duas donas, mas não havia vagas, a não ser para cantora, ainda aberta. Mas eu era muito desafinada para ao menos me arriscar no teste.

Outra vez fui até a padaria administrada pela mãe de Bel, amiga de Gabriela. Sabia que a moça trabalhava lá também e aproveitei para fazer amizade com ela enquanto dizia procurar emprego. Era uma moça simpática e extrovertida, foi fácil puxar assunto. Conteí a história preparada de que era órfã, morava na favela e precisava de trabalho.

- É uma pena, Eva. Aqui o quadro de funcionários está completo. Mas você tem um telefone para deixar de contato? Posso tentar arrumar para você. Minha amiga Gabriela é da família mais rica da região e eles tem muitos negócios. Na certa podemos conseguir alguma vaga com eles.

Eu sorri docemente, agradei, deixei o número do meu celular. E depois voltei para casa.

Sorri e cumprimentei moradores na rua, alguns me fitando curiosos. Era hora de chegar aos pouquinhos, inocente e sozinha, ganhando a confiança deles devagar.

Tinha decidido continuar ao lado da minha mãe. Soube que Tininha melhorou e teve alta, sem sequelas. E naqueles dias, minha mãe teve febre e delirou, acho que se sentiu culpada pelo que tinha feito. Quando melhorou, conversamos, lembramos tudo que passamos e decidimos continuar firmes. A família Falcão ainda nos devia muito. Só a fiz prometer que nunca mais agiria como fez com Tininha.

Ela tinha me contado como fez tudo. Pelo fato de ter sido criada na região, conhecia a mesma como a palma de suas mãos. No local onde aconteceu o Luau, o Canto das Águas, havia frequentado muito quando garota. Assim, escolheu um ponto estratégico atrás de umas árvores em um terreno elevado e ficou esperando o melhor momento de agir.

Eu não entendia como conseguiu o telefone de Tininha. Mas me disse que foi com um dos empregados da fazenda que era, na verdade, um dos ladrões da gado que ajudavam os de fora a entrar. Ele já tinha saído com ela algumas vezes.

Foi fácil ligar para a menina e convencê-la, ela nem se mostrou desconfiada. Esperou-a acabar de falar com Joaquim ao telefone, veio silenciosamente por trás e a atacou com uma pedra. Jurou que nunca quis matá-la. Mas mesmo assim, só de bater nela com uma pedra e fazê-la sangrar já era um risco. Aquilo eu não aceitava. E concordamos que não aconteceria mais.

O conhecido de minha mãe ainda estava na cola de Micael Falcão no Rio de Janeiro, sem sucesso, seguindo pistas que não davam em nada. E por isso adiantamos o Plano C. Que eu não queria. Mas que se fazia necessário. Eu teria que fazer de tudo para me aproximar de Theodoro Falcão e chamar a atenção dele. Não seria uma tarefa fácil. Mas não desistiria agora.

Segui para casa, olhando em volta, mais decidida do que nunca a fazer aquela gente devolver as terras da minha família, com juro. E pagar pelas mortes que causaram.

GABRIELA

Quase um mês tinha se passado desde o ataque à Tininha e felizmente ela estava bem. Pelo

menos de saúde. Pois continuava um tanto sem noção. Se antes se concentrava em dar shows, dançar e tentar se casar com Joaquim, agora vivia tentando converter as pessoas. Sua Bíblia com desenhos não saía de baixo do seu braço e olhava a todo mundo com reprovação. Eu só queria ver quanto tempo ia durar aquela “sequela”.

Fevereiro chegou sem grandes problemas. As investigações chegaram a um número de celular roubado, que nunca foi encontrado. Não havia digitais na pedra. Ou seja, continuávamos na mesma. Mas ao menos elas não entraram mais em contato comigo nem atacaram ninguém. Estavam silenciosas demais. Apesar de saber que não era um bom sinal, eu tentava me convencer que tinham desistido daquela vingança.

Naquele sábado glorioso e lindo, eu estava deitada na grama com Joaquim, em um piquenique íntimo perto de um dos riachos, sob a sombra gostosa de uma árvore frondosa. Lado a lado, falávamos de tudo e de nada, fazíamos planos, estávamos felizes, pois no dia anterior fizemos a primeira ultrassonografia do nosso filho, com 5 semanas de gestação.

Não dava para ver nada mais que um ponto preto, que o médico disse ser o saco gestacional. Mas nos emocionamos e eu até chorei, pois era a prova de que ele existia. E que estava tudo bem. Fizemos o piquenique para comemorar, para termos um tempo idílico só nosso.

- Temos que decidir logo onde será nossa lua-de-mel.

Virei de lado para olhá-lo, quando falou. Estava sem camisa e descalço, só de calça jeans, fitando o céu, um dos braços sob a cabeça, fazendo sobressair os músculos avantajados dos seus bíceps, deixando a tatuagem exposta. O outro estava displicente ao seu lado, com a mão em minha coxa nua sob o vestido.

Era lindo demais. Passei meus olhos por seu peito musculoso e seus ombros largos, a pele bronzeada que o cobria, o maxilar bem marcado com aquele furinho no queixo, os lábios bem desenhados e sensuais, o nariz empinado. Finalmente encontrei seus olhos, naquele verde dourado que parecia com as campinas no outono, voltados para mim. E não era só a cor rica e única que me encantava, mas tudo que aqueles olhos continham, os sentimentos que passavam, que eu sentia no mais íntimo do meu ser.

Fui invadida por emoções violentas e profundas, por um amor que vivia comigo desde que fitei aqueles olhos pela primeira vez. Acaricieei seu rosto, senti os pelos raspados da barba que começava a nascer roçando minha palma, agradei a Deus por estar ali com ele. Pessoas poderiam querer tudo da vida, riqueza, fama, amor, viagens, tudo. Eu só queria Joaquim comigo. Para sempre.

- Te amo ... – Murmurei emocionada.

- Eu sei. – Sorriu lento, gostando do que ouvia, do modo como eu o olhava com fome, com meus sentimentos expostos. Deslizou os dedos em minha coxa, arrepiando-me. E repetiu baixinho,

naquela voz grossa que me deixava doida: - Te amo.

- Eu sei. – Foi minha vez de dizer e sorrimos um para o outro como dois bobos. – Nem acredito que vamos nos casar esse mês. Quero dizer, não pode ser um casamento de verdade, mas ...

- É de verdade. É com amor, com alma, com desejo. Pode não ser legal nem religioso, apenas simbólico, mas para mim vai ser igual a qualquer outro. Muito real. Você vai ser minha esposa e a mãe do meu filho.

Seu tom apaixonado me deixou mais feliz e cheguei mais perto, concordando com a cabeça.

- Eu me sinto assim também, Quin. Pelo menos poderemos registrar nosso filho sem problemas.

- Sim, a lei não proíbe isso.

Theo tinha consultado um advogado especializado em Direito de Família, tentando qualquer brecha na lei que permitisse o casamento. Mas as que haviam, e eram poucas, não se enquadravam em nosso caso. Pela Constituição de 1988, filhos de sangue e adotivos passavam a ter direitos iguais perante a Lei, sendo reconhecidos como irmãos, independente de qualquer coisa. E já que fui registrada como irmã dele, não podíamos casar. Era visto, legalmente, como incesto. Mesmo não sendo realmente irmãos. Nem União Estável era permitido, pois dependia da lei. Mas podíamos registrar nossos filhos sem problema.

- Estranho isso. Devia haver um meio de reverter o caso. Até porque tio pode casar com sobrinha. – Disse ele.

- É verdade. Nem acreditei quando eu soube. - Tinha ficado abismada quando o advogado nos explicou que, por força de um decreto de 1941, tio podia casar com sobrinha, desde que laudos de dois médicos apontassem que não haveria complicações genéticas, na verdade eugênicos para seus descendentes. Suspirei e completei: - Mas tudo bem. Estou feliz, Quin. Mais feliz do que já estive uma vez na minha vida!

- E vai ficar mais. – Veio para perto de mim, ambos deitados de lado, de frente um para outro, banhados pela brisa gostosa que fazia as folhas da árvore acima de nós balançarem suavemente. Puxou-me para seus braços, até que meu corpo encaixava no dele, seus lábios quase tocando os meus: - Cuidarei para que cada dia da sua vida seja melhor do que o outro. Vai enjoar de tanta felicidade.

- Isso nunca! – Garanti excitada, amada, em expectativa. Lambi os lábios e então gemi baixinho ao sentir que mordiscava o inferior e o lambia devagarinho, antes de finalmente fechar os olhos e beijar minha boca.

Era delicioso demais e retribuí extasiada, com o coração disparado, a respiração alterada. Enfie os dedos em seu cabelo curto e girei minha língua na dele, naquela dança gostosa e sensual

que eu amava.

Joaquim acariciou-me, seu pau muito duro dentro da calça contra o vão entre as minhas pernas, minha vulva já encharcada por ele. Era assim. Bastava um toque, um olhar, um beijo ou uma carícia e eu ficava pronta para ele. Desesperada para tê-lo dentro de mim.

Dormíamos juntos todas as noites e fazíamos amor, mas nunca era o bastante. Estávamos sempre ansiando por mais, como famintos, necessitados por qualquer oportunidade para extravasar a delícia daquela paixão. Às vezes era só um olhar em uma sala cheia e já começávamos a arder, o desejo cobrando seu preço, exigindo satisfação.

Como ali. Apesar de estarmos longe dos edifícios e construções da fazenda, era um campo aberto. A qualquer momento alguém podia chegar e nos ver. Mas a fome já era maior que tudo. Não tínhamos tempo para carícias e brincadeiras sensuais, nem podíamos correr riscos. Mas em questão de segundos eu abria a sua calça e Quin arrancava a minha calcinha.

Continuou a me beijar bem gostoso e exigente enquanto sua mão se infiltrava dentro da minha saia e segurava minha coxa, apoiando a perna em seu quadril e agarrando firme minha bunda. Gemi alucinada quando a cabeça robusta do seu pau separou meus lábios vaginais encharcados e entrou em mim. Em um movimento brusco me penetrou e foi todo, bem fundo, apertado e latejante.

- Ah, Quin ... – Gemi contra seus lábios, arrebatada enquanto passava a me devorar em movimentos firmes de quadril.

Escorreguei a boca para baixo e lambi aquele furinho do seu queixo que eu tanto amava, tremendo, deslizando minhas mãos em suas costas musculosas, puxando-o mais para mim. Murmurou rouco, acariciando meus seios, penetrando-me mais e mais:

- É assim que quero passar cada dia da minha vida, te amando e te comendo ... Sabendo que é minha ... Que posso fazer tudo o que eu quiser com você ...

- Sim, tudo ... – Agarrei-o sôfrega, nossos movimentos mais acelerados e intensos, enquanto mordida meu pescoço e me fazia deitar de costas no chão, vindo por cima de mim, seu pau abrindo-me mais e mais. Arranhei-o, latejando, babando em volta de seu membro, chupando-o para dentro de mim. Meu corpo tremia e era arrebatado por aquele prazer sem limites, embargante.

Ergueu a cabeça e seu olhar era duro, possessivo, ardente.

- Eu te amo, Gabi ... – Disse baixo, a voz me fazendo estremecer, tocando todos os terminais nervosos dentro de mim. Havia força e devoção naquele olhar. Havia posse no modo como entrava em mim, como me torava uma parte irremediável dele. E repetiu rouco: - Eu te amo.

- Ah, Quin ... – Choringuei, meu corpo sendo devastado pelo prazer.

- Eu te amo ... Eu te amo ...

E não aguentei mais me segurar. Explodi em êxtase, em um orgasmo que veio como um

enxurrada, deixando-me solta e tonta, completamente arrebatada. Fitei seus olhos verdes amarelados quando gozou também e esparramou seu esperma quente no mais profundo do meu ventre, e enquanto chegávamos juntos ao céu, eu gritei o que quis gritar toda a minha vida, com todos os sentimentos fortes e verdadeiros dentro de mim:

- Eu te amo!

Nos abraçamos e beijamos emocionados, vivos, pulsantes. O prazer era nosso e a vida diante de nós também. Pronta para ser apanhada e apreciada. E era isso que íamos fazer. Com nosso amor, nosso casamento de almas, nosso filho e nossos irmãos. Íamos gozar a vida.

*Eu quero ser pra você
A alegria de uma chegada
Clarão trazendo o dia
Iluminando a sacada*

*Eu quero ser pra você
A confiança o que te faz
Te faz sonhar todo dia
Sabendo que pode mais*

*Eu quero ser ao teu lado
Encontro inesperado
O arrepio de um beijo bom
Eu quero ser sua paz a melodia capaz
De fazer você dançar*

*Eu quero ser pra você
A lua iluminando o sol
Quero acordar todo dia
Pra te fazer todo o meu amor*

*Eu quero ser pra você
Braços abertos a te envolver
E a cada novo sorriso teu
Serei feliz por amar você*

CAPÍTULO 17

JOAQUIM

O amplo campo gramado do jardim atrás do casarão, em volta da piscina estava preparado com mesas e cadeiras brancas a se perder de vista, as toalhas de linho esvoaçando com a brisa, assim como as fitas brancas penduradas nas folhas das árvores. Um churrasco gigantesco ao ar livre estava sendo preparado e havia um buffet enorme com todo tipo de comidas e sobremesas, prontas para serem servidas pelos garçons e garçonetes preparados.

Havia barris de chope, de vinho, uma variedade de destilados, sucos, refrigerantes, coquetéis e água. Vizinhos, amigos, empregados, pessoas com quem fazíamos negócios e que moravam na cidade foram convidados e circulavam por lá, sentavam-se, riam, conversavam, se moviam animados ao som que uma banda de forró tocava, em um palco improvisado.

No centro de tudo havia uma pequena plataforma enfeitada com um arco de flores multicoloridas, onde fotógrafos e cinegrafistas contratados se preparavam para gravar tudo. Outros circulavam entre os convidados, filmando-os ou batendo fotos, registrando momentos que depois seriam guardados com carinho.

Eu olhei tudo aquilo ao chegar, nervoso, preparado para a festa do meu casamento. Enquanto me dirigia à plataforma, ia recebendo cumprimentos, abraços, sorrisos e carinho. Sorria para amigos e conhecidos de uma vida, conversava, mas depois seguia em frente.

Sentia-me incomodado com a calça e a camisa branca, arrumadinho e engomadinho demais. Felizmente Gabi não se importou que eu usasse botas e meu chapéu. Mas quis o branco para ficar como ela. E lá ia eu, sem saber ao certo como seria aquela casamento simbólico, até parar no início de um tapete também branco no chão, onde se espalhavam pétalas de flores coloridas. Ele cobria o caminho que deveria seguir até a plataforma. Mas ainda não estava na hora.

- Nervoso? – Senti uma mão no ombro e me virei para Heitor, elegante em calças escuras, paletó cinza chumbo, camisa azul clara por dentro. Tinha aparado a barba e o cabelo, embora este continuasse rebelde e levemente comprido. Seu chapéu preto estava na outra mão.

- Muito.

Sorriu e me deu um tapa amistoso, comentando:

- Quem diria que o caçula passaria a perna em todos nós e se casaria antes que os irmãos mais

velhos. – Havia uma certa nostalgia em seu olhar e lembrei que uma vez ele até andou falando em casamento, quando ficou sério com Francesca, a irmã de Abigail e Dalila. Infelizmente ela havia falecido de câncer.

- Se não fosse eu, nossa família acabaria em nossa geração, sem herdeiros. – Sorri de volta. – Já pensou nisso?

- Pensei. Tenho vontade de ter filhos e sossegar ... – Colocou o chapéu na cabeça. – Mas falta a mulher certa.

- Ela vai chegar por aí um dia desses.

- Vai. Mas hoje é o seu dia e de Gabi. E estou muito feliz por você, garoto. Vai ser um bom pai e um bom marido. Não poderíamos querer homem melhor para cuidar da nossa irmã.

Sua voz calma e franca me emocionou. Acenei com a cabeça, sensível demais e envergonhado por isso. Heitor apenas sorriu, observador, como se soubesse como eu me sentia. Naquele momento, Pedro se aproximou elegante em terno cinzento sem gravata, camisa branca com os dois primeiros botões abertos, barbeado. Ao contrário de mim, de Heitor e da maioria dos homens ali, não usava botas nem chapéu. Era um homem mais urbano.

- E aí, Tourinho? – Sorriu com aquele seu jeito meio debochado, olhando-me de cima a baixo. – Está bonito, hein?

- Pareço um pai de santo ... – Reclamei, o que o fez rir. Depois avisou: - Tia já vem aí com papai. E depois Theo com Gabi. Cadê o padre Hamilton?

- Está ali. – Apontei para uma mesa onde o senhor idoso de quase oitenta anos conversava com duas beatas.

Padre Hamilton era muito antigo na paróquia. Tinha batizado desde Theo até Gabi, nos conhecia desde moleque. E quando conversamos com ele sobre nossa situação e o fato de não poder realizar um casamento, rapidamente se comprometeu a nos dar sua benção de maneira informal. Apesar da idade, não era cheio de regras, pelo contrário, tratava-se de um pessoa bondosa, que fazia de tudo por seus fiéis.

Teve uma época que a Igreja tentou remanejá-lo para outro lugar. Os moradores se revoltaram tanto, mandaram cartas, reclamaram, que ao final o deixaram ali e nunca mais foi falado em mudança. Todas as pessoas, inclusive eu, amavam o padre. Era uma honra para nós que ele se dispusesse a nos casar, mesmo que de forma informal.

- Vou lá chamar o padre para começarmos. – Pedro apontou atrás de mim. – Eles chegaram.

E enquanto ele se afastava, virei para ver Tia vir ao lado da enfermeira Margarida empurrando a cadeira de rodas do nosso pai.

Mario Falcão estava com os cabelos brancos bem penteados, usando um terno engomado, seu

semblante sério e fechado como sempre. Muitas pessoas o olhavam, todos com respeito. Mesmo aos 78 anos e naquela cadeira, ainda era duro e imponente, nada suavizado em sua expressão. Tinha sido meio difícil ele aceitar aquele casamento, mas por fim tinha parado de nos olhar de cara feia.

Tia tinha se recusado a usar vestido e sapatos de saltos. Acostumada com bermudas, jeans e a cara sempre lavada, sentia-se muito incomodada em se emperiquitar. Nós a deixamos à vontade para se vestir como queria. Seus cabelos curtos e grisalhos estavam penteados com mais cuidado, usava calças novas e bege, uma blusa de seda estampada e sapatilhas de couro. Sorri ao olhá-la e, quando parou perto, elogiei-a:

- A senhora está linda, Tia.

- Uma gata. – Completou Heitor, piscando o olho.

Ela corou, toda sem graça, sacudindo a cabeça.

- Ah, meninos ... – Mas sorriu toda boba.

- Dona Margarida também. – Heitor sorriu para a enfermeira em uma vestido estampado e ela riu, feliz, agradecendo.

- Ham ... – Meu pai rosnou, impaciente.

- E o senhor muito elegante. – Falei e me olhou sério, mas pareceu satisfeito.

Olhei mais nervoso ainda quando vi Pedro ajudando Padre Hamilton a ir para a plataforma. Deixou-o lá, empertigado, e voltou até nós, indagando:

- Prontos?

- Vamos. – Tia sorriu, ansiosa, cedendo seu lugar a empurra a cadeira. Margarida foi se sentar à uma mesa e Heitor tomou a posição de levar nosso pai.

Eu percebi que tremia quando Tia me deu o braço e nos arrumamos no início do tapete com flores, eu e ela na frente, Pedro, Heitor e nosso pai atrás. A banda começou a tocar uma melodiosa música instrumental, fotógrafos começaram a se posicionar e bater fotos, a filmagem começou.

- Não fique nervoso, filho. – Murmurou Tia.

- Como se eu conseguisse. – Retruquei baixinho.

Beijou-me com carinho no rosto e murmurou:

- Estou orgulhosa por você.

Eu a fitei com amor e beijei-a de volta na face.

- Obrigado, Tia.

Nos aprumamos e começamos a caminhar em direção à plataforma, enquanto todos prestavam atenção e a música nos acompanhava. O padre Hamilton nos esperava calmo, sorrindo, enquanto eu o cumprimentava e parava à sua direita. Tia foi para o outro lado e postou-se ao lado dos meus irmãos, com a cadeira do nosso pai à frente deles.

Respirei fundo. Passei o olhar por minha família e então o percorri pelos presentes. Eram amigos e conhecidos de uma vida inteira, todos olhando e sorrindo para mim. Estava embargado pela emoção. Que só aumentou quando um dos vaqueiros mais antigos da fazenda, seu Jorge, parou ao lado das mesas e levou seu berrante à boca.

O som do berrante explodiu no ar, que marcava nossa lida na fazenda, os anos que cresci ouvindo aquilo, uma vida inteira ligado à terra. Arrepiei-me todo e fiquei imóvel, olhos fixos, tentando controlar as emoções loucas que jorravam dentro de mim.

E então, depois de muito fôlego, ele parou e sorriu. As pessoas aplaudiram e eu acenei para ele, agradecido. Foi a vez de um membro da banda pegar seu violino e começar a tocar a linda melodia de Air, de Johann Sebastian Bach. O som lindo e maravilhoso, inigualável, percorreu o ar, embriagou-me, deixou-me sensível como nunca tinha me sentido.

Mas nada tinha me preparado para ver Gabi se aproximar, mais linda do que nunca, de braço dado com Theo. Enquanto ele vinha alto e seguro em um terno preto com camisa branca, ela parecia flutuar em um vestido leve e branco, com flores pequeninas bordadas, caindo suave e flutuante até seus pés. Os cabelos longos e acobreados estavam soltos e emoldurados por uma coroa de flores coloridas. Parecia uma ninfa, uma fada, um ser de luz e beleza inigualáveis.

Fiquei imobilizado, encantado, maravilhado. Fitei seus olhos castanhos claros e sentimentos avassaladores me invadiram, eu fiquei chocado pelo modo como me senti diferente, feliz, realizado, cheio de um júbilo inigualável. Meu coração disparou, minhas mãos tremeram, eu soube que era o momento mais importante da minha vida. E a olhei apaixonado enquanto caminhava para mim.

O mundo deixou de existir. Imagens de nós dois pequenos correndo de mãos dadas por aquelas terras me extasiaram, assim como outras, quando a beijei pela primeira vez, quando entendi que a amava de maneira diferente, quando lutei com unhas e dentes para resistir àquele amor. E a melhor coisa que fiz foi me entregar, foi sentir e admitir, foi lutar por ela. Caso contrário, sempre faltaria uma parte minha, eu nunca seria completo. Nem feliz, como era naquele momento. Eu duvidava que qualquer pessoa no mundo sentisse mais felicidade do que eu.

Olhei-a e sonhei, me dei, me mostrei. Não disfarcei nada. E Gabi parecia entender, sem nem ao menos piscar para não me perder por milésimos de segundos, as emoções fluindo dela para mim, sua doçura e seu amor tão evidentes quanto o meu. Veio para mim como devia ser, ela com nosso filho no ventre, naquele esplendoroso dia de fevereiro, sobre as terras que amávamos, cercados de pessoas que eram importantes demais em nossas vidas. O que mais um homem poderia querer?

Chegou bem perto e Theo a entregou a mim. Fitei os olhos do meu irmão mais velho, a figura paterna mais presente em minha vida do que meu pai naquela cadeira, o homem que cuidou de mim e esteve atento a todas as minhas necessidades, que ia na escola quando eu fazia besteira e que me

chamava atenção quando necessário. Tive vontade de chorar e me contive, acenando a ele com a cabeça, sem condições de falar.

Theo apenas sorriu, como se entendesse tudo. Estava também parecendo feliz, mesmo sóbrio como sempre, seu olhar suavizado pela emoção. Então beijou a cabeça de Gabi e disse para nós:

- Sejam felizes.

Foi ficar ao lado de nossos irmãos, enquanto sorríamos para ele.

Eu segurei as mãos de Gabi e nos olhamos com amor, com ternura e paixão, com uma alegria que dispensava qualquer palavra. Ela sorriu e eu também, ambos como dois bobos e tolos, enquanto Padre Hamilton tomava a palavra:

- Meus jovens.

Viramos para ele, nossos dedos entrelaçados, as emoções vivas nos rondando. Ele continuou, alto:

- Em meus oitenta anos de vida, é a primeira vez que celebro uma união assim, diferente de todas as outras. Não posso usar os termos comuns, mas posso dizer que é com alegria que estou aqui. Vi os dois crescerem em nossa comunidade, se tornarem pessoas de bem, serem criados como irmãos, mas se apaixonarem como homem e mulher. Não há sangue os unindo, mas amor. E quem somos nós para julgarmos o amor? Um amor tão puro e evidente como este que vejo diante dos meus olhos?

Parou e sorriu para nós. Então foi em frente:

- Deus não está preocupado com regras de etiqueta ou com a infelicidade. As Leis do homem são necessárias, mas não podem ultrapassar as leis de Deus. E onde na Bíblia está escrito que irmãos adotivos não podem se casar? O amor é o principal e é por isso que estou aqui hoje. Para celebrar o amor.

Virou-se para mim.

- Joaquim Falcão, tu prometes cuidar, amar, proteger e venerar sua esposa em cada dia de sua vida?

- Sim. – Disse rouco.

- Gabriela Falcão, tu prometes cuidar, amar, proteger e venerar seu esposo em cada dia de sua vida?

- Sim. – Sua voz saiu embargada, seus lábios tremeram.

- Juntos estão dando início a mais uma família. Precisam ser responsáveis e centrados, nunca esquecendo a chance que Deus está lhes dando de ter um casamento de almas e de vontades, com as bênçãos de todos que são importantes em suas vidas. Valorizem isso, cuidem para que nada separe vocês, conversem, amem, doem. E verão que casamento é isso, uma troca, uma reciprocidade, uma

aventura deliciosa nos caminhos do Senhor.

Tia chorava em seu lençinho. A música continuava linda. Eu me continha para não ter os olhos mareados, coisa que Gabi não conseguiu, pois lágrimas desciam do seu rosto. Apertei mais sua mão, entendi-a, pois eu me sentia muito emocionado e tocado também.

- Que Deus abençoe essa união e os frutos desse amor. Joaquim Cruz Falcão e Gabriela Cruz Falcão, eu os declaro marido e mulher não pela lei ou pela Igreja Católica Apostólica Romana, mas por Deus e seus anjos, por amor, por saber que merecem essa felicidade e esse amor é puro, sincero, honrado. Caminhem assim, juntos, de mãos dadas e corações unidos, e nada poderá separá-los, nem mesmo o tempo ou a morte. Criem seus filhos com sabedoria. Semeiem o bem e tudo será um mar de vitória e de conquistas. Agora vocês são apenas um, uma unidade, uma emoção. Aproveitem a vida que lhes é dada. E nunca esqueçam do Senhor, que neste momento permite esta união. Sejam felizes em todos os momentos, mesmo naqueles em que derramem lágrimas, pois cada um lhes são dados para crescimento e aprendizado, para evolução. Estão casados perante todos nós, pelo amor. Parabéns.

Eu sorri e olhei para Gabi, que chorava copiosamente. Puxei-a para mim, abracei-a, murmurei com carinho:

- Bem vinda, esposa.
- Bem vindo, marido. – Riu, extasiada.
- Pode beijar a noiva. – Disse o padre sorridente.
- É pra já. – E sem que ela esperasse, inclinei-a para trás em meus braços e a beijei com paixão, enquanto me abraçava forte pelo pescoço.

Aplausos, gritos e assovios explodiram entre os convidados. Feliz, eu a ergui e nos olhamos rindo, em júbilo, enquanto eu a abraçava, beijava sua testa, sua face úmida, seus lábios, tudo que via pela frente.

- Chega! – Gritou Pedro, o que só nos fez rir mais. Então tirei as alianças do bolso da camisa e sem muita cerimônia a coloquei em seu dedo e ela no meu.

Ali mesmo fomos cumprimentados por nossos irmãos. Recebi abraços fortes e tapas amistosos de Theo, Heitor e Pedro, todos me mandando cuidar direitinho de Gabi. Pedro ainda completou:

- Ou te dou a surra da qual escapou aquele dia.

Tia chorou e nos beijou. Abaixei-me e beijei os cabelos brancos do meu pai, que nos olhava mais brando. Foi uma festa e uma alegria. Cumprimentei Padre Hamilton e ouvi seus conselhos bondosos.

Não saímos da plataforma arrumadinhos, mas felizes, espalhados, Gabi entre meus braços. E logo as pessoas vinham nos cumprimentar, dar os parabéns, brincar. Foi melhor do que esperávamos,

pois o que prevalecia era a felicidade. E essa tínhamos ali de sobra.

A festa foi um sucesso. O grupo musical era animado e o forró rolou solto, com casais de várias idades se acabando na pista improvisada. O churrasco rolava solto e as pessoas se fartavam em bebidas e comidas, conversavam e circulavam, se divertiam.

Acho que toda cidade estava lá, pois havia muita gente. Nenhum dos empregados faltou e as pessoas se perdiam de vista. Apesar de tudo, não tinha gente estranha. Com medo que a família de sangue de Gabi armasse alguma, tínhamos aumentado a segurança e só entrava gente com convite. Seguranças estavam atentos a qualquer coisa estranha e a pessoas de fora. Mas felizmente tudo corria bem.

Não acreditei quando vi Tininha bem comportada com os pais em uma mesa, usando um vestido fechado e o cabelo preso. Parecia olhar demais para a pista de dança e estava dura, calada, com lábios franzidos. Olhando-a melhor era evidente sua vontade de estar lá, talvez dando seus shows quicando e rebolando, mas desde o atentado ela era outra mulher.

Eu me indagava se aquilo foi uma sequela ou se partiu de uma decisão dela, para tentar mudar. A pena era que não parecia ter a felicidade de antes nem um equilíbrio. Tinha passado de uma extremidade a outra. As pessoas reclamavam que era chata, que ficava pregando em qualquer lugar e entregando folhetos religiosos em todo canto: na funerária, na padaria, na porta do cinema e até no Falconetes.

Era óbvio que era uma luta dela também, pois muitas vezes deixava demonstrar antigos desejos. Como em um dia que fui até a cidade e a encontrei sem querer. Estava suado e com a camisa aberta e ela ficou o tempo todo engolindo em seco e olhando pro meu peito, trocando palavras, confusa, desligada. Até me lembro de parte da conversa:

- E você, Tininha, como está?

- Bem, graças a Deus. Minha vida mudou. Eu não penso mais nessas coisas de homens e sexo ... Não, senhor ... Sou uma mulher honrada e “pênis” ... Quero dizer, “pena” que outras não sigam o meu caminho ... Sabe, Joaquim, encontrei um novo caminho nos vales do seu peito ... – Seus olhos cravados nos músculos enquanto parecia um tanto aérea, como se contasse quantos gomos havia em minha barriga.

Incomodado, eu havia começado a fechar a camisa e ela gritou:

- Pare! – Quando viu o que tinha feito, corrigiu na hora: - Quero dizer, pensei que tivesse um bichinho aí na sua barriga, mas não foi nada. Como eu dizia, sou uma nova mulher.

- Sei.

E agora estava ela lá, com olhares pidões para a pista de dança e os lábios mexendo em preces

silenciosas. Sacudi a cabeça, torcendo para que ela encontrasse seu equilíbrio e fosse feliz. Enquanto isso, Rosendo, o nosso cozinheiro que ria à toa e que havia ficado apaixonado por ela no dia do carro de som, estava rodeando-a, disfarçando, arrastando o pé no chão, até que finalmente Geralda, a senhora que trabalhava com ele no refeitório e o tinha assumido como um filho desde que ficou viúva, segurou sua mão e levou Rosendo para apresentá-lo a Tininha e sua família.

O rapaz estava vermelho, seus cabelos castanhos mais espetados por toda hora esfregá-los, todo arrumadinho por que Geralda cuidava dele. Ria sozinho, soltando gargalhadas quando menos se esperava. Estávamos acostumados com ele. Tinha mania de rir e de viver se escondendo atrás de árvores, falando sozinho, mas era inofensivo. E um bom homem. Aos 38 anos, tinha idade mental de uma criança.

Passei por eles e ouvi parte da conversa, enquanto Tininha dizia muito compenetrada a Geralda e Rosendo:

- Bom saber que a senhora ensina a ele a gostar de ler. Eu prefiro livros com figuras, quanto menos texto melhor. Mas sou fera em inglês. Se precisar, posso dar umas aulas para ele!

- Que maravilha! – Geralda ficava toda feliz.

Eu ri sozinho, lembrando de Tininha cantando ao sair do bolo “Rapoi bortei to you”. Imaginei o que não sairia daquelas aulas de inglês.

- Onde você estava? – Gabi me abraçou, erguendo a cabeça para me olhar. Seu sorriso era contagiante: - E do que está rindo?

- Nada. Quer dançar comigo, senhora Falcão?

- Seria uma honra, marido.

Piscou e a rodei, girando sobre si, arrastando-a para a pista. Mesmo sendo um forró animado, nos abraçamos colados e dançamos devagar, olhos nos olhos, a felicidade viva em cada palmo de nós.

- Foi o casamento que você queria? – Perguntei.

- Sim. Perfeito. Melhor do que tudo que imaginei. – Acariciou meu queixo, seu dedo brincando em meu furinho, seu olhar cheio de amor. – E você?

- Também foi ainda melhor do que pensei.

- Faltou alguma coisa?

- Sim. Micah. – Falei baixo. Mesmo não vendo meu irmão há 15 anos e não sabendo mais nada dele, lembrava-me de como sempre foi meu amigo e cuidou de mim. Sua rebeldia nunca se estendeu a mim ou a Gabi.

- Também pensei nele. Apesar de não ter tantas lembranças. Quando foi embora eu só tinha 5 anos. Foi em 1999, não é?

- Foi.

- Quin, e se o procurássemos de novo?

- Conversei com Theo sobre isso. Ele disse que as investigações continuam. O encontraram algumas vezes, mas desaparecia logo depois. Parece um fantasma. E tem anos que sumiu de vez. – Respirei fundo. – É uma pena isso tudo. Eu o queria aqui, no meio de nós.

- Eu também. Mas não vamos desistir. Podemos encontrá-lo ainda.

- Sim.

Só que eu sabia que, depois de tudo que aconteceu, mesmo que ele voltasse, muita coisa ainda seria confusa e problemática. De qualquer forma, pensei em falar com Theo de novo, aumentar as investigações. Nunca custava tentar.

- Agora me dê um sorriso, senhor Falcão. – Pediu delicada e não pude negar.

Sorri e a beijei na boca. E fui só felicidade.

Foi maravilhoso. A festa durou o dia todo e avançou a noite. Ninguém parecia querer ir embora. Cortamos o bolo, recebemos mais uma onda de aplausos e tiramos mais fotos. Só acabou de madrugada.

Fiz amor com Gabi daquela vez com muita ternura, beijando sua barriga que guardava nosso filho, amando-a pela primeira vez como minha esposa. Foi lindo, delicioso, recheado de beijos, carícias e esperanças trocadas e repartidas.

De manhã estávamos prontos e animados para nossa Lua-de-mel em Fernando de Noronha e ficar lá por 4 dias cercados de mar, o que não tínhamos ali. O jatinho da nossa família levantaria voo de nosso hangar particular ao norte dali e nossos irmãos nos levariam até lá de carro para pegá-lo. Depois pousaria direto no Arquipélago de Noronha, para depois voltar e nos buscar na quinta-feira.

Nos despedimos de nosso pai e de Tia, com muitas recomendações de que aproveitássemos bastante. E depois de Heitor, Pedro e Theo, que nos desejaram muitas felicidades e que ligássemos caso precisássemos de alguma coisa. Por fim acenamos e entramos no jatinho.

- Preparada? – Perguntei a Gabi.

- Sim e ansiosa. – Sorriu ao se acomodar em seu assento perto da janela.

- Eu também.

Concordei, sorrindo para Gabi. Não via a hora de ficar sozinho com ela e aproveitar ao máximo a Lua-de-Mel naquele paraíso que íamos conhecer juntos.

CAPÍTULO 18

GABRIELA

O Arquipélago de Noronha ficava a 545 km de Recife e a 360 km de Natal, só sendo possível chegar lá de avião ou embarcação. A quantidade de voos não crescia muito para manter a preservação da Ilha que tinha apenas 17 km², pois a entrada de turistas era controlada para evitar impacto ambiental.

O voo foi tranquilo e conversamos bastante, sorrimos, nos beijamos e acariciamos. O piloto fez um voo panorâmico sobre a Ilha antes de pousar e pudemos nos maravilhar com a beleza natural embaixo, aquele mar e um azul esplêndido e claro com os recifes embaixo, as praias de areias brancas, o verde da vegetação.

Nos despedimos dele, passamos pelo tradicional desembarque e fomos recepcionados por um motorista simpático, responsável pelo transfer enviado da pousada em que ficaríamos, só para nos buscar. Nos acomodamos e foi mais uma delícia olhar como era tudo lindo, excepcionalmente natural e belo.

Passamos pelo pequeno e encantador centro da Ilha, com bares e restaurantes. A pousada ficava a cerca de 600 metros, cercada pela Mata Atlântica, um casarão em um terreno mais alto, com telhado de telhas, pintado de amarelo escuro e com vários detalhes em madeira, possuía decks panorâmicos com vista para o mar. O estilo era rústico, mas tinha todas as comodidades possíveis e ficava perto de tudo. Também disponibilizava passeios de barco, excursões pela ilha e trilhas a pé.

Ficava a poucos minutos do Bairro Vila dos Remédios e da Praia da Conceição, segundo eu e Quin pesquisamos antes de fazer as reservas. Íamos ocupar a melhor suíte, rodeada por uma varanda com vista para o mar e quarto amplo, bem planejado, cheio de conforto. Conferimos que tudo ainda era melhor do que nas fotos do site ao sermos recebidos com muita simpatia e levados aos nossos aposentos, adorando tudo.

A cama estava coberta de pétalas de rosas e como cortesia ganhamos uma cesta de chocolates e uma garrafa de champanhe. Agradecemos felizes e, depois que o gerente saiu, corremos descalços para a varanda de madeira com plantas e espreguiçadeiras e brindamos em meio a toda aquela beleza, enquanto Quin alertava para minha taça só pela metade:

- Só vai poder beber isso.

- Eu sei. Em compensação, vou acabar com aquela cesta de chocolates.

Rimos e cruzamos nossos braços para tomar a champanhe, enquanto ele murmurava:

- Que o nosso amor seja eterno.

Fitei seus olhos verdes e sussurrei emocionada:

- Ele será.

Tomamos tudo entre risinhos e beijos. E logo depois nos trocamos, colocamos protetor solar, tênis, bermudas e camisetas e saímos para explorar as redondezas a pé.

Ficamos maravilhados com aquele paraíso em meio ao Oceano Atlântico. Devido à preservação, tudo era mantido natural, apesar da cidade, das moradias, bares e hotéis. Chegamos à Praia da Conceição e admiramos o mar em que o verde e o azul se misturavam em cores nunca vistas, com areias acastanhadas onde pequenos bares estavam dispostos.

Andamos descalços lá, encantados, observando alguns surfistas que cortavam as ondas. Almoçamos pela cidade mesmo, conhecendo a Vila, os monumentos históricos e as belas construções. Foi delicioso e paramos vários momentos para apreciar todos os ingredientes das falésias, das águas cristalinas e do mirante. Havia uma linda e exótica combinação de cores e tirei várias fotos com Joaquim, enviando de imediato para os celulares de nossos irmãos, com recados de que estávamos bem e felizes.

Não havia na praia barracas, guarda-sol, nem infraestrutura para banhistas, era tudo despojado e natural, as pessoas se sentavam nas areias ou nos bares, andavam à vontade, curtiam o que a natureza tinha de melhor.

Acabamos alugando um passeio de buggy à tarde e conhecemos mais daquele paraíso, até ficarmos exaustos e voltarmos à pousada. Tomamos banho, tomamos um café da tarde reforçado no restaurante e depois fomos para o quarto. Sentamos em espreguiçadeiras acolchoadas lado a lado na varanda, olhando o céu dourado de final de tarde, de mãos dadas.

Eu suspirei e na hora Quin me olhou preocupado.

- Cansada? Será que exageramos?

- Não, estou ótima. – Eu o tranquilizei e passei a mão livre pela barriga, sorrindo para ele. – Só não consigo parar de suspirar de felicidade. Será que tudo isso é real mesmo ou estou sonhando e esqueci de acordar?

Passou o polegar pela palma da minha mão e seu olhar percorreu meu rosto.

- É real, Gabi.

- Felizmente! – Mordi o lábio. – Você imaginou que tudo isso poderia acontecer quando fugia de mim?

- Eu não fugia de você.

- Ah, não? – Eu ri.

- Fugia do que sentíamos. Achava que isso poderia trazer uma tragédia para nossa família. – Seus olhos pareciam mais verdes no rosto bronzeado mais ainda pelo passeio daquele dia. – Era uma possibilidade.

- Era, e quase aconteceu quando Pedro nos pegou juntos no quarto. Pensei que fosse te matar!

- E eu! Ainda bem que ele mesmo me ensinou a defender seus golpes. – Quin sorriu. – Nunca vi cara mais esquentado!

- O que ele tem de esquentado o Heitor tem de calmo. Parecem fogo e água e mesmo assim são os melhores amigos do mundo. – Falei com carinho. – Já estou com saudades deles, de Theo, da Tia e do papai. Quando tive que ficar na faculdade em Belo Horizonte, quase morri da falta que senti de todos e da fazenda.

- E de mim?

- Principalmente de você, seu bobo.

- Ah, é? – Indagou só para me ouvir falar mais.

- Desesperadamente! E agora ninguém me obriga a voltar para lá.

- E não vai mesmo. – Disse possessivo.

Achei graça e me levantei, indo para a espreguiçadeira dele.

- Chega pra lá, estamos longe demais.

Na mesma hora me puxou para seus braços e gemi ao sentir seu corpo contra o meu no espaço ínfimo, usando só um short. Arregalei os olhos ao sentir o volume de seu sexo contra meu ventre, murmurando:

- Já?

- Estou assim o dia quase todo, olhando pra você e tentando me conter para não parecer um tarado. – Disse rouco, sua mão percorrendo minha bunda sobre a bermuda, seus lábios deslizando em meu pescoço.

- Tarado? – Ri, mas já excitada, reagindo, desejando-o.

- Sim. Por mim ficávamos aqui no quarto estreando a cama, o banheiro, a varanda, a mesa, o sofá...

- Mas é um tarado mesmo!

- Quer ver o quanto? – Mordeu o lóbulo da minha orelha, rouco, descendo o zíper da minha bermuda.

- Quero. – Eu já arriava seu short e agarrava com volúpia o seu pau.

Fomos ficando nus entre beijos e afagos. E nos amamos em uma miríade de sentimentos e sensações, exaltados e delirantes.

Quin me fez ficar sentada de costas para ele, em seu colo. Depois me deitou de bruços sobre as suas pernas, acariciando minhas costas, dizendo palavras pecaminosas, descendo as mãos grandes por minha bunda. Deu uma atenção especial a ela, tocando, apalpando, abrindo, erguendo meus quadris para lambar meu ânus até me deixar doida, toda melada e trêmula, suplicando por mais.

Depois chupou minha rachinha e quanto mais tomava, mais eu despejava mel em sua língua insaciável, até que fiquei a ponto de gozar. Aí que começou a tortura. Deitou-me de novo de bruços e penetrou-me com dedos no ânus e na vulva. Choraminguei alucinada, mas quando ia gozar ele parava, beijava minhas costas, dizia o quanto eu era linda. E voltava a me penetrar.

Quando pensei que não suportaria mais, ergueu-me ainda de costas para ele, agarrou meus seios e me fez tomar seu pau todinho dentro de minha rachinha. Eu gritei e já estava tão fora de mim que me movi como uma louca, tendo um orgasmo quase que instantâneo, arrebatador.

Não me deixou descansar. Eu o montei de costas e depois de frente, enquanto mordida meus mamilos. Então se ergueu comigo no colo, ainda dentro de mim, fitando meus olhos, indo para dentro do quarto. Murmurou rouco enquanto me deitava na cama e vinha por cima, penetrando-me fundo e duro:

- Se eu exagerar, me fala ...
- É assim que eu gosto. – Gemi delirante.
- Então toma ... – E me comeu gostosamente, um macho delicioso a me fazer recebê-lo em sua plenitude e ficar tão acesa que queria mais.

Gozei de novo quando me beijou com a mesma fome.

Ficamos suados e arfantes na cama, pois esquecemos de ligar o ar condicionado e a brisa que vinha da varanda não era o suficiente para apagar nosso fogo. Só então Quin gozou dentro de mim, dizendo o quanto me amava. Eu adorava aquilo. Era o auge para mim.

No dia seguinte fizemos um passeio Histórico. Conhecemos a Vila dos Remédios, visitamos o Museu, a Igreja e o Forte dos Remédios, enquanto o guia explicava para nós e para outras pessoas a História e colonização de Fernando de Noronha, inclusive com a Invasão Holandesa.

Depois de conhecer monumentos históricos, fomos levados a três praias belíssimas e mergulhamos nas águas translúcidas cheios de felicidade. Brincamos, nadamos, nos abraçamos e beijamos. Deitamos lado a lado na areia dourada apenas com roupa de banho e molhados, nos secando ao sol, falando coisas sem sentido, leves e soltos. Só para depois entrarmos no mar novamente.

Almoçamos e lanchamos por lá. À noite ficamos na cidade ouvindo música que um senhor tocava ao vivo, ao ar livre, sempre de mãos dadas, bronzeados e sorridentes. De volta ao hotel, nos amávamos sem limites entre os lençóis, fazendo juras de amor.

No terceiro dia optamos por um passeio marítimos, participando de uma expedição oceanográfica. A embarcação tinha piso de vidro, como uma grande lupa, que nos permitia ver a vida marinha sem precisar mergulhar. Mas ficamos tão encantados que, acompanhados de um instrutor qualificado e de instrumentos de mergulho, entramos no mar.

Foi indescritível ver os corais, os peixes multicoloridos, toda a beleza sem igual no fundo daquele paraíso de águas transparentes. Nadamos lado a lado e, quando voltamos ao barco, só falávamos das belezas que vimos.

- Teremos que voltar aqui mais vezes! – Joaquim estava animado. – Pena que amanhã é nosso último dia. Tem muita coisa legal para ver e explorar.

- Sim, voltaremos com certeza.

Passamos aquele dia explorando o mar, tão felizes que nada poderia nos abalar. Passamos pela baía dos golfinhos e ficamos maravilhadas ao avistá-los e vemos um pulando no ar antes de mergulhar. Por fim descemos na lindíssima Praia do Sancho. Só então voltamos.

- Vamos ficar murchos de tanto que ficamos dentro d'água. – comentei rindo.

Na volta falamos com nossos irmãos ao telefone e quis contar tudo a eles ao mesmo tempo, mas Pedro riu e disse para deixar para quando voltássemos. Tirávamos fotos de tudo.

Depois do jantar, deitamos só para descansar um pouquinho nas espreguiçadeiras, mas apaguei lá, exausta. Lembro de Quin me levar no colo para a cama e se deitar sob o edredom branco comigo, abraçando-me por trás. Caí num sono profundo e naquela noite não fizemos amor.

Acordei com ele lambendo meu clitóris, meu corpo já excitado, o sono sendo substituído pelo prazer. Fomos famintos e ficamos um tempão na cama, um fazendo sexo oral no outro em um 69. Por fim me penetrou e me fez ainda mais dele, até desabarmos na cama.

- Que vida boa é essa ... – Suspirei largada, sorrindo, faminta. Mas sem vontade de sair dali, completamente saciada.

Joaquim deu uma risada.

Então me virei de lado para ele e o fitei, passando a mão sobre os músculos do seu peito, lembrando-me de algo que não queria pensar:

- Será que elas desistiram?

Ele me olhou, sabendo que me referia às mulheres da minha família de sangue que queriam vingança.

- Não sei, Gabi. Mas acho pouco provável.

- Eu também. Tenho medo do que possam estar planejando.

- Não fique assim. Vou cuidar de você. – Acariciou meu cabelo e me puxou para seus braços. – Estamos atentos a tudo.

- Eu sei, Quin. Mas não quero que nada atrapalhe a nossa felicidade.
- É só não deixarmos.

Queria pensar como ele. Talvez só falasse para me confortar, pois no fundo também se preocupava. Elas iam atacar. Eu só não sabia quando nem como.

Abracei-o, buscando conforto, tentando ser forte. Tinha medo de ser obrigada a fazer escolhas, pois se isso ocorresse, eu não teria dúvidas de que lado ficar. De Quin e de meus irmãos.

Felizmente, saímos de novo para conhecer as belezas naturais da Ilha e afastei tudo aquilo da mente. No final da tarde ficamos na cidade e só voltamos à noite. Deliciei-me com chocolates enquanto Joaquim me olhava divertido e tomava uma cerveja. O sexo naquela noite foi mais bruto e visceral e dormi satisfeita em seus braços.

No dia seguinte de manhã o jatinho viria nos buscar. Nossa vida real de casados ia começar e logo de pais também, quando nosso bebê nascesse. Um mundo nos aguardava para explorar, novas emoções a viver, dilemas a enfrentar. Mas assim, aconchegada entre os braços do meu amor, eu seria capaz de tudo. Eu ganhava forças e crescia. Eu era uma Falcão.

EU E ELAS

- Está tudo preparado. – Disse minha mãe, que tinha acabado de voltar de uma reunião com Lauro e seus amigos. Eu não fui por que dois funcionários da Fazenda Falcão estariam presentes e ela não queria que me vissem ou soubessem de mim.

A intenção era que eu comesse a aparecer mais na cidade e na fazenda e, caso desse certo nosso plano de seduzir Theodoro, não seria bom ter o rabo preso com ninguém. Já bastava Lauro saber da minha existência, desde que namorei Flávio, seu irmão.

Lauro era especialista em roubo de gado e nunca tinha sido pego. Era inteligente, escorregadio, tinha fontes seguras. Como aqueles dois que, sem que ninguém soubesse, trabalhavam na Fazenda, mas eram informantes. Eles levantavam uma boa grana para isso, pois o gado roubado era levado para uma fazenda em Pedrosa, onde logo era abatido e transformado em corte, suas carcaças destruídas para não deixar rastros. O dono da fazenda vendia a carne como sendo dele ou no mercado negro. Era uma rede vantajosa para todos os envolvidos.

Eu sabia quem eram os dois comparsas de Lauro. Abel era um alcóolatra que trabalhava há anos para os Falcão, mas sempre se sentiu injustiçado, pois dizia que ficavam no seu pé e quase o demitiram por beber. Reclamava do salário e da falta de oportunidades de melhora. Não tinha

família, nem se preocupava muito com ninguém, nem consigo mesmo.

O outro era Felipe Vasconcelos, um dos capatazes da fazenda. Eu não sabia ao certo qual os motivos dele, mas minha mãe dizia que era ambicioso. Talvez por isso tivesse saído com Gabriela, pensando em dar o golpe do baú. Mas eu nem queria saber. Ajudava a prejudicar os Falcão e isso para mim era o bastante.

- E como vai ser? – Perguntei, indo pôr água no fogo para fazer um café.

- Amanhã de madrugada. – Respondeu irritada, indo se sentar em uma cadeira. – Parece que Gabriela volta daquele casamento fajuto com o Falcão e eles vão fazer um jantar de boas-vindas. Vão relaxar um pouco a vigilância e disseram que o lado noroeste está mais desprotegido. Vão três carretas dessa vez. O prejuízo vai ser grande.

Sorriu, satisfeita. Depois me fitou, tamborilando as unhas sobre a mesa. Mudou de assunto:

- E o trabalho.

- Indo. – Dei de ombros, pois odiava servir mesas em um pulgueiro em Pedrosa, mas de acordo com nossos planos, algo tinha que servir para provar como eu me sustentava. Se aproximava o momento de me aproximar de vez dos Falcão e não podíamos levantar desconfianças.

- Ótimo. Vou parar de vir aqui também. Os vizinhos acham que sou uma amiga, mas agora não posso mais correr riscos de ser vista. Ainda mais se você ficar íntima daquele homem.

Seu ódio era evidente e só piorava quando se referia a Theodoro Falcão. Eu achava que havia ocorrido algo sério entre eles, que não me falava. Indaguei curiosa:

- A senhora já teve algo com esse homem?

- Eu? – Olhou-me furiosa, cerrando os punhos. – Nunca!

Calei-me, embora algo ali fosse desconcertante. Não ia me falar, mas que parecia odiá-lo mais, isso era realidade.

- Falando nele, Eva. O que achou do meu plano de chamar a sua atenção?

- Não. – Cortei de imediato. Tirei a água do fogo e joguei sobre o coador com pó de café, um pouco nervosa.

- Mas é o melhor caminho! Vai se sentir grato a você! – Insistiu.

- Sem violência, mãe.

- Sem violência a um inocente! – Bateu com a mão na mesa. – Ele é um Falcão, porra! E não vamos matá-lo.

- Não. Vamos pensar em outra coisa. – Mantive-me firme e a fitei, tensa. Sabia que chegava a hora de me aproximar daquele homem, de fazer tudo para atrair a sua atenção e seduzi-lo. Mas ainda sentia um misto de medo, seu olhar parecendo ter se cravado em minha alma. Acabei confessando: - Acho que não sou páreo para ele.

- Não diga bobagens!

Minha mãe se levantou irritada e veio até mim, parando à minha frente, olhando no fundo dos meus olhos.

- É só fazer tudo o que lhe falei. Seja doce, inocente, submissa. Mas sedutora. Faça-o notar você. Mexa com a libido dele, que vai vê-la como uma submissa. Não é disso que o desgraçado gosta?

Eu estremei, respirando fundo. Sacudi a cabeça.

- Isso que me assusta. As coisas que ele gosta. O que vai fazer comigo. Não sei se poderei suportar.

- Vai ter que suportar, Eva. Esse homem tem que comer na sua mão. Tem que casar com você. E aí então teremos condições de recuperar nossas terras. Pense só. Você estará lá, no ninho deles.

- E se não quiser se casar comigo? Se não quiser nada comigo?

- Cabe a você fazer com que queira.

Suspirei e acenei com a cabeça. Fitei-a nos olhos, lembrei do meu juramento de estar sempre ao lado dela e de minha avó, que estava cada vez pior no hospital, mas ainda lúcida, depositando em mim suas últimas esperanças.

- Vou tentar.

- Não vai tentar. Vai conseguir. – Disse segura.

- Vou conseguir.

Ela sorriu para mim.

Mas o medo continuou lá, no fundo do meu ser. Junto com a sensação daqueles olhos azuis penetrando minha alma.

Preparei-me para a luta.

FIM